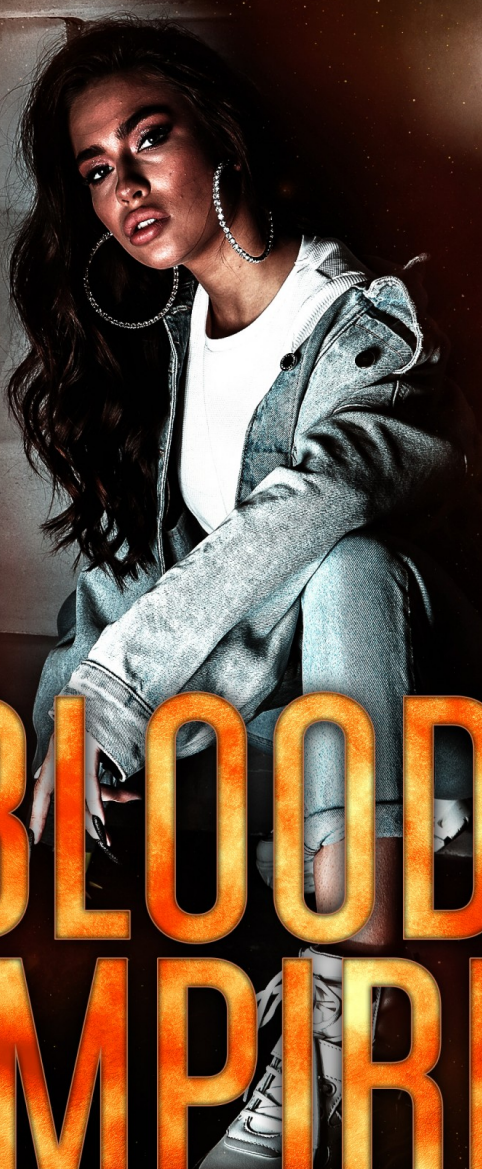


A photograph of Selena Gomez sitting on a ledge. She is wearing a light blue denim jacket over a white t-shirt, light blue jeans, and black sneakers with white laces. She has long, dark, wavy hair and is wearing large hoop earrings and a chain necklace. She is looking directly at the camera with a serious expression.

BLOOD EMPIRE

SELENA

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

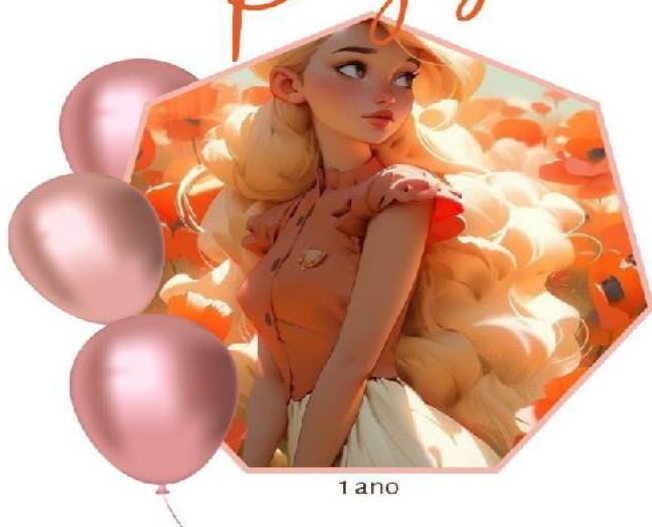
A photograph of Selena Gomez sitting and leaning forward, wearing a white t-shirt under a light blue denim jacket. She has long dark hair and is wearing large hoop earrings and a chain necklace. The background is dark and moody.

BLOOD EMPIRE

SELENA

ENCHANTED

Pages



1 ano

↪ Tradução: Livia

↪ Revisão: Camila

↪ Conferência: Allib

↪ Formatação: Thame

AVISO

Essa presente tradução é de autoria pelo grupo Enchanted Pages. Nosso grupo não possui fins lucrativos, sendo este um trabalho voluntário e não remunerado. Traduzimos livros com o objetivo de acessibilizar a leitura para aqueles que não sabem ler em inglês.

Para preservar a nossa identidade e manter o funcionamento dos grupos de tradução, pedimos que:

- ↷ Não publique abertamente sobre essa tradução em quaisquer redes sociais;
- ↷ Não comente com o autor que leu este livro traduzido;
- ↷ Não distribua este livro como se fosse autoria sua;
- ↷ Não faça montagens do livro com trechos em português;
- ↷ Não poste – em nenhuma rede social – capturas de tela ou trechos dessa tradução.

Em caso de descumprimento dessas regras, você será banido desse grupo.

Caso esse livro tenha seus direitos adquiridos por uma editora brasileira, iremos excluí-lo do nosso acervo.

Em caso de denúncias, fecharemos o canal permanentemente.

***O Dolce me quebrou, mas com perseverança e dedicação,
Royal começou a me curar.***

Ele nutre meu corpo e minha alma, e se eu deixar, ele pode me salvar. Mas não tenho certeza se posso deixá-lo.

Depois do que ele fez, como posso me deixar amar de novo?

Mas como posso me ajudar?

Royal pode ser um homem quebrado, até mesmo um monstro, mas ele não se tornou assim da noite para o dia. Ele não chegou lá sozinho. Eu fiz parte de sua destruição, assim como ele fez parte da minha.

E assim como ele mudou mundos para me ajudar, devo expiar o que fiz também.

Quando ele me oferece tudo o que sempre quis, percebo que ainda tenho trabalho a fazer em Faulkner.

Isso significa curar Royal, unir esta cidade e derrubar o império Dolce de uma vez por todas.

Desta vez, não estou sozinha.

Desta vez, tenho aliados.

Desta vez, uma pobre garota do estacionamento de trailers pode ganhar tudo.

Este é o último livro da série Willow Heights Prep Academy: The Exile. Se você precisa de avisos de gatilho, esta série não é para você. Recomendado apenas para leitores maiores de 18 anos.

NOTA: Embora este seja o último livro sobre Royal e Harper, eles aparecem em outros livros ambientados neste mundo. Verifique o perfil do autor para a ordem de leitura sugerida.

“O passado não está morto. Na verdade, nem passou.”

— William Faulkner

Quando saio de casa na manhã de segunda-feira, estou zero por cento surpresa ao ver um Range Rover preto estacionado na minha garagem. Não me enche de medo ou pavor desta vez. Não tenho certeza do que sinto e não quero pensar nisso quando tiver que chegar à escola e lidar com o drama que comecei inadvertidamente na semana passada.

Balanço a cabeça e passo pelo meu próprio carro para onde o Royal está estacionado. Ele abaixa a janela e me dá um sorriso presunçoso. — Vamos, Cherry Pie.

— O que você está fazendo aqui?

— Levando você para a escola.

Eu suspiro. — Eu pensei que nós tínhamos falado sobre isso. A festa não mudou nada. O sexo foi um erro. E você deveria estar me deixando em paz.

— Sim, nós tentamos isso, e não funcionou muito bem, — diz ele. — Então agora estamos tentando as coisas do meu jeito. Entre.

— Nós também tentamos as coisas do seu jeito, — eu indico. — Como *isso* funcionou?

Eu o encaro com um olhar fixo, me forçando a não examinar seu rosto ou mostrar qualquer emoção. Na verdade, estou tão orgulhosa que quero cantar como a porra de um galo. Uma bandagem larga cobre toda a ponte do seu nariz e parte das bochechas, e ele tem pontos no lábio inferior, que está ainda mais inchado do que o superior. Ambos os olhos estão pretos e o lado esquerdo do rosto está completamente descolorido. Nunca o vi perto de uma surra assim, e sei que ele luta no Slaughterpen todo sábado à noite.

Eu fiz isso e não me arrependo.

— Entre no carro, — diz ele. — Você sabe que vai.

— Eu sei?

— Se você realmente não quisesse ficar perto de mim, pararia de brigar comigo e acabaria com isso, — ele diz, parecendo tão presunçoso que eu quero arrebentar a cara dele de novo. — Você só está perdendo tempo para continuar aqui flertando comigo.

Reviro os olhos e circulo ao redor do carro, dizendo a mim mesma que o sorriso em meu rosto é apenas resultado da evidência de quanto o machuquei.

— Veja? — ele diz, engatando a marcha quando eu entro no lado do passageiro. — Isso não foi tão difícil, foi?

Ele estende a mão e coloca a mão no meu joelho enquanto começamos a descer a Mill Street, seu carro chique parecendo ainda mais deslocado do que o meu.

— Uh, o que você pensa que está fazendo? — Eu pergunto, arrancando a mão da minha perna e empurrando-a de volta para ele. — Eu te perdoo. Isso não significa que eu quero estar com você.

Ele me dá uma olhada. — Ok.

— Na verdade, essa coisa de perdão é mais um processo contínuo do que apenas dizer e não é feito magicamente. Só porque estou perdooando você não significa que vou esquecer ou agir como se nunca tivesse acontecido.

— Eu não espero que você faça isso.

— Bom, — eu digo. — Porque eu ainda te odeio e não confio em você nem por um segundo.

— Idem.

Nós dirigimos em silêncio por alguns minutos. O que eu disse é verdade, eu o perdoei, mas não estou pronta para agir como se nada tivesse acontecido. Mas eu mal pensei sobre *porque* isso aconteceu, o que eu fiz com ele. Eu pensei ainda menos sobre como isso o machucou, porque na superfície, não o machucou. Agora eu sei por que o Sr. D nunca divulgou seus segredos, porque ele nunca quis me ajudar a derrubar os Dolces. Nada aconteceu comigo vazando o segredo de Royal, exceto que agora seus irmãos sabem.

Mas isso não significa que não o machucou de outras maneiras. Só porque sua reputação não foi prejudicada e sua família não pagou, isso não significa que Royal não o fez. Eu o machuquei. Ele confiava em mim de alguma forma, mesmo que nunca confiasse em mim o suficiente para revelar o segredo. Ele confiou em mim com seu coração, e eu vendi no rio para o lance mais alto.

Eu me viro para ele antes de chegarmos à escola. — Você falou com o Baron? — Eu pergunto.

Depois da festa na sexta-feira, fomos falar com Preston e pegar os

resultados do DNA. Depois disso, Royal mal disse uma palavra enquanto me levava de volta ao carro. Obviamente, alguém o convenceu a ir ao médico até agora, mas não nos falamos o fim de semana inteiro. Achei que ele tinha problemas familiares para resolver, e não é como se estivéssemos namorando. Ainda assim, eu estaria mentindo se dissesse que não verifiquei meu telefone uma ou duas vezes para ver se ele enviaria uma mensagem depois de nossa conexão.

Royal olha para mim. — Não, — ele diz, voltando sua atenção para a estrada.

— Por que não?

— Porque ainda não decidi como quero matá-lo.

— Você não mata pessoas, — eu o lembro. — Você disse que a morte é fácil. A vida é sofrimento.

— Algumas pessoas não têm capacidade de sofrer.

— Você está falando sério? — Eu pergunto, observando-o cuidadosamente. Meu coração começa a bater forte no meu peito enquanto eu estudo seu rosto sombrio enquanto ele olha para frente. Eu não posso dizer se ele está realmente pensando sobre o que está dizendo. Não que eu nunca tenha ouvido falar de alguém da nossa idade assassinando alguém. Há tiroteios de gangues do meu lado da cidade de vez em quando, mas está tão fora da minha realidade, fora do que me associo, que é difícil compreender um jovem de dezoito anos saindo por aí matando pessoas que o injustiçaram.

— Ele fez tudo isso com você, — Royal diz baixinho. — É culpa dele.

— Parte disso, — eu admito. — Muito disso, mesmo. Mas ele me deu a bolsa que me trouxe até aqui. Eu nunca teria te conhecido se não fosse por ele. Ele nos trouxe para a festa na sexta-feira, sabendo que não falaríamos de outra forma. E... Ele era meu amigo, mais ou menos.

Observo a reação de Royal com o canto do olho. Isso me faz sentir patética em admitir isso, mas o Sr. D era o único amigo que eu tinha às vezes. Lembro-me do último Natal, quando ele foi o único que mandou uma mensagem para dizer Feliz Natal. Imaginei um velho solitário na época, alguém pensando em mim porque também estava sozinho. Quando pensei que era Preston, isso fez sentido. Agora, imagino Baron cercado pela família em Nova York, se afastando de seus irmãos e tirando um tempo para me enviar uma mensagem. Estou surpresa que ele tenha pensado em mim. Royal não mandava mensagens de texto, e já estávamos transando há meses.

Não sei como me sentir sobre tudo isso. Baron é muito pior pessoalmente do que online. O Sr. D era um perverso assustador. O Baron é... Não tenho certeza do que ele é. Ele é complicado pra caralho, disse eu sei. Mas não consigo entender meus sentimentos em uma viagem de carro para a escola.

A mente é uma coisa engraçada. Os sentimentos não desaparecem no instante em que alguém te machuca, como deveriam. Eles demoram tanto para desaparecer quanto para serem criados - talvez mais. É como perceber que ainda amo Royal, mesmo depois que ele me destruiu. Meu amor não desapareceu. Apenas se transformou em outra coisa, algo malformado, tóxico e imprevisível, em ódio, traição e... Compreensão.

Royal para na minha vaga de estacionamento, a próxima a Colt no seu Rigeline. Posso ver meu amigo sentado lá dentro, mas me viro para Royal.

— Você não pode simplesmente matar seu próprio irmão a sangue frio. Você não quer viver com isso em sua consciência. E eu não quero que você viva. Você não deveria.

— Por que não? — ele pergunta categoricamente. — Eu matei minha irmã.

Meu coração se contorce dentro do peito. — Royal...

— O que? — ele estala.

Desta vez, sou eu quem estende a mão. Eu coloco a mão em seu joelho. — Isso não é verdade.

Ele bufa e afasta minha mão. — Foda-se, Harper. Você não sabe merda nenhuma sobre a minha irmã.

— Eu sei muito sobre ela, — eu digo, arqueando uma sobrancelha. — Você me contou.

— Acho que esqueci de mencionar que a matei, — diz ele. — Agora você sabe.

— Eu sei que ela se afogou, — eu digo. — Você nem estava lá.

— Saia do meu carro.

— Ok. Se é o que você quer.

— Isso.

Ficamos sentados ali por um minuto, e então eu saio do carro. Eu mal

consegui fechar a porta quando ele rugiu para fora do estacionamento sem olhar para trás.

Tenho estado tão ocupada lidando com minha própria merda que esqueci por um momento como ele é fodido. Muitas vezes me deixei levar pela febre dos Dolce - na excitação e no perigo que o cercam; em meu próprio desejo esmagador de uma família instantânea pré-formada para me proteger; em sua necessidade insaciável e sufocante de mim; mesmo em sua busca obstinada de me trazer de volta. É inebriante.

Ele é inebriante.

Mas ele também é uma pessoa real, alguém com sua própria merda que não tem nada a ver comigo. Desde que descobriu que eu estava viva, ele moveu mundos para provar seu valor para mim. Ele me comprou comida, móveis e a porra de um carro. Ele me deu poder e me deixou usá-lo do jeito que eu queria, não decidindo por mim. Ele entregou minha vingança em uma bandeja de prata. Ele me deu uma bolsa de estudos para que eu possa fugir desta cidade quando este ano acabar. Ele se abriu para mim e sentou-se ao lado do homem que diz que o agrediu porque eu disse a ele que era a única maneira de ficar comigo.

Royal fez tudo o que pôde para cuidar de mim e me curar nos últimos meses. Não sei se algum dia vou me recuperar completamente, mas me curei o suficiente para reconhecer que ele não se recuperou. Que ele fez tudo isso por mim, mas nada por si mesmo. Ele me ajudou, mas ninguém o ajudou. Ele ainda é o mesmo homem fodido que me arrastou para aquele pântano e deixou seus irmãos me punirem.

— Harper, — alguém chama, e eu me viro para ver Gloria andando em minha direção em seus saltos altos. Ela me dá um pequeno aceno e um sorriso radiante, mas posso ver a cautela em seus olhos.

— Ei, Lo, — eu digo, esperando que ela se junte a mim. Talvez eu devesse estar chateada com ela por chupar Royal na festa na outra noite, mas não posso me dar ao luxo de fazer inimigos. Preciso de todos os amigos que puder, e mesmo que ela não se junte a mim em nossa mesa de almoço, se as pessoas virem sua Rainha B me procurando, isso me fará parecer mais desejável. Aceito qualquer vantagem que conseguir.

A porta de um carro bate atrás de mim e me viro para ver Dixie parada do lado de fora da caminhonete de Colt, alisando a saia. Seu cabelo está bagunçado e seu batom está manchado. Colt dá a volta na caminhonete e passa o braço sobre os ombros dela, sorrindo para nós e sem se preocupar em ajeitar a camisa para fora da calça.

— Ei, senhoras, — diz ele. — Ou devo dizer *senhora*? Pelo que ouvi sobre a festa na noite de sexta-feira, Lo não pode se chamar exatamente assim.

Gloria enrijece, se levantando. — Quem deixou essa besta assassina sair de sua jaula?

— Este animal não pode ser domado, — diz Colt, apertando Dixie. — Não é mesmo, querida?

A pele pálida de Dixie fica vermelha brilhante quando a pegamos fechando um botão que ela perdeu em sua camisa. — Hum, claro, — ela chia.

Glória zomba. — Vão para um quarto. O estacionamento não é o lugar para seu comportamento lascivo.

— Certo, — Colt fala lentamente. — Devemos guardá-lo para a próxima festa de Gideon?

— Você nem estava lá, — diz Gloria, jogando o cabelo para trás. — E você deveria saber que não deve acreditar em todos os boatos que ouve.

Com isso, ela se vira e se afasta. Eu acompanho Colt e Dixie enquanto nos dirigimos para o prédio, alguns passos atrás.

— Só tenho uma pergunta, — diz Colt para Gloria. — Quando Royal finalmente abriu suas pernas com o pé de cabra, um pedaço de gelo caiu?

Lo faz uma pausa longa o suficiente para que possamos alcançá-la antes de fixar Colt com um olhar fulminante. — Sua obsessão com o que está dentro de mim está envelhecendo, — diz ela. — Talvez você devesse se preocupar menos comigo e mais com o fato de que você nem consegue se lembrar onde seu pau esteve.

— Não é muito cedo para começar isso? — Eu pergunto, balançando a cabeça. — Não são nem oito da manhã. Não podemos tomar café da manhã antes de vocês começarem a atirar um no outro?

— E desperdiçar toda a minha boa munição? — Colt diz com um sorriso. — Nunca. Além disso, Dixie já comeu linguiça com molho esta manhã.

— Colt, — Dixie grita, ficando ainda mais vermelha desta vez.

— Sinto náuseas, — diz Gloria. — Vou me deitar na enfermaria.

— Veja se ela pode costurar suas pernas fechadas de novo enquanto você

está lá, — Colt diz para ela quando ela se afasta. Eu a vejo agarrar Quinn pelo cotovelo e arrastá-la para o banheiro, provavelmente para segurar seu cabelo para trás, ou mais provavelmente, para ordenar que ela diga a Dixie para manter seu homem sob controle.

— Qual é o problema de vocês um com o outro, afinal? — Pergunto a Colt enquanto nos dirigimos para o meu armário.

— Ela é a cachorrinha de colo dos Dolces, — diz ele. — E ela é uma porra de uma hipócrita. Todo mundo sabe que ela ficou com os três, e provavelmente o pai deles também. Então ela sai por aí chamando outras garotas de vadias por menos.

Eu estreito meus olhos para Dixie. — Ela te chama de vadia?

— Oh, não, — Dixie me garante. — Nós somos amigas. Você sabe disso.

— Não, — diz Colt lentamente. — Ela não vai foder com você porque você pode arruiná-la. Você tem mais influência do que ela, e ela não pode fazer nada sobre isso, então ela não intimida você. Isso não significa que ela é sua amiga.

— Não é assim, — diz Dixie. — Nós duas temos nosso lugar aqui. Não estamos em competição.

— Então de quem você estava falando? — Eu pergunto a Colt. — Quem ela chamou de puta?

— Ela *te chamou* de vagabunda o ano passado, — ele me lembra, apoiando-se no armário ao lado do meu enquanto eu o abro para pegar meus livros.

— Oh, — eu digo, balançando a cabeça lentamente. — Você não gosta dela porque ela ajudou a intimidar sua irmã.

— A questão é: por que *você* gosta dela? — Colt pergunta. — Ela é uma cadela má e rancorosa que ficou com o seu homem outro dia.

— Uau, — eu digo, levantando a mão. — Em primeiro lugar, Royal não é de forma alguma meu homem. Ele pode ficar com quem ele quiser, e eu também. E em segundo lugar, estou ficando cansada de ser a mediadora entre sua família e todos os outros. Lo é minha amiga. Você é meu amigo. Você pode apenas ser civilizado?

Colt dá um pequeno grunhido e empurra os armários. — Só para você, Appleteeny, — diz ele, estendendo a mão para bagunçar meu cabelo. — Porque

— Você vai chutar minha bunda se eu não fizer isso.

— Certo, — eu digo, fechando meu armário e sorrindo para ele. — Agora, quem está com fome?

Josie fecha seu armário e se junta a nós enquanto nos dirigimos para o café.

— Você realmente não se importa que Gloria e Royal tenham ficado juntos na festa? — Dixie pergunta.

Eu dou de ombros. — Por que eu me importaria? Não estou com Royal.

Isso não é inteiramente verdade. Eu me importo. Estou com ciúmes pra caralho.

Mas não posso ficar brava com nenhum deles. Eu realmente gosto de Lo. Sim, ela é a foda de conforto de Royal, mas é só isso. Eles são amigos, e quando eu disse a ele para ficar com outra pessoa se ele quisesse meu perdão, ele obedeceria. Não por ela, mas para me provar que faria qualquer coisa por mim. Claro que ele iria para Lo, a única garota em quem ele confia, quando estava sofrendo. Ele não poderia exatamente vir até mim depois que eu disse isso. E ela tinha acabado de levar um fora, sem mencionar que seu irmão morreu, então ela também estava sofrendo. É para isso que existem amigos de foda. Se Royal enfiou o pau nela, a culpa é minha, não de nenhum deles.

Quando passamos pela confusão de flores e cartões ainda na frente do antigo armário de Dawson, eu desvio o olhar. Estremeço quando penso na maneira sem emoção como Royal falou sobre matar seu próprio irmão esta manhã. Não tenho certeza se ele realmente poderia fazer isso, mas quando me lembro das palavras de Preston na ponte, não posso deixar de me perguntar. Royal é capaz de assassinato?

Depois que ele me disse que eu poderia me vingar, ele decidiu que não era o suficiente e terminou por mim? Ou Dawson estava cheio de culpa pelo que ele tinha feito para mim, e me ver no Slaughterpen naquela noite o levou ao limite?

De qualquer maneira, sou parte da razão pela qual ele está morto.

Eu não quero pensar sobre isso. Eu não o matei. Eu mal tinha falado com ele antes daquela noite no pântano. E eu não fiz nada além de bater nele e pisar em suas bolas depois. Ele merecia pior. Talvez ele só estivesse concordando com os gêmeos, mas a escolha era dele. Ele escolheu me estuprar.

Se ele se sentiu muito culpado por isso para continuar vivendo, isso prova que ele tem consciência e sabia melhor.

Não vou me sentir culpada por sua culpa.

Mas não consigo parar de pensar nisso a manhã toda. Uma coisa é conhecer alguém que tirou sua vida e outra é ser uma das causas disso. Eu odeio porra que eu não posso simplesmente desprezá-lo do jeito que eu poderia se ele estivesse vivo. Eu odeio me perguntar como ele realmente morreu, se alguém poderia ter impedido isso, o que ele pensou em seus últimos momentos. Minhas palavras, minhas ações no Slaughterpen o levaram ao limite? Ou eles empurraram Royal para o limite?

Na hora do almoço, quero fugir para as arquibancadas e fumar com Colt, mas sei que é um luxo que não posso mais me permitir. Reivindicar a coroa significa aparecer, assim como fiz no jogo de futebol e na festa da semana passada. Significa voltar para a escola logo depois que seu irmão morreu, para que ninguém mais possa invadir quando você estiver vulnerável. Um momento de fraqueza e tudo poderia acabar.

Então entro no café e me sento à mesa do protesto, onde nos sentamos na semana passada. Meu estômago está apertado e tremendo enquanto eu sento lá sozinha, esperando para ver quem vai aparecer para mim hoje. Gideon é a chave, aquele que impede que tudo isso desmorone em um castelo de cartas, e eu o recusei em sua festa na sexta-feira.

Mas não é Gideon quem faz meu estômago revirar quando o vejo, então tenho que me segurar na beirada da mesa para não cair no chão. Não é Gideon quem faz minha cabeça girar e minha mente ficar completamente em branco quando nossos olhos se encontram.

É o Baron.

Ele caminha em direção à minha mesa, um pirulito enfiado em sua bochecha, sua garotinha correndo atrás dele com seu prato. E por um segundo terrível, esqueço para que serve tudo isso. Eu esqueço tudo, exceto que ele é o Sr. D.

Eu não estava preparada para como isso me atingiria quando o visse. É pior do que quando os vi no Slaughterpen, quando Royal os preparou para mim.

Agora, a vergonha do que fiz bate em mim com uma força que me tira o fôlego e me deixa sem fôlego como um peixe que saiu do tanque e está se afogando de dentro para fora. Eu contei tudo a ele. Não apenas os segredos de Royal, mas os meus.

Contei a ele meus sonhos, como queria sair desta cidade, como queria ser importante. Contei a ele minha fantasia infantil de derrubar sua família. Imagino

como ele achou engraçado, como deve ter rido da minha ridícula bravata, o quanto deve ter gostado de brincar comigo, deixando-me pensar que ele era um Darling. Eu disse a ele mais do que isso. Eu contei a ele detalhes íntimos da minha vida sexual, sobre como Royal me fodeu bem, como eu gritei e gozei para ele.

Quero entrar em combustão espontânea e desaparecer em uma chama de fogo quando penso em tudo que disse a ele, nos detalhes que revelei. Lembro-me dele dizendo que tinha que viver indiretamente através das minhas histórias de sexo. Eu pensei que ele estava na prisão ou algo assim, não que ele estivesse apenas imaginando que era ele me fodendo em vez de Royal. E quando ele se cansou de esperar, ele garantiu que Royal me largasse para que ele pudesse ter sua vez, para que ele pudesse me foder em vez de imaginar.

Ele sorri para mim enquanto passa, mas não fala comigo. Ele se senta em sua nova mesa, o novo rei com outra mesa ao lado da dele, onde as garotas Dolce se sentam. Tento controlar minha frequência cardíaca. Lembro a mim mesma que uma bola de demolição não é a única maneira de destruir uma casa. Royal não o confrontou. Ele está esperando. Eu também posso esperar.

Conforto-me em saber que Baron não sabe que descobrimos seu segredo. Ele ainda é o Sr. D, ainda tem todas as informações que eu dei a ele. Mas ele não sabe que estou ciente disso, ou que Royal está. Ele vai apenas se acomodar com a informação que eu dei a ele no ano passado e não fazer nada com ela, porque ele não quer derrubar ninguém além de mim, e ele já fez isso. Acabou para ele. Ele vai se vangloriar e se divertir com o fato de me conhecer melhor do que provavelmente qualquer pessoa no mundo, exceto Royal.

Mas se acabou, o que ele iria me perguntar quando me contactou outro dia?

Antes que eu possa ir longe demais, Dixie e Colt chegam com Josie. O café começa a zumbir quando eles se sentam comigo. Um minuto depois, Magnolia pula com uma saia rosa com babados, Doc Martens com corações rosa e uma camiseta minúscula.

— Ainda bem que pratiquei jejum intermitente, — diz ela, sentando-se na cadeira.

Fico tensa quando vejo Rylan e Amber vindo em nossa direção da fila de comida. Ela está olhando para o prato, o rosto meio escondido pelo cabelo, mas não parece muito feliz em se juntar a nós. Rylan para em nossa mesa e apenas fica lá olhando para a mesa popular. Eu me viro para ver Gloria, que ainda está sentada com os meninos Dolce, ignorando-o deliberadamente e conversando com Duke.

Rylan puxa uma cadeira da nossa mesa, batendo as pernas contra as outras cadeiras, e bate o prato na mesa. Nunca conversei com o cara, mas pelo que a Gloria me contou, não estou perdendo muito. Ela disse que ele ficaria chateado se descobrisse que ela tomou um milk-shake com Colt ou se ela se juntou aos Swans. Mas inferno, eu seria uma hipócrita se eu usasse isso contra ele. Royal quase matou Colt por sair comigo.

Além disso, há poder nos números. Eu estava pronta para deixar Cotton “o predador” Montgomery sentar conosco na semana passada. Só porque Rylan é uma cadela ciumenta não significa que ele não pode avançar para a nossa causa.

— Bem-vindo ao protesto, — diz Magnolia, levantando-se para pegar mais duas cadeiras para completar a mesa a oito. Amber pega uma e desliza para dentro dele com ar de quem quer sumir. Claramente, seu irmão a convenceu a entrar quando ela não tem interesse nisso.

— É aqui que as pessoas que odeiam Gloria se sentam, certo? — Rylan pergunta.

— Você está no lugar certo, — diz Josie, levantando a mão e inclinando-se sobre a mesa para cumprimentá-lo. Percebo o olhar magoado de Lo na mesa ao lado e sei que ela também viu.

— Na verdade, não podemos fazer isso sobre o seu drama de separação? — interveio. — Dixie e eu somos amigas de Lo. Trata-se mais de perturbar a ordem social e protestar contra o poder que os meninos Dolce têm - e, além disso, o poder que as famílias fundadoras têm sobre a administração.

Rylan olha furioso para mim e então aponta o queixo para Colt. — Você não é de uma família fundadora?

— Sim, — Colt fala lentamente, cruzando os braços tatuados sobre o peito e recostando-se na cadeira. — Mas o que eu tenho a perder? Eu sou um peão como o resto de vocês.

Amber olha para Magnolia.

— Você também? — Rylan pergunta a ela.

— Eu sou uma Darling, — ela diz, franzindo os lábios carnudos e olhando para ele de nariz empinado. — E daí?

— Oh, sim, — diz Josie. — Por que você está aqui? O que tem para você?

Magnólia encolhe os ombros e levanta o queixo desafiadoramente. — Eu

acredito na causa.

Josie estreita os olhos. — Mas você será a Rainha B no ano que vem, — ela diz, olhando para Magnolia de cima a baixo. — Olhe para você.

— Ela está certa, — diz Dixie. — Os Dolces são veteranos, e esse é o último ano deles. Eles só têm aquela família. Você tem primos e um irmão... Mesmo que sua família não tenha mais o poder que tinha nesta cidade, entre seu nome e sua aparência, você ainda será a garota mais popular da sua série.

Magnolia cruza os braços, mas ao contrário da posição relaxada de Colt, ela parece desafiadora. — Muita coisa pode acontecer em um ano.

Observo a conversa deles, descobrindo uma nova admiração pela caloura teimosa. Olhando para ela, é difícil esquecer o quão jovem ela é. Ela tem curvas, mas ainda é pequena, do tipo que as meninas ficam antes de terminar de crescer. Suas bochechas são redondas, seus cílios longos e finos, cobertos com rímel preto que faz seus olhos grandes se destacarem. Ela parece uma boneca viva, perfeita e inocente, e não posso deixar de me perguntar se isso é uma característica dos Darling, se é por isso que as pessoas associam a palavra *Boneca* àquela família.

Mas pensar na idade dela - ela tem apenas quatorze anos - me faz reconsiderar se ela se juntou a nós. Eu estava tão envolvida em apenas encher a mesa na sexta-feira que não questionei por que ela se colocou nessa situação. Na verdade, ela se tornou um alvo ao desafiar abertamente os Dolces. *Fiz* dela um alvo ao permitir que ela se juntasse a nós.

Merda.

Como se os Dolces precisassem de outro motivo para ir atrás dos Darlings. Eles já ameaçaram Magnolia no ano passado, e eu vi Duke falando com ela várias vezes desde que voltei para Willow Heights. Achei que ela era apenas uma caloura burra e risonha, lisonjeada com a atenção dele e flertando com ele. Agora não tenho tanta certeza. Jovem ou não, ela definitivamente não é uma adolescente burra.

Um silêncio cai sobre a sala, e volto minha atenção para seguir todos os outros. Gideon Delacroix acaba de sair da fila de alimentação com DeShaun, suas garçonetes atrás deles. São apenas os dois, então pelo menos sei que não estão no modo de ataque. Duke e Baron estariam prontos para qualquer caos como esse. Mas é apenas Quinn e algumas outras garotas atrás deles.

Meu coração afunda quando Gideon ri de algo que DeShaun diz.

Então, acho que foi isso. Ele não era sobre a nossa causa, afinal. Não, a menos que viesse com uma namorada embutida. Inferno, pelo que sei, Baron o colocou nisso para nos desacreditar, para fazer parecer que era sobre algum drama mesquinho de namoro no ensino médio.

Mas de qualquer forma. Podemos tê-lo perdido, mas ganhamos dois novos membros dos Dolce.

Quando eles chegam à nossa mesa, DeShaun me dá um aceno educado e continua andando, indo para seu lugar ao lado de Duke, como sempre. Gideon para em nossa mesa. Eu endureço, percebendo então que ele tem um prato nas mãos também. Meu primeiro pensamento é que ele vai jogar tudo em cima de um de nós. Em vez disso, ele a coloca na mesa e puxa a última cadeira. Ele acena para sua criada, e é quando vejo que Quinn e um punhado de outros ainda estão com eles. Eu olho em volta em confusão. Quinn já me disse que não se juntaria a nós.

Ela se apressa, coloca um prato na frente de Dixie e sai correndo. A criada de Gideon coloca um prato na frente de Colt, e eu finalmente percebo o que está acontecendo. Sento-me congelada, suspensa em algum mundo surreal, enquanto minha própria criada, aquela que carregava minha comida para mim quando eu era o brinquedinho de Royal, coloca um prato na minha frente, um prato com um pouco de tudo, porque ela sabe o que eu gosto depois de me servir por metade do ano passado.

Duas outras garotas que reconheço vagamente como amigas de Quinn entregam os pratos para Josie e Magnolia, saindo correndo antes que possamos perguntar o que está acontecendo.

— Obrigada, — eu digo para elas, então me viro para meus amigos. — Que porra foi essa?

— Não dá para lutar uma boa luta com o estômago vazio, — diz Gideon, piscando para mim antes de começar a comer seu frango.

— Você fez isso? — Eu pergunto, mergulhando na minha própria comida. Ainda tenho uma sensação de pânico por pular refeições, embora não me preocupe mais se vou jantar. A comida não tem sido uma parte garantida dos meus dias por tanto tempo que eu considero isso um dado adquirido.

— Não posso levar o crédito pela ideia, — diz ele, olhando para sua velha mesa. Eu me pergunto quem está sentado lá enquanto nos apoia secretamente. Gloria, quem eu vi conversando com Quinn esta manhã? DeShaun, que uma vez me disse que gostava de mim, mas colocaria seus filhos em primeiro lugar, que virou a maré na votação dos Swans, que veio até aqui com Gideon? Ou Cotton,

que pode ser um daqueles apoiadores secretos do Darling que Colt mencionou quando cheguei a Willow Heights?

Tudo o que sei é que alguém está nos apoiando, o que me dá esperança. Eles estão com muito medo de vir e se juntar a nós agora, mas eles estão arriscando a ira dos meninos Dolce se forem pegos. E aquelas garotas que cruzaram a linha de piquete para nos trazer comida... Elas também têm um alvo nas costas agora. Como vou proteger todos elas, e Magnolia, quando nem eu mesmo pude me proteger?

— Entre no carro, — eu digo, abrindo a porta do passageiro para Harper.

Ela suspira e me dá uma olhada. — Você vai fazer isso todos os dias?

— Eu trouxe você esta manhã, — eu a lembro. — De que outra forma você vai chegar em casa?

— Eu tenho amigos, você sabe, — ela diz, mas ela sobe.

— Sim, bem, você não vai querer perder isso.

Eu pensei sobre isso, sobre como fazer o que estou prestes a fazer. Se envolver Harper. De certa forma, ela é inocente pra caralho. Ela pode ter vivido uma vida difícil e pobre, mas nunca esteve perto do tipo de homem da minha família - até agora. Sua vida é tão normal, tão simples, tão desprovida de assassinato e mutilação. Mas deixá-la ir de novo não é uma opção, então ela vai ter que aprender a viver com a nossa espécie.

Eu saio de sua vaga de estacionamento e vou até a frente do estacionamento, bem na passarela, ao lado do Tesla de Baron. Algumas pessoas me lançam olhares de reprovação enquanto contornam o Rover, abrindo caminho entre os carros no estacionamento, agora que seu caminho habitual está bloqueado.

Foda-se eles. Elas podem contornar.

— O que você está fazendo? — Harper pergunta.

— Estamos dando um pequeno passeio, — eu respondo.

— O que? — ela pergunta, agarrando a maçaneta da porta.

— Harper, — eu digo, pegando sua outra mão. Eu deveria ter pensado mais nela e menos nos gêmeos. Eu suavizo minha voz, alcançando seu rosto. Agarro seu queixo entre o polegar e o indicador e viro seu rosto para mim. — Ei. Só vamos falar com o Baron. Você quer estar lá, não é?

Ela engole, seus olhos azuis procurando os meus. — É só isso?

— É só isso. Eu prometo. — Eu me inclino, ainda segurando seu olhar, esperando que ela bata na minha cara como fez da última vez, ou pelo menos me

diga que estou falando merda e que ela nunca acreditaria em uma promessa dos meus lábios mentirosos.

Em vez disso, ela se inclina para mim, e estou muito fodido por saber que ela está de alguma forma se permitindo confiar em mim. Depois do que eu fiz, ela ainda pode tomar essa decisão. Ela deve ser a porra de uma santa. Isso, ou ela tem a força de vontade de um deus. De jeito nenhum eu confiaria em uma Darling. Não confio nela nem por um segundo, e ela nem é uma Darling.

Mas então, ela fez pior para mim do que qualquer uma das meninas Darling.

Eu pressiono meus lábios nos dela de qualquer maneira. Eu deveria saber que ela não era uma Darling. Essas garotas são fracas e simples. Elas são ovelhas, muito preocupadas com suas reputações para lutar de verdade. Harper, ela é tão manipuladora quanto viciante, astuta como uma raposa, venenosa como uma cobra. Eu pensei que era porque ela não foi criada naquela família tóxica, que ela teve que ser inteligente para sobreviver crescendo como ela, mas agora eu sei a verdade. Está em sua natureza, em seu sangue.

Não posso deixar de admirar isso nela, a determinação e força, sua força de vontade. Isso significa que ela pode sentir algo por um homem que não deveria, que ela pode me perdoar até mesmo quando ela se propõe a isso. É impressionante pra caralho.

Mais do que isso, estou aliviado por não ter me apaixonado por uma Darling, por poder odiá-los e destruí-los adequadamente sem remorso, por isso ser algo separado daquilo.

Duke abre a porta e registro a forma como todo o seu corpo fica rígido, o pequeno tremor que a percorre e a maneira como ela instintivamente se encolhe em minha direção. É essa última que quase me mata. Eu sei que não é um pensamento consciente da parte dela, que foi uma resposta involuntária à proximidade dele. Se ela tivesse tempo para pensar sobre isso, ela se lembraria que eu não a protegi, que não pode contar comigo para mantê-la segura.

— Vá para trás, — eu digo, olhando de Harper para ele.

A confusão cruza seu rosto enquanto ele fica do lado de fora da porta do passageiro, se perguntando por que Harper está em seu lugar.

— Está tudo bem, — diz ela. — Eu posso sentar atrás.

— Não se mova, — eu rosno, ainda olhando para o meu irmão.

Ele dá de ombros, ainda parecendo confuso, e fecha a porta.

— Eu não me importo, — diz Harper calmamente. — Eu não os quero atrás de mim.

Duke abre a porta dos fundos, joga a bolsa lá dentro e entra. — Para onde vamos?

— Dar uma volta, — eu digo, abrindo o porta-luvas. — Onde está o Baron?

Eu coloco meu G19 no colo de Harper, e ela fica tensa. — Que porra é essa, Royal? Estamos em uma escola.

— É por isso que eu coloquei no seu colo. Não balance e você ficará bem.

— Por que você está me dando uma arma?

— Eu disse a você esta manhã.

— Uh, eu também não me importaria de saber a resposta para essa pergunta, — diz Duke. — Que porra é essa, cara?

— Se ela quiser atirar em você, você vai calar a boca e aceitar, — eu retruco para ele. — Ela tem o direito de se sentir segura.

— Que porra está acontecendo? — ele pergunta. — Por que você está escondendo merda de nós?

— Porque eu não sei o que você está escondendo de mim. — Eu odeio não poder confiar em meus próprios irmãos, mas isso é algo que nunca mais farei depois deste verão. Eu sou a porra da única pessoa no mundo em quem posso confiar. Não eles, não o resto da minha família, não Harper. Isso é algo que ela tinha direito o tempo todo, confiando apenas em si mesma e nunca deixando ninguém entrar.

Apenas o Sr. D conheceu a verdadeira Harper, ouviu seus segredos e soube o que ela realmente pensava. Eu preferia que fosse um Darling do que meu próprio irmão.

Duke não diz nada. Ele estragou tudo e sabe que não deve se defender.

Baron se aproxima, joga sua bolsa no carro e sobe na traseira do Rover sem dizer uma palavra. Duke gosta de estar na frente, de fazer parte das coisas, de chamar a atenção. Baron gosta de sentar e assistir. Olho para ele pelo retrovisor

enquanto saímos do estacionamento. Ele está pegando tudo, juntando os pedaços enquanto pega um doce e lentamente começa a desembulhá-lo.

Harper está segurando a arma agora, apontando para o chão entre seus pés. Então ela não confia em mim, não totalmente. Não quando ela está no carro comigo e meus irmãos. Ela está pronta para atirar, provavelmente repassando os diferentes cenários em sua mente, decidindo qual escolheria primeiro.

É bom vê-la pronta para se defender em vez de se oferecer para nos deixar matá-la desta vez.

— O que estamos fazendo? — Baron pergunta quando viro para a estrada da ponte.

— Você vai atirar em nós? — Duke pergunta.

— Se você me der um motivo, — diz Harper.

— Nós vamos conversar primeiro, — eu digo. — Então veremos.

— Falar de quê? — Baron pergunta.

— Essa é uma boa pergunta, — eu digo. — Já que você vai falar.

Encosto no acostamento e desligo o carro antes de me virar para encarar meus irmãos no banco de trás. Duke ainda parece perdido, mas Baron pode estar entendendo. É difícil dizer com ele.

— Mas por que aqui? — Duke pergunta. — Este lugar, cara...

— Saia do carro, — eu ordeno.

Harper sai primeiro. Meus irmãos hesitam, provavelmente lembrando-se da última vez que viemos aqui com um amigo. Assim como naquela vez, eles sabem que não adianta lutar. Depois de uma pausa, eles se olham e saem lentamente do carro. Eu saio também.

Dou a volta na frente e fico ao lado de Harper, de frente para meus irmãos. Ela segura a arma com as duas mãos, apontada para o chão.

Baron tira o doce da boca. — Isso é sobre o quê?

Ele não é de perder tempo.

— Vamos fazer isso na ponte, — eu digo.

Ninguém discute. Entramos na ponte, meus irmãos à nossa frente. Com a arma na mão de Harper, me ocorre que eles provavelmente estão apavorados agora. Se eu não os conheço, eles não me conhecem. Eles não sabem o que o monstro fará. Nem eu sei disso. Ele está sob controle agora, mas eles não sabem disso.

Eu dou a ordem e paramos no meio da ponte. Baron nos observa, seus olhos brilhando de curiosidade. Talvez ele não esteja com medo. Nada assusta o psicopata.

— Nós sabemos que você é o Sr. D, — eu digo.

Baron hesita, seu olhar se movendo para frente e para trás entre nós. Então ele balança a cabeça ligeiramente.

— Ok.

— O que? — Duke exige, voltando-se para ele. — Essas mensagens eram suas? Você é o velho que Harper estava mandando mensagens?

Baron dá de ombros. — E daí?

— Cara, — diz Duke, balançando a cabeça. — Por que você não me contou? Você sabia tudo sobre ela e Royal?

— Por que você não *me* contou? — Eu pergunto. — Ela estava tentando destruir nossa família.

— Você não estava pensando direito, — diz Baron categoricamente. — Eu estava cuidando de você. Para nós. Nossa família.

— Então por que você não nos contou o que ela estava planejando?

Ele dá de ombros. — Eu tinha tudo sob controle.

— Você me tinha sob controle, — diz Harper calmamente. — Se você soubesse o que eu estava planejando, poderia ficar de olho em mim, garantir que nada acontecesse, mesmo quando eu descobrisse sobre Royal e aquelas mulheres. Você poderia me redirecionar quando não gostasse do que eu estava fazendo.

Baron ergue as sobrancelhas e se balança nos seus pés. — Algo parecido.

— Você sabia que ela não era uma Darling? — Eu pergunto.

Seu olhar se encaixa em mim. — O que?

— Ela não é uma Darling. Você sabia?

Seus olhos se estreitam. — Besteira. Encontrei a carta da mãe dela para o avô Darling.

— A mãe dela é viciada e mentirosa, — eu indico. — Ela estava tentando tirar dinheiro dele.

— Papai fez um teste de DNA, — argumenta Baron.

Balanço a cabeça, observando-o lutar com isso. — Foi forjado.

— Ou talvez o que ela deu a você foi falsificado, — diz Baron, jogando o doce pela borda com um olhar de nojo em minha direção. — Você sabe que ela é uma mentirosa. Você sabe o que ela estava planejando. Ela provavelmente ainda está planejando isso. Não sabemos mais por que perdi o acesso a ela. Você deveria me agradecer por descobrir todas essas coisas.

— Você mentiu para mim, — eu digo categoricamente.

— E ela? — ele pergunta. — Só porque ela quase morreu, agora você de repente confia nela?

— Ela não tem motivos para mentir, — eu digo.

— Que tal, para não tentarmos matá-la? — ele exige. — Ou então ela pode derrubar nossa família, como ela sempre quis.

— Não estou mentindo, — diz Harper. — Basta olhar para mim e você deveria saber. Você não deveria ser o cara inteligente da ciência? Você deveria saber como a genética funciona.

— Onde você conseguiu um teste de DNA? — ele pergunta. — Da Dollar Store?

— De Preston, — diz ela categoricamente.

Baron ri. — Você acredita em Preston Darling? E aqui estava eu começando a pensar que você não era tão burra assim.

— Eu acredito nele em vez de você, — diz ela. — Ele não tinha motivos para mentir. Seu pai tinha.

Baron se recosta na lateral da ponte e cruza os braços, voltando sua atenção para mim. — Você acredita nisso?

— Sim, — eu digo. — Papai queria nos manter longe dos Delacroixs, incluindo Lindsey e Preston, enquanto ele trabalhava no negócio do cassino. Todos nós começamos pensando que ela era uma Darling, mas quando ele descobriu que ela não era, ele guardou para si mesmo. Harper era um meio tão bom para nos distrair quanto qualquer outro.

— Ela estava nos mantendo bastante distraídos, — admite Duke, recostando-se ao lado de Baron. Ele provavelmente nem percebe que está espelhando exatamente seu irmão gêmeo. É uma daquelas coisas que eles fazem inconscientemente, como os olhares telepáticos que trocam, que mostram que ainda fazem parte do mesmo todo. Talvez seja isso que deu errado com os gêmeos desta família. Talvez haja apenas uma alma por aí.

— Eu quero uma explicação, — Harper diz, olhando para meus irmãos e levantando a arma um pouco, apontando para seus pés em vez do chão.

— Um homem tem o direito de proteger sua família, — diz Baron. — Você estava tramando contra nós.

— Você sabia? — ela pergunta, virando-se para Duke.

Ele cerra os dentes e olha para Baron.

— Não, — diz Baron. — Ele não sabia. Alguém que trabalha para o papai viu as cartas de sua mãe antes de sabermos quem você era. Nós a localizamos, descobrimos quem você era e invadi os computadores do FHS para falar com você. Assim que você criou uma conta no *OnlyWords*, eu invadi e ativei sua localização para que pudéssemos segui-la.

— Eu sei de tudo isso, — diz ela.

— Então o que você quer saber? — ele pergunta.

— Eu não sei, — ela admite. — Eu acho que... o Por quê?

— Por que o que? — Baron pergunta, como se ele realmente não soubesse. O cara é inteligente - criminalmente - mas às vezes ele perde as coisas óbvias.

— Por que eu? — ela pergunta. — Por que levar isso tão longe? Por que me dar uma bolsa de estudos? E por que fingir que era outra pessoa quando contou a Royal?

Baron apoia as mãos no corrimão ao lado dele. — Por que não? No começo, íamos apenas foder com você um pouco. Recebemos aquele vídeo e pensamos em lançá-lo na FHS, arruinar sua reputação e passar para o próximo

Darling. Papai foi quem disse que devíamos lhe dar uma bolsa de estudos.

— Então não foi só você, — Harper diz, balançando a cabeça.

— Eu era o Sr. D, — diz Baron. — Papai apenas mexeu alguns pauzinhos, conseguiu que adicionassem uma bolsa extra. Foi ele quem trouxe você para a nossa escola.

— Para nos manter longe de Lindsey, — eu digo.

Ele dá de ombros. — Certo.

— Mas era você quem estava falando comigo o tempo todo? — Harper pergunta.

— Sim. Achei melhor foder com você um pouco mais, provavelmente deixar meus irmãos saberem disso, já que você estava na nossa escola. Nunca deveria passar do vazamento do vídeo. Pensamos em vazar em Willow Heights e arruinar sua reputação lá, em vez de na sua antiga escola. Não é como se tivéssemos matado os Darlings. Só queríamos arruinar você, e isso parecia o suficiente. Poderia ter acabado por aí, com você sendo um pária social como Colt.

— Mas? — ela pergunta.

— Mas Royal teve uma ideia na cabeça sobre você ser dele. — Ele se vira para mim. — Foi você quem nos eliminou. Nós nunca te excluímos. Você estava lá o tempo todo como Mabel.

— Eu não dou a mínima para Mabel, — eu retruco.

— Nós deixamos você saber disso, — diz ele, olhando para mim. — E você nos impediu de ir atrás dela.

— Ela foi embora, — eu digo sem rodeios. — Ela não queria estar aqui. Eu a tirei do rio para você.

— Você não nos deixou segui-la.

Nós nos encaramos por um longo minuto. — Você está na escola, — eu digo finalmente. — Sim, você não ia desistir para perseguir alguma cobra Darling em todo o país. Você pode encontrá-la assim que se formar. Eu não dou a mínima para ela.

— Se não poderíamos tê-la, por que você deveria ter Harper? — ele

pergunta. — Por que você conseguiu ficar com ela quando não podíamos ficar com Mabel?

— Então é isso? — Eu pergunto. — Você é mesquinho pra caralho, sabia disso?

— Eu acompanhei sua cadela quando você não o fez, — diz Baron. — Ela estava fazendo merda o tempo todo, e você estava muito cego por seu pau para perceber. Então não me venha com merda. Eu não sou o cara mau aqui. Eu estava fazendo o seu trabalho o tempo todo, cuidando de nossa família. Cuidando de você.

— Eu não pedi para você ficar de olho na minha garota.

— Alguém tinha que fazer isso.

Estou tão puto que quero jogá-lo no rio, mas não vou. Já matei um irmão e não vou perder mais da minha família do que já perdi. Especialmente quando sei que ele está falando a verdade. Eu me envolvi nela, perdi a cabeça. Perdi a meta de vista. Baron nunca o fez.

— Você mentiu para nós, — diz Harper. — Você teria me matado.

Ele dá de ombros. — Pensamos que você fosse uma Darling. Normalmente não os matamos, mas não nos importamos se eles morrerem. E depois do que você fez? Você escapou fácil.

— Mas por que fingir ser outra pessoa? Um Darling, nada menos. Você me deixou pensar que estava me ajudando.

— Eu ajudei você, — diz ele. — Você foi para Willow Heights, não foi? É claro que eu não iria ajudá-la a derrubar minha própria família. Você é quem fez suposições. Eu nunca disse que era um Darling. Eu nunca disse que queria derrubar os Dolces. Você queria que fosse verdade, então acreditou.

Ela fica lá por um minuto e depois acena com a cabeça. — Você tem razão. Achei que éramos amigos de alguma forma doentia, porque era disso que eu precisava.

— Eu realmente não vejo por que você está tão chateada, — diz ele. — A menos que você esteja apenas chateada por não ter enganado a todos nós. Você pode ter encostado em Royal, mas deve saber que sempre o protegemos. Fiquei esperto porque precisava, assim como ele fez com Mabel quando as coisas aconteceram com ela. É assim que funciona. Somos uma família. Cuidamos uns dos outros. E não é como se eu tivesse feito alguma coisa com você. Sim, eu

mandei você para algumas situações para testá-la, como dizer para você ir atrás dos Swans. Eu nunca te disse para ir atrás de Royal. Eu nunca te disse para transar com ele. Você fez isso sozinha.

— Você me disse para foder você, — diz ela. — Você e Duke.

— Ele disse? — Eu pergunto, virando-me para ela.

— Sim, e daí? — Baron diz. — Eu sabia que você estava se envolvendo muito com ela, e eu sabia que você terminaria com ela se ela nos fodesse. Mas ela não o fez. Ela apenas mentiu sobre isso. Se alguém é o mentiroso aqui, Harper, é você. Você mentiu e disse ao Sr. D que nos fodeu, que você era uma Swans. Eu nunca menti, nem mesmo como Sr. D. Eu apenas deixei você acreditar nas histórias que você inventou em sua própria cabeça.

— E quando você disse a Royal que eu havia contado todos os seus segredos para um estranho, provavelmente um Darling? Harper pergunta, parecendo irritada agora. — Quando você o fez se voltar contra mim e me entregar a você e Duke para punir. Como você está justificando isso para si mesmo, Baron? Foi só uma brincadeira, você nunca quis que ele levasse isso a sério?

— Você contou a um estranho sobre o nosso negócio, — diz Baron, franzindo a testa para ela. — Não importa que fui eu. Você não sabia disso. Você poderia ter contado para qualquer pessoa e não se importou. Você estava tentando contar ao nosso inimigo. Você mereceu o que estava por vir.

— Não, — diz ela, balançando a cabeça. — Ninguém merece isso.

— Ninguém merece o que você fez com Royal, — diz Baron. — Contar algo assim... Faz algo com um homem. Imaginar isso sendo qualquer um de nós, e ter você contando a alguém algo assim sobre nós...

A raiva e a vergonha crescem dentro de mim, e sinto o monstro se agitando, empurrando se aproximando, sabendo que ele é necessário do jeito que é toda vez que penso no que Harper fez comigo. Nunca poderei desfazer o que deixei acontecer com ela. Ela está certa sobre ninguém merecer isso. Mas Baron também está certo.

— O que você quer dizer com nosso negócio? — Eu pergunto.

Baron se vira para mim. — O que?

— Você disse que ela contou a alguém o nosso negócio. Papai tem pedido para você se encontrar com... clientes? Eu mal consigo pronunciar as palavras

além da onda do monstro dentro de mim. Se eu fiz tudo isso por nada, eu vou matar o papai. Ele me manipulou para fazer sua oferta para proteger primeiro minha irmã e depois meus irmãos. Se o tempo todo ele os estivesse usando também...

Baron balança a cabeça. — Não. Eu tenho minhas próprias merdas com ele.

É claro. Ele e o pai administram o negócio dos Dolce, aquele que aproxima o pai das famílias poderosas de Nova York, do jeito que ele sempre quis. Ele pode estar no Arkansas, mas sua influência com Al Valenti cresceu este ano, apesar da distância. Afinal, ele tem mais a oferecer agora do que antes.

Não se trata disso.

Odeio que Baron saiba o que fiz por papai. Eu odeio que seja por causa de Harper. Não quero que ninguém, nem mesmo meus irmãos, saibam. Escondi outras coisas deles e não me arrependo. Só me arrependo de ter contado a King e ao papai o que aconteceu quando os Darlings me levaram. Agora Harper também sabe disso. Ela vai usar isso como munição na primeira chance que tiver, na primeira vez que eu a irritar?

Passei meses tentando acertar as coisas com ela e sei que nossos crimes um contra o outro não são iguais, mas ela nem mesmo reconheceu o dela. Eu apenas engulo todos os dias como um veneno amargo, e sei que mereço pior. Mas não foi embora. Isso nunca vai embora.

— Terminamos com a inquisição? — Duke pergunta. — Porque não parece que Baron realmente fez algo errado, então talvez você possa guardar a arma e podemos ir para casa. Estou morrendo de fome e gostaria muito de uma cerveja.

— Sim, — diz Baron calmamente. — Acabou. Eu não vejo o ponto nisso, de qualquer maneira. Você poderia apenas ter me dito que sabia que eu era o Sr. D. A pior coisa que fiz foi arrancar de você algumas fantasias idiotas. Inferno, eu consegui mais de Preston com aqueles vídeos que ele enviou neste verão. Você conseguiu a porra de uma bolsa de estudos, Harper.

Ele se vira para mim. — E só porque você está chateado com o que fizemos com ela, ou você se arrepende do que fez, não se esqueça do que ela fez com você. Ela quase morreu neste verão, e de repente você esquece tudo? Vamos, Royal. A morte não apaga seu crime. Claro, posso acreditar que ela não é uma Darling se você visse um teste de DNA. Isso muda quem ela é, não o que ela fez. Mesmo que ela não seja uma Darling, ela merecia punição. Nós a punimos de acordo. Acabou. Siga em frente ou não, mas isso não tem a ver

comigo falando com ela online por alguns meses.

— E, ei, se ela não for uma Darling, vocês poderiam ficar juntos, — diz Duke. — Agora que todo mundo acabou de esfaquear todo mundo pelas costas, e estamos todos na mesma página. Todos nós pagamos, certo? Para que possamos voltar a sermos amigos?

— Você diz isso como se fôssemos amigos para começar, — diz Harper.

— Ah, qual é, não fique assim, — Duke diz, passando um braço em volta do pescoço dela e beijando o topo de sua cabeça. — Nós éramos amigos. E se você está com Royal, ainda é nossa amiga. O que você acha de colocarmos fogo em alguma merda perto dos trilhos hoje à noite?

Harper deixa a arma pendurada ao seu lado e esfrega a têmpora com a outra mão. — Tenho mais uma pergunta para o Baron. Por que você disse para nós dois irmos à festa?

Ele encolhe os ombros e começa a voltar para o carro. — Eu queria ver o que aconteceria.

Claro que sim. A vida é apenas um grande experimento para ele e um grande jogo para Duke. Eu volto para o Rover com eles, mas tudo parece errado no meu estômago. Não foi do jeito que eu queria, do jeito que eu pensei que seria. Eu deveria lidar com Baron, mas agora ele me lembrou onde minha lealdade deve estar sempre - com nossa família. A dele nunca vacilou. Eu é que fiz merda.

Sim, talvez eu queira acertar as coisas com Harper, mas ela não é inocente. Ela estava sendo sombria o tempo todo. Cada minuto que passávamos juntos era uma mentira.

Baron também estava sendo obscuro, mas não comigo. Ele pode não ter me dito que estava falando com ela o tempo todo, mas nunca a tocou, nunca a machucou. Ele não me machucou. Quando eu estava no fundo do poço por ela, ele estava cuidando de mim, cuidando de nossa família. E ele fez isso sem tocar em um fio de cabelo da cabeça dela, por respeito a mim e ao meu direito sobre ela.

Não foi ele quem me traiu. Ela que fez.

Agora não sei o que fazer com ela, com isso, com a porra do meu vício nela. Foi fácil quando eu sabia que não poderia durar, que eu me livraria dela quando terminasse. Quando eu pensei que ela era uma Darling, eu sabia o fim. Agora passamos por esse final e não há mapa para o que vem a seguir. Ela ainda

está em volta de mim como sua teia de aranha, e não tenho uma direção clara, nenhuma saída. Eu a destruí. Ela deveria morrer, desaparecer como Crystal, nunca mais voltar. Em vez disso, ela se levantou da sepultura, outro fantasma para me assombrar, este em carne e osso.

Eu não sei como nossa história termina, e isso me irrita pra caralho. Mas eu sei que tenho que tê-la, que não posso deixá-la ir. Eu sei que a vida dela é minha, e sempre será. Não vou deixar que ela escolha o caminho mais fácil, como ela tentou fazer antes. Ela está nisso comigo, goste ou não, até que um de nós dê seu último suspiro. Só não sei quando esse final chegará, como será se ela não for uma Darling, onde a destruição é a única opção.

Se eu disser a mim mesmo que ela estava apenas fazendo um trabalho em troca de uma bolsa de estudos, que não era pessoal, posso me impedir de querer destruí-la novamente toda vez que penso no que ela fez. Então é isso que vou continuar fazendo até saber para onde está indo, que fim inevitável está reservado para nós dois.

O resto da semana passa em uma tensa caminhada na corda bamba. Estou no limite, não tenho certeza de como me sentir sobre a atitude blasé de Baron sobre ser o Sr. D. Ele agiu como se não fosse grande coisa, mas eu sei melhor. Foi um grande negócio.

Não foi?

Ele é tão bom em manipular a situação que até eu saí da ponte me questionando, tentando lembrar o que ele fez de tão ruim. Eu estava tão determinada a derrubar os Dolces no ano passado, em ter o Sr. D me ajudando a fazer isso. Fui eu que criei a fantasia de que éramos amigos, que ele era um homem poderoso que estava do meu lado. Eu precisava daquele aliado poderoso, então o transformei nisso, embora ele nunca tenha me dado qualquer indicação de que estava cuidando do meu melhor interesse - pelo contrário.

Mas se ele é o inimigo, precisa ser derrubado mais do que nunca. Porque ele pode não ter feito nada de ruim quando estava atuando como o Sr. D, mas fez muito quando estava sendo o Baron Dolce - não apenas para mim, mas para outras garotas e os homens Darling também.

Mas como posso derrubar o Dolces sem derrubar o Royal? Ele é o centro de tudo.

Eu sei que não tenho esse poder, de qualquer maneira. Não sozinha.

Ainda assim, eles precisam ser impedidos de fazer o que estão fazendo com esta cidade, e eu sou a única que parece perceber isso. Ou pelo menos a única que pode admitir isso. Não sei como curar a cidade, como torná-la melhor, com os Dolce ainda administrando - especialmente sem descer ao nível deles.

Já fiz isso antes e o preço é muito alto. Quase não sobrevivi. Alguma parte de mim não. Uma parte de mim se foi e nunca será substituída. Eu não poderia passar por isso de novo, e com certeza não vou colocar ninguém nessa posição.

E se não posso fazer isso sozinha e não posso arriscar mais ninguém, como vou fazer isso?

Continuo pensando nisso nos próximos dias. Royal não vem me buscar antes da escola no dia seguinte ou no seguinte ou no seguinte. Eu sei que deveria estar feliz com isso, já que ele está me dando espaço, mas não posso deixar de me perguntar o quanto a confissão de Baron o afetou também.

Eu não deveria me importar. Eu não deveria querer que Royal me quisesse. Mas depois que ficamos na festa, eu o desejo, desejo suas mensagens no meu telefone, seu toque, o jeito que ele precisava de mim. Quando ele não aparece todos os dias para insistir em me levar para a escola, meu coração de puta idiota chora por sua ronda familiar. Uma parte masoquista de mim gosta de suas tendências loucas de perseguidor. Sem elas, como saber se ele não está perdendo o interesse? Em vez de ficar animada com a perspectiva, um terror doentio toma conta de mim. Acho que não aguentaria perdê-lo de novo.

Mas foda-se se eu vou mostrar minhas cartas. Lembro-me de Gloria me dizendo para não persegui-lo no ano passado no ano novo, para deixá-lo me querer. Então eu faço. Eu não mando uma mensagem para ele, não digo a ele que sinto falta de seu carro estúpido na minha garagem e sua insistência controladora em me levar a lugares.

Na escola, Baron e eu evitamos um ao outro, mas nunca paramos de observar o outro, como se estivéssemos esperando que o outro desse o primeiro passo. É uma trégua incômoda. Ele me deixa ficar à mesa na hora do almoço, e todos sabem que a nova mesa onde ele se senta como rei agora é o centro. Mas ele permitir que eu exista, para reivindicar sua mesa com minha equipe rebelde, para desafiá-lo, reduz um pouco o poder dos meninos Dolce. Todos esperavam que ele me colocasse no meu lugar, mas ele não o fez.

Eles me observam com cautela nos corredores, sem saber se devem me venerar como a rainha que proclamei ser. Eles podem ver que eu tenho poder, já que o Baron não me cortou, mas eu não me encaixo exatamente no molde de princesa a que eles estão acostumados. A tensão aumenta todos os dias na hora do almoço, mas os D-boys não tentam pegar nossa mesa de volta ou impedir que o punhado de meninas entregue nossa comida todos os dias antes de voltar correndo para suas próprias mesas e fingir que não fazem parte disto. Até eu estou esperando para ver o que Baron tem na manga, se ele realmente vai me deixar continuar me rebelando abertamente contra a ordem que beneficia ele e seus irmãos.

O resto da escola está muito envolvido nos preparativos do baile para perceber além da hora do almoço. As meninas estão em campanha para rainha enquanto os rapazes se preocupam com seus smokings combinando com os vestidos das meninas. As mães PTO enchem a escola, fazendo barulho com as mães. O conselho estudantil e outros clubes cobrem os corredores com pôsteres do jogo e do baile do dia seguinte. Há comícios estimulantes e atividades da semana espiritual, todas levando ao grande confronto Faulkner/Willow Heights na sexta-feira.

No ano passado, não fui ao jogo. Eu era uma estranha.

Agora, estou dentro, mas ninguém acredita que sou rainha. Sou mais uma intrusa, uma usurpadora que o rei de alguma forma permitiu que permanecesse em vez de me decapitar.

Na manhã de sexta-feira, saio de casa e vejo o Range Rover de Royal parado na garagem atrás do meu carro, e meu peito infla como a porra de um balão. Acho que sou apenas mais uma cadela burra que deixou os garotos Dolce fazerem o que quisessem com ela, e ela ainda os quer.

Eu ainda o quero. Eu odeio meu coração dizimado por se encher de esperança quando vejo o carro dele, mas não posso impedir que isso aconteça.

Eu subo como se não fizesse diferença para mim e dou a ele um aceno frio.
— E aí?

Ele balança a cabeça e não diz nada enquanto sai da garagem.

— O que? — Eu pergunto.

— Pelo menos você parou de agir como uma pirralha quando eu venho buscá-la.

— Então você pode simplesmente aparecer sempre que quiser, e eu não posso ter nada a dizer sobre isso?

— O que você tem a dizer sobre isso?

— Nada.

— Vá em frente, — ele insiste. — Diz.

— É besteira, — eu digo. — E as coisas não funcionam mais assim.

— Eu disse que não apareceria todos os dias, a menos que algo acontecesse. — Ele olha para mim de lado e então me dá um sorriso malicioso.
— Você está se sentindo negligenciada?

Cruzo os braços sobre o peito e olho pelo para-brisa. — Não.

— Posso buscá-la todos os dias, se quiser.

— Não.

— Não há problema em admitir que você me quer, — diz ele. — Depois do jeito que eu estraguei suas costas na sexta-feira passada, ninguém poderia culpá-la.

— Quem disse que isso era sobre você? — Eu pergunto, sorrindo de volta para ele. — Ficar com a Gloria me deixou toda excitada. Ela não gosta de garotas, então ela não faria isso. Você simplesmente apareceu e acabou comigo por ela.

A mão de Royal pousa na minha coxa, e tudo o que posso fazer é não apertar os joelhos. Eu me forço a não reagir. — Então acho que devo um cartão de agradecimento a ela, — diz ele, deslizando a mão lentamente para cima. — Ela fez todo o trabalho, mas sou eu quem sente essa doce boceta ordenhando meu pau. Por que você não a convida para se juntar a nós novamente esta noite?

Ele desliza a mão entre minhas coxas, e eu fico tensa e respiro fundo enquanto seus dedos roçam a costura do meu jeans. Um toque e estou quase ofegante e implorando por mais como uma patética idiota surrada. Mas sua mão quente me eletrifica, enviando arrepios quentes correndo por minhas veias.

— Então agora você não está com ciúmes? — Eu pergunto, recusando-me a deixá-lo saber o efeito que ele tem sobre mim. — O que aconteceu com a política de 'não haverá sexo a três quando você estiver comigo'?

— O que há para ter ciúmes? — ele pergunta. — Era meu nome na sua língua quando você estava jorrando no meu pau.

— Isso é porque me excitou bater em você, — eu digo, lutando contra o desejo de abrir meu jeans e deixá-lo afundar aqueles dedos longos e bonitos em mim. Posso sentir que estou ficando molhada com seu toque, mas me apego à minha dignidade com tudo o que tenho. — Gosto de ver seu rosto espancado até virar polpa. Vendo você conseguindo o que você esperava... Isso foi quente.

— Continue fingindo se isso ajuda você a dormir à noite, — ele diz, acariciando a costura da minha calça jeans até sentir como ela está úmida.

Estou dividida entre dar um tapa em sua mão e tirar o sorriso presunçoso de seu rosto, ou abrir minhas pernas e cavalgar em sua mão até gozar. Depois de tanto tempo sem sexo bom, meu corpo está gritando para deixá-lo me lembrar de novo. Não consigo decidir se me odeio mais por reagir ou a ele por provocar. Ele faz cócegas com o dedo mindinho ao longo da minha dobra. — Você se depilou para mim, Cherry Pie? Se você não fez, vá para casa e faça isso depois da escola. Eu quero você nua quando eu comer você mais tarde.

Afasto meus joelhos e o empurro para trás. — Quem disse que você vai me comer fora de novo? Eu te disse, isso foi um erro. Nunca deveria ter acontecido, e só porque estou trabalhando no perdão, não significa que esqueci o que você fez. Só porque transamos, não significa que estamos juntos.

— Ok, Jailbird, — diz ele, entrando na minha vaga de estacionamento. — Qualquer coisa que você diga.

— Ugh, eu te odeio, — eu digo, pulando do Range Rover e puxando os joelhos da minha calça jeans.

— Eu também te odeio, — ele grita atrás de mim.

Bato a porta na cara dele e saio furiosa.

Estou no meio do estacionamento quando Gloria me alcança, agarrando meu cotovelo e entrelaçando seu braço ao meu. — O que foi aquilo? — ela pergunta. — Você voltou com Royal?

— Não, — eu digo. — Definitivamente não.

— Hm, que pena, — diz ela. — Ainda estou torcendo por vocês.

— Mesmo que Rylan tenha terminado com você? — Eu pergunto. — Eu acho que você estaria indo atrás de Royal agora. Parecia sexta-feira passada.

— Eu disse a você, nós somos apenas amigos. E sim, às vezes somos amigos com benefícios, mas não captamos sentimentos. Vocês, embora...

— Somos apenas amigos também, — eu digo com firmeza.

— Bem, eu ainda sinto muito por ter deixado isso acontecer. Eu estava bêbada, burra e chateada com Rylan. Mas não tenho sentimentos por Royal, e agora que sei que vocês dois podem voltar a ficar juntos, posso garantir que isso nunca mais acontecerá. Promessa, juro, cruze meu coração. Ela faz um X sobre o coração e me dá um sorriso esperançoso.

— Eu não estou brava com você por causa disso, — eu digo. — Eu disse a ele para ficar com alguém. Prefiro que seja você do que alguém do bando. Além disso, eu fiquei com você também.

— Pelo que vale, também não estou mais brava com você por causa do ano passado, — diz ela. — Estou feliz que somos amigas. Preciso de uma amiga como você.

— Eu também.

— Então, como sua amiga, deixe-me dar-lhe alguns conselhos. Se você quer ser rainha aqui, você realmente deveria pensar em voltar com ele. Quero dizer, se há uma coisa que vai lhe dar mais status do que namorar o Baron Dolce,

é namorar um universitário que costumava ser o rei aqui.

— Você não tem vergonha.

— Eu só quero meus dois melhores amigos juntos novamente, — diz ela. — Ainda estou tentando fazer com que ele me perdoe, como amiga, é claro. Mas eu realmente gostaria que todos pudéssemos sair juntos novamente, como fizemos no ano passado.

— Eu também, — admito.

— Ei, quer ir ao jogo com a gente? — ela pergunta, se iluminando. — Vai ser como nos velhos tempos. A corte caminha hoje à noite no jogo e amanhã serei coroada no baile.

— Claro, — eu digo. — Você vai com Baron?

— Sim, mas vou com Dixie para o jogo hoje à noite. Teremos uma limusine para o baile. Agora que Rylan não está falando comigo... — Ela baixa o olhar e, por um momento, vislumbro a verdadeira Gloria Walton, aquela que não é uma vadia, aquela que chorou quando me contou sobre o segredo de Royal e me disse que simplesmente o amava da única maneira que sabia.

— Você está realmente chateada com isso, hein? — Eu pergunto, parando no meu armário com ela.

— Bem, sim, — diz ela. — Ele era meu namorado... Antes. Você sabe. De volta à Geórgia.

— Ele era? — Eu pergunto, recuando. — Eu não sabia disso.

— Sim, — diz ela, balançando a cabeça e segurando os livros contra o peito. — Eu acho... Parece loucura, mas ele se mudou para cá por minha causa. E agora...

— Agora ele descobriu sobre você e os meninos Dolce.

Ela acena com a cabeça, seu nariz ficando vermelho enquanto ela funga as lágrimas. — Apenas Royal. Mas ele está tão chateado.

— Lo... me desculpe. Eu não fazia ideia. Achei que você só estivesse com ele há alguns meses.

— Está tudo bem, — ela diz, levantando a cabeça e passando o dedo na base dos cílios, enxugando as lágrimas antes que caiam e estraguem a

maquiagem. — Estou bem, sério. Eu vou ao baile com o Baron, e eu vou ser a rainha, e ele vai ser o rei, e tudo vai dar certo.

— Ei, Appletini, — diz Colt, se vangloriando com Dixie agarrada ao seu lado. Ele cola um adesivo preto e dourado na minha camisa. — Vote em Dixie. Powell no poder. Poder da Boceta. Algo parecido.

Gloria solta um bufo irritado e revira os olhos. — Você nunca para?

— Parar de fazer campanha pela minha garota? Não. Vote em Dixie, ou ela colocará você no blog e arruinará sua reputação.

— Estou literalmente no pariu com ela, — diz Gloria.

— Certo, — diz ele. — É claro que a bruxa obcecada por si mesma está votando em si mesma.

Glória balança a cabeça. — Eu prefiro ficar obcecada comigo mesma do que com seu pau. É só nisso que você parece pensar.

— E, no entanto, é você quem traz isso à tona, — diz ele, dando-lhe um sorriso preguiçoso. — Eu admito, é difícil não ficar obcecada por um pau tão bom assim. Certo, querida?

Dixie ri, parecendo que está pronta para uma dança feliz no corredor. Bom para ela. Estou feliz que eles resolveram o que estava errado entre eles, mesmo que pareça que a perda de memória dele pode ser a causa disso. Não é da minha conta, no entanto. Já tenho muita merda no meu prato, especialmente quando percebo algumas garotas gritando e tirando camisetas de seus armários, segurando-as e afivelando colares umas nas outras. Não me lembro do número de Baron, então não tenho certeza se ele tem 17 anos, mas acho que sim. Ele deve estar tramando algo e está distribuindo-os por um motivo. Meu estômago dá um nó com a ideia de um drama iminente.

— Eu tenho que correr, — Gloria diz para mim, ignorando cuidadosamente Colt e Dixie, que agora estão nos braços um do outro. — Vejo você depois da escola?

Eu concordo, e Colt se afasta de Dixie para gritar no corredor atrás de Gloria. — Não se preocupe, um dia você também terá um bom pau!

Atravesso a manhã sem incidentes, embora seja difícil me concentrar quando tenho certeza de que o outro sapato está prestes a cair a qualquer momento. Eu posso sentir isso, uma onda de energia subindo, uma corrente de inquietação. Não tento me convencer do contrário, dizer a mim mesma que

estou ficando paranoica e que é apenas empolgação com o jogo e a dança. Eu sei que não devo ignorar meus instintos.

Eu guardo meus livros no meu armário antes do almoço, verifico se minha faca está ao alcance da minha bota, e flexiono meus dedos dentro do soco inglês que Preston fez sob medida para caber na minha mão. Então eu vou para o café.

Quando entro, dou uma olhada rápida na sala com os olhos. Baron e Duke estão mantendo a corte em seu local habitual à esquerda da porta. Na mesa um pouco à direita, onde normalmente sentamos, Dixie e Colt estão esperando. Eu deslizo em meu assento, meu estômago apertado. As meninas trouxeram nosso almoço a semana toda, mas de qualquer maneira não estou com fome hoje.

— O que está acontecendo? — Eu pergunto a Dixie. — Algo está estranho hoje.

— Você vai ver, — diz ela, quase quicando em seu assento. Seu rosto está corado, seus olhos brilhando de excitação. Ela está vestindo uma das camisetas que vi as meninas tirando de seus armários esta manhã, com o número 17 na frente. Dixie amarrou o dela de um lado e combinou com uma saia preta e meia arrastão, junto com um laço de renda preta que está tentando conter seus cachos ruivos rebeldes.

— Você sabe? — Eu pergunto, estreitando meus olhos para ela.

— Apenas espere, — diz ela. — Lá vem ele.

Eu olho para cima para ver Gideon Delacroix vindo em nossa direção, um prato na mão, como sempre. Ele não acredita na coisa toda de garotas que serve. Atrás dele estão duas garotas bonitas que eu lembro do ano passado, amigas de Gloria, vestindo as mesmas camisetas de Dixie. Atrás dessas garotas está um grupo de mais meia dúzia, todas vestindo o número 17, Quinn entre elas.

Eu olho para elas, para o mesmo número na frente do peito de Gideon, e então para Dixie.

— O que é isto? — Eu pergunto, gesticulando para a porra do desfile das fangirls de Gideon saindo da fila de comida. Deve haver umas duas dúzias de garotas usando a camisa dele. Isso pode não parecer muito em uma escola como Faulkner, mas toda a população estudantil de Willow Heights é inferior a quatrocentos. Isso é um quarto de uma série inteira nesta escola.

E elas também não são garotas rebeldes. São garotas bonitas, até populares. Lembro-me de garotas das festas do ano passado, garotas com quem me sentei na arquibancada. Um casal é até líder de torcida e majorettes. Vejo a capitã do

time de dança entre elas. Todos baixam os pratos e começam a empurrar as mesas para cima das nossas, formando um grande aglomerado de cinco ou seis mesas.

Gideon se senta na minha frente em seu lugar de costume. — Aqui está o seu exército, Apple, — ele diz, me dando um sorriso. — Elas são todas suas.

— O que é isto? — Eu pergunto. — Algumas dessas garotas são... garotas Dolce.

— Elas *eram* garotas Dolce, — diz ele sobre o barulho de patinetes e todos os outros no café fofocando enquanto se viram para assistir. — Mas os meninos Dolce não as querem mais. Eles disseram que eu poderia tê-las. Então aqui estão elas.

— Nós somos garotas da Apple agora, — Quinn diz, puxando um colar de contas da frente de sua camisa. Eu fico olhando para o pequeno pingente de maçã vermelha nele. É barato, algo que um aluno da primeira série daria a um professor, nada como os colares *D que* as garotas Dolce usam. Mas faz minha garganta quase fechar.

Eu me viro para Gideon, mal conseguindo falar. — Você fez isso?

— Agora você vai para o Baile comigo? — Ele pergunta, o sorriso em seu rosto quase partindo meu coração. Eu gostaria que ele não tivesse feito isso em público, onde toda a sala está assistindo. Não quero ferir seu orgulho, mas enganá-lo é ainda mais cruel.

Por um minuto, não consigo responder. Se eu atirar nele na frente de todas essas garotas, depois do que ele fez por mim, elas vão pensar que sou uma vadia sem coração. Mas também não posso deixá-lo pensar que estou interessada.

— Como amigos, — eu digo finalmente.

— Amigos, — ele concorda, sorrindo para mim.

Eu dou a ele um olhar duro. — Mas você entendeu tudo errado. Eu não sou a líder aqui. Eu não fiz nada.

— Eu acho que você fez, — diz ele em voz baixa, e estou feliz que ele está mantendo a voz baixa também. Sei que isso estará em toda a escola até o final do dia, mas prefiro que demore para chegar lá. — Eu estava morrendo de medo de vir para esta escola porque ouvi o que os meninos aqui têm que fazer e sabia que não poderia fazer isso. Você é quem está fazendo isso, então eu não preciso. Você começou algo, Harper, quer saiba disso ou não. Você não apenas defendeu

o que é certo. Você deu a outras pessoas a coragem de fazer isso.

— Não, — eu digo, balançando a cabeça enquanto Magnolia se senta ao lado de Gideon. Ela está usando a camisa dele sobre uma saia de tule dourado com bolinhas de veludo preto, junto com um par de cílios postiços enormemente longos com glitter dourado. Sempre senti esse instinto protetor quando se trata dessa garota, talvez porque sacrifiquei meu relacionamento com Royal quando defendi ela e Lindsey no ano passado ou talvez porque pensei que poderia ser prima dela em algum momento. Ou talvez seja porque, de alguma forma estranha, senti que ela era alguém que eu poderia respeitar, apesar de sua imaturidade.

— Foi Magnólia quem me deu coragem para me levantar, — digo a Gideon. — Ela é a pessoa que você deveria convidar para o baile. Ela tem a sua idade e não é fodida como eu. Ouve, irei como sua amiga, se quiser, e te acho muito legal. Mas sua admiração é equivocada.

— Maggie é ótima, — diz ele, olhando desajeitadamente para Colt e Dixie. — Mas eu a conheço toda a minha vida. E... eu gosto de garotas mais velhas.

Antes que eu possa responder, uma cadeira se arrasta para trás na mesa dos meninos Dolce, e a sala cai de um rugido baixo de excitação para um silêncio mortal em segundos.

— Ei, — diz Duke, apontando com o queixo para nós. — Que porra é essa, cara?

Uma expressão de puro pavor paira sobre o rosto de Gideon enquanto a cor desaparece dele. Eu tenho que admirar sua determinação obstinada de ganhar um par para o Baile comigo, mesmo que ele não seja o tipo de cara que eu namoraria. Mas sei que ele não pode enfrentar os Dolces sozinha, o que significa que vou ter que levar um para o time desta vez.

— Gideon, mano, — diz Duke, apontando para nosso enorme grupo de mesas que supera sua configuração exclusiva de duas mesas. — Você não pode simplesmente roubar nossas garotas. Não é assim que funciona.

— Ele não roubou ninguém, — eu digo, empurrando minha cadeira para trás e me levantando. — Essas são garotas que escolheram sentar conosco depois *que você* as rejeitou.

— Não as rejeitamos, — diz Duke. — Nós as repassamos quando terminamos. É assim que funciona. Eu e Baron as pegamos primeiro, depois DeShaun e Cotton, e então Gideon e o resto da equipe.

— E se elas não quiserem ser pegas por um bando de idiotas que provavelmente nem se lembrarão de seus nomes depois? Somos pessoas, Duke, por mais difícil que seja para você entender. Você não pode *roubar* a lealdade de uma pessoa. Essas garotas escolheram ser leais a mim. Elas têm mentes próprias. Acredite ou não, algumas pessoas têm objetivos no ensino médio que não envolvem ser repassados pelo time de futebol.

— Sim, mas não aquelas garotas, — diz Duke, exibindo um enorme sorriso. Ele cai em sua cadeira e se joga para trás, curvando-se de modo que é quase impossível não olhar para sua virilha. Então ele dá um tapinha no joelho e nos dá um sorriso convidativo. — Não é mesmo, meninas?

Algumas das meninas que ainda não se sentaram hesitam, se aglomerando e prendendo os cabelos atrás das orelhas, parecendo tímidas.

— Aww, nós negligenciamos nossas garotas Dolce? — Duke canta, acariciando os dedos levemente na coxa. — Venha cá, *belíssima*. Cuidaremos bem de vocês a partir de agora. Lembra como cuidei bem de vocês antes?

Ele mexe as sobrancelhas, e algumas garotas se inclinam para sussurrar umas com as outras, provavelmente se perguntando com quem ele está falando. Eu sei que ele não está falando com nenhum delas - ele está falando com *todas* elas. Não acredito que isso funcione, mas acho que meio que posso. Duke é gostoso e tem um par de olhos de cachorrinho que podem derreter o coração mais duro.

Afinal, não sou diferente. Só porque escolhi Royal em vez de Duke, não sou melhor do que nenhuma delas.

— Tenho um lugar para você bem aqui, — continua Duke, batendo no joelho com dois dedos. — Venha cá. Vocês podem se sentar à nossa mesa.

— Todos os dias? — pergunta a capitã da equipe de dança.

Duke desliza a mão pela frente da calça, apalpando a virilha. — Todas as noites, — diz ele.

— Todo mundo nesta escola sabe que você não pode manter uma garota por mais do que algumas semanas, — interrompo. — Seu pau não vai mudar a opinião de ninguém.

Um monte de gente começa a sussurrar e rir.

— Pode ser, — ele grita acima do barulho. — Talvez você precise de um lembrete de como meu pau pode ser persuasivo.

Ele enfia a mão nas calças e, de repente, tenho que apoiar minha mão na mesa para me manter ancorada. Eu sei o quão persuasivo seu pau pode ser - da maneira mais horrível.

Um rugido percorre a sala, garotas rindo e se agarrando, esticando o pescoço para ver, perguntando o que está acontecendo enquanto Duke puxa seu pênis para fora. Ainda é chocante ver um pau no meio do refeitório da escola, mesmo que eu saiba que ele não tem nenhum problema em chicotear seu pau em público. Afinal, ele me deu um tapa na cara na minha primeira semana aqui.

— Você quer um lugar na nossa mesa, Ginger Snap¹? — Duke provoca. — Venha pular sobre isso.

Todos na mesa estão rolando de tanto rir. De repente, Baron se levanta, deixando cair um doce meio comida sobre a mesa. — Ela tem um telefone, — ele berra, apontando em nossa direção.

O caos explode pela sala. Os meninos Dolce e seu esquadrão avançam para nós. Em uma fração de segundo, vejo Magnolia segurando seu telefone e, em seguida, um jogador de futebol me empurra para trás na cadeira enquanto passa. Magnolia grita e se abaixa ao redor da mesa quando Baron a agarra. Outra pessoa agarra minha cadeira por trás, jogando-a para o lado para sobreviver. Eu caio, minha bunda batendo no chão. Magnolia mergulha atrás de Colt, que está ao meu lado. Dixie também empurra a cadeira para trás e, no segundo seguinte, ela cai no chão ao meu lado, rolando para cima de mim. Nossas cabeças colidem, e eu xingo ferozmente, tentando me desvencilhar dela e de nossas cadeiras enquanto vários jogadores de futebol passam por cima de nós. Colt está de pé e balançando, mas perdi Magnolia de vista.

Eu finalmente rolo livre e salto para cima. Rylan, que também estava na nossa mesa, dá um soco antes que um jogador de futebol musculoso chamado George o derrube. Ele gira os braços e cai de volta na mesa de garotas Dolce rejeitadas ao nosso lado. Pratos e xícaras estão virados, bebidas espirrando sobre a mesa e rolando para o chão. Mais corpos se juntam a elas enquanto as pessoas pulam das cadeiras e são derrubadas na luta.

Eu ouço um grito e me viro para ver Baron segurando Magnolia por trás, um braço em volta de sua cintura enquanto ele rouba seu telefone, que ela está acenando descontroladamente. Eu salto em direção a eles, fazendo um golpe para pegá-lo, mas ele o arranca de sua mão. Ele o deixa cair no chão e pisa nele, seu calcanhar esmagando o vidro.

— Você está muito atrasado, — ela grita sobre o barulho. — Você está muito atrasado!

Eu tento puxá-la para longe de Baron, mas antes que eu consiga, Gloria entra no meu caminho. Seus olhos se arregalam enquanto ela tenta transmitir alguma mensagem não dita, mas ela me empurra pelos ombros sem me dar uma chance de entender. Eu dou um soco, mas ela se esquivava, então bate com o ombro no meu plexo solar, fazendo-me ver estrelas. Eu agarro seu cabelo enquanto caímos para trás.

— Não no meu rosto, — ela diz através de respirações ofegantes. — É fim de semana de boas-vindas

— Você está brincando comigo? — Eu rosno, afundando um punho em seu lado enquanto minha bunda bate no chão.

Ela agarra meu cabelo e puxa minha cabeça para o chão, então fico deitada de costas em vez de sentada. — Apenas continue lutando, — diz ela, batendo na minha bochecha com a palma da mão. — Eu não vou te machucar também. Isso é apenas para mostrar.

Eu empurro meus quadris e a rolo, montando seus quadris com meus joelhos e puxando para trás um punho. Ela agarra meu braço com as duas mãos, mal virando a cabeça para fora do caminho enquanto eu vou para o soco.

— Harper, — ela grita. — Não me machuque!

Eu me afasto, lutando com a adrenalina e a pressa da luta, registrando suas palavras. Ela não é uma garota durona no Femme Fight Friday. Ela nem está realmente lutando. Um lutador de verdade não dá um tapa na sua bochecha tão suavemente que quase não arde. Ela dá uma surra em você.

Ao nosso redor, a briga se enfurece. Esta não é uma luta falsa. As cadeiras estão espalhadas e as mesas afastadas. Uma multidão está reunida perto da porta e ao longo da parede, boquiaberta com o caos que se desenrola. Alguns jogadores de futebol batem em alguns caras infelizes que se envolveram enquanto DeShaun e Duke estão brigando com Colt e Gideon. Outro jogador de futebol está atacando Rylan, que está encolhido no chão com os braços sobre a cabeça.

Mas os caras do time não lutam com garotas, o que significa que eles estão em minoria. A maioria dos lutadores é de persuasão feminina. Uma dúzia de ex-garotas Dolce estão brigando com os membros atuais. Vejo uma das gêmeas Walton gritando enquanto Amber a segura pelos cabelos, puxando sua cabeça para baixo em alguma comida derramada na mesa. A garota que me contou sobre ser marcada como se fosse uma coisa boa está andando com Josie, que estava na nossa mesa.

— Sua vadia do caralho, — grita a outra gêmea Walton, jogando um punhado de purê de batatas em uma ex-garota Dolce. Seu rosto está vermelho de raiva e coberto de lágrimas. A garota se abaixa e a Walton voa atrás dela, gritando de fúria. Ela bate nas costas e eles batem em uma cadeira e depois em alguns espectadores, finalmente caindo no chão.

Agarro o cabelo de Glória para que ninguém perceba que paramos de brigar. — Que porra está acontecendo? — Eu exijo, batendo em sua bochecha com força suficiente para enviar arrepios de dor e prazer queimando minha pele e descendo pelo meu braço.

— Ai, — ela grita. — Você me bateu, porra!

— Sim, eu bati em você, — eu digo. — Estávamos lutando.

Ela estende a mão e agarra um punhado do meu cabelo, puxando minha cabeça para baixo na direção dela. — Eu não queria que você se machucasse, — diz ela. — Mas você não pode simplesmente desistir da luta. Tudo vai desmoronar sem você.

— O que irá? — Eu pergunto, deixando-a levar um bom tapa de sua posição debaixo de mim.

— Sua pequena rebelião, — diz ela.

— Mas você não faz parte da rebelião.

— Sim, mas isso não significa que eu não concorde, — diz ela. — Quem você acha que enviou Quinn e as antigas garçonetes para sua mesa para trazer comida para você todos os dias?

Então era ela. Lembro-me de vê-la arrastar Quinn para o banheiro na manhã de segunda-feira, mas fui rápida em dispensar Gloria e pensar que ela estava fazendo algo maldoso.

— Você está nos ajudando? — Eu pergunto, envolvendo minha mão em torno de sua garganta.

— Querida, estou sempre do seu lado, — diz ela. — Mesmo quando não posso arriscar fazê-lo publicamente.

Eu dou um soco em seu estômago, e seus olhos se arregalam em choque, seu corpo se curvando sobre si mesma. — Que porra é essa? — ela engasga com a dor.

— Isso é pela porra do Royal durante as férias de primavera, — eu digo. — Nunca mais toque nele.

— V-você disse que não se importava, — ela geme, envolvendo seus braços ao redor de sua cintura, seus olhos se enchendo de lágrimas.

— Aquele passe livre foi apenas para a última sexta-feira, — eu digo, inclinando-me e pressionando meus lábios nos dela. — Agora estamos quites.

Sento-me e vejo alguns professores vindo em nossa direção, então estendo a mão para Lo. Ela dá um tapa e se levanta, alisando a saia.

— Se você arrancar um pouco do meu cabelo, vou fazer meu pai processar você e sua mãe inútil também, — ela grita para mim. — Acabei de ter uma explosão!

Eu tenho que segurar o riso de suas travessuras. Agora que conheço um pouco a garota, não posso deixar de admirar toda a vibração de Jekyll e Hyde que ela tem. Ela é como duas pessoas completamente diferentes e pode desligá-lo e ligá-lo em dois segundos.

Os professores correm e a fazem calar, nos separando enquanto ela continua a lançar insultos e ameaças em minha direção. Eu me lembro quando ela fez isso no ano passado, que vadia ela era quando brigávamos. Mas seus pais não apresentaram queixa - foi porque ela disse a eles que não o fizessem? Essa linha de pensamento me traz de volta à minha própria situação. Eles ligaram para alguém que disseram ser meu pai, que na verdade era o doador anônimo da minha bolsa de estudos. Baron ou talvez o Sr. Dolce conversou com eles e disse que eu não daria queixa contra Gloria. Claro que sim. Eles amam os Waltons.

Pelo menos, eles fizeram no ano passado. Royal impediu seu pai de renovar a bolsa de estudos de Lo este ano, no entanto. Foi Preston quem lhe deu uma.

— Isso foi uma loucura, — Dixie fala, interrompendo meus pensamentos e me puxando para a multidão de curiosos. — Quer me dar uma declaração para o blog?

— Estou bem, — digo, sacudindo as mãos e pulando na ponta dos pés, tentando dissipar a adrenalina não gasta. Eu gostaria que Gloria tivesse realmente me deixado lutar com alguém. Agora estou toda irritada e insatisfeita, como quando você chega perto de um orgasmo realmente bom e depois o perde no último momento.

Vejo Magnolia esparramada em uma cadeira, parecendo atordoada. Ela tem purê de batatas no cabelo, que está espetado em tufoes esquisitos, e ketchup na

bochecha. Eu circulo a mesa e me agacho ao lado dela. — Você está bem?

Ela vira seus olhos azuis bebê na minha direção e pisca algumas vezes. Seus cílios postiços estão tortos de um lado, e eles tremulam para mim enquanto ela tenta se concentrar. — Eu... Meu telefone, — ela murmura.

— Vamos, — eu digo, pegando a mão dela. — Nós vamos ao banheiro e te limpar. Ok?

Ela balança a cabeça em silêncio, deixando-me puxá-la para o banheiro do café. A enfermeira está cuidando de Rylan, que parece ser o único que se machucou seriamente, embora alguns outros professores estejam conversando com pessoas no chão e distribuindo gaze para lábios rachados e compressas de gelo para hematomas.

Pelo menos uma dúzia de garotas estão enfiadas no banheiro. Ignorando seus olhares e sussurros, pego um punhado de toalhas de papel, molho na pia e começo a limpar o rosto de Magnólia. Ela tem uma marca vermelha em uma maçã do rosto, mas fora isso não parece machucada, apenas bagunçada.

Ela não diz nada enquanto eu enxugo o ketchup e ordeno que ela se incline sobre a pia para que eu possa tirar o purê de batata de seu cabelo. O sinal toca e metade das meninas sai. Uma professora enfia a cabeça para dentro e nos manda para a aula, e todos os outros vão embora. Eu me agacho na frente de Magnolia. — Baron machucou você? — Eu pergunto. — Ou tocou em você?

Ela balança a cabeça, os olhos cheios de lágrimas. — Não, — ela sussurra. — Mas ele disse... ele disse... — Ela para, um soluço roubando suas palavras, e joga os braços em volta do meu pescoço. Eu tento manter meu equilíbrio, mas eventualmente desisto e apenas sento no chão do banheiro segurando-a enquanto ela soluça em minha camisa.

Posso imaginar que coisas doentias Baron disse a ela.

A raiva ferve em minhas veias.

Foda-se o Baron Dolce. Só porque ele me deu uma bolsa de estudos, não significa que ele se safa do assassinato. Ele pode não ter feito nada como Sr. D, mas com certeza manipulou aquela situação para conseguir o que queria no final. Ele se livrou de mim, fez Royal me largar quando seu pequeno truque no porão não funcionou, e então ele disse a Royal como eles poderiam me punir. E agora ele está ameaçando e traumatizando as pobres calouras. Mesmo que eu já não sentisse uma afinidade inexplicável com Magnolia, ficaria puta. Esta cidade nunca vai sarar enquanto ele estiver nela, causando estragos nas gerações futuras.

Por fim, Magnólia se senta e enxuga os olhos. Um conjunto de seus cílios sai completamente, e ela dá uma risada trêmula e puxa o outro lado. — Você pegou meu telefone?

Eu balanço minha cabeça. — Eu não vi. Estava uma bagunça lá fora.

— Você acha que teremos problemas?

— Talvez, — eu admito. — Mas não acho que eles vão nos suspender. Havia muitos jogadores de futebol envolvidos. Eles precisam deles para o jogo do Faulkner esta noite, e não podem suspender o resto de nós e liberá-los. Sem mencionar todas as líderes de torcida e dançarinas envolvidas.

Magnólia acena com a cabeça e se levanta para jogar água no rosto. — Quanto a mim? — ela pergunta. — Vou ter problemas por ter meu telefone desligado?

Eu dou a ela um olhar engraçado. — Todo mundo estava com o celular na hora do almoço.

— Eu estava filmando, no entanto, — diz ela. — Na propriedade da escola.

— Você não vai ter problemas, — eu asseguro a ela. — Mas eles provavelmente vão fazer você apagá-lo, especialmente se o pau de Duke estiver nele. Eles não vão querer que se espalhe que esse tipo de coisa acontece aqui.

— Eu não posso apagá-lo, — ela diz, engolindo em seco e virando grandes olhos culpados em minha direção. — Eu estava transmitindo ao vivo no aplicativo *OnlyPics*.

— Então, a boa notícia é que ninguém pagou para ver o vídeo que ela estava transmitindo, — diz Dixie do banco de trás do Mustang de Gloria. Estamos a caminho do jogo e acabei de informá-los sobre o que aconteceu com a caloura depois do almoço.

— Você pode apagá-lo? — Eu pergunto, girando no banco do passageiro. Passei as informações de login que Magnolia me deu, já que nunca usei esse aplicativo. Dixie e Lo parecem saber como contornar isso, no entanto.

— Não há vídeo para apagar, — explica Gloria, olhando para mim com um olhar engraçado no rosto. — Não salva as transmissões ao vivo para assistir mais tarde como algumas outras plataformas.

— O que? — Eu pergunto, notando sua expressão cautelosa.

— Nenhuma coisa.

— Não brinque comigo, — eu digo. — Você não aprendeu a lição na hora do almoço?

— Meu estômago ainda está machucado, então sim, — diz ela. — De qualquer forma, eu só... Bem, neste verão, alguém estava enviando vídeos ao Royal, tipo, cliques pornográficos. De você. Eu observei Baron tentando descobrir quem era, então... É assim que eu sei que você não pode rever as lives.

— Foda-se, — eu digo, colocando minha cabeça para trás no assento. Preston tirou dezenas de fotos de nós fodendo, e eu sabia muito bem o que ele estava fazendo, mas não me importei o suficiente para detê-lo. Também não achei que mais alguém os teria visto. — Então Baron os vigiava também?

— Sim, — ela admite. — E Duke. Mas é isso. Ah, e meu irmão.

Engulo em seco, tentando não vomitar. Imagino todos aqueles caras parados assistindo a um pornô meu sendo fodida com um travesseiro na cara. Não que eles próprios já não tivessem me fodido, mas... eu gostaria que Gloria não tivesse visto isso também. E eu realmente gostaria que ela não tivesse dito nada na frente da colunista de fofocas da escola.

— Você tem uma conta *OnlyPics*? — Dixie guincha atrás de nós. — Você estava fazendo pornografia?

— Hum, não, — eu digo. — E você provavelmente deveria estar mais preocupada que sua futura prima de quatorze anos tenha uma conta do que eu. Eu tenho dezoito anos.

— Vou precisar de detalhes sobre seus cliques pornôs, — diz ela. — Ou vou colocar no blog.

— Você é o diabo, — eu digo. — Conte-me sobre o vídeo de Magnolia. Se Foi? Não há visualizações?

— Infelizmente, ela ativou o clipe de visualização opcional de quinze segundos, — diz ela. — Essa é a única parte do vídeo que foi salva e postada, e ainda está no ar. Essa é a má notícia.

— Alguém viu?

— Mais de mil pessoas, — diz ela. — E tem uma foto bem clara do pau de Duke.

— Você pode apagá-lo? — Eu pergunto, meu coração batendo forte. — Ele tem dezoito anos, graças a Deus, mas não consentiu em ser filmado. Tenho certeza de que eles poderiam processar os Darlings por isso.

— Sim, — diz ela. — Estou deletando agora. Mas se alguém gravou na tela...

— Então é tarde demais, — eu termino, jogando minha cabeça para trás novamente. — Maldita Magnólia. O que ela estava pensando?

— Ela provavelmente estava pensando em conseguir algo que pudesse usar para processar os Dolces, — diz Dixie. — Você percebe a extensão do que eles fizeram com a família dela? Seus tios foram mortos, mutilados e expulsos da cidade. Suas tias foram internadas em instituições mentais e tentaram suicídio. Seus primos foram desfigurados, torturados e espancados. Seu irmão deixou a cidade antes que eles pudessem chegar até ele, mas ela provavelmente não o viu mais do que uma ou duas vezes por ano por causa deles. Você não pode culpar a garota por tentar.

Engulo em seco e pressiono as unhas nas palmas das mãos. Eu sei o que os Dolces fizeram. Eles fizeram isso comigo também. Mas ouvir tudo assim me deixa enjoada. Tem que parar. Alguém tem que detê-los. Mas sempre volto à mesma pergunta.

Como?

— Oh meu Deus, — Dixie grita de repente, sentando-se entre os assentos.
— Aumente o volume!

— O que? — Eu pergunto.

— O rádio, — ela grita, avançando para girar o dial.

— Merda, você quase me tirou da estrada, — diz Gloria por cima da música, cobrindo o coração com a mão. — Não grite assim enquanto eu estiver dirigindo.

— Shhh, — diz Dixie. — Esta é a nova música de Dolly.

— Quem? — Lo pergunta.

— Dolly Beckett, — diz Dixie. — Minha prima. Agora escuta.

— A filha do prefeito? — Eu pergunto. Eu me lembro vagamente de ouvir uma música dela alguns anos atrás, e todos na cidade fizeram um grande alarido, como se pensassem que ela seria a próxima Taylor Swift ou algo assim. Em vez disso, a música desapareceu e as pessoas se esqueceram dela, como fazem depois de uma maravilha de um mini sucesso ou de qualquer outra tentativa esfarrapada de reivindicar a fama em uma cidade pequena. Infelizmente, as únicas celebridades reais que passam por Faulkner são aquelas que se desintoxicam no Cedar Crest, o sofisticado centro de reabilitação nos arredores da cidade.

— Sim, — diz Dixie. — Ela está em LA desde que se formou, mas só lançou uma música. Este é o segundo álbum dela.

Nós obedientemente ouvimos a música com Dixie, já que é sua prima, embora eu não goste muito de pop-country. Embora eu nunca a tenha conhecido, ainda é legal ouvir alguém de sua cidade natal no rádio. Terminada a música, Glória abaixa o volume. Dixie tagarela sobre sua prima até chegarmos à escola e nos envolvemos na loucura do baile. A quadra se alinha no intervalo, todas vestindo roupas que caem até o chão e devem pesar metade das meninas menores na escola. Elas andam no tapete vermelho e acenam para todos, e eu torço por Gloria e Dixie. As gêmeas Walton e outra garota Dolce completam a volta.

As meninas saem do campo, continua o show do intervalo e depois volta o time de futebol. Eu assisto Duke fazendo palhaçada quando ele consegue um touchdown², vejo a cidade amando-o. Eu sou a única que sabe que esses meninos são monstros? A única que se importa?

Se eu os derrubasse, seria o inimigo da cidade em vez de seu salvador

porque tirei seus meninos de ouro? Talvez eles não queiram ser salvos. Talvez eles não mereçam. O que esta cidade já fez por mim?

Não há festa depois do jogo, pois o baile é no dia seguinte. Quando Gloria me deixa, entro em minha casinha enfumaçada. O grande sofá que Royal comprou se foi, deixando um lado da sala vazio, exceto por algumas garrafas de cerveja e pontas de cigarro que rolaram para baixo do sofá, alguns tufo de poeira e os amassados no carpete puído onde as pernas do sofá descansavam.

— Mãe? — Eu chamo, encolhendo os ombros para fora da minha jaqueta.

— Oh, graças a Deus você está em casa, — diz ela, saindo do meu quarto e descendo o corredor em minha direção. Eu endureço, instantaneamente em alerta. Eu conheço essa mãe. Não é aquela que se sentou na cama dela e me disse que estava orgulhosa de mim por ter um sugar daddy³. Esta é a mãe que fala muito rápido, anda muito rápido, seus movimentos são espasmódicos e quase robóticos, mas também exageradamente rápidos. Aquela que ficou fora a noite toda festejando e não dormiu antes de rastejar para casa, distraída, nervosa e descendo. Esta mãe ainda está acordada.

— O que você precisa? — Pergunto com cuidado, observando-a em busca de movimentos bruscos. Já faz um tempo desde que ela voltou para casa, mas isso não significa que eu esqueci seus súbitos acessos de raiva.

— As chaves, — diz ela. — Onde estão as chaves?

— Que chaves? — Eu pergunto, enfiando minha jaqueta debaixo do braço em vez de jogá-la em uma cadeira. A chave que ela quer está no bolso do meu casaco. Sei que não devo deixar algo assim em casa quando saio com amigos.

— As chaves do carro, — mamãe diz impacientemente, estendendo a mão. — Onde elas estão?

— Você não tem carro, mãe, — eu a lembro.

— Querida, eu sei disso, — diz ela. — Mas eu atrasei um pouco meus pagamentos, você sabe, para Bobby Dale, você se lembra dele? Ele já esteve aqui antes, veio à minha festa de despedida. Você lembra? Ele estava com um boné de caminhoneiro, acho que era preto, tinha uma figura de mulherzinha, como se chama? Você sabe, apenas a forma? Como é chamado?

Ela estala os dedos rápido, rápido, rápido.

— Uma silhueta, — eu digo, olhando para esta mulher, desejando que ela pareça uma estranha e não uma figura tão familiar e cansada. — E sim, eu me

lembro de Billy Bob, mas ele não está pegando meu carro.

— Não, não, não, é só pegar emprestado, — diz ela. — Como garantia. Ele só precisa que eu pague de volta, e veja, eu não tenho dinheiro agora, baby. Mas eu vou conseguir, e muito em breve também, você verá. Estou me preparando para conseguir um emprego amanhã, só preciso segurá-lo um pouco.

— Não, mãe, — eu digo, dando um passo para trás.

— Baby, por favor, — diz ela, agarrando meu braço. — Você tem que ajudar sua mãe. Eu sei que nem sempre fui a melhor, mas eu tentei, baby, estou tentando tanto. Eu só preciso de um pouco mais de tempo, e ele vem hoje à noite com seus “garotos”, e eu não tenho dinheiro, então eu disse a ele que ele poderia ficar com o carro até eu conseguir. Vou sair amanhã cedo, vou falar com a Scarlet. Ela está contratando, você sabe. Eu vi uma inscrição no restaurante outro dia. Não o da parada de caminhões, o da cidade, na praça. Já te contei que ela foi para Faulkner comigo? Ela era uma vagabunda regular, deixe-me dizer a você. Lendária por isso também. Ela ajudou a fundar o Slut Club.

— Mãe. — Eu agarro seu ombro, tentando atrasá-la, porque ela está falando a mil por hora, balançando as mãos como uma louca.

— Vamos, menina, só preciso disso por uma noite, talvez um pouco mais, até receber meu primeiro salário. Bobby Dale só precisa saber que posso pagá-lo de volta, e não tenho carro agora, mas você tem, e ele saberá que sou boa para muito se eu puder emprestar um Escalade para ele.

— Mas você não pode deixá-lo pegar, — eu digo. — Eu não vou dar a ele meu carro. Você sabe perfeitamente bem que nunca mais vou recuperá-lo.

— Você vai, — ela grita, agarrando meu braço. — Eu prometo, amor. Você não o conhece como eu, ele é muito honesto, eu juro. Ele vai devolver. Ele vai me machucar se eu não cumprir o que prometi. Você tem que me ajudar, querida. Você não quer que sua mãe se machuque, quer?

Eu a encaro por um longo momento, minha garganta apertada. — Não mãe.

— Eu sabia, — diz ela, jogando os braços em volta de mim. — Agora vamos, me dê as chaves. Ele está a caminho agora. Ele estará aqui a qualquer minuto.

— Não, — eu digo, me afastando. — Eu não vou te dar meu carro. É literalmente tudo o que tenho.

— Apenas diga ao seu homem que você o destruiu, ele vai te dar um novo, — diz ela, agarrando-me novamente, agarrando-se desesperadamente ao meu braço. — O seguro, eles vão pagar.

— Não, eles não vão, mãe. A menos que seja roubado. E não acho que Billy Bob Joe vai gostar se denunciarmos o roubo de um carro depois de pegá-lo emprestado.

— Sim, vamos fazer isso! — ela diz, batendo palmas. — Então você pode conseguir um novo, e ele pode ficar com aquele.

— Mãe, essa é uma péssima ideia, — eu indico. — Ele vai ser preso e seus 'garotos' virão te matar.

— Ele vai fazer isso de qualquer maneira se eu não pagar, — diz ela freneticamente. — Estou recebendo Alice dele há um mês. Agora se apresse, baby, você tem que me dar essas chaves. Apenas me ajude aqui, só desta vez. Eu prometo, eu não pediria se não estivesse desesperada, e você tem dinheiro agora, você pode simplesmente pedir um pouco mais a àquele Darling. Eles têm muitos. Ele nos ajudou antes, ele não vai se importar em me ajudar mais uma vez.

Eu fecho meus olhos, pressionando meus lábios juntos. O maldito Preston teve que me comprar todas aquelas roupas, e Royal com o carro chique... Antes de agora, eu era invisível para minha mãe. Enchi os armários com comida e ela fingiu que não percebeu para não ter que perguntar onde consegui o dinheiro. Mas comprar mantimentos é uma coisa.

Ter um carro chamativo me torna um alvo.

Agora eu consegui. E as pessoas que chamam atenção atraem sanguessugas como a minha mãe.

— Vou te levar a algum lugar, — eu digo. — Então você não estará em casa quando ele chegar aqui. Mas isso é tudo que estou disposta a fazer, mãe. Você não pode ficar com o meu carro.

Ela me encara por um minuto, suas minúsculas pupilas fixas em mim como se ela estivesse tentando fazer um buraco na minha testa e descobrir a localização das chaves. Então eles ficam duros, brilhando de fúria. — Sua pequena ingrata...

Ela levanta a mão, mas eu dou um passo para trás, erguendo os punhos. — Você realmente não quer me bater, mãe, — eu digo, movendo minha mão o suficiente para fazer seu olhar cair sobre a arma cobrindo meus dedos em seu abraço protetor. — Não vai acabar bem para você.

— Eu trouxe você a este mundo, — ela retruca. — Eu posso te levar de volta. Agora me dê a porra das chaves.

— Você vai ter que encontrar seu próprio caminho para sair dessa bagunça, — eu digo. — Você tem cerca de dois minutos para entrar no carro, ou sua carona vai embora sem você.

Eu me viro e saio, destrancando o carro enquanto vou. Olhando para cima e para baixo na rua, corro para o lado do motorista, meu coração dispara quando vejo um par de faróis virando na Mill. Entro no Escalade e ligo o motor, meus dedos tremendo. Não tenho nenhum interesse em estar aqui quando o traficante da mamãe e sua gangue de viciados aparecerem.

Espero que ela saia correndo e entre no carro, mas ela não o faz, e não vou arriscar voltar para buscá-la. Eu sou vulnerável, mesmo com um par de soqueiras na minha mão. Só o carro me dá segurança, a grande carroceria de aço, o peso, o tamanho.

Eu saio da entrada para que ninguém possa me bloquear, então buzino algumas vezes. Uma luz se acende na casa de Blue, e espero que ela saia para que eu possa ter alguém com quem conversar, alguém que entenda. Mas ninguém sai. Depois de mais alguns minutos, uma caminhonete vira na rua e decido que é hora de ir. A mamãe vai ter que pagar da forma que costuma fazer.

Como ela, porém, não tenho para onde ir. Enquanto sigo pelas ruas vazias de Faulkner, me pego desejando que ela tivesse aparecido. Sim, ela está drogada com a droga de marca do Baron e chapada pra caralho, mas uma vez que ela não estava apavorada e me pedindo dinheiro, ela provavelmente seria boa para rir, pelo menos. Afinal, ela consegue prender muitos caras por alguns dias ou semanas. Ela provavelmente está mais alta do que no dia anterior, e eu já lidei com isso o bastante.

Mesmo que ela seja irritante, ela é previsível o suficiente para que eu possa lidar com ela. E ela é família, toda a família que eu tenho. Pelo menos eu não estaria sozinha.

Passei tanto da minha vida querendo sobreviver sozinha, afastando todos que chegavam perto, mantendo distância. Agora, é o último lugar onde quero estar. Me Faz me sentir fraca saber o quanto passei a depender dos outros, a desejá-los. Mas também me faz sentir fraca e vulnerável por estar sozinha.

Sei que poderia ligar para Royal, mas estou muito mal depois daquele encontro com minha mãe. Não posso ficar com ele agora, não posso lidar com mais do que já tenho na cabeça agora. Então eu paro em um semáforo e, enquanto espero que fique verde, mando uma mensagem para o outro homem

em minha vida, aquele que abriu um espaço seguro para mim e o me guardou enquanto eu me escondia lá dentro até me curar o suficiente. Para voltar ao mundo. Aquele que torna minha vida mais fácil, não mais difícil.

BadApple: Posso ir aí?

SilverSwan: sim

O semáforo muda e viro para lá, seguindo para o norte da cidade na interestadual. Não dirijo assim há semanas, e meu pulso acelera quando passo pelos campos de algodão no caminho, depois pelos arrozais. Eu desligo em sua entrada, meu coração ainda batendo de forma irregular no meu peito. Eu paro em seu portão e digito o código de sua garagem, já que não tenho mais a chave. Não funciona, então tenho que voltar para o meu carro e mandar uma mensagem para ele. Estou inexplicavelmente magoada por ele ter mudado o código da garagem.

Preston não é santo, mas ele é a razão de eu estar viva agora. Não apenas porque ele me puxou daquela árvore, embora tenha salvado minha vida naquele dia. Não tenho dúvidas de que eu teria morrido se não fosse por ele, porém - mais de uma vez. Com ele tudo sempre foi simples, tão simples quanto eu precisava. Ele permitiu isso, para o que eu precisasse, e não pediu mais.

Ele não precisava. Ele pegou o que precisava também.

Um minuto depois, a porta da garagem se abre. Preston está parado na porta que leva da garagem para a casa, sua máscara cobrindo a metade superior do rosto e uma arma na mão. Só quando estaciono o carro e saio é que ele abaixa a arma alguns centímetros. — Você está sozinha? — ele pergunta, apontando o queixo em direção ao carro.

— Sim, estou sozinha, agora pare de apontar uma arma para mim.

— Da última vez você apareceu com um Dolce, — diz ele. — Você não pode me culpar por trazer uma arma para um tiroteio.

— Isso não é um tiroteio, — eu digo. — Eu estou sozinha, minha mãe surtou e eu não podia ficar em casa.

Ele me examina. — Royal terminou com você de novo?

— Podemos não fazer isso? — Eu pergunto. — Eu só precisava de um lugar para ir, ok?

Ele deve ter ouvido algo na minha voz, porque ele coloca a trava de

segurança e enfia a arma na parte de trás da calça. Então, ele me puxa para seus braços e me abraça forte, pressionando seu queixo pontudo no topo da minha cabeça. Dói, mas não me importo. Quero a dor que me ancora, o cheiro de seu sabonete, a familiaridade de seus braços. Ele é a coisa mais próxima da família que tenho além da minha mãe.

— Você pode passar a noite? — ele pergunta depois de um tempo.

Eu viro meu rosto em seu peito, pressionando minha testa em seu esterno.
— Preston...

— Eu não deveria mais querer você? — ele pergunta. — Você não é uma Darling.

— Não é por isso que estou aqui.

— Ok. — Ele me aperta com força e depois se afasta, segurando-me no comprimento do braço. — Você está bem?

— Na verdade, não.

— Eu convidaria você para subir, mas não sobrou nada além de alguns móveis.

Meu coração tropeça no peito quando me lembro do que eles fizeram com sua casa chique no ano passado, do jeito que não sobrou nada além de uma bomba quando eles terminaram de bombardeá-la com seu ódio. — O que aconteceu? — Eu pergunto, olhando para ele, meus braços ainda em torno de seu corpo forte e esbelto.

— Eu vendi o loft, — diz ele.

— Por minha causa, — eu digo, me sentindo uma completa idiota.

— Porque os Dolce sabem onde eu moro.

— Eu sinto muito.

— Quer ir a algum lugar? — ele pergunta.

— Claro, — eu digo, finalmente me afastando. — Quer me mostrar sua nova casa?

— Você ainda se relaciona com os Dolces?

— Não tenho certeza, — admito. — Provavelmente.

— Então não. — Ele puxa as chaves do bolso e as entrega para mim. — Ligue a caminhonete. Vou carregar os caiaques. Eu tenho uma ideia.

Quero perguntar que porra estamos fazendo com os caiaques, mas ele já foi retirá-los de onde estão pendurados na parede. Ele os carrega na caçamba da caminhonete enquanto eu ligo a caminhonete e depois sento lá olhando para ele, admirando a beleza na maneira como ele se move. Percebi no final do meu tempo com ele, quando comecei a voltar para mim, como ele é tão gracioso e forte quanto algum tipo de felino grande, como uma pantera ou um leopardo. Mas sou mais eu mesma agora, mais capaz de apreciá-lo sem precisar dele.

Parte de mim deseja que eu precise dele, que eu possa amá-lo do jeito que amo Royal, que eu possa sentir algo por ele que eu não sinto. Qualquer amor que meu coração seja capaz de dar, ele dá. Eu amo Preston, suponho, de alguma forma. Mas não sou capaz de amar outra pessoa como amo Royal, como poderia ter amado antes de ele me destruir. Agora, a única pessoa que amarei desse jeito é o garoto que me quebrou.

E Preston merece mais do que meu tipo de amor provisório e remendado.

Enquanto o estudo, tento me lembrar de como ele era antes, na foto de família que vi na casa de Lindsey. Seu rosto era tão bonito quanto o resto dele? Não consigo me lembrar. O rosto cheio de cicatrizes e a máscara que conheço há tanto tempo substituem a imagem quando tento. Ele não é mais aquele garoto, de qualquer maneira. Ele é o homem da máscara, o Fantasma.

Ele sobe pelo lado do passageiro, trazendo-me de volta à realidade, lembrando-me de que nunca saí de seu assento depois de ligar o carro. Eu estava muito ocupada observando-o.

— Quer dirigir? — Eu pergunto.

— Não, — diz ele. — Você precisa dirigir hoje à noite.

— Ok, — eu digo, dando-lhe um olhar engraçado. Ele não explica, porém, então eu saio da garagem. — Para onde?

— Pegue a estrada, — diz ele.

Eu obedeço e, alguns minutos depois, estamos voltando para Faulkner. Ele me diz para sair na saída antes disso, porém, e depois voltar, indo para o norte desta vez. — Você está apenas me levando em um círculo? — Eu pergunto. — Onde estamos indo?

— Você confia em mim?

— Umm... Agora?

— Sim.

— Menos do que eu fiz alguns minutos atrás.

— Vamos voltar para onde te encontrei.

— O que? — Eu pergunto, lançando um olhar assustado em sua direção.
— É melhor você estar brincando.

— Eu não estou.

— Você é louco, — eu digo. — De jeito nenhum eu vou voltar lá. Nunca.

— Puxe aqui, — diz ele. — Foi aqui que localizei o Hummer de Duke.

— Não, — eu digo, mantendo a caminhonete em uma velocidade constante enquanto passamos pelos arrozais. — Eu nem gosto de olhar para lá. De jeito nenhum vou entrar voluntariamente.

— Eu não vou forçá-la a ir, — diz ele. — O que significa que você está indo voluntariamente.

— Nunca vai acontecer.

— Eu vou com você, — diz ele. — Você sabe que eu não vou te machucar.

— Eu percebo isso, — eu digo. — Mas eu não sou Royal. Eu não sou tão masoquista. Eu não vou voltar para o lugar onde fui destruída. Não importa o que aconteça pelo resto da minha vida, nunca será pior do que aquela noite. Nada pode ser pior. Eu poderia ser atropelada por um carro, levar um tiro no rosto e ser pendurada em uma ponte, e ainda assim seria melhor do que o que aconteceu naquele pântano. Você entendeu, Preston? Morrer teria sido melhor.

— Você está chateada por eu ter salvado sua vida?

— Não, — eu digo. — Mas ainda teria sido mais fácil morrer.

— Tente de novo, — diz ele, estendendo a mão e colocando uma mão reconfortante na parte de trás do meu assento. — Apenas continue dirigindo até que esteja pronta para parar.

Eu paro em sua saída, então viro e vou para o sul novamente. Eu não sei por quê. Eu poderia dirigir em círculos a noite toda e nunca estarei pronta para voltar lá.

— Isso é inútil, — eu digo enquanto passamos pelos arrozais novamente.

— Os lugares só têm tanto poder sobre você quanto você permite, — diz ele.

— Tente dizer isso para Royal.

— Aquela ponte tem poder sobre Royal porque ele permite, porque ele não está disposto a abrir mão. Foi lá que a irmã dele desapareceu, e essa é a maneira dele de se manter.

— E o seu é se recusar a acreditar que eles estão mortos? — Eu pergunto. Eu nem estou surpresa que ele saiba do que estou falando. Inferno, ele provavelmente conhece os hábitos de Royal melhor do que eu. Ele rastreia seu carro, então é claro que sabe quanto tempo Royal passa lá. Sempre suspeitei que foi onde a irmã dele morreu, mas é a primeira vez que alguém confirma isso.

— Eles não estão mortos, — diz Preston com total confiança. — E eu não fico esperando que eles apareçam de novo.

— Uh huh, — eu digo. — Então, por que você está tentando me fazer voltar, se não quer?

— Porque eu já deixei ir.

Eu mordo meu lábio, verificando sua reação enquanto eu diminuo o acelerador. É a minha terceira vez, mas meu coração dispara loucamente dentro de mim com a ideia de parar.

— Basta encostar, — diz ele. — Podemos sentar na caminhonete desta vez, se você quiser. Da próxima vez, talvez possamos ir mais longe.

Encosto no acostamento da rodovia e paro a caminhonete. Então eu apenas pressiono meu punho contra o peito, tentando evitar que ele se abra e derrame o conteúdo do meu coração quando ele explodir de tanto bater. Preston esfrega meu ombro e pescoço, como se uma pequena massagem nas costas fosse o suficiente para consertar essa tensão.

— E as pessoas? — pergunto, virando-me para ele e apoiando o braço na parte superior do volante. — Você deixou os Dolces terem poder sobre você.

Ele balança a cabeça. — Eu sou o único que eles não foram capazes de controlar, o único sobre o qual eles não têm poder. É por isso que eles me odeiam mais.

— E, no entanto, você está saindo de casa por causa deles.

— Há uma linha tênue entre manter sua dignidade e perder sua vida por orgulho tolo. Posso me curvar quando é preciso sobreviver, mas não quebro.

— Engraçado, tenho certeza que seu primo disse algo assim.

— Colt não tem orgulho, — diz ele. — Ele chupou seus paus e rastejou na terra para eles há muito tempo.

— Ele também está indo para Willow Heights enquanto você teve que desistir.

Ele dá de ombros. — Acho que todos nós fazemos o que achamos certo. Eu não estava disposto a comprometer o que ele tem, mas sou prático o suficiente para saber quando a autopreservação vem acima do orgulho. Prefiro me mudar para um novo apartamento do que me curvar e dar uma surra neles todos os dias só para continuar morando lá.

— Interessante escolha de palavras, — murmuro.

— Como assim? — Ele inclina a cabeça para o lado, me observando com seu olho bom de uma forma que me lembra muito a maneira como Baron estuda as pessoas, aquela curiosidade intensa que ilumina seus olhos.

— Não importa, — murmuro, abrindo a porta e saindo. — Vamos.

— Tem certeza? — Preston pergunta, saindo também.

— Sim, vamos, — eu digo, porque eu não quero perder a coragem, e pensar em outra pessoa é a única coisa que me faz continuar.

Preston não diz nada, mas eu o sinto me estudando enquanto ele coloca uma lanterna na minha cabeça e derruba os caiaques. Ele coloca um nas minhas costas e me mostra como carregá-lo, e eu começo a atravessar o arrozal sem esperar por ele. Meus pés pisam na lama e a água começa a infiltrar-se em minhas botas. Tem chovido, então os corredores estão cheios de água, assim como no ano passado. Também está quente como quando me trouxeram para cá na primavera passada, então as cobras vão se mover devagar, se é que estão fora de casa.

O caiaque é pesado nas minhas costas, e focar nele me impede de pensar no que estou fazendo enquanto sigo meu caminho pela área aberta em direção à floresta escura do outro lado. Isso é totalmente diferente. Eu não estou assustada. Eu não sou vulnerável. E além das minhas justificativas, ele tem razão.

Eu confio nele, assim como o amo - com o melhor de minha capacidade.

No momento em que chego ao outro lado do campo de arroz, Preston me alcança. Meu coração está batendo de forma irregular, e posso dizer que escorreguei um pouco para dentro da minha concha, como faço toda vez que repasso as razões pelas quais não preciso ter medo. Sim, estou sozinha aqui com um homem armado, mas o que ele vai fazer comigo? Ele já me fodeu de todas as maneiras que ele quer, e ele não gosta de machucar as pessoas. Se ele quisesse me matar, ele poderia fazê-lo.

— Como você está indo? — ele pergunta, colocando seu caiaque no chão e pegando o meu.

— Tudo bem, — eu digo, cravando minhas unhas nas palmas das mãos até sentir a pele cortar, a dor aliviando meus pensamentos acelerados.

— Poderíamos atravessar, — diz ele. — A água é rasa para um caiaque, mas será mais rápido. Além disso, não há cobras desta forma. Se você ficar presa, apenas grite, e eu farei você andar de novo.

— Ok.

Ele coloca o caiaque na água, entrando e segurando-o enquanto eu subo. Nunca andei de caiaque na vida, mas ele me mostra como usar o remo e depois me solta. Começo a remar, movendo-me para as árvores. Novamente me ocorre como é estranho que ele confie tanto em mim, assim como todas as vezes que ele me deu sua caminhonete. Talvez seja ele quem deveria ter medo, mas não tem. Os homens são tão destemidos.

Eu pego o jeito de remar com bastante facilidade, deslizando pela água rasa e me empurrando para fora das raízes das árvores com o remo. Não sei se estou danificando o equipamento fazendo isso, mas é mais fácil do que dirigir, e ele não diz nada. Só sei que ele está atrás de mim porque posso ver o fecho de seu farol junto com o meu. De vez em quando, ele me diz para virar para a direita, mas, fora isso, o único som é o de nossos remos mergulhando na água turva. É estranho no pântano, mas não sinto o terror que esperava. Não há lembranças se fechando, nem relâmpagos de *déjà vu* que me tiram o fôlego. É como se eu nunca tivesse estado aqui.

Eu estava muito apavorada no caminho para o pântano no ano passado para prestar atenção ao meu redor, muito profundamente em estado de choque na saída, quando Preston me carregou enrolada em um cobertor por todo esse caminho. Mesmo em um caiaque, movendo-me sem a resistência de atravessar a água na altura das coxas, posso dizer que é um longo caminho. Lembro-me de correr e da perseguição com os gêmeos, suas palavras provocantes enquanto me

perseguiam pelo pântano como uma presa. Parecia que eles não me pegariam.

Mas não me lembro muito mais que isso. Minha mente estava vazia de terror.

Em vez de revivê-lo, me pego imaginando a jornada de Preston. Imagino-o vindo aqui sozinho à noite, sem saber se encontraria um corpo ou um estoque de bens roubados, se encontraria alguma coisa. Sem saber se estava caindo em uma armadilha.

Eu me pergunto quanto tempo ele vadeou pela água antes de me encontrar. Lembro-me de ouvir sua voz, como isso me acordou. Eu o imagino lançando a luz de seu farol ao redor, como isso seria assustador se eu estivesse sozinha, sem sua presença reconfortante nas minhas costas. Ele devia estar determinado como o inferno para vir até aqui.

Imagino o que ele pensou quando sua luz finalmente me atingiu. Quando ele me viu amarrada, pendurada naquela árvore, meu corpo amarrado e amordaçado com o capuz que cobria minha cabeça. Vejo essa imagem em minha mente, aquela que ele me mandou mostrar aos gêmeos, o sangue escorrendo pelos meus braços, dos pulsos amarrados aos ombros, pelas pernas até o chão.

— Aqui, — diz Preston. Eu me viro e o vejo olhando para o telefone. Ele o coloca e puxa o caiaque até a base de uma árvore. Há uma pequena ilha de sujeira ao redor da base da raiz inchada. Parece tão pequeno que não tenho certeza se mais de dois meninos poderiam ter subido nele ao mesmo tempo.

— Tem certeza? — Eu pergunto. — Você consegue encontrar algo tão preciso só com o seu telefone?

— Sim, — ele diz, puxando meu caiaque até a árvore também. — É como geocaching⁴.

Como geocaching.

O ridículo de sua declaração me parece hilário, e tenho que me forçar a não rir. Ele pega minha mão e me ajuda a sair, e ficamos parados na pequena colina, a centímetros de distância. Eu poderia estender a mão e tocar a árvore onde eles me amarraram.

— E agora? — Eu pergunto.

— Depende de você, — diz ele. — É o seu exorcismo.

Novamente me impressiona como sua escolha de palavras é adequada.

Royal é meu demônio, mas não pode ser exorcizado. Como um vício, as pessoas dizem que você precisa realmente querer parar antes que funcione. Acho que nunca quis largar Royal, mesmo quando o odiava. Ainda o odeio metade do tempo, mas seu demônio me invadiu, criou raízes. É parte de mim. Quando entrei na escuridão, ela se tornou parte de mim. Nunca posso realmente sair. Tornou-se meu, fundiu-se comigo. Tentar exorcizar Royal seria como tentar separar dois tentáculos de fumaça depois de combinados em um.

Quando entrei em sua escuridão, ela entrou em mim. E não quero que saia.

— Eu trouxe coisas, — diz Preston, pegando uma mochila. — Eu tenho uma machadinha. Gasolina e fósforos. Posso deixá-la sozinha e ir até lá por um minuto, se quiser ficar sozinha. Inferno, eu tenho comida se você quiser sentar aqui e fazer a porra de um piquenique.

— Eu não entendo você, — eu digo, balançando a cabeça. — Nunca vou entender por que você é tão legal comigo.

— Legal? — ele pergunta, um fantasma de um sorriso em seus lábios. — Você não acabou de me acusar de tirar vantagem de você e não dar a mínima se você queria que eu fodesse você todas aquelas vezes?

— Isso também é verdade, — eu digo. — Mas você não precisa mais ser legal comigo. Você nem precisa falar comigo. Você poderia ter me dito para me foder quando mandei uma mensagem. Eu não sou uma Darling. Você não é responsável por mim só porque me resgatou aqui, Preston. Eu ainda amo Royal. Você deveria me odiar.

— Todos nós temos demônios, — diz ele. — Nós apenas lidamos com eles de maneiras diferentes.

Eu aceno lentamente. — Então eu não sou seu sol. Eu sou seu demônio.

Ele dá de ombros. — Algumas pessoas tentam expiar seus pecados. Algumas pessoas os repetem. De uma forma ou de outra, esta cidade fode todo mundo. Mas ainda é minha cidade, e eu falhei. Se eu vejo uma maneira de ajudar pelo menos uma pessoa, não é meu trabalho pelo menos tentar?

— Cale a boca e me alimente, — eu digo. — Você vai me fazer chorar.

Preston balança a cabeça e abre sua mochila, mas vejo o sorriso que ele está escondendo, e isso faz meu coração partir por ele. Ele merece muito mais do que posso lhe dar, muito mais do que esta cidade. Nunca farei por ele o que ele está fazendo por mim agora. Esta cidade nunca fará por ele o que ele está fazendo por ela.

— Talvez o lugar real que tenha poder sobre nós não seja um pântano ou uma ponte, — eu digo. — Talvez seja uma cidade.

Preston estende um cobertor e eu me sento com as costas contra a árvore e os calcanhares bem na beira da água. Ele coloca dois tipos de bolachas sofisticadas, azeitonas, queijos, fatias de carne com pimenta-do-reino grossa cobrindo as bordas, finas folhas de salmão defumado que se desfazem em camadas escamosas e uma garrafa de vinho.

— Pessoas ricas, — eu digo, revirando os olhos.

— Você não come queijo e bolachas?

— Quanto custou esse vinho?

Ele dá de ombros. — Não sei. Não muito. Provavelmente cinquenta dólares. Eu não sabia se você iria querer, então não trouxe as coisas boas.

Eu apenas balanço minha cabeça. — Uma garrafa de vinho barato custa cinco dólares, não cinquenta. Você poderia ter trazido Post, Saltines e uma lata de queijo em spray, e eu não saberia a diferença.

— O que é queijo em spray? — ele pergunta, parecendo surpreso.

Eu não posso deixar de rir. Pego alguns biscoitos e faço um pequeno sanduíche com eles.

— Você está aceitando isso muito bem, — ele diz, me observando enquanto enfia um saca-rolhas na rolha de vinho. — Você está bem?

— Reprimindo totalmente algumas memórias agora, — eu digo. — Enriqueça-me, parceiro.

Ele trouxe taças de vinho de verdade, o que me diz que provavelmente nunca fez um piquenique na vida. Não que eu tenha, também, mas até eu sei que as pessoas geralmente não trazem artigos de vidro. Depois de me entregar uma generosa quantidade de vinho, ele se senta ao meu lado.

— Para deixar ir, — diz ele, batendo o vidro contra o meu. — Quando você estiver pronta.

— Estou chegando lá, — eu digo. — Ou ficando bêbada. Ainda não decidi.

Bebo o vinho muito rápido, mas não me importo. Há uma sensação

descontrolada e imprudente dentro de mim, como se eu estivesse oscilando em algum limite. Não estou pronta para enfrentar o que está de lado, mas sei que terei que enfrentar se cair dessa maneira. Não tenho certeza se posso lidar com isso sem um pouco de álcool para proteger a aterrissagem.

— Posso te perguntar uma coisa, — digo, estendendo meu copo para encher novamente.

— Você pode perguntar.

De repente, lembro-me dele dizendo isso quando fiz uma pergunta online, quando ele era o Silver Swan. Não sei por que isso me deixa mais nervosa. Eu sei quem ele é há uma semana. Ele nunca foi o Sr. D. Mal tínhamos conversado antes de ele me encontrar.

— Você estava me perseguindo antes de vir aqui, — eu digo. — Você estava na minha casa. Eu vi suas pegadas e você falou com minha vizinha. Por quê?

— Você salvou minha irmã, — diz ele. — Você me disse quando ela estava com problemas. Eu queria retribuir, mas como você sabe, não gosto de ser visto. Eu estava lá quando sua eletricidade foi cortada um dia, então paguei a conta.

— Você não sabia que estava procurando por mim quando veio aqui?

— Não, — ele admite. — Eu não sabia o que iria encontrar. Eu só sabia que havia algo incompleto acontecendo quando o Hummer de Duke veio aqui e depois saiu e depois voltou. Esperei, e então esperei até ter certeza de que eles não voltariam, e então comecei a procurar o que quer que eles tivessem deixado.

— Uau, — eu digo, um arrepio percorrendo meu corpo quando percebo o quão perto cheguei da morte. É um milagre que ele tenha procurado por tanto tempo, que ele me encontrou aqui. É uma prova de seu ódio pelos Dolces, sua determinação em derrubá-los. Se ele fosse o Sr. D, ele teria me ajudado a fazer isso no ano passado, antes que eles me pegassem.

— Você é como meu anjo da guarda vingador, — eu digo depois de um tempo.

Ele solta um pouco de ar de escárnio. — Definitivamente não é qualquer tipo de anjo.

— Você ainda tem o cobertor, certo? — Eu pergunto. — E aquelas fotos. Você acha que seria suficiente, se quiséssemos usá-las?

— Você quer que Royal seja preso?

Eu balanço minha cabeça. — Royal não fez isso.

— Sêrio? — ele pergunta, recuando.

— E por mais que eu queira colocar os gêmeos na prisão perpétua, não acho que isso vai ajudar muito. Monstros fazem monstros.

— Então você quer ir para a raiz.

— Senhor Dolce os trouxe aqui. Ele os fez quem eles são. É ele quem está envenenando esta cidade, não é?

— Desde o dia em que ele voltou, — Preston concorda. — Faulkner nunca mais será do jeito que era. Eles arruinaram tudo com seu dinheiro sangrento. Mesmo se formos à polícia, metade deles está no bolso de Tony Dolce. Ele elegeu os juizes e provavelmente encontraria uma maneira de subornar ou intimidar os jurados se fosse a julgamento.

— Então o que nós podemos fazer?

— O que eles fizeram conosco, — diz Preston.

— O que?

— Expulsá-los da cidade, — diz ele. — Essa é a única maneira de começar a cicatrizar.

— Tudo bem, — eu digo, mastigando lentamente uma azeitona. Ela não é aquele tipo preto que vem na pizza, nem mesmo os verdes com centro vermelho. Não, os dele são roxos e marrons revestidos de óleo. — Se quisermos fazê-los partir, precisamos saber o que os faz ficar.

— Vingança, — diz ele imediatamente.

— Certo, — eu digo. — Vingança em você, em sua família, porque eles te culpam pela morte de sua irmã.

— Desaparecimento.

— Ok, o desaparecimento dela, — eu digo. — O que significa que eles precisam ser encontrados, e imagino que, se todos os seus milhões e os milhões deles não conseguiram encontrá-los, eu também não conseguirei.

Preston bebe seu vinho e não responde.

Eu jogo um pouco mais no meu copo e continuo. — E se nos livrássemos de tudo aqui que os lembrasse dela, tudo que os ligasse a Faulkner?

— Você quer queimar a ponte para a casa do meu avô? Essa é a única maneira de entrar ou sair.

— Isso seria uma coisa ruim?

Ele limpa um pouco de comida do canto da boca com a língua antes de responder. — Não.

— E se... E se se vingar dele for a única maneira de dar um fim aos Dolces? — Eu pergunto. — Ele é o patriarca de sua família, como Tony é deles. Se se livrar dele é a única maneira de se livrar de Tony...

— Então eu faria isso, — diz Preston.

— Sério?

— Num piscar de olhos.

— Você não gosta muito do seu avô, não é?

Ele dá de ombros. — Você tem razão. Ele é tão culpado quanto Tony Dolce. Eles podem ter começado isso, mas ele aprofundou. Ele piorou as coisas e não desistiu quando o resto da nossa família estava disposta a ir embora.

Eu aceno, terminando meu vinho. Eu definitivamente estou sentindo isso agora. Queria não ter bebido tanto, mas faz muito tempo que não bebo, que confio em alguém o suficiente para me deixar baixar a guarda e não ter que ficar em alerta, cuidando de mim. Hoje à noite, Preston está cuidando de mim.

— Você me ajudaria se eu quisesse levá-lo para Royal de alguma forma, para que Royal pudesse se vingar?

— Confie em mim, Royal conseguiu vingança, — diz Preston. — Se ele quisesse matar o vovô Darling, ele teria matado. Mas ele prefere vê-lo reduzido a nada para poder se vangloriar. Ele literalmente castrou o velho.

— O que?

— Ah, seu namorado não te contou isso? — Preston diz, balançando a cabeça. — Sim. Esse é o MO deles. Vovô Darling também não é o único a enfrentar esse desmembramento em particular.

— Merda, — eu digo, inclinando a cabeça para trás e fechando os olhos. —

Não é de admirar que você não queira que eles saibam onde você mora.

Eu acredito nele. Royal não mata – geralmente não. Ele gosta de deixar as pessoas viverem para sofrer. Mesmo se eu trouxesse o avô de Preston para ele, ele não o mataria. Ele já se vingou e não ajudou.

— Eles destruíram ou expulsaram todos da minha família, — diz Preston. — E ainda não é o suficiente. Olhe para a minha cara, Harper. Você pensaria que seria o suficiente para eles, mas sua sede de vingança só aumenta quanto mais eles tentam saciá-la. A única maneira de acabar é se acabarmos com eles.

— Ou faça as pazes com eles, — murmuro em voz alta. Tem que haver alguma maneira, algo que possa unir essas famílias. Talvez haja muito sangue ruim para haver amizade entre eles, mas a paz deve ser possível. Um fim para a rixa, uma trégua entre eles.

— Não há como fazer as pazes, — diz Preston. — Estávamos dispostos – pelo menos alguns de nós. Tentamos argumentar com eles após o desaparecimento, mas eles simplesmente enlouqueceram. Já se passaram três anos, Harper. Eles não vão deixar passar. E agora Tony quer construir este cassino. Parece que é só por despeito arruinar a cidade como a conhecemos.

— Então ele é o problema, — eu digo, balançando a cabeça. — Tem que haver uma maneira de fazê-lo sair, ou pelo menos fazê-lo controlar seus filhos.

— Não acho que ele controle Royal, — diz Preston. — Royal é quem procura vingança. Tony está apenas procurando uma oportunidade para explorar o lugar.

— Você sabe por que Royal quer vingança? — Eu pergunto, meu coração de repente martelando quando penso no que Royal me disse na varanda dos fundos de Gideon.

— Sua irmã, — diz Preston, dividindo o resto do vinho entre os nossos copos.

— Você não acha que parte disso é porque sua família o sequestrou? — Eu pergunto, observando-o para uma reação. Preston não me assusta, mas é uma cobra escorregadia, enganosa quando lhe convém.

— Nós não o sequestramos, — diz ele. — Ele e sua família tentaram nos fazer parecer que sim.

— Então é culpa dele que você o agrediu?

— Eu não fiz merda nenhuma com ele, — diz Preston. — Deixaram ele amarrado na casa do meu avô. O que eles esperavam que acontecesse? Eu não deixaria minha própria irmã sozinha em um quarto com aquele homem.

— Ainda parece que você está culpando Royal pelo que aconteceu com ele.

— Ele ajudou a ser assim, — diz Preston. — Eu não o culpo. Ele era um garoto. Ele provavelmente não sabia nada sobre isso. Mas seu pai deveria saber. E agora... É difícil se sentir mal quando algo ruim acontece com alguém assim. É como se sentir mal quando você descobre que um serial killer foi abusado quando adolescente.

— O que aconteceu com ele não justifica o que ele está fazendo agora,— eu digo, principalmente para mim mesma. Eu disse algo semelhante quando Royal me contou o que aconteceu quando ele foi sequestrado.

Preston termina seu vinho e começa a embrulhar o copo de volta, para que não quebre em sua bolsa.

— Você sabe o que aconteceu com ele quando seu avô o encontrou?— Eu pergunto a Preston. — Quando ele o levou para o covil dos Swans?

As mãos de Preston vacilam, e então ele cuidadosamente começa a pegar os biscoitos. — Você sabe? — ele pergunta, suas palavras medidas.

— Sim.

Ele enfia os biscoitos de volta na bolsa. — Estou surpreso que ele disse isso a você.

— Então, você sabe, — eu digo, meu coração martelando. Eu queria que ele dissesse que não era verdade, que Royal estivesse errado e que não sabia de nada. Ele me disse que Preston sabia o que aconteceu com ele da mesma forma que os gêmeos sabiam o que aconteceu comigo quando fui amarrada a esta árvore. Porque eles fizeram isso.

— Sim, — diz Preston calmamente. — Eu sei.

De repente, fico nervosa ao saber que foi aqui que fui atacada, onde quase morri. Eu me encolho longe da árvore, abraçando meus joelhos.

— Você fez isso? — Pergunto, porque nunca fui de deixar uma pergunta sem ser feita, de me esquivar de ouvir a verdade, mesmo quando dói mais. Preston é meu amigo. Eu o amo. Mas eu sei que ele não hesita em usar alguém que não está em estado de protestar.

— Que porra é essa, Harper, — ele diz, virando-se para mim. — Como você pode me perguntar isso?

— Porque Royal disse que você fez.

— E você conseguiu que ele se sentasse na minha caminhonete e não me matasse? — ele pergunta. — Droga, senhorita A. Estou impressionado.

— Você fez? — Eu pressiono. — Eu preciso de uma resposta real.

Eu cometi muitos erros estúpidos no ano passado, assumindo coisas com base nas palavras ou reações das pessoas. Aparentemente, não sou tão boa em ler as pessoas, mesmo que goste de observá-las. Entre ele e o Sr. D, não confio em ninguém que simplesmente não diga o que quer dizer.

Preston tira a máscara e passa a mão pelo cabelo. Seus dedos se enroscam na alça do farol, e ele o puxa, balançando a cabeça. — Não, — diz ele. — Eu não estava lá. Eu descobri depois.

— Sinto muito, — eu digo, tocando seu ombro. — Eu não queria te ofender...

— Você não quis me ofender, — diz ele categoricamente. — Perguntando se eu esturei seu namorado.

— Olha, eu sei que você nunca me machucaria porque você tem alguma coisa estranha de transferência para mim acontecendo com sua culpa sobre a irmã deles, mas você mesmo me disse que tem coisas pelas quais expiar, — eu aponto. — Incluindo algumas linhas bastante confusas quando se trata de consentimento.

— Porque eu me importo com você.

— O que?—

— Eu nunca machucaria você porque me importo com você, — ele diz, virando-se para mim. — Não tem nada a ver com ela. Talvez no começo, sim. Mas eu mal a conhecia. Eu conheço você, Harper Apple. Ele se inclina, pressionando seu ombro no meu, seus olhos semicerrados enquanto seu olhar mergulha em meus lábios.

Por um segundo, eu não me mexo. Espero que sua boca encontre a minha, que ele pegue o que quiser como sempre faz. Meu coração está batendo acelerado, e eu não tenho certeza se estou com medo ou animada que ele vai me beijar.

Quando ele começa a inclinar o rosto em direção ao meu, eu me inclino para longe, no entanto. — Eu também me preocupo com você, — eu digo, meu coração martelando em meus ouvidos. — Mas... não sei se é assim ou não. É muito complicado. Eu me apeguei a você quando estava toda fodida. Eu me senti segura. *Você* se sentiu seguro. Mas não é a mesma...

— Não da mesma forma que você se sente sobre Royal, — ele diz, amargura enrolando as bordas de suas palavras como gelo.

— Eu não acho que você se importa comigo dessa forma, também, — eu digo. — Você merece mais, Preston. Você merece amar alguém em grande estilo, não apenas porque você se apegou ou se sente confortável. E você merece alguém que te ame dessa forma. Só não acho que sou eu.

Ele zomba e pega sua máscara, puxando-a para trás sobre a metade superior de seu rosto. — Claro que não, — diz ele. — Olhe para mim. E olhe para você.

— Preston... — Estendo a mão e toco seu braço. — Não é sobre sua aparência.

— Certo, — diz ele. — Bem, eu não transei com seu namorado, então acho que ainda podemos ser amigos.

— Me desculpe, eu tive que te perguntar isso, — eu digo. — Eu sei que você não gosta de machucar as pessoas, mas... Bem, talvez ele seja a exceção. E em minha defesa, três anos é muito tempo. Sei que não sou a mesma pessoa de três anos atrás, e aposto que você também não.

— Você poderia dizer isso.

Termino meu vinho e entrego a taça a ele. — Não sei que tipo de pessoa você era. Para ser sincera, ouvi coisas que não eram exatamente elogiosas.

— O que quer que você tenha ouvido, tenho certeza de que é verdade, — diz ele. — Criados à imagem do meu avô para assumir a prática, assim como papai, porque éramos os mais parecidos com ele em cada geração.

— Se faz alguma diferença, acho que você não é como ele, — eu digo. — E se você for, então ele é uma pessoa muito boa.

— Ele não é uma boa pessoa, — diz Preston, pegando o resto da comida. — E nem eu. Tirei seu namorado da estrada, vandalizei a casa dele para lembrar à vizinhança que ele é corrupto e fodi com o negócio deles. Quer honestidade? Eu não daria a mínima se ele morresse. Inferno, eu daria uma festa. Mas eu não sou o tipo de monstro que ele é.

Ele termina de enfiar as coisas grosseiramente de volta na sacola e me encara, como se estivesse chateado por eu amar aquele tipo de monstro em vez dele.

— Talvez ele não fosse esse tipo de monstro antes de sua família fazer isso com ele, — eu digo baixinho.

— Talvez você esteja certa, — diz ele, tirando o resto do conteúdo de sua bolsa. — Não sei. Eu não estava lá quando o vovô encontrou Royal. Eu só sei que ele o levou para os Swan para os novos jurados espancarem ele como parte de sua iniciação, e foi longe demais. Não sei quem participou, exceto um dos meus primos.

— Colt? — Eu pergunto, minha garganta está tão seca que não consigo engolir.

— Não, — diz ele. — Colt já era um Swan. Sullivan estava na próxima turma que seria caloura no ano seguinte.

— Aquele que você disse que era obcecado pelo pau de Royal.

— Eu disse que ele estava fodido o suficiente para perguntar esse tipo de coisa, — corrige Preston. — Ele era um adolescente de merda, e nosso avô não é uma pessoa que aceita um não como resposta. Então, sim, ele participou, mas isso o estragou completamente. Ele tem entrado e saído de alas psiquiátricas desde então. Quanto aos outros, presumo que meu avô, talvez meu pai, e possivelmente alguns outros jurados ou ex-alunos do Swan. Qualquer um dos membros atuais que são juniores ou seniores poderia ter estado lá. Mas eles nunca vão te contar. Não é algo que você fale, mesmo que não haja um juramento.

— Juntos por um ato vergonhoso, — digo, lembrando-me das palavras do livro *Midnight Swans*. Não quero pensar nos membros do Swan que poderiam estar lá - os amigos dos meninos Dolce são veteranos.

Preston puxa o cobertor e eu me levanto. Evitei pensar onde estamos, mas agora olho para a casca da árvore e é como se ainda pudesse senti-la. Eu posso sentir a dureza implacável, a aspereza contra meu peito nu quando eles me empurraram contra ela. Achei que ia morrer aqui.

Estendo a mão e passo as pontas dos dedos pela superfície áspera e fria da árvore. Procuro sangue nas fendas da casca, mas não há nada, nenhum sinal que diferencie esta árvore das outras. Quando olho para cima, porém, posso ver uma linha onde parte da casca foi arrancada, onde a corda foi enrolada. Arrastei e puxei até que pedaços de casca se soltaram e não cresceu mais. É apenas a

camada externa, imperceptível se você não estiver olhando. Mas está lá.

Outro arrepio passa por mim, e sou grata pela companhia de Preston. Eu dou um passo contra a árvore, levantando minhas mãos para tocar o dano que causei, tão mínimo que é quase invisível. Lembro-me de como me senti insignificante, da fúria crua do desamparo enquanto estava pendurada aqui. E me lembro do momento em que percebi que não conseguiria me libertar, que morreria ali.

Algo em mim morreu.

Eu aperto meus olhos fechados e pressiono minha testa no tronco da árvore. Lembro-me da queimação profunda na minha pele quando Duke me marcou, orgulhoso do entalhe que ele estava adicionando ao seu cinto. Eu estava desesperada, em pânico, com medo de que minha vida acabasse, e ele nem se preocupou com as repercussões. Ele era tão arrogante que nem considerou que haveria consequências se eu fosse encontrada com uma nova marca gravada em mim. Ele estava orgulhoso do que eles fizeram comigo e queriam mostrar isso, como se secretamente quisesse que alguém me encontrasse para que ele pudesse se gabar disso. Talvez essa seja a verdadeira razão pela qual trouxeram Dawson. Para que alguém pudesse admirar sua esperteza, sua selvageria.

E Baron... Baron também não se preocupou. Ele não queria que eu fosse encontrada, e ele sabia que eu não seria. Ele fez questão de amarrar bons nós, como um escoteiro. Ele garantiu que eu não pudesse gritar, sabendo que ninguém viria aqui por anos. Eles até conversaram sobre isso no final da noite.

— Devemos matá-la agora? — Duke perguntou quando eles estavam fazendo as malas para ir. Sua voz era arrastada e calma. Ouvi um clique e pensei que devia ser uma arma, que eles iam acabar comigo depois de toda a tortura. Eu sempre disse que eles me matariam se descobrissem sobre o Sr. D. E, no entanto, não parecia real. Eu realmente não acreditava nisso até aquele momento. Eu tinha suportado tudo por nada.

— Royal disse para deixá-la, — disse Baron. — Ela vai morrer aqui em alguns dias. Ninguém a ouviria mesmo que ela pudesse gritar, e ela não pode.

Ele tinha certeza disso. Eu mal conseguia respirar através do capuz grosso e úmido que ele amarrou em minha boca. Tentei gritar, no final, quando os dois me usaram ao mesmo tempo. Eu mal conseguia resmungar um som agora.

— E se alguém trabalhando sentir o cheiro dela depois que ela estiver morta? — perguntou outro cara, um estranho na época. Agora eu sei que foi Dawson. — Eu gozei nela. Nosso DNA está sobre ela.

— Eles vão pensar que é um animal morto, — disse Baron. — Depois do que ela fez

com nosso menino, ela merece sofrer por mais de uma noite. Ele vai sentir isso por muito tempo.

Estou tremendo agora, agarrando a árvore para me manter de pé. Meus dedos cavam na casca áspera, agarrando a textura enquanto balanço meus pés.

Lembro-me de suas risadas. O tilintar de garrafas de cerveja enquanto eles brindavam um ao outro pelo quanto me destruíram completamente. Lembro-me de suas mãos em mim, seus corpos contra minha pele nua, a repulsa que senti. Lembro quando eles pararam de se revezar no final, me viraram de lado, e os dois foram ao mesmo tempo, me agredindo dos dois lados. Lembro-me da vergonha que cresceu em mim como um vulcão que nunca poderia entrar em erupção, a violação quando eles entraram em mim.

Acho que vou passar mal. Aperto o punho contra o estômago, mas não é vômito que vem.

É um grito.

Abro a boca e deixo sair, deixo sair de mim como a lava daquele vulcão que colocaram dentro de mim. As memórias giram, mas não é medo que eu sinto. É raiva. Raiva de como me sentia espancada porque não conseguia nem gritar, não conseguia deixar escapar o horror que eles estavam enfiando em mim a cada violação. Fui forçada a contê-lo, nem mesmo expressar a dor, a traição, a vergonha e a derrota. Eu pressiono os dois punhos em meu estômago, e me dobro com a força disso, e grito de novo, e de novo, e de novo.

Finalmente, minha voz se foi, mas desta vez, não é por ter sido silenciada.

É de usá-la.

Minha garganta dói mais do que quando Royal me sufocou até eu quase desmaiar. Mais do que depois disso, quando estava entupido de lágrimas. Mais do que quando tentei gritar por trás da mordaça, e mal saiu um som, apenas alto o suficiente para meus próprios agressores ouvirem e zombarem.

Estou vagamente ciente das mãos de Preston em mim, que ele está me segurando por trás, então eu não caio de cabeça na água turva do pântano. Que meu rosto está molhado e frio. Isso dentro de mim é um poço vazio de exaustão crua.

Eu me endireito, permitindo que ele me puxe em seus braços e me segure com toda a ferocidade de seu amor equivocado por mim. Depois de um tempo, eu me afasto.

— Estou cansada.

— Você se sente melhor? — ele pergunta.

— Não, — eu digo. — Mas obrigada por isso.

— Você quer cortar a árvore ? — ele pergunta. — Eu trouxe uma machadinha. Você provavelmente não vai conseguir cortá-la com isso, mas pode ser bom atingi-la.

— Não, — eu digo. — Queime isto.

Está muito úmido para me preocupar com isso pegando fogo nas árvores ao redor, mas eu pego a pequena lata de gasolina de Preston, apenas um galão, e jogo sobre a árvore. Ele me ajuda a voltar para o caiaque, sobe no outro e me entrega os fósforos. Eu jogo um na árvore, observando uma flor de fogo consumir o tronco. Eu sei que vai apagar, que não vai queimar a árvore toda. Mas de alguma forma, saber que a casca vai queimar, que qualquer coisa que eu toquei vai desaparecer, me traz uma sombra de alívio. E eu sei que se eu quiser voltar, posso encontrar a árvore, aquela enegrecida pela minha mão do jeito que eu fui marcada pelas deles.

Enquanto deslizamos silenciosamente pelo pântano, não posso deixar de sentir que tudo é vazio e inadequado. Os Dolces deveriam ser os únicos queimando por seus crimes.

Mamãe está dormindo quando chego em casa de manhã e a ouço sair à tarde enquanto estou fazendo o dever de casa. Eu saio alguns minutos depois apenas para verificar meu carro. Mamãe não tem a chave, mas ainda estou paranoica. É ridículo o quanto aquele carro significa para mim, e não apenas porque é a coisa mais legal que alguém já fez por mim, ou a coisa mais legal que já tive mil vezes mais. Ter um carro próprio significa que posso escapar desta cidade. Mesmo que represente apenas o meu sonho agora - não tenho o suficiente em meu estoque para viver por mais do que alguns meses - isso me dá esperança de que talvez eu realmente consiga sobreviver.

— Ei, — Blue chama, levantando a mão em um pequeno aceno. Ela está parada na rua observando Olive correr para cima e para baixo em um triciclo feito para crianças com metade de sua idade. Seus joelhos magros se projetam para os lados enquanto ela pedala, e ela grita e circula o braço sobre a cabeça como se estivesse balançando um laço invisível. Sorrio e me aproximo, enfiando as mãos no bolso da frente do meu moletom preto.

— E aí?

— Apenas observando Olive, — diz Blue. — Quer fumar?

— Claro, — eu digo com um encolher de ombros. — Eu provavelmente devo a você um pacote inteiro agora.

— Traga-me de volta mais tarde, — diz Blue, puxando um pacote do bolso de sua jaqueta jeans desbotada. Percebo hematomas ao redor de seu pulso quando a manga sobe enquanto ela acende antes de me entregar o pacote.

— Sabe, eu tenho um saco de pancadas no meu porão, — eu digo depois de um minuto, soprando a fumaça pelo canto da minha boca. — Eu poderia te mostrar alguns movimentos em algum momento, se você quiser vir e ficar por aí em vez de sempre me receber.

— Posso levar Olive? — ela pergunta, soprando uma mecha de cabelo escorrido para fora da boca.

— Claro, — eu digo. — Nunca é demais saber como dar alguns socos, não importa a idade que você tenha.

Ela acena com a cabeça, observando sua irmã correr pela estrada, seu longo cabelo caindo atrás dela, um grande sorriso no rosto. Eu me pergunto quando

parei de brincar. Parece uma coisa tão estranha agora, tão distante da realidade, que não consigo me lembrar de quando superei isso.

— Você se lembra do que eu perguntei neste verão? — Blue pergunta, arrastando o dedo do pé ao longo de uma rachadura na calçada.

— Sobre encontrar um cara rico para você?

— Não, — diz ela. — Sobre cuidar de Olive se... Você sabe. Se eu precisasse de você.

— Sim claro. Eu lembro. Por quê?

— Você a manteria segura?

— Claro, — eu digo, franzindo a testa para ela. — Eu prometo. E aí?

— Eu só... me preocupo com ela. Quando estou no trabalho. Você cuidaria dela enquanto eu estiver fora, se eu precisasse? Quero dizer, se você estiver em casa e não estiver ocupada e outras coisas. Eu realmente não conheço mais ninguém por aqui. Eu perguntaria a minha tia, mas ela mora em Oregon...

— Você sabe que eu faria, — eu digo. — Só não a deixe com minha mãe se eu não estiver por perto. Ela tem todos os tipos de caras escrotos entrando e saindo de casa.

Blue acena. — Obrigada, Harper.

Quero perguntar mais a ela, mas sei que ela não precisa de mim me intrometendo sobre o que quer que esteja acontecendo, então termino o cigarro em silêncio antes de entrar para me arrumar. O baile de boas-vindas é hoje à noite, então tomo um banho e coloco um vestidinho preto que Preston me comprou neste verão. Eu não estava planejando ir até ontem, mas não compraria um vestido para usar por um dia, mesmo que pudesse. Isso é bom para um encontro de amigos com Gideon. Só para ter certeza de que não parece muito com um encontro, mando uma mensagem para ele avisando que quero encontrá-lo lá. De qualquer forma, não quero deixar meu carro em casa para o caso de mamãe voltar.

Acabei de colocar meu vestido quando ouço uma batida na porta da frente. Ainda sinto um pouco de medo sempre que alguém bate, então pego minha faca antes de ir para a porta. Eu abro para encontrar Royal Dolce parado na minha porta em um smoking. Ele parece tão bom que eu derreteria se não o conhecesse melhor.

— O que você está fazendo? — Eu pergunto.

— Vou levar você para o baile de boas-vindas.

Cruzo os braços e olho para ele, sem sair da porta. — Vou com Gideon.

— O diabo que você vai.

Eu suspiro. — Vamos como amigos, mas eu já disse a ele que iria. Além disso, eu já disse antes, só porque dormimos juntos uma vez, foi um erro. Não estamos juntos. Você e eu não somos uma coisa.

Royal apenas olha para mim e levanta a bolsa alta que está segurando com um cabide no topo. — Vá colocar isso.

— Royal. Já tenho planos.

— Cancele-os.

Eu o encaro, recusando-me a me mover. Mas sei que ele não vai desistir se eu lutar com ele, então tento uma tática diferente. — Eu não pensei que você fosse do tipo que queria ir a um baile idiota do colégio, mesmo quando você estava no colégio, — eu digo com um sorriso malicioso. — Você realmente quer ir dançar com um bando de pessoas? Sem mencionar que você me disse que não dança.

— Se eu quiser dançar, eu danço, — diz ele. — E eu não tenho interesse em nada idiota do ensino médio. Tenho interesse em manter um bando de idiotas longe de você. Então, se você vai, eu vou. Agora, vá se vestir.

Eu o olho de cima a baixo, tentando não babar. Seu smoking parece ter sido feito sob medida para ele, abraçando seus ombros largos e enormes com perfeição e praticamente gritando dinheiro. — Onde você conseguiu um smoking no último minuto?

Ele sorri para mim. — Você acha que esta é a primeira função esfarrapada que eu tive que comparecer? Já te disse antes, só porque tenho dinheiro, não significa que eu faça o que eu quiser. Venho cagando assim desde que tinha idade para andar. Eu possuo um smoking. Agora vá colocar isso.

Hesito antes de aceitar a bolsa. — Como você sabe que vai caber?

— Vai caber, — diz ele com um pequeno sorriso arrogante.

— Por que tenho a sensação de que você vai me fazer parecer uma

prostituta de dois dólares?

— Porque você me subestima.

Suspiro e pego meu telefone. — Preciso mandar uma mensagem para Gideon.

— Eu vou fazer isso.

Eu dou a ele um olhar duro. — Seja legal.

Ele levanta as duas mãos e me dá um olhar de inocência fingida. — O que mais eu seria para o garotinho que acha que pode convidar minha garota para sair?

— Royal, — eu aviso. — Ele é um cara legal.

— Se ele fosse um cara legal, ele não teria te convidado para sair de novo depois que você disse a ele para se foder na semana passada. Agora vá se arrumar antes que eu mude de ideia e fique aqui fodendo você a noite toda para lembrar a quem você pertence.

Reviro os olhos, mas me viro e sigo pelo corredor para colocar o vestido. Na verdade, ficar aqui e foder Royal soa muito tentador, especialmente quando um baile do colégio é a alternativa. O que significa que preciso sair de casa antes que perca a cabeça e faça algo de que me arrependa.

O vestido, de fato, não me faz parecer uma prostituta. É o tecido mais macio e amanteigado que já senti, em um tom de vermelho tão profundo que é quase preto. Quando coloco a rica roupa, quase derreto. Ele abraça minhas curvas e aperta na cintura como se fosse feito sob medida para mim. O corpete é justo, mas não muito apertado, com um decote alto que mostra meus ombros tonificados em vez de tentar me fazer parecer que tenho decote. Depois da cintura afunilada que destaca minha cintura miúda, o corte se solta, abrindo nos quadris, o tecido luxuoso caindo em dobras sedosas até meus pés. Não preciso nem me olhar no espelho para me apaixonar. É tão bom que quero gemer só de estar no meio do meu quarto.

Quando me olho no espelho, porém, fico pasma de novo. Eu me viro um minuto depois e vejo Royal parado na porta do meu quarto, encostado no batente da porta com os braços cruzados. Não tenho ideia de quanto tempo ele está parado ali, mas estou muito impressionada para me importar.

— Royal, — eu digo, tentando colocar em palavras o quão incrivelmente bonito ele me fez sentir. — É... Como você sabia meu tamanho tão bem?

— É feito para você, — ele diz, seus olhos aquecidos enquanto ele me observa.

— Eu posso dizer, — eu digo, me virando e observando a saia fluir ligeiramente em volta dos meus tornozelos. — Mas como?

— De vez em quando, um Darling se faz útil, — diz ele. — Agora venha aqui e calce os sapatos.

Lembro-me de Preston me medindo durante o verão e parece uma vida diferente.

Royal segura meus quadris para me ajudar a equilibrar enquanto calço os saltos que ele trouxe, que também são do tamanho correto, embora isso seja menos impressionante do que um vestido que realmente caiba na minha figura volumosa. Quando me endireito, ele me puxa para mais perto, suas mãos circulando minha cintura possessivamente. Eu deslizo meus braços ao redor de seu pescoço sem hesitar. Não sei quando parei de pensar que ele me machucaria, mas não há medo em mim enquanto fico na ponta dos pés e o puxo para um beijo.

Ele pressiona seus lábios nos meus, um pequeno grunhido de prazer preso em sua garganta enquanto suas mãos apertam, me puxando contra ele.

— Obrigada, — eu digo, me afastando finalmente. — Isso é tão lindo, Royal. Eu não sabia que era possível que roupas fizessem alguém se sentir tão bem.

— Tem certeza que quer ir para esse pesadelo conformista, Jailbird? — Ele pergunta, colocando uma mecha de cabelo atrás da minha orelha. — Porque eu poderia retirar isso e fazer você se sentir muito melhor do que este vestido pode.

— É disso que eu tenho medo, — eu digo. — Então, pare de me tentar.

— Você está tentada? — Ele pergunta, sorrindo para mim e achatando sua mão enorme contra as minhas costas. — Então vamos acabar com isso para que eu possa passar o resto da noite com a cabeça entre suas coxas.

Reviro os olhos. — Eu te disse, não estamos juntos e você não vai mudar minha opinião.

— Ok, Cherry Pie, — diz ele, balançando a cabeça.

— E eu estou dirigindo meu carro, — eu digo.

— Não está acontecendo.

— Tudo bem, então *you* pode dirigir meu carro, — eu digo. — Mas não sou responsável pelo que acontece com o seu se você o deixar estacionado aqui.

Ele apenas sorri para mim. — Eu tenho seguro.

— Achei que você estava com medo de que meus vizinhos desmontassem tudo, — digo, repetindo algo que ele disse uma vez quando me deixou em casa.

— Não tenho medo de seus vizinhos, — diz ele, estendendo a mão. Suspiro e entrego minhas chaves. Aceitei o fato de que nunca dirigirei a lugar nenhum quando Royal estiver envolvido. Ele é maníaco por controle demais para deixar qualquer outra pessoa atrás do volante.

Na escola, entro com Royal, ignorando os sussurros e os olhares em nossa direção quando as pessoas veem o rei do ano passado voltando. Royal assume um ar de completo tédio, mas sei que ele está observando. De uma forma estranha, sua presença me permite baixar a guarda. Posso pegar meu telefone e enviar mensagens de texto para meus amigos, descobrir onde eles estão, sem me preocupar em cuidar de mim mesma.

— Harper! — alguém chama.

— Ótimo, — resmunga Royal.

Dixie corre com um vestido de cetim preto que mostra todas as suas curvas, um par de botas vermelhas com cadarço e bolsa vermelha para combinar, Colt atrás dela.

— Droga, garota, — eu digo, olhando para ela. — Esse vestido é criminoso.

— Eu sei certo? — ela diz, rindo e abanando seu amplo decote.

— Ela é uma foda ambulante, — diz Colt alegremente antes de olhar para Royal. — Não esperava ver você aqui. Ou em qualquer lugar com Harper.

Royal dá a ele um olhar legal. — Acostume-se com isso.

Colt dá de ombros e me dá um sorriso. — Está bem como sempre, Teeny.

— Você também, — eu digo, devolvendo seu sorriso. — Nossos outros amigos estão aqui?

— Josie não acredita em bailes escolares, — diz Dixie. — Mas todo mundo

está aqui. Venha, vamos entrar.

Entramos no café, que não dá sinais de ter sido palco de uma briga ontem. É decorado com serpentinas e pôsteres, pequenas luzes cintilantes serpenteando ao longo das vigas do teto alto e bolas de espelho girando nos ventiladores gigantes.

— Harper, — Gloria grita, correndo no que parece ser um vestido de noiva. — Você veio! E olha o que você trouxe. Ela mexe as sobrancelhas para mim e se inclina sobre a saia rodada para me dar beijos no ar.

— O que você trouxe? — Eu pergunto, olhando para trás dela para onde dois caras estão assistindo. — Baron ou Rylan?

— Eu vim com o Baron e seremos coroados com certeza. — Ela dá um pequeno sorriso animado e agarra minha mão. — Mas Rylan queria conversar, então talvez eu vá embora com ele.

— Bem, boa sorte, — eu digo. — Se é isso que você quer, você deveria tê-lo.

— Você está tão linda, — diz ela. — Especialmente com Royal. Você deveria ter vindo à minha casa para se arrumar. Eu poderia ter feito o seu cabelo.

Eu dou de ombros, já que eu realmente não me arrumei muito. Fiz meu cabelo e maquiagem, mas não mais do que de costume, já que não achava que estaria em um encontro de verdade.

— Faremos isso antes do baile, — diz ela, pegando minha mão e dando-lhe um aperto rápido.

— Claro, — eu concordo.

— Ei, talvez você possa fazer campanha e ganhar a rainha do baile, — diz ela. — Quando todo mundo vir Royal aqui com você... Você vai me tirar do lugar de primeira garota.

— Preciso ficar de olho nas minhas costas? — Eu pergunto, arqueando uma sobrancelha.

— Não de mim, — diz ela. — Eu ganhei no ano passado, e eles não deixam a mesma pessoa ganhar dois anos seguidos. Então, estou aqui apenas para cuidar de você.

Agradeço a ela, e então Dixie me arrasta até onde Susanna e Quinn estão

bebendo ponche perto de uma mesa. Eu localizo Gideon com eles e enrijeço, pronto para ele me dizer o quão idiota eu sou. Mas ele sorri e se aproxima.

— Ei, — diz ele, estendendo a mão para Royal. — Eu não sabia que você e Harper estavam juntos, mas viríamos apenas como amigos.

Royal dá a ele um olhar frio, e Gideon muda de um pé para o outro. Dou uma cotovelada em Royal, e ele relutantemente dá uma sacudida rápida na mão de Gideon.

— Com quem você está aqui? — Pergunto assim que a música começa e as luzes se apagam.

— Aquelas garotas, — diz ele, levantando a voz sobre a música e acenando para o grupo de Dixie. — Não tínhamos par, então funcionou.

— Desculpe cancelar no último minuto, — eu digo, inclinando-me para que ele possa me ouvir. — Eu não estou com Royal. Mas até que ele saiba disso, provavelmente é melhor você não me convidar para coisas assim, mesmo como amigos.

Ele balança a cabeça e olha para mim como se eu fosse maluca, e percebo como é uma loucura me acostumar com isso, que nem questiono o comportamento de Royal. Mas ele é quem ele é, e eu aceitei isso. Acho que finalmente aceitei que sou dele, mesmo que ainda não esteja disposta a admitir isso para ele.

— Harper, — uma voz grita sobre a música. Eu me viro para ver Magnolia e suas duas amigas calouras. Ela corre e se joga em meus braços, suas amigas cambaleando atrás dela, como se nunca tivessem usado salto antes. Magnolia está usando um vestido pesadelo de chiffon rosa e um par de tênis Converse pretos. Ela se agarra ao meu pescoço, pressionando sua boca contra minha orelha. — Meu primo me disse que lhe contou sobre meu irmão. Se você matá-lo, juro pelo meu pôster do Brody Villines que vou pular na sua janela e sufocá-la durante o sono. Eu não estou brincando. Eu tenho uma arma.

— Bom saber, — eu digo, lutando contra a nuvem de seu vestido para empurrá-la para longe de mim.

— Oh meu Deus, é minha música favorita, — ela grita. — Venha dançar!

Ela salta como um cachorrinho hiperativo, suas amigas a seguindo. Eu balanço minha cabeça e me viro para Royal, que está olhando para mim, uma expressão indecifrável em seu rosto.

— O que? — Eu pergunto. — Você sabe que eu sou amiga dos Darlings agora.

— Nada, — diz ele, balançando a cabeça. — Quer tomar uma bebida?

Ele acena para a mesa, mas Cotton Montgomery nos interrompe com três drinques na mão. Eles cumprimentam os caras de sempre, e Cotton entrega a Royal um copo de ponche. — Duke já despejou o frasco, então não beba muito, — diz ele. Então ele me reconhece pela primeira vez, sacudindo o queixo em um aceno rápido para mim e me entregando uma lata de refrigerante. — Achei que você gostaria de um lacrado.

Ele se vira e se afasta, e eu o encaro. Por alguma razão, nunca pensei que ele ouvisse esses rumores. Nunca ouvi nada acontecendo no circuito de fofocas, mas é de conhecimento comum em seu próprio grupo que as garotas não aceitam bebidas dele, e Dixie também disse algo. Eu me pergunto se havia algo no blog um ano antes de eu vir, ou se isso é mais um segredo aberto. De qualquer maneira, deve ser péssimo saber que seus próprios amigos o chamam de predador pelas suas costas.

— Você é amiga de Cotton? — Royal pergunta enquanto abro o refrigerante.

— Na verdade não, — eu digo, encolhendo os ombros. — Mas acho que temos um respeito mútuo desde que entrei para o Swans.

É um pouco mais do que isso - Cotton me respeita porque estou ajudando os Darlings, e eu o respeito por me avisar sobre colocar Colt em perigo. Mesmo um rastejador pode fazer algo decente de vez em quando, e ele se arriscou e se esforçou para nos avisar. Não vou dizer isso a Royal e fazer com que ele seja expulso de seu grupo de amigos... Ou pior.

Ainda não perguntei a Royal exatamente o que aconteceu com Dawson.

Ele está me olhando daquele jeito estranho de novo, então eu arregalo meus olhos para ele. — O que? — Eu pergunto.

— Você não me disse que era popular este ano.

Eu cubro minha boca para não cuspir o refrigerante. — Eu não acho que essa seja a palavra para isso.

— Baron disse que você começou a merda com ele e conseguiu um bando de garotas chateadas que eles fantasiaram para ajudar, não que você tivesse amigos.

— Sim, bem, acho que sim, — eu digo. — Engraçado como isso acontece quando não há ninguém perseguindo todos os caras com quem você fala e dizendo a todas as garotas que você é uma prostituta inútil.

— Você teve amigos no ano passado, — realça Royal, obviamente indiferente à minha crítica.

— Sim, *seus* amigos, — eu digo.

Ele olha para mim inexpressivamente, e eu percebo que ele não vê a diferença. Talvez não haja uma para ele. Eu realmente não vi a diferença até que eu disse em voz alta. Mas isso importa.

Eles não estão aqui porque estou com Royal. Eles não vão desaparecer se as coisas não derem certo entre nós. Eles não são meus amigos porque eu tenho o melhor namorado ou porque estou com os populares. A maioria deles nem é popular. Não tenho uma panelinha, mas de alguma forma consegui ganhar o respeito e a amizade de pessoas de vários grupos diferentes. E eles não estão aqui para se insinuar ou ganhar status, como faziam quando eu estava com Royal.

Eles estão aqui para *mim*.

As pessoas me protegem. Lembro-me de como fiquei empolgada no ano passado quando a Glória me convidou para ir ao shopping, porque, por mais patético que pareça, ninguém nunca procurou minha companhia como se quisesse passar um tempo comigo. Agora, as pessoas chamam meu nome quando entro em um lugar como este. As pessoas vêm dizer oi. Até Cotton, que está no time inimigo, me trouxe uma bebida e se certificou de que eu ficaria confortável bebendo.

No ano passado, eu queria tanto o que Royal tinha. Eu queria o grupo unido que ele tinha, a família, a irmandade. Então tentei estar com eles e, quando consegui Royal, disse a mim mesma que eles também se importavam comigo. Deixei-me levar pela febre da saudade, de querer pertencer, de fazer parte de algo. Agora percebo que não queria estar *com* eles. Eu queria *ser* eles. Eu queria ser real, ter irmãos que fossem leais e me protegessem, não importa o que acontecesse.

Mas Baron não o protege. Baron nunca protegeu ninguém além dele mesmo. E além de tudo isso, nunca poderia ter isso porque não faço parte dessa família.

Agora, tenho algo melhor, algo que construí sozinha, esse grupo de amigos que se juntaram de todos os caminhos, grupos e famílias. Isso me lembra Faulkner - um pequeno microcosmo do lado predominantemente rico e

predominantemente branco da cidade, de qualquer maneira.

Eu gosto disso de alguma forma, reuni esse grupo que reflete mais do que apenas a elite. Há também a elite caída. Tem o bad boy tatuado que fuma embaixo da arquibancada e tá sem um dedo. Há a garota gótica de tamanho grande que dirige uma coluna de fofocas. Há a abelha rainha de elite que é realmente pobre, uma garotinha atrevida da próxima geração para assumir a WHPA e a garota que não está aqui porque é muito legal. E por extensão da minha amizade com Dixie, há a aspirante a garota rebelde de cabelo azul e a garota que gosta de ficar em casa e assar no sábado à noite. E por causa do meu status de Midnight Swans, também posso ligar para os amigos de elite.

Quando Magnolia gesticula para que eu me junte a elas na pista de dança, descubro que agora tenho um lugar, um nicho que criei aqui. Tenho Royal, que é mais velho e nem estuda aqui, e Colt, que também é mais velho, mas ainda estuda em Willow Heights. Eles são inimigos e, no entanto, conseguem coexistir em nossa pequena roda na pista de dança. As garotas fofoqueiras estão brincando, enxugando e fazendo o aspensor e outros passos de dança extravagantes, e as garotas Walton estão se esforçando em seus encontros, os caras Swan. Mas eles não me chamam de vagabunda como fizeram no ano passado, e eles não expulsam Magnolia e suas amigas calouras que se juntam a nós.

Gloria e Baron saem para receber suas coroas, e então eles tocam uma música lenta, e eu envolvo meus braços em volta do pescoço de Royal e balanço contra ele. De alguma forma, voltei para mim, de volta a um lugar onde posso me divertir por um momento, onde posso esculpir um pedaço de felicidade só para mim. — Você acha que poderíamos ter isso para toda a cidade? — Eu pergunto, olhando para Royal.

— O baile é para toda a cidade, — diz ele com um pequeno sorriso no canto dos lábios.

— Não apenas Homecoming, — eu digo, apontando para a pista de dança. — Esse. Todos se dando bem, se divertindo juntos. Você acha que Faulkner poderia ter isso?

— Consegui não matar Preston Darling quando tive a chance, então acho que o inferno já está congelado, — diz Royal. — Tudo é possível agora, Cherry Pie.

— Você me ajudaria? — Eu pergunto.

Ele estreita os olhos. — Ajudar você a fazer o quê?

— Faça acontecer, — eu digo. — Pelo menos tente. Ou inicie o processo.

— Achei que você não precisava da minha ajuda.

— Eu preciso, — eu admito, meu pulso vibrando na minha garganta. — Eu preciso de você mais do que qualquer um.

Royal desliza seus braços ao meu redor, me puxando contra ele. Ele acaricia meu pescoço, e eu deslizo minhas mãos sobre seus ombros largos e fecho meus olhos, deitando minha cabeça em seu peito forte. Eu preciso dele, e não apenas para curar a cidade. Mas isso também é verdade. Mais do que ninguém, esta cidade precisa dele para consertar as coisas. A única questão é: como posso fazer com que ele queira curar esta cidade em vez de destruí-la?

Preston me deu a resposta para essa pergunta ontem à noite. Se eu quiser que ele pare de destruir esta cidade, preciso descobrir como *curá-la*. Isso é o que as pessoas fazem pelas pessoas que amam. Talvez eu não ame Preston o suficiente para fazer o mesmo por ele quando ele faz essas coisas por mim, mas meu trabalho não é curar Preston. Meu trabalho é me curar. E talvez, se eu o amar o suficiente, eu possa curar Royal também.

Afinal, ele é o único que me ajudou a curar quando eu estava quebrada além do reparo. Ele não apenas me deu um lugar seguro para curar. Ele ativamente fez isso acontecer. Ele disse que mudou o mundo para mim, e é verdade. E eu não fiz nada em troca.

Não fui eu quem o quebrou, mas isso não significa que não possa ajudá-lo a se curar. Não importa quem infligiu essas feridas. Não quero mais vê-lo sofrer. Não pelo que aconteceu em seu passado e não pelas consequências de suas próprias retaliações. A vingança que ele continua derramando sobre esta cidade aumenta seu próprio sofrimento tanto quanto aqueles que ele machucou. Eu preciso encontrar uma maneira de acabar com isso, para fazê-lo parar. Não quero que ninguém machuque o homem que amo, nem ele mesmo.

— Royal, — eu digo, me afastando e olhando para ele. — Eu preciso te contar uma coisa.

Ele me observa, seus olhos escuros procurando os meus enquanto balançamos ao som da música ao nosso redor.

— Perguntei a Preston se ele sabia o que aconteceu quando você foi sequestrado, e ele disse que só descobriu depois, — eu digo. — Ele não estava lá. Ele não fez nada com você. Colt também não. Eram os Swans mais velhos e alguns dos novos recrutas naquele ano. Essa era a... Manopla deles.

Os lábios de Royal se apertam e, por um segundo, me pergunto se ele já sabia. DeShaun disse que Royal transformou os Midnight Swans em uma piada. Costumava ser uma organização que tentava manter a ordem, mas também fazer o bem, mas obviamente foi corrompida em algum momento, talvez pelo próprio vovô Darling. A escola oficialmente a dissolveu após o sequestro de Royal, mas Royal a trouxe de volta. E então ele destruiu a imagem do Midnight Swans, transformando-o em uma festa de fraternidade gigante.

— Por que você está falando de mim para Preston Darling? — Royal pergunta, suas mãos apertando minha cintura.

— Porque somos amigos, — digo, recusando-me a recuar quando olho em seus olhos. — E ele está me ajudando a curar.

— *Estou* ajudando você a se curar, — rosna Royal.

— Você está certo, — eu digo. — Mas ele é meu amigo, e eu só queria que você soubesse disso, caso isso ajude você a parar de querer matá-lo.

— Eu quero matá-lo mais por ser seu amigo, — diz Royal. — Você realmente acha que eu dou a mínima para o que ele diz que fez ou não fez? Não confio em uma palavra que sai da boca dele.

— Então confie em mim, — eu digo, colocando a palma da mão em sua bochecha. Os hematomas em seu rosto quase desapareceram, deixando apenas os ao redor do nariz, agora verdes e amarelos desbotados.

— Eu também não confio em você, — ele diz, virando o rosto.

Suas palavras roubam minha respiração. Eu não sabia o quanto elas ainda poderiam me machucar até que ele as dissesse. Esse é o problema de sentir novamente, de me permitir voltar a ser quem eu sou em vez de ser a boneca de Preston. Quando você pode sentir, as coisas não são apenas boas. Elas machucam pra caralho.

— Royal, — eu digo, tentando virar seu rosto de volta para mim. — Se eu puder confiar em você novamente depois do que você fez, você pode confiar em mim.

Ele dá um passo para trás, deixando cair as mãos ao meu redor. Meu corpo grita em protesto, instantaneamente frio por ter sido abandonada por seu toque. Quando vejo o olhar em seus olhos, sou tomada pelo peso da angústia que irradia dele. — Eu estraguei tudo e admiti, — diz ele calmamente. — Não posso apagar o que aconteceu, mas fiz tudo o que pude para consertar. Não estou dizendo que você é a culpada pelo que fiz, e não vou fingir que há qualquer

comparação entre o que você fez e o que eu fiz. Mas você também me fodeu, Harper, e não fez porra nenhuma para consertar isso, nem se desculpar, nem mesmo admitir.

— Eu me desculpei, — eu digo, minha garganta repentinamente apertada e meus olhos doendo. — Sinto muito, Royal.

Ele levanta a mão. — Eu não me importo. Não estou pedindo nada de você porque não preciso de nada. Eu já tenho você. Você é minha, e sempre será. Nada nunca vai mudar isso. Não importa o que você fez. Mas não fique aqui e me peça para confiar em você, e então finja estar magoada quando eu não confiar.

— Eu não estou fingindo, — eu digo, meus olhos se enchendo de lágrimas.

— Eu **terminei** com o seu baile idiota, — Royal diz, e ele passa por mim e pela multidão, desaparecendo em direção à porta.

Eu olho em volta, piscando para conter as lágrimas e esperando que ninguém tenha notado nossa briga. Meus amigos ainda estão dançando ao meu redor, o DJ voltou para algo com uma batida dançante. Os gêmeos Dolce estão dançando com as gêmeas Walton. Não vejo Gloria, a garota que provavelmente se importaria com o drama entre mim e Royal. Ela provavelmente está se reconciliando com Rylan e mexendo em seu braço, que está em uma tipoia após a luta. As amigas de Magnolia estão fazendo a versão de garota branca de quatorze anos de twerking⁵, embora a própria Magnolia tenha vagado por algum lugar. Dixie e Gideon estão brigando um com o outro, mas fazendo caretas um para o outro para evitar que fique estranho.

Eu me viro e saio pela multidão, indo para a saída. Meu carro ainda está no estacionamento, então pelo menos ele não me deixou na mão. Fico ali no frio por cerca de cinco segundos, me perguntando se ele andou por algum lugar, esquecendo que ainda estou presa mesmo se estiver com meu carro, já que ele está com a chave. Então percebo que estou sendo estúpida, pensando com o coração e não com a cabeça.

Conheço Royal Dolce e sei exatamente para onde ele iria.

Eu me viro e volto para dentro, passo pelo café e atravesso o corredor. Quando chego à biblioteca, posso ver uma lasca de luz por baixo da porta do porão e sei que estava certa. Afasto a parte da estante e começo a descer as escadas.

Estou no meio do caminho, ainda bloqueada da visão da sala principal pela parede de pedra ao lado da escada, quando uma voz que definitivamente não é a de Royal chama.

— Quem está aí? — exige a voz atrevida e feminina que eu reconheço muito bem agora. — Não consigo ficar de olho em vocês dois, então *you* atirar em um de vocês se tentarem alguma coisa.

— Magnólia? — pergunto, descendo apressadamente o restante dos degraus e virando a esquina para a sala principal. Royal está de costas para mim, com as mãos levantadas, todo o corpo tenso. Magnolia está do outro lado da sala, de costas para a estante, com uma arma apontada diretamente para nós.

— Você está com ele? — ela pergunta, balançando a arma para frente e para trás entre nós.

— Uau, que porra é essa, Magnólia, — eu digo enquanto lentamente levanto minhas mãos também. — Abaixе essa coisa.

— Ah, não, — diz ela, segurando-o com as duas mãos. Seus olhos estão arregalados, seu cabelo um pouco bagunçado e suas mãos estão visivelmente trêmulas, mas ela claramente sabe como segurar uma arma. — Eu sei o que os Dolce fazem com as garotas aqui, especialmente as Darling. Você realmente acha que eu viria aqui despreparada?

— Eu não sei por que você está aqui, — eu digo, olhando para Royal com o canto do meu olho. Finalmente encontrei o limite da minha curiosidade, uma pergunta que sou covarde demais para fazer. A resposta pode me quebrar de uma forma que nem ele pode curar, e eu posso ser masoquista, mas não sou mais suicida.

— Estou aqui pelo Sully, — ela diz, levantando o queixo desafiadoramente. — Eu disse que tinha uma arma.

— Eu não pensei que você quis dizer que estava com você agora, — eu digo. — Estamos na escola. Você sabe que vai ser expulsa, certo?

— Não se você não me obrigar a atirar, — ela diz. — Agora vire-se e saia, vocês dois.

— Com prazer, — eu digo. — Eu só estava procurando por Royal.

— Seu irmão não está aqui, — diz Royal, falando pela primeira vez desde que descı. Não vou pensar no que aconteceu antes de chegar aqui.

— Eu sei disso, — Magnolia estala. — Eu não estou procurando por ele. Estou procurando informações. E, de qualquer forma, já passei por todos os túneis, até mesmo o da sua escola, um milhão de vezes. Costumávamos brincar aqui quando crianças.

— Eu pensei que seu irmão estava em uma instituição mental, — eu digo, confusa.

— Ele saiu, — diz Magnolia. — E eu vou garantir que ele nunca volte.

— Mas ele não está aqui, — eu digo lentamente.

— Claro que não, — diz ela. — Os túneis só vão em três direções. Um vai para outra porta, um sem saída em outra sala e um vai para o submundo da Thorncrown.

— É mesmo? — Eu pergunto, voltando-me para Royal.

— Era a faculdade masculina quando Willow Heights foi fundada, — diz ele. — Eles têm... Conexões.

Balanço a cabeça, focando na garota com a arma na mão. — Então o que você está procurando?

— Algo para ajudá-lo, — diz ela, com o queixo tremendo. — Tudo volta aos Midnight Swans. Ele estava sendo iniciado, e algo aconteceu, e... E é por isso que eu roubei a chave do vovô, para vir aqui e ver o que eu poderia encontrar.

Sua respiração falha e eu estendo a mão para ela. — Abaixar a arma, Magnólia. Royal não vai te machucar. A pessoa com quem você precisa falar é seu avô, certo? Ele é quem fez a iniciação. E se você quiser o livro com as informações dos Swans, está atrás de você naquela estante.

Ela funga e endireita os ombros. — Por que eu deveria acreditar em você?

— O tema do Baile desta noite, — Royal murmura ao meu lado.

— Você pode confiar em mim porque sou sua amiga, — digo a Magnolia. — Eu não vou denunciá-la por ter uma arma aqui se você não usá-la para qualquer coisa estúpida. Então, basta descartá-la. E sou membro dos Midnight Swans, então sei onde está o livro. Eu vou te mostrar assim que você colocar isso no chão.

— Abaixar suas armas primeiro, — diz ela, apontando a arma para mim. Eu largo minha bolsa que contém minha faca, mas ela gesticula para mim novamente. — E o soco inglês.

Se eu não tivesse uma arma mortal apontada para o meu rosto, ficaria impressionada. Deslizo a arma e a coloco perto da minha bolsa.

— Agora tire da estante, — ela diz, rastejando para o outro lado da sala enquanto eu me aproximo da estante.

— Pare de apontar a porra da arma para ela, — rosna Royal.

— Tudo bem, vou apontar para você, — diz ela, voltando para ele. — Você é o único que merece ser baleado, de qualquer maneira.

— Você não sabe do que está falando, — eu digo, puxando o livro da estante. — Royal não é o cara mau aqui, Magnolia. Eu sei que você pensa assim, e você tem uma boa razão para isso, mas isso começou muito antes de nós. Seu

avô e o pai de Royal são os que colocaram tudo isso em movimento.

— Sim? — ela diz. — Eles mataram meu tio? Eles mataram meu primo?

— Eu não sei, — eu admito. — Eu não tenho todas as respostas. Eu não estava lá. Mas posso dizer com confiança que eles erraram mais do que qualquer um nesta sala.

— Você sabe quem *estava* lá? — ela pergunta. — Os Dolce.

— Assim como seus primos, — eu indico. — Por que você não pergunta a eles?

— Você não ouviu? — ela diz. — Homens mortos não contam histórias.

— Preston ainda está aqui, — eu digo, colocando o livro sobre a mesa. — E Colt está lá em cima... eu acho. — Eu olho para Royal, já que não tenho certeza de onde Colt foi. A última vez que vi Dixie, ela estava dançando com Gideon. Talvez Colt tenha saído para fumar, mas Royal não hesitaria em descarregar sua raiva no cara quando não há mais ninguém para fumar, e não tenho certeza de quanto o irritei na pista de dança.

— Eu não o vi, — diz Royal.

Magnolia se dirige para a mesa, seu olhar caindo no livro. E de Volta para Royal.

Com o canto do olho, percebo um borrão de movimento quando ele passa por mim.

— Royal, não! — Eu grito enquanto ele avança para Magnolia.

Ela volta sua atenção para nós, sua arma subindo, seu dedo apertando o gatilho. O som é ensurdecedor na pequena sala sem janelas. No segundo seguinte, Royal a aborda. Eles batem no chão de terra, e tudo que posso ver na penumbra é o corte no ombro de seu smoking, o sulco em sua pele e sangue. Eu pulo para ele, mas ele já está em cima dela, segurando-a entre os joelhos do jeito que segurou Colt quando ele o espancou até a morte.

Ele arranca a arma de sua mão e agarra seu queixo. Ela grita, com os olhos arregalados de choque enquanto ele aperta, forçando sua boca a se abrir. Então ele enfia o cano da arma em sua boca.

— Royal, pare, — eu grito, minha voz afiada, embora todo o meu corpo tenha se transformado em medo puro e líquido. Uma coisa é saber que ele matou

alguém e outra é vê-lo fazer isso.

— Se você apontar uma arma para Harper novamente, eu vou acabar com a sua vida, — rosna Royal, seus dedos mordendo as bochechas macias de Magnolia. — *Capisce?*

Ela balança a cabeça freneticamente, com lágrimas escorrendo dos cantos de seus olhos redondos.

— Não, — eu digo, minha voz calma, mas firme. — Deixe-a ir, Royal.

— Vou deixar você ir embora desta vez, — diz Royal, sua voz tão fria que mal a reconheço. — Porque por alguma razão inexplicável, Harper tem pena de vadias patéticas como você. Mas se você sequer respirar uma ameaça na direção dela... Da próxima vez, seus miolos estarão no chão.

Magnolia emite um som alto e soluçante de terror enquanto Royal fica tenso, segurando seu rosto com mais força e enfiando a arma mais fundo em sua boca, até que ela vomita. Então ele puxa para fora e se levanta.

— Vou levar isso, — diz ele, enfiando a arma no cós da calça do smoking, sob a jaqueta. Seu braço está sangrando muito, encharcando a manga. — Vamos, Harper. Vamos.

— Não podemos simplesmente deixá-la aqui, — digo, embora saiba que Royal precisa cuidar de seu ombro ferido. Mas não posso abandonar Magnolia, não quando ele apenas a aterrorizou por minha causa.

— Não pegue a arma, — Magnolia grita, sentando-se e estendendo a mão para ele. — E se alguém vier aqui e me encontrar?

Ele dá um passo para o lado, fora do alcance das mãos dela. — Então é melhor você correr, coelhinha.

Ele agarra minha mão e me arrasta para as escadas, e eu sei que ele não vai me deixar ficar mesmo que eu queira. Mal me inclino para pegar minha bolsa no chão ao passar. Quando saímos, finalmente solto minha mão.

— Que porra foi essa, Royal? — Eu pergunto.

— Sou eu defendendo você, — ele dispara, caminhando em direção ao Escalade. — Agora entre no carro.

— Eu não pedi para você traumatizar adolescentes para mim, — eu digo. — Eu não te pedi nada.

— Ela não é uma criança, — diz ele. — Ela tem quatorze anos.

— Isso é uma criança, — eu respondo, tentando me manter sob controle. Todo o meu corpo está tremendo, voltando para um lugar que eu nunca mais quero ir. — Você não pode simplesmente aparecer e assumir quando quiser. Você não é meu namorado. Eu não pedi para você me defender de Magnolia. Eu não pedi para você aparecer esta noite quando eu poderia ter vindo com meus amigos.

Royal se vira para mim, algo predatório e faminto em seus olhos quando eles me acolhem. — Então você poderia ter vindo com a porra do Gideon? Aquele garoto é uma piada e você sabe disso, Harper. Você sabe que ele não pode lhe dar o que eu posso.

— O que exatamente você está me dando, Royal?

Ele sorri para mim, se aproximando. — Deixe-me mostrar a você, já que você parece ter esquecido.

— Afaste-se, — eu digo, empurrando-o para trás quando ele entra no meu espaço. — Sim, nós fodemos, mas isso não significa que está tudo bem. Foi um erro, e eu lhe disse isso assim que o fizemos.

— Eu não acho.

— Você está errado, — eu digo. — Eu não sei o que eu estava pensando, deixando você me tocar depois do que você fez. Chame isso de insanidade temporária, como quando baixei minha guarda por um segundo na pista de dança, pensando que você poderia pensar em outra pessoa por um segundo. Mas você não pode e nós não podemos ficar juntos. Somos veneno. Vou continuar dizendo até você colocar isso na cabeça - isso não vai acontecer de novo. *Nós* não vamos ficar juntos.

Royal desliza a mão sobre meu quadril, ainda sorrindo para mim como se tudo isso fosse um jogo. — Fico feliz em tirar você da cabeça a qualquer momento, Cherry Pie. Agora entre no carro ou eu vou te foder contra a lateral dele.

— Eu não estou jogando, — eu digo, empurrando seu peito.

Em vez de recuar, ele se aproxima, balançando contra mim, e roça minha bochecha com os nós dos dedos. — Nem eu.

De repente, não é apenas a adrenalina que me faz tremer. Não sei como me senti segura com ele, muito menos mais cedo esta noite. Eu não estou segura.

Não importa quantas armas eu tenha, quão grande seja meu carro, nunca mais estarei segura.

— Só porque nós fodemos uma vez, isso não significa que eu posso fazer isso de novo, — eu digo, minha voz tremendo. — Estou fodida, Royal. Você me fodeu. Não desaparece só porque fui pega uma vez.

— Então seja pega de novo, — ele diz, deslizando a mão atrás da minha cabeça e entrando, inclinando-se para pressionar seus lábios nos meus. O beijo é quente e possessivo, reconfortante e dominador ao mesmo tempo. É um beijo que me manda deixá-lo assumir, me fazer sentir bem novamente. Por um segundo, deixo que ele me leve em sua corrente.

Mas sei o que acontece quando a corrente muda, quando me puxa para baixo.

Eu o empurro para trás, afastando-me, minha respiração irregular. — Você não pode simplesmente me beijar e desfazer o que você fez. Você não pode reverter algo depois de quebrá-lo. Sempre estarei arrasada, Royal. Por causa de você.

— Eu não me importo, — diz ele. — Eu não me importo se você está quebrada. Vou trazê-la de volta, faremos isso juntos. E se você quebrar de novo, eu vou te juntar de novo. Quantas vezes forem necessárias, Jailbird. É quantas vezes estarei lá para juntar os cacos.

— Eu não *quero* que você me recomponha, — eu digo, empurrando seu peito novamente, o desespero brotando de volta dentro de mim, ameaçando me preencher como fez por tanto tempo. Eu só quero ser normal de novo, não sentir que vou explodir em pedaços toda vez que ficar chateado. — Você não entendeu, Royal? Eu não quero ter que ser consertada. Eu quero ser inquebrável. Mas eu não posso. Eu sempre estarei quebrada. Eu nunca serei a mesma.

— Você vai ficar melhor, — ele diz, sua voz calma, mas firme com convicção.

— Melhor do que o quê? — Eu pergunto incrédula, lágrimas cobrindo meus cílios enquanto eu pisco para ele, minha garganta apertada como um punho.

— Melhor do que antes de te quebrar, — ele diz, agarrando meu rosto entre suas grandes mãos novamente. Ele dá um passo para mim, me apoiando contra o carro, o calor de seu corpo brilhando no ar entre nós, me deixando tonta. Ele acaricia o polegar na minha bochecha, espalhando umidade sobre a minha pele. — Cada cicatriz te deixa mais bonita. Cada lágrima te torna mais

minha.

— Como estou melhor? — Eu exijo, a dor insuportável na minha garganta ameaçando sufocar minhas palavras. — Não sou melhor do que nada. Estou arruinada. Você me arruinou, e não importa o quanto tente me dar o que preciso, isso não pode desfazer o que já aconteceu. Nunca mais serei aquela garota que você queria, Royal. Eu nunca vou ser sua do jeito que eu era antes. Isso não desaparece. Eu nunca vou me recuperar.

— Você irá.

— Não, — eu digo, balançando a cabeça. — Somos uma doença, Royal. É uma vez que você consegue, você nunca melhora.

— Você quer saber o quão doente eu estou? — ele pergunta, inclinando-se para tocar sua testa na minha. — Eu não me importo. Eu não me importo se você está quebrada em um milhão de pedaços. Vou encontrar cada um deles e vou juntá-los novamente. E vou te querer ainda mais quando vir essas rachaduras em você e saber que fui eu que as fiz. Vou te querer mais quando vir as linhas de cola que coloquei aí para te fixar, porque essa cola sou eu. Eu sou uma parte de você agora, Harper. Quero você mais agora do que antes, porque não marquei apenas seu corpo, marquei sua alma.

Achei que estava chorando, que estava melhorando, ficando mais forte, mas a dor continua me atingindo de novo, me quebrando de novo. Todo o meu corpo está tremendo incontrolavelmente, e não consigo impedir que as lágrimas se infiltrem entre meus cílios e escorram pelo meu rosto.

Royal se inclina para mais perto. Ele agarra minha garganta, empurrando minha cabeça para trás até encontrar o carro. Ele empurra sua coxa entre as minhas, me segurando no lugar enquanto ele abre a boca e passa a língua pelo meu rosto do meu queixo até o meu olho, lambendo minhas lágrimas em um golpe faminto. — Eu amo que essas lágrimas sejam para mim, — ele murmura, enterrando a outra mão no meu cabelo e apertando ainda mais, puxando minha cabeça para trás ainda mais. — Eu amo saber que você não pode desfazer o que eu fiz com você. Eu sou parte de você, e você não pode se livrar de mim, não importa o quanto você queira. Estou dentro de você e nunca vou embora. Eu sempre estarei aqui. Cada intervalo é meu. Toda cura é minha. Cada cicatriz é minha.

— Eu te odeio, — eu sussurro, segurando seu pulso com dedos trêmulos e apertando meus olhos fechados, a raiva crescendo dentro de mim como um tsunami quando eu percebo que não importa o que ele faça por mim agora, ele nunca vai se arrepender do que ele fez. Fez antes.

Ele lambe minha outra bochecha, esfregando sua coxa entre as minhas, seus dedos apertando minha garganta. — Eu te odeio mais.

— Não, você não odeia mais.

— Não me diga o quanto um Dolce pode odiar.

Ele toma minha boca, me jogando contra o carro, me devorando com uma possessão violenta. Uma mão está tão apertada no meu cabelo que as lágrimas borram meus olhos novamente, a outra apertada em volta da minha garganta, então eu mal consigo respirar. Estendo a mão, minha outra mão encontrando seu ombro. Minha palma encontra sangue quente e escorregadio, e eu tateio ao redor, encontrando o rasgo em sua manga e deslizando meus dedos, cavando em sua carne dilacerada.

Ele respira fundo e solta minha garganta, passando por mim para abrir a porta de trás. Ele puxa sua boca da minha, respirando com dificuldade. — Entre no carro e me mostre o que é meu.

— Não tenho nada seu, — eu digo, cravando minhas unhas em sua pele quebrada, saboreando a onda de poder dentro de mim, que eu posso causar dor a ele também.

Royal me levanta e se joga no banco comigo, lutando contra meu vestido enquanto eu chuto e luto, arranhando seu ombro, batendo em seu outro braço.

— Você disse as malditas palavras erradas, Cherry Pie, — diz ele, deslizando para baixo do acento até que ele esteja entre minhas coxas. Ele joga minhas pernas sobre seus ombros e se inclina para baixo, pressionando o nariz na minha calcinha e inalando profundamente. Eu empurro sua testa, mas ele apenas geme baixo em sua garganta em resposta, esfregando o nariz para frente e para trás contra mim, o calor de sua respiração aquecendo meu centro.

— Royal, não, — eu suspiro, lutando para juntar minhas pernas.

Ele os agarra com as duas mãos, enterrando o rosto mais fundo. De repente, ele me morde, afundando os dentes em mim através da minha calcinha. Eu grito e luto mais forte, batendo em sua cabeça.

Ele ri e se abaixa, puxando minha calcinha de lado e passando a língua contra meu clitóris. Eu suspiro, o calor escorregadio de sua língua fazendo um arrepio de prazer me percorrer.

— Pare, — eu suspiro, minhas coxas tremendo enquanto ele me abre com os dedos e lentamente me acaricia com a língua.

— Quando você admitir que isso é meu, — diz ele. Ele desliza sua língua ao longo da minha fenda, provando a umidade por dentro. Gemendo, ele pressiona mais fundo, lambendo e chupando desde meu clitóris até minha entrada, como se certificasse de reivindicar cada parte de mim, para me lembrar o quão bem ele me conhece e me possui.

Eu caio para trás no assento, arrepios de prazer me percorrendo, me derretendo de dentro para fora. — Royal, — eu sussurro, enterrando meus dedos em seu cabelo grosso e escuro.

— Mmm? — ele responde, a vibração de seu murmúrio me fazendo tremer sob ele. Eu desisto, deixando-o abrir minhas coxas e afundar sua língua em minha abertura. Ele geme de novo, bombeando ritmicamente sua língua dentro de mim enquanto acaricia meu clitóris com o polegar, me fodendo com a boca, os dedos, até eu pensar que vou explodir.

— Royal, — eu grito novamente, segurando seu cabelo entre meus dedos e balançando contra ele, montando sua língua.

Ele se afasta, indo da minha abertura para o meu clitóris com golpes largos e seguros. Ele geme de prazer, puxando o broto entre os lábios. Meus quadris se movem involuntariamente, e ele aumenta seu aperto em minhas coxas, me segurando enquanto move a ponta de sua língua em círculos lentos e sensuais ao redor do meu clitóris inchado.

— Oh Deus, — eu suspiro. — Royal, pare, eu não posso...

Ele arranca minha calcinha, deixando cair o tecido rasgado no chão, e abre meus joelhos.

— Diga-me a quem você pertence, — ele comanda, sua voz áspera com luxúria. — Diga-me que você é minha.

— Nunca, — eu respiro, afundando de volta no assento. Ele rosna e empurra seu rosto de volta para mim, chupando, lambendo e acariciando, comandando meu prazer enquanto ele me domina, toma o que é meu, o que é dele. Eu tento me segurar, mas ele me empurra até eu estar quase soluçando de prazer e, finalmente, eu quebro.

Eu empurro meus quadris sob ele, e ele mantém os golpes de sua língua enquanto ele trabalha um dedo em mim, pulsando contra minhas paredes enquanto elas se apertam ritmicamente em torno dele. Engasgo e sufoco um grito, calor correndo pelo meu rosto quando sinto o jorro de esperma inundar sua boca. Ele geme e empurra o dedo mais fundo, chupando minha carne inchada para extraí-la toda.

Então ele se move sobre mim, estabelecendo seu corpo enorme entre as minhas pernas. Arrepios ainda estão destruindo meu corpo, e estou ofegante. Ele agarra meu queixo entre o polegar e o indicador e se inclina sobre mim, cuspidando um jato de líquido quente entre meus lábios ofegantes. Quase engasgo quando o líquido salgado lava minha língua e percebo que sou eu, que ele cuspiu meu próprio esperma na minha boca.

— Que porra é essa, — eu consigo falar, engasgando enquanto desce pelo fundo da minha garganta.

— Você tem um gosto tão bom que me deixa louco, — ele diz, sua voz selvagem e rouca. — Você não quer provar aquela doce boceta que deixou seu rei de joelhos, minha putinha suja?

Ele levanta apenas o suficiente para puxar seu pau para fora, pressionando a cabeça nua dele contra a minha entrada lisa. — Está pronta para mim? — Ele pergunta, esfregando-o lentamente na minha umidade e afundando apenas a ponta dentro de mim.

— Sim, — eu respiro, me esfregando contra ele, querendo mais agora, quando acabei de gozar. — Deus, sim. Foda-me, Royal. Mostre-me.

Com um gemido, ele empurra para frente, afundando lentamente em mim. — Oh merda, Harper, — diz ele, deixando cair a testa na minha. — Eu odeio que você faça isso comigo.

— Eu também te odeio, — eu sussurro, acariciando seu cabelo, seu pescoço. Eu o puxo, procurando sua boca, e ele me recompensa com um beijo, seus lábios encontrando os meus. Ele tem gosto de sal e boceta, como eu. Sua língua desliza sobre a minha, atraindo-me para ele quando ele começa a se mover dentro de mim, seu pau grosso me esticando e me enchendo com um delicioso tormento enquanto ele o força para minhas profundezas e mói lentamente contra meu clitóris.

Nunca é o bastante. Nunca há muito dele, e eu sei que o quero, preciso dele, tanto quanto ele me quer, e descaradamente, ainda mais. Mesmo quando dói, quando ele está tão dentro de mim que mal consigo respirar, eu desejo isso. Eu desejo sua aspereza, sua violência, seu demônio que me possui, que me afoga em sua fome insaciável por mim, me engole inteira.

Eu deixo, deixo ir, deixo ele me ter, deixo ele enfiar seu pau nu tão fundo dentro de mim que não posso deixar de gritar.

— Você é minha, Harper, — ele diz, empurrando dentro de mim devagar e com força, enrolando as bobinas de prazer dentro de mim cada vez mais

apertadas cada vez que ele empurra em meu núcleo, me enchendo até que eu doa. — Quer você admita ou não. Você sempre foi minha, e sempre será minha. Seu corpo é meu, seu prazer é meu, sua alma é minha. Agora diga.

— Não posso.

— Então continuarei até que você possa.

Ele me beija de novo, rouba meus gritos de prazer e tormento, meus gemidos, minha fúria. Ele me fode até que eu não consigo me conter, mesmo que eu queira, e eu não consigo. Eu finalmente quebro, me abrindo, cedendo, me submetendo ao ritmo dominante de seu corpo forte reivindicando o meu, tomando cada parte de mim.

De repente, ele puxa para fora, seu pau quente e escorregadio pousando na pele fria do meu abdômen, exposto onde ele puxou meu vestido para cima. Ele ainda está duro, seu comprimento rígido pulsando contra mim.

— O que você está fazendo? — Eu suspiro, meus dedos segurando seus ombros. — Eu estava quase lá.

— Diga, e eu vou deixar você gozar, — ele rosna.

— O que?

— Diga-me o que eu quero ouvir.

Faço uma pausa por um segundo e depois desisto.

— Eu sou sua, — eu sussurro, minhas coxas tremendo ao redor de seus quadris.

— Isso mesmo, minha putinha. Seu corpo é meu. Sua boceta é minha. Seu orgasmo é meu. Até sua alma de cereja preta é minha. E eu vou te foder até você gritar para o mundo inteiro ouvir.

Ele toma minha boca novamente, sua língua reivindicando a minha enquanto ele desliza de volta para mim, me enchendo com uma estocada poderosa e vertiginosa. Juro que vejo malditas estrelas e nunca mais quero descer. Ele bombeia dentro de mim em um ritmo viciante, que faz meus dedos dos pés se curvarem e minhas mãos se fecharem em seu casaco, agarrando-o como se ele fosse a única coisa que me ancora neste mundo quando ele me empurra para o limite e eu grito, consumida pelo prazer, enquanto o clímax me lava.

Eu me ouço dizendo a ele o que ele quer ouvir, gritando seu nome, dizendo que sou dele, que sempre fui dele, que sempre serei.

E digo a mim mesma o que quero ouvir também, que é só o orgasmo falando.

Depois que transamos, dirigimos até o rio. Está frio para outubro, então subimos no banco de trás do Escalade. Não tenho cobertor, mas Royal tira o paletó e deitamos juntos no banco.

Eu me viro para ele, circulando meu dedo em volta de sua orelha. — Você precisa ir ao hospital? — Eu pergunto. — Você provavelmente precisa de pontos.

— Estou bem, — diz ele. — É só um arranhão.

— Sinto muito, — eu digo, inclinando-me para pressionar meus lábios nos dele.

— Você não atirou em mim.

— Me desculpe, eu me apavorei.

— Eu acho que você ganhou o direito, — ele diz, achatando a mão na parte inferior das minhas costas e me segurando apertado contra ele.

— Sinto muito... Pelo que fiz também, — eu digo. — Por contar ao Sr. D... Tudo o que eu fiz. Especialmente sobre o Hockington. Baron já sabia?

— Não, — Royal diz baixinho. — Só o papai sabe. Sabia.

— Então, eu expus você a alguém, — eu digo, engolindo em seco. — Eu sinto muito. Eu estava com medo, Royal. Eu não tinha mais ninguém e estava com medo do que você estava fazendo com os Darlings. Não apenas porque os machuca. Isso dói em você também. Eu gostaria que você parasse. Que há alguma maneira de você pelo menos seguir em frente, mesmo que não perdoe.

— Você pensou que estava contando a um deles, — diz ele. — Você sabia como eu me sentia sobre eles.

— Você pensou que eu era uma deles, — eu digo. — Eu só... eu queria sair desta cidade, Royal. Tem sido meu sonho desde que soube o que eram os sonhos. Nunca nem saí do estado. Eu só queria ir para a faculdade. É a mesma razão pela qual eu estava chupando o Sr. Behr. Não só porque eu queria uma boa nota para ele ficar orgulhoso de mim ou algo assim. Eu queria as notas para entrar na faculdade. É por isso que peguei a bolsa do Sr. D... Do seu pai. Eu teria feito qualquer coisa para sair de Faulkner.

— Você ainda pode.

— Eu sei, — eu digo. — Não é a mesma coisa agora. Também quero ajudar as pessoas aqui. Não apenas deixá-las sozinhas.

— Por quê? — ele diz, pressionando seus lábios na minha testa. — Eles nunca fizeram nada por você.

— Simplesmente quero, — digo, pensando que disse algo semelhante a Preston. — E sei que meus motivos não são uma desculpa para o que fiz. Mas essa é a minha explicação. Eu sabia que estava indo longe demais quando contei a ele seu segredo. Eu simplesmente não tinha mais nada. Eu estava desesperada, e pensei que talvez isso acabasse com seu pai. Eu odeio que você faça isso por ele.

— Eu não, — diz ele. — Eu disse a você, eu parei.

— Mas você conseguiu, — eu digo. — Ele fez você fazer isso por... Quanto tempo?

— Ele costumava fazer King fazer isso, mas quando ele se mudou, coube a mim ou a meus irmãos. Eu não queria que eles tivessem que lidar com isso. Eu queria que eles pudessem ser crianças, fazer suas coisas. Eu sei que eles são fodidos. Não é que eu ache que eles são inocentes. Mas eu não queria mais uma coisa fodendo com eles. Não quero descobrir onde está a linha, o que os fará finalmente quebrar.

— Eles não merecem você, — eu digo, deslizando a mão atrás de seu pescoço. — Você é bom demais para eles.

— Eles são meus irmãos, — ele diz simplesmente. — São tudo o que tenho.

Eu enrolo um pequeno cacho atrás da sua orelha em volta do meu dedo. — Royal... Posso te perguntar uma coisa?

— Qualquer coisa, — diz ele, sua respiração quente contra o meu rosto enquanto ficamos ali, a centímetros de distância.

— Você os perdoa? — Eu pergunto. — Pelo que eles fizeram comigo?

— Não tenho o direito de me ofender com o que eles fizeram, — diz ele. — Isso faz sentido?

— Não, — eu admito, cruzando meu braço sob minha cabeça e

procurando seu rosto na penumbra do luar filtrando do lado de fora.

— Eu quero matá-los quando penso nisso, — diz ele. — Mas tudo o que pude fazer foi trazê-los para você e deixá-la se vingar. Eu teria deixado você fazer qualquer coisa, Harper. Eu esperava que você fizesse mais do que fez. Eu não teria impedido você. Mas essa foi a sua vingança porque eles a injustiçaram.

— Eles não erraram com você?

Ele faz uma longa pausa antes de responder. — Não, — diz ele calmamente. — Eu dei a eles permissão para prejudicar nós dois. Você é minha. Eles entendem isso. Você pertence a mim - cada parte de você. Eu escolhi compartilhar isso com eles. Isso é por minha conta. Posso me arrepender, mas não posso puni-los porque mudei de ideia depois do fato. Eu dei você a eles, dei-lhes permissão para fazer o que quisessem com você. Eu dei a eles o seu consentimento porque ele pertence a mim.

— Eu não concordo com isso, — eu digo. — Eu nunca concordei com isso.

— Você não tem escolha, — diz ele. — Eu também não. Você é minha. É assim que as coisas são.

— Isso é besteira.

— Besteira ou não, eles pegaram o que eu dei a eles. Não tenho o direito de puni-los pelo meu erro.

— E quanto a Dawson? — Eu pergunto, engolindo em seco, pensando que ele tem o código moral mais fodido do mundo, mas ele com certeza tem um.

— Dawson não teve minha permissão.

Ficamos ali por um minuto, meu coração batendo tão forte que posso ouvi-lo. — Você o matou? — Eu sussurro.

— Eu deixei você puni-lo pelo que ele fez com você, — diz Royal. — E eu o castiguei pelo que ele fez comigo. Eu não compartilhei você com ele. Ele pegou o que era meu e pagou o preço.

Uma parte doente de mim está feliz por Royal ter feito isso, então não tenho que sentir a culpa de saber que alguém tirou a vida em parte por minha causa. Em vez disso, Royal tirou a vida de Dawson por minha causa. Talvez isso me deixe doente, mas de alguma forma é mais fácil de engolir. Suspeitei que Royal tinha desempenhado um papel na morte de pelo menos um Darling, mas

saber que amo um assassino de verdade me dá um arrepio na espinha.

Eu engulo o tremor na minha voz. — E os gêmeos?

— Eu os ajudei a entender a gravidade do que fizeram, — diz ele. — Ele era amigo deles, e agora eles vivem com o que causaram. E eles sabem o que acontece com as pessoas que me enganam.

Concordo com a cabeça, brincando com o primeiro botão de sua camisa. — E se você ficar com raiva de mim de novo, Royal? O que acontece depois? Como posso confiar em você quando sei o que você faz com as garotas que te enganam?

— Você não tem que confiar em mim, — diz ele. — Mas você vai. Agora que entendo, agora que sei que você é minha, quer eu queira ou não, quer *você* queira ou não... Nunca mais vou deixar ninguém tocar em você, Harper. Eu prometo.

— Mas se eu sou sua, se meu consentimento pertence a você, então você pode me compartilhar novamente.

— Eu não vou, — diz ele. — Você pode não confiar em mim agora, mas você vai. E você ainda é minha, confiando ou não em mim ou eu em você.

— Você? — Eu pergunto. — Você confia em mim?

— Eu não cacei seu herói por estar com você ontem à noite, — ele diz. — Eu não arranquei o pau dele com minhas próprias mãos e o fiz comê-lo enquanto ele sangra lentamente pelo buraco deixado onde costumava estar, não é?

— Nada aconteceu, — eu digo. — Eu não penso nele dessa maneira.

Royal fica quieto por um minuto, seu polegar acariciando meu cabelo enquanto ele embala minha cabeça em sua mão. — Eu também não confio em você, — ele diz. — Mas isso não muda nada.

— Porque eu ainda sou sua, mesmo que você não me queira.

— Eu não disse que não queria você, — diz ele. — Eu disse que não queria que fosse verdade. Mas isso é. Somos parte um do outro agora, Harper. Não há saída.

— E se eu concordar com isso, em ser sua, não importa o que você faça comigo, você pode me perdoar? — Eu pergunto, segurando a frente de sua

camisa. — Se eu parar de lutar contra isso, você tentará entender por que eu o traí e me perdoará por isso?

Ele olha para mim na quase escuridão, então eu só posso ver um vislumbre de luz refletido em seus olhos, a forma esculpida de seu queixo que me dá vontade de chorar de tão perfeito. — Sim, — ele diz finalmente.

Ele se inclina e pressiona seus lábios nos meus, e desta vez, ele não me faz falar. Ele se move em cima de mim, dentro de mim, e eu o seguro, e sinto lágrimas escorrendo pelo canto dos olhos, mas não sei por que estou chorando.

Talvez seja um alívio poder finalmente me desapegar, deixar que outra pessoa assuma o controle, seja responsável por mim. Ou talvez seja porque sei que não é o suficiente, assim como seu pedido de desculpas não teria sido suficiente para mim. Eu precisava que ele mostrasse, não dissesse. Eu precisava que ele fizesse as coisas que fazia, mesmo quando não sabia que precisava delas. Ele me amou o suficiente para fazer tudo o que podia para me curar até que eu fosse capaz de perdoar mesmo sem ele pedir desculpas.

Ele precisava que eu pedisse desculpas, para me desculpar, antes que ele pudesse perdoar. Mas mesmo agora, quando as coisas estão bem entre nós, sei que ele não está curado. Talvez ele nunca o estará.

— Ela está caída, — diz Devlin, entrando em nosso quarto e fechando a porta. — Embora eu ainda não ache justo você me obrigar a colocar o filho de outro homem na cama.

Eu coloco meu tablet no meu colo e dou a ele um sorriso tímido. — Era a sua vez.

— Você nem vai fingir que não me traiu com Satanás para produzir esse? — Ele pergunta, caminhando até a cama e levantando os cobertores para deslizar ao meu lado. — Ou me lembrar que fui eu quem queria uma garota?

— Eu tenho que te mostrar uma coisa, — eu digo, observando-o com cuidado. — Mas você tem que prometer não ficar bravo.

Ele se inclina e acaricia minha bochecha antes de envolver um braço em volta da minha cintura e me puxar para fora da montanha de travesseiros até que eu esteja deitada de costas. Ele sorri para mim. — Você estava escolhendo casas sem mim de novo, Doçura?

— Não, — eu digo. — Eu estava apenas perdendo tempo online até você vir para a cama e eu vi este vídeo. Eu não estava procurando por isso, eu juro. Está viralizando. Mais de 4,3 milhões de pessoas já viram, então não se preocupe, ninguém vai notar mais um hit da Califórnia.

— O que você está falando? — Devlin pergunta, seu rosto ficando cauteloso.

Engulo em seco e aperto o botão do tablet, ligando a tela. Eu me apoio no cotovelo e assistimos ao vídeo juntos. Quinze segundos de caos no refeitório. Quase não consigo ouvir nada além do rugido de vozes, um grito e uma voz mais profunda. Não sei exatamente o que meu irmão está dizendo, mas ele está sentado em uma cadeira, apontando para o colo, provocando alguém enquanto puxa o pau para fora. Alguém borrou o vídeo em seu colo antes de postar, mas está claro o que aconteceu.

Então Baron dispara, grita que há um telefone e mergulha para quem está segurando a câmera. Há cerca de dez segundos de filmagem trêmula e cambaleante que me deixa enjoada quando a câmera se move, mas posso ver meus irmãos puxando cadeiras debaixo das pessoas, jogando-as no chão e, em seguida, o borrão da camisa de alguém. Então a câmera cai e há flashes de movimento acima dela, roupas e membros não identificáveis se movendo sobre

ela, e então a tela fica preta.

Eu olho para Devlin, meu coração batendo forte.

— Onde você viu isso? — ele pergunta baixinho.

— Está em todas as mídias sociais agora, — eu digo. — Eu estava apenas rolando no *The Tea*, e ele apareceu. Eu vi o nome da escola e cliquei nele. Esse é meu irmão, certo? Não estou tendo alucinações?

— Definitivamente se parece com eles, — confirma Devlin.

— Pesquisei depois para ver se havia mais alguma coisa, mas não cliquei em nada local para Faulkner, só por precaução...

— Caso eles ainda estejam procurando por você, — ele diz, colocando o tablet na mesa de cabeceira e me puxando para seus braços. Ele me segura como se ainda estivesse com medo de que eles nos encontrem, nos separem. Estou tão assustada quanto, muito assustada até mesmo para esperar que eles tenham parado de procurar.

— Já está gerando artigos sobre como as escolas particulares permitem que os adolescentes escapem impunes de assassinatos, e como eles encobrem coisas assim, — eu digo, deitando minha cabeça em seu peito. — E as postagens nas mídias sociais são sobre agressão sexual e porque as meninas não denunciam coisas, porque aparentemente a escola não fez nada. Eles ainda jogaram no jogo de boas-vindas à noite.

— Parece ainda pior do que quando estávamos lá, — diz Devlin. — Mas não estou surpreso. Você se lembra de como era. Aquela cidade adora futebol.

— E não é como se ele tivesse tocado em alguém, — digo, me sentindo de repente na defensiva em relação ao irmãozinho que não vejo há três anos. — Ele estava apenas exibindo a alguém.

— Sim, mas... Ainda assim. Poderíamos ter feito merda, mas não assim, abertamente. Eles tinham que saber que alguém poderia filmar. Todo mundo está com seus telefones na hora do almoço.

— Preston me deu um banho de leite no meio do café.

— Sim, — diz ele com um sorriso arrogante. — Mas isso é quente.

— Talvez eles tenham mudado a política, — eu digo, ignorando seu comentário. — Baron parecia muito chateado porque alguém tinha um telefone.

É difícil imaginar aquela escola, o quanto ela deve ter mudado agora. Os gêmeos e Dixie são as únicas pessoas que conheço que ainda estão no ensino médio. King se formou anos atrás. Royal se formou em maio passado. Eu teria me formado se tivesse ficado. Devlin estaria jogando futebol em alguma universidade. Eu seria uma caloura na faculdade.

Eu me pergunto o quão diferentes eles são, todos que deixamos para trás. Eu me pergunto onde Royal está. Pensar em meu irmão gêmeo envia uma facada de dor através de mim, então eu afasto meus pensamentos dele.

Quero ver o vídeo de novo, mas resisto. Os gêmeos são maiores, mas parecem exatamente iguais. Suas travessuras também não são nada chocantes. Eles sempre foram assim, ultrapassando limites, se metendo em encrencas, tendo que ser socorridos por acenderem fogos, quebrarem janelas, DUIs6 ou qualquer outra travessura que a noite trouxesse. Mesmo antes de deixarmos Nova York, quando eles eram pré-adolescentes com contas bancárias enormes, eles eram diabinhos. Na oitava série, um ano antes de nos mudarmos para o Arkansas, eles já tinham um metro e oitenta de altura e eram conhecidos por festejar muito, fazer sexo a três e se meter em apuros com a lei.

Na época, eu estava muito ocupada me sentindo ressentida por eles terem permissão para dirigir e ir a festas com Royal e King, que mal me deixavam fora de vista, embora eu fosse um ano e meio mais velha. Agora, como mãe, estremeço ao pensar em meus próprios filhos crescendo dessa maneira. Treze parece ser a idade certa para dar o primeiro beijo, ainda não tem a reputação de dormir por aí. Se tudo o que os gêmeos estão fazendo quatro anos depois é se exibir a alguém no refeitório, Arkansas foi definitivamente o movimento certo da parte do meu pai.

Eu me pergunto se mamãe sabe disso, se ela já se mudou para o Arkansas. Não que ela fosse fazer alguma coisa. Quando eles tinham problemas em Nova York, ela apenas dizia “meninos sempre serão meninos”, tomava outro Valium e dizia a papai para cuidar disso. Afinal, ela cresceu em uma família da máfia, onde os meninos não apenas quebravam janelas, mas também rótulas. As travessuras de meus irmãos dificilmente estão no mesmo nível do assassinato.

— Você ainda sente falta? — Eu pergunto depois de alguns minutos deixando meus pensamentos vagarem para o passado.

— O que? — Devlin pergunta. — Lar? Futebol americano? O sul?

— Todos os itens acima, — eu digo, envolvendo meus braços em torno dele e me aconchegando mais perto.

— O tempo todo, — ele admite, beijando minha testa. — Minha família

mais do que tudo.

— Eu também.

— Mas se eu pudesse voltar três anos, não mudaria nada, — diz ele, passando os dedos pelo meu cabelo cor de caramelo.

— Eu poderia mudar alguma coisa, — eu digo. — Royal foi sequestrado neste fim de semana, três anos atrás. Lembre-se, era a noite do Baile.

— Lembro-me daquela noite por diferentes razões, — diz Devlin, puxando meu joelho para cima de seu quadril e empurrando contra mim. — Essa foi a noite em que uma doce virgem acabou na minha cama.

Eu o puxo para mais perto com a minha perna. — Não sou mais uma virgem tão doce, sou, *Steve*?

Ele ri e me beija no nariz. — Veja, nós não precisamos deles. Vocês são minha família agora.

— Eu só queria... — Eu paro e deito na cama. — Estou feliz por poder vê-los. Mesmo que seja apenas por quinze segundos.

— Nós concordamos depois que eu entreguei a demo de Dolly aos produtores no trabalho, — Devlin me lembra. — É muito arriscado.

— Estou tão feliz que ela não reconheceu você, — eu digo, tremendo, embora nossa cama esteja quente. — Eu não desistiria disso por nada.

— Precisa que eu te lembre o quanto valemos a pena? — Ele pergunta, rolando de volta para mim e empurrando sua ereção contra meu quadril.

— Estou toda leitosa, — eu protesto.

— Mm, eu amo isso, — ele murmura em meu pescoço, sua grande mão cobrindo meu peito inchado. Ele acaricia meu mamilo através da minha camisa até endurecer, trazendo uma flor de umidade com ele. — Vou me molhar com isso antes de foder você.

— Devlin, — eu repreendo.

— Você não pode fingir que está com nojo depois de colocar sangue menstrual no meu café.

— Parece o nome de uma música country ruim, — eu digo, um jogo que jogamos desde que ele trabalha para uma gravadora.

Ele canta a linha com um sotaque country, dedilhando minhas costelas até eu começar a rir. Então ele se inclina e fecha a boca sobre meu mamilo, sugando-o através do tecido molhado da minha camiseta.

— Você está ficando com leite na boca, — eu protesto, ainda rindo.

— Você acha que um pouco de leite vai me assustar? — Ele pergunta, puxando minha camisa e passando a língua em meu mamilo que vaza. — Eu como você quando está menstruada.

— Tudo bem, mas...

Ele puxa minha camisa sobre minha cabeça e a joga no cesto de roupa suja no canto. Então ele se vira para mim, agarra meu torso e nos rola para que eu fique em cima dele. — Molhe meu pau, Doçura. Eu vou te foder esta noite.

Eu puxo meu cabelo para o lado e me inclino, puxando a parte de cima de sua cueca boxer. Ele geme e se levanta, empurrando seu pau em direção ao meu rosto. Eu o puxo para fora e passo minha língua sobre sua ponta. Ele se abaixa, acariciando meus seios até que fiquem escorregadios de leite.

— Agora quem está tomando banho de leite, — ele brinca.

— Deixe-me pegar uma toalha, — eu digo, recostando-me, corando de vergonha.

Devlin se apoia em um cotovelo, estendendo a outra mão. Seus dedos se fecham suavemente em volta da minha garganta. — Molhe-me com seus peitos, — ele rosna.

Eu engulo meu constrangimento e me inclino, apertando meus seios inchados juntos em torno de seu eixo. Ele geme e levanta os quadris, deslizando lentamente para dentro e para fora entre meus seios por um minuto. Quando olho para baixo e vejo gotas de leite cremoso grudadas em sua ponta grossa, o calor pulsa entre minhas coxas.

— Você é tão sexy, — ele rosna. Ele me agarra por baixo dos braços e me levanta, me puxando para seu colo. Enterrando a mão no meu cabelo, ele me puxa para um beijo áspero antes de nos virar. Ele se abaixa para se alinhar antes de enfiar seu pau nu e liso dentro de mim. Eu suspiro e arqueio, agarrando-me a ele enquanto ele bombeia em meu centro quente, já escorregadio com minha própria excitação.

Ele se inclina para me beijar, seus dedos se fechando em volta da minha garganta novamente.

— Até que você fique menstruada de novo, este é meu lubrificante favorito, — ele diz, dirigindo para dentro de mim com um ritmo suave e poderoso até que eu imploro por mais, para ele me deixar terminar. Ele agarra meus dois pulsos com uma mão, puxando-os acima da minha cabeça enquanto sua outra mão permanece em volta da minha garganta.

— Sua boceta é a porra de um milagre, — ele rosna, mordendo meu lábio. — Agora deixe-me senti-lo chupando o leite do meu pau, minha doce Crystal de açúcar.

Ele penetra em mim com força, me dominando a cada estocada até que eu obedeça, minhas costas arqueando quando o clímax me atinge. Um grito estrangulado escapa antes dele colocar a mão sobre minha boca e seus dedos apertarem minha garganta, apertando até eu engasgar. Minhas paredes se fecham ao redor dele, e ele xinga e me penetra selvagememente antes de se acalmar, seu pau pulsando grosso antes de um calor líquido derramar em meu núcleo latejante.

Eu suspiro para respirar, agarrando seus ombros até que minhas unhas cortam a pele, roçando contra ele. Ele me mantém presa, uma mão sobre minha boca para me silenciar, a outra mão cortando o sangue para o meu cérebro até que eu acho que vou desmaiar. Ofegando para respirar, eu gozo de novo ainda mais forte, contrariando descontroladamente, arranhando e mordendo, estrelas pontilhando minha visão através da escuridão até que ele relaxa seu aperto e me deixa respirar.

Ele pressiona seus lábios na minha boca ofegante, rindo e acariciando seus dedos no meu pescoço. — Doce pequena virgem, minha bunda, — diz ele, afundando em cima de mim. — Eu posso ser o primeiro homem que te fodeu, mas você sempre foi uma aberração.

— Diz o homem obcecado por fluidos corporais, — digo, ainda ofegante.

— Você começou, — ele me lembra, acariciando meu pescoço. — Com o café.

— Acho que o truque da minha avó funcionou, — eu digo. E embora eu esteja mais feliz do que tenho o direito de estar, mesmo tendo uma família linda e um marido que amo mais do que a própria vida, a dor familiar se contorce em meu peito com a menção da amada avó que nunca verei novamente.

— Certamente sim, — ele concorda. — Nada nesta terra poderia tirar você de mim, Brooklyn Tate.

— Nada vai, — eu prometo, meus braços apertando em torno dele, como se segurar forte o suficiente fosse fazer os lugares vazios em meu coração

desaparecerem, aqueles que um marido não pode preencher, não importa o quanto ele me ame e me dê tudo. Eu poderia perguntar a ele. Ele vale cada sacrifício que fiz, mas isso não significa que ainda não sinta falta das coisas que perdi, das pessoas que deixei.

Minha avó travessa, minha mãe egoísta, meu pai controlador, meu irmão mais velho protetor, meus irmãozinhos indisciplinados e meu irmão gêmeo, a melhor metade de mim.

Acima de tudo, gostaria de poder ver Royal, mesmo que apenas por quinze segundos de um vídeo viral. Só para saber que ele está bem, que se recuperou do que aconteceu quando foi sequestrado, que se mudou e está livre do nosso pai, que ele sempre odiou.

Só quero saber se ele está feliz, mas não **posso** arriscar. Baron provavelmente me encontraria de alguma forma se eu os procurasse. Ele veria meu endereço IP e me rastrearia, e eu não sacrifiquei tudo isso apenas para acabar com um marido morto. Então me concentro em Devlin enquanto ele pega um pano e me limpa, dizendo a mim mesma que sou a garota mais sortuda do mundo. Quando ele volta para a cama, eu me enrolo nele e penso em tudo que ganhei para não ter que pensar em tudo que perdi.

Royal me deixa perto do amanhecer. Seu carro ainda está do outro lado da rua, aparentemente ileso. Talvez mamãe não tenha contado aos namorados que pertence a alguém que eu conheço.

— Te Encontro no rio na terça-feira? — Royal pergunta depois de estacionar o Escalade na minha garagem.

Eu balanço minha cabeça. — Royal. Nós fodemos. Isso é tudo. Isso não significa que estamos juntos.

— Tudo bem, — diz ele. — Mas se você *não* quiser se encontrar na terça-feira, encontre-me em nosso local de sempre.

— Você está bem com isso ser apenas sexo?

— Claro, querida.

Eu estreito meus olhos. — Por quê?

— Isso é o que você disse que queria, — diz ele. — Por que você está questionando isso?

— Porque você não está lutando comigo, — eu digo. — Você sempre luta.

— Não adianta discutir, — ele diz com um sorriso malicioso. — Nós dois sabemos que você está cheia de merda.

Cerro os dentes e o encaro. — Por que você me conhece tão bem?

— Eu sei que isso não é só foder, — ele diz, inclinando-se no assento e deslizando sua grande mão atrás da minha cabeça. Ele me puxa e me beija com força na boca antes de se afastar. — E você também.

Ele sai, e eu balanço minha cabeça em sua porra de coragem. Mas, na verdade, eu não me importaria de nos encontrarmos. O sexo é bom demais para ser ignorado e também sinto falta das outras partes. Sinto falta de falar com ele, de tê-lo falando comigo. Sinto falta de me sentir necessária para ele, sentindo como se eu fosse a única para quem ele mostrava essa parte de si mesmo.

Mas não quero fazer promessas quando não tenho certeza se posso cumpri-las. Não sei aonde isso vai nos levar, quando vou surtar de novo e decidir que

não posso ficar perto dele. E eu não quero machucá-lo mais do que ele foi ferido, não apenas por mim, mas por todos em sua vida - não apenas os Darlings, mas cada pessoa em sua família. A mãe dele os deixou e pelo que ele me disse, não dá a mínima para ninguém além dela mesma. Sua irmã desapareceu e ele se culpa por isso. Seu irmão mais velho o deixou para cumprir as nojentas ordens de seu pai. Ele não pode mais confiar em Baron e Duke.

Então eu apenas entro sem fazer barulho sobre isso. Ainda estou trabalhando para perdoá-lo, mas também estou voltando para a pessoa que queria conhecer as pessoas, estudá-las e entendê-las. Estou começando a entender Royal de novo, da maneira antiga e também da nova. Estou começando a entender por que ele não pode me deixar ir, mesmo depois que eu o traí. Ele não tem mais ninguém, ninguém com quem possa ser sincero, ninguém em quem possa confiar. E mesmo que ele não confie em mim, ele já me disse tanto que é mais fácil me perdoar e me manter perto do que começar tudo de novo, especialmente para alguém como Royal, que não se abre facilmente.

Sempre invejei muito sua família, principalmente ele e seus irmãos. Eles tinham tudo: dinheiro, poder, status e família. E acima de tudo, eles pareciam ter esse vínculo. Eles sempre estiveram juntos. Mas agora sei que não é a irmandade que imaginei. Eles protegem um ao outro quando o mundo está assistindo, mas eles têm segredos um do outro. Baron era o Sr. D. Royal estava virando truques. E Duke... ainda não conheço os segredos de Duke.

Talvez seja apenas o segredo aberto, a coisa que todo mundo sabe, mas ninguém diz - que ele obviamente é alcoólatra ou está no caminho certo. Lembro-me dele caindo da varanda da casa de Preston. Todos riram porque era apenas o clássico Duke com suas travessuras bêbadas. Ele tem dezessete anos, o que as pessoas esperam? Eles vão rir disso, e ele vai para a faculdade e beber demais durante quatro anos em uma fraternidade, e então será o tio bêbado em todas as reuniões de família. E esse é o melhor cenário.

Embora já esteja clareando, não consigo dormir. Fico ali pensando em Royal, querendo mandar uma mensagem para ele como uma cadela burra que não consegue esperar cinco segundos depois que um cara sai antes de eu sentir falta dele. Eu deveria estar juntando minhas próprias coisas. Eu deveria estar pensando em voltar para a cena da luta, para os jogos de pôquer. Não gastei muito do meu estoque, mas também não acrescentei nada.

Lembro-me de dizer que o dinheiro resolvia tudo, mas na verdade só resolve uma coisa. Isso pode me tirar da cidade. Mas não resolve os problemas da cidade. Não se livra do Sr. Dolce. Não faz Duke parar de beber ou curar Baron de ser um psicopata. Isso não fez a mãe deles ficar e não trouxe a irmã de volta. No final das contas, apesar do dinheiro, poder, status e família de Royal, ele está tão sozinho quanto eu.

Na manhã de segunda-feira, estou entrando na escola quando Baron sai furioso do escritório.

— Puta do caralho, — ele rosna para mim.

— Bom dia para você também, — eu digo, dando-lhe o meu sorriso mais alegre.

— Você vai pagar por isso, — diz ele, olhando para mim.

Eu arqueio uma sobrancelha. — É cedo para começar merda, mesmo para você. Ainda não tomei minha caféina, então apenas me esclareça. O que eu fiz desta vez?

— Você foi atrás do Dolce errado, — diz ele, estreitando os olhos. — Confie em mim, papai não vai deixar você escapar com um tapa no pulso como Royal fez.

Eu engancho meus polegares nas alças da minha mochila em uma pose externamente casual, embora meu estômago esteja apertado de pavor. — É assim que você chama o que você fez comigo na primavera passada? Um tapa no pulso?

— Quando isso acabar, você vai desejar nunca ter saído daquele pântano.

Baron gira e sai pela porta da frente, deixando-me parada ali de surpresa e ainda no escuro, meu lugar menos favorito para se estar.

Pelo menos sei onde procurar informações. Suspiro e sigo pelo corredor, de olho em Dixie. Estou nesta escola há tempo suficiente para perceber que algo estranho está acontecendo. Os grupos de pessoas sussurrando e fofocando, alguns olhares demais em minha direção... É tudo um pouco remanescente do ano passado.

Paro no meu armário, aliviada quando Josie aparece no dela um minuto depois. Ela me dá um sorriso, o primeiro que ela me dá, antes de apoiar a bolsa no joelho enquanto gira o botão em sua combinação. — O administrador está definitivamente sentindo a pressão agora, — ela diz, soando francamente alegre.

— O que está acontecendo? — Eu pergunto.

— É muito cedo para saber o que vai acontecer, mas nós definitivamente agitamos as coisas, — ela diz, finalmente parecendo que me respeita em vez de

pensar que sou uma vadia rica que vai tornar sua vida um inferno.

— Como exatamente? — Eu pergunto, fechando meu armário.

— Oh meu Deus, Harper, — Gloria diz, varrendo ao meu lado, parecendo toda afobada. Ela passa o braço pelo meu, apertando-o com tanta força contra o dela que é quase doloroso. — Você está famosa!

Eu olho ao redor, o nó de pavor na minha barriga endurecendo quando vejo as pessoas se virando para olhar, alertadas por seu seu tom.

— É melhor a gente se maquiar caso alguém queira tirar uma foto, — ela diz, me arrastando pelo corredor.

— Por favor, não me diga que há outro vídeo, — murmuro, segurando seu braço tão apertado quanto ela esta no meu. — Acho que não vou sobreviver a mais um golpe.

— Apenas tome cuidado, — ela diz, mantendo o sorriso no lugar enquanto me leva ao banheiro.

— Para que?

— Fora, — ela ordena, apontando para a porta e olhando para o punhado de garotas que já estão no banheiro. Elas resmungam e reviram os olhos, mas obedecem. Afinal, ela é a Rainha B.

— Que porra está acontecendo? — Eu exijo.

Glória começa a checar as baías, então eu me junto para acelerar, já que sei que ela não vai falar antes de saber que é seguro. Finalmente, ela relaxa, seus ombros afundando e todo o seu rosto mudando de vadia intimidadora para amiga preocupada.

— Você nunca olha para o seu telefone no fim de semana? — ela pergunta.

— Achei que estávamos todos muito ocupados com o Baile para fazer algo escandaloso, — eu aponto. No domingo, Royal não me deixou até de manhã, então dormi metade do dia e depois fiz o dever de casa.

Ela suspira e puxa o telefone da bolsa. — Você tem o aplicativo *The Tea*?

— Não, — eu digo, franzindo a testa para ela. — Por quê?

— Não é de admirar que você seja sempre a última a saber, — ela diz, revirando os olhos. — É como o Twitter e o TikTok fossem um só. Como você

sabe o que está acontecendo sem ele?

— De alguma forma eu consegui por dezoito anos, — eu digo, revirando os olhos.

Ela empurra o telefone para mim e eu olho para a tela por um segundo. Ou quinze segundos, para ser mais exata. Então eu balanço minha cabeça. — Esse é o vídeo do *OnlyPics*? — Eu pergunto. — Ou outra pessoa estava filmando também?

Além do pau de Duke estar borrado, parece o mesmo de sexta-feira. Aquele que Magnolia pegou e não conseguiu deletar porque seu telefone estava quebrado.

Não foi?

— Agora é o vídeo do escândalo da escola particular, — diz Gloria, apontando para um número no canto superior do vídeo. — Dezoito milhões de pessoas assistiram a isso.

Não consigo nem compreender um número tão grande. — O que? — Eu pergunto, segurando a pia para não cair naquele número. — Como isso é possível? Existem tantas pessoas assim no *OnlyPics*?

— Provavelmente não, e eles não têm capacidade de explodir coisas assim, — diz Gloria, assistindo ao replay do vídeo. — Mas provavelmente existem bilhões no *The Tea*, e foi aí que se tornou viral. Você pode compartilhar e repostar aqui. E então foi escolhido pela mídia. Mamãe disse que estava no *Local News com Jackie* ontem à noite.

— Então eu acho que Duke é quem é famoso, não eu, — eu digo. — Tudo o que faço nesse vídeo é cair de bunda.

— Sim, bem, dezoito milhões de pessoas viram você e Dixie caírem de bunda e baterem a cabeça, — diz ela, abafando uma risadinha enquanto assiste.

— Não é engraçado, — eu digo, pegando o telefone.

Eu posso ver por que isso se tornou viral. Apesar da filmagem trêmula e dos borrões de pessoas passando na frente da cena, é difícil parar de assistir. Deixei cair novamente. É cativante, da mesma forma que um acidente de trem é cativante.

Duke puxando seu pau para fora. Baron se levantou e apontou com tanta urgência. O mergulho para a câmera. Magnólia esquivando-se dele. Os caras

puxando nossas cadeiras para trás, nos fazendo cair, e nossa colisão cômica. O gritinho de Magnólia antes que a câmera seja arrancada. É um entretenimento atrevido, engraçado, emocionante e inestimável que eles têm de graça.

Assistindo novamente, decido que é definitivamente o vídeo de Magnolia, não de outra pessoa. A camisa que Colt estava usando na sexta-feira assume a tela quando ela para atrás dele, e a tela fica preta quando Baron pisa em seu telefone.

O sino toca, mas Gloria e eu o ignoramos.

— Aquela putinha, — eu digo, devolvendo o telefone para Gloria. — Ela estava transmitindo lá ao mesmo tempo? Ou ela colocou isso antes de apagarmos do *OnlyPics*?

Glória balança a cabeça. — Magnolia não postou. *Rumor Has It* colocou. Tenho certeza de que ninguém fora de Willow Heights a estava seguindo antes disso. Agora ela tem uns dez milhões de seguidores.

Eu olho para ela sem expressão. — Quem é *Rumor Has It*?

— Sério, Harper? Minha avó tem mais presença nas redes sociais do que você.

— Quem colocou isso? — Eu exijo.

— Dixie, — diz ela, arregalando os olhos para mim como se fosse a coisa mais óbvia do mundo.

— Mas... Ela tem o blog.

— Sim, mas isso é como uma grande notícia. *Rumor Has It* publica pequenos boatos durante todo o dia, qualquer pedaço de fofoca.

— Ela disse que iria apagar, — eu digo, me sentindo inexplicavelmente ferida. Nós compartilhamos fofocas, e ela chorou para mim quando Colt foi espancado. Mas mais do que isso, ela se juntou ao protesto.

— E então ela postou, — confirma Gloria.

— Por que ela faria isso? — Se eu for honesta, porém, Colt é a única coisa que temos em comum.

— Provavelmente porque você entregou a ela o login de Magnolia e ela viu o ouro viral? — Gloria adivinha, virando-se para o espelho. — Quero dizer, você

pode culpá-la por não querer apagar isso da existência? A única coisa que aquela garota quer é ser popular, e lá estava ela, ouvindo a prima no rádio enquanto segurava um maldito bilhete de loteria na mão. Claro que ela pegou.

— Então, *é ela que está* ficando famosa.

— Inferno, sim, — diz Gloria, ajustando o cabelo sobre os ombros. — Pelo menos ela está conseguindo seus quinze minutos. Ela tentou antes, com aquela foto da casa de Preston quando a arruinamos. Ela postou no blog, mas isso não foi sensacional o suficiente. Mas um vídeo... Ela estava no *Local New com Jackie* ontem à noite, e ouvi que o conselho escolar já a convidou para falar na próxima reunião.

— Por que ela está indo para o conselho escolar?

— Quase vinte milhões de pessoas viram uma maldita briga em nosso café e algum assédio sexual bastante explícito, — ela me lembra. — Willow Heights não parece tão bem na mídia agora.

— Foda-se, — eu digo. — Então era por isso que Baron estava chateado. Aposto que foram suspensos.

— Ei, você conseguiu o que queria, — diz Gloria. — O administrador definitivamente fará algumas mudanças depois que terminar de responder às perguntas dos pais irritados.

— Não era isso que eu queria.

— Bem, eles vão ter que responsabilizar esses meninos. Não era isso que você estava procurando?

— Talvez seja por isso que Dixie fez isso, — eu digo, balançando a cabeça. — Não para chamar a atenção, mas para colocar os Dolces em apuros. Ela é definitivamente Team Darling.

— É provavelmente um pouco dos dois, — diz Gloria. — Mas sim. Todos vocês serão chamados para prestar declarações. E os Dolces vão querer sangue.

— Merda, — eu digo, me empurrando para fora da pia, meu coração disparando. — Magnólia.

— Oh, merda, — Gloria diz, seus olhos arregalados. — Isso pode ficar feio muito rápido.

— Eu tenho que avisá-la, — eu digo. — Ela estava sem telefone durante

todo o fim de semana.

— Tenho certeza que ela sabe, — diz Gloria, revirando os olhos. — Só porque você mora debaixo de uma pedra...

— É melhor eu verificar, — eu digo. — Desde que ela perdeu o telefone. Obrigada pela atenção.

— Claro, garota. Estou com você. A qualquer momento.

Eu me inclino e beijo sua bochecha antes de sair do banheiro. Mando uma mensagem para Magnolia e, em seguida, corro pelo corredor e espio pela porta de sua sala de aula. Seu assento está vazio, e a aula começou alguns minutos atrás. Penso em interromper para perguntar se alguém a viu, mas isso parece loucura até para mim. Em vez disso, sigo para o escritório, onde talvez consiga obter as informações do assistente.

Estou passando pela biblioteca quando percebo. É onde ela se esconderia. Ela tem a chave do vovô Darling para o porão, e se ela chegasse à escola e descobrisse que os garotos Dolce estavam vindo atrás dela...

É o último lugar que procurariam, em seu próprio covil.

Estou prestes a abrir a prateleira quando alguém pigarreja atrás de mim. — Posso ajudar?

Eu me viro para ver um cara bastante gostoso, de vinte e poucos anos, com cabelos castanhos e um rosto vagamente familiar me observando com algo entre curiosidade e expectativa.

— Estou... Só procurando por alguém, — digo, embora não haja nada no canto para onde estou indo, exceto uma janela e as estantes.

Ele continua me observando, como se estivesse esperando que eu inventasse uma desculpa melhor. Quando não o faço, ele dá um tapinha em um crachá de plástico pendurado no passador do cinto de sua calça social, que está usando com uma camisa de botão com as mangas arregaçadas, um colete cinza e uma gravata. — Eu sou o Sr. Delacroix, — diz ele. — O novo bibliotecário. Posso ajudá-la a encontrar um livro, mas não há mais ninguém aqui.

Meu cérebro passa por cerca de cinco pensamentos nos próximos cinco segundos.

Ele parece o mais humanamente possível longe de um velho bibliotecário enfadonho de óculos.

A julgar pela semelhança familiar, ele é o irmão mais velho de Gideon, daí a razão pela qual ele parecia familiar.

A biblioteca de uma escola é um lugar estranho para um Delacroix trabalhar.

Como membro da referida família fundadora, ele provavelmente era um Swan, o que significa que ele deve pelo menos suspeitar para onde eu estava indo.

Ele parece jovem o suficiente para ter sido um Swan quando Royal foi sequestrado...

Engulo em seco, minha mão se fechando em um punho ao redor da chave. — Não tem mais ninguém aqui? — Eu pergunto.

— Não, — diz ele, olhando-me com expectativa.

Eu seguro a chave antiquada. — Você sabe o que isso abre?

Ele arqueia uma sobrancelha e enfia as mãos nos bolsos. — Você sabe?

Ocorre-me então que ele não se parece apenas com Gideon. Ele parece uma versão de cabelos escuros de Preston. Eu me pego estudando seu rosto, me perguntando se é assim que seu primo seria sem as cicatrizes de queimadura.

— Uma vez Swan, sempre Swan, — eu digo levemente.

— Onde você conseguiu isso? — ele pergunta, pegando a chave.

Eu fecho meus dedos em torno dos dele. — Eu sou o mestre da chave.

— Você é uma garota.

— E?

Seus olhos se estreitam. — Você não é um Swan.

— Eu não sou?

— Prove.

Eu levanto minhas sobrancelhas e dou-lhe um olhar de soslaio. — Senhor. Delacroix, — eu digo. — Você está me pedindo para mostrar uma tatuagem que está sob minhas roupas, enquanto estamos sozinhos na biblioteca? Eu realmente não acho que isso vai ajudar Willow Heights a acordar de seu atual pesadelo

publicitário.

Ele empurra a mão para trás, seus olhos se arregalando. — Não! Isso não é... eu não estava...

Eu levanto uma sobrancelha e seguro a chave. — Vou descer. Há alguma aula chegando esta manhã?

Ele balança a cabeça, ainda parecendo assustado. Passo por ele, destranco a porta e deslizo para trás da estante.

Quando chego ao final da escada, viro com as mãos para cima, para o caso de Magnolia ter trazido outra das armas do papai para a escola. Mas Magnólia não é aquela sentada caída na cadeira encostada na parede, aquela onde tentei me enrolar e dormir no ano passado, quando fiquei presa aqui com os gêmeos.

— Duke, — eu digo, parando.

Ele pula da cadeira e se arrasta para trás, erguendo a mão como se fosse eu que estivesse empunhando uma arma. Ele também não tem uma arma, mas está segurando uma garrafa de cerveja. A luz filtrada pelo vidro escuro mostra que já está meio vazia.

— A sério? — Eu pergunto. — São oito da manhã.

— Você não deveria estar aqui embaixo, — diz ele, soando tão assustado quanto parece.

— Baron está aqui? Eu pergunto. — Ou você está chateado e de alguma forma me culpando por aquele vídeo também, mesmo que eu não tenha nada a ver com isso?

— Baron não está aqui, — diz ele, olhando por cima do ombro para a porta aberta para a outra sala. — Mas eu não posso ficar sozinho com você.

— Por quê? — Eu pergunto, colocando minhas mãos em meus quadris e estreitando meus olhos. Estou em alerta, no entanto. Também não gosto de ficar sozinha com ele. Olho ao redor para o chão, esperando que Magnolia não tenha agarrado o soco-inglês que deixei cair aqui. Não os vejo em lugar nenhum. Droga. Ainda posso me defender de Duke se ele tentar alguma coisa, talvez até Baron também, se ele aparecer. Mas me sentiria mais segura com uma arma.

Duke apenas olha para mim, então deixa cair as mãos para os lados. — Você poderia dizer que algo aconteceu.

— Oh, como as coisas mudaram, — eu digo, balançando a cabeça. — Lembra quando você e Baron me trouxeram aqui, e você tentou me coagir a fazer sexo com você, dizendo que poderia contar a Royal que aconteceu de qualquer maneira, e ele acreditaria em você?

Duke engole, parecendo um cachorrinho que levou um chute. — Eu sei, — diz ele. — Eu sou uma merda quando estou bêbado.

— É por isso que você está sempre bêbado?— Eu pergunto. — Então você não tem que assumir a responsabilidade por sua merda?—

Ele toma um gole de sua cerveja e me lança um olhar sinistro. — Você vai dizer a Royal que tentei alguma coisa?

— Você vai tentar alguma coisa?

— Não, — diz ele, carrancudo. — Eu nunca faria isso.

— Claro que não, — eu digo, revirando os olhos. — Agora que é você quem está em perigo.

— Eu prometo que não vou, — diz ele. — Mas, por favor, não minta sobre isso para Royal.

— Veja, essa é a coisa, — eu digo. — Você tem que se preocupar comigo dizendo que algo aconteceu quando não aconteceu, arruinando sua reputação ou, na pior das hipóteses, levando você ao tribunal. Eu tenho que me preocupar com isso realmente acontecendo. E não é algo que simplesmente desaparece, Duke. Isso muda quem você é. Nunca mais serei a mesma pessoa que era antes. Mesmo que você fosse preso pelo resto da vida, isso não me ajudaria. O dano está feito e nunca poderá ser desfeito.

— Royal vai literalmente me matar — , diz ele em voz baixa. — Não que isso importe. Depois desse vídeo, estou farto desta escola. — Ele levanta a garrafa, terminando em alguns goles longos, então se joga de volta na cadeira e enfia a mão na mochila, tirando outra. — Quer uma?

Não tenho interesse em beber antes do meio-dia, mas puxo uma cadeira e me sento a alguns metros dele enquanto ele abre duas cervejas com um isqueiro e me entrega uma. O que eu disse é verdade, nunca ficarei sem as cicatrizes do ataque deles, mas algumas coisas permanecem ou voltam. Não o perdoei, mas também não o odeio exatamente. Eu quero entender esse menino, esse monstro.

Como Dixie, ele é um dos maiores mistérios desta escola. Ela é um espelho, refletindo todos os outros, seus dramas e rumores, então você nunca pode ver o

que está por trás do vidro. Duke é um palhaço, um bobo da corte, desviando a verdade com humor grosseiro. Mas hoje, a tinta dele acabou, e estou fascinada o suficiente para ficar. Não tenho medo dele, nem mesmo quando estamos sozinhos. Eu não preciso de uma arma. Eu tenho a armadura do poder.

— Eles estão dizendo que alguém quer prestar queixa, — diz ele melancolicamente, caindo para a frente com os cotovelos sobre os joelhos, a cerveja pendurada no meio.

— Para que?

— Por... Puxar meu pau para fora, — diz ele. — Porque alguns dos calouros têm apenas quatorze anos, e seus malditos pais acham que nunca viram um pau antes.

— Alguns deles provavelmente não.

— Eles estão dizendo que eu deveria ser rotulado como um criminoso sexual.

Uma risada borbulha dentro de mim, mas sai como um bufo de descrença. — Devo sentir pena de você? — Eu pergunto. — Você literalmente me estuprou, Duke.

— Sinto muito, — diz ele miseravelmente. — Você sabe como estou arrependido, Harper.

Se ele não tivesse dito isso até agora, quando finalmente está em apuros, eu não acreditaria nele. Se Baron dissesse isso, eu não acreditaria. Mas Duke se desculpou desde o início e, embora eu não o perdoe, acho que ele é sincero.

— Na verdade, eu não sei, — eu digo, tomando um gole da cerveja. — Eu não sei por que você faz essa merda. Quero dizer, eu meio que entendo por Royal, depois do que aconteceu com ele. Eu até acho que entendo Baron de alguma forma fodida. Mas você tem consciência, Duke. Eu sei que sim, mesmo que finja que é como o Baron. Então o que é? Você quer que seus irmãos pensem que você é tão maluco quanto eles? Ou é outra coisa?

Por um minuto, Duke não responde. Ele apenas fica lá bebendo e olhando para a parede. Ele termina sua segunda cerveja e abre outra antes que eu tome mais do que alguns goles da minha.

— Você já viu alguém morrer? — ele pergunta finalmente.

Eu dou de ombros. — Sim.

— Sérico? — ele pergunta, virando-se para mim. — Quem?

— Ninguém que eu realmente conhecesse, — eu digo, bebendo a cerveja. — Um dos antigos Crosses foi atropelado por um carro na nossa rua uma vez, um atropelamento e fuga. Eles disseram que eram os Discípulos, mas parecia mais aleatório. E quando eu morava no parque de trailers, um cachorro saiu e mordeu o pescoço de uma criança, e ela morreu. Ah, e uma vez, eu estava andando com minha amiga Blue e encontramos um cadáver. Mas não o vimos morrer. Acabamos chamando a polícia e saímos. Eu nem sei como ele morreu. Provavelmente uma overdose ou relacionado a gangues.

Corpo encontrado perto de trilhos...

Ele acena com a cabeça, pensativo, mexendo no rótulo da garrafa e se inclinando para a frente para apoiar os cotovelos nos joelhos novamente. — Eu também era criança quando vi alguém morrer pela primeira vez. Acho que eu tinha cinco anos. Mamãe estava em uma festa e deveríamos estar dormindo. Acho que meu tio veio e precisava que papai o acompanhasse em alguma coisa. Eles deviam estar com pressa porque papai não ligou para nossa babá. Eles apenas nos carregaram e nos colocaram no banco de trás do carro e nos disseram para voltar a dormir.

— Ele levou você para matar alguém?

— Fomos para este cais. Ele nos disse para ficar no carro, que eles estariam de volta em um minuto, — continua Duke. — Havia outro carro, um dos meus outros tios. Nós os vimos arrastando esse cara para fora e espancando-o. Então eles o levaram para a água.

Tomo outro gole. Eu já vi algumas merdas fodidas na minha vida, mas nada disso incluía assassinato. Isso é intencional. Quaisquer impulsos violentos que tenho são expulsos no Slaughterpen. Eu fico longe das gangues e de toda a merda que vem junto com elas. Eu sei quanto vale uma vida, mesmo uma vida como a minha.

— Deveríamos ficar lá, mas Baron realmente queria ir ver o que eles estavam fazendo. Éramos um bando de crianças, então desobedecer aos pais era emocionante. Nós nos esgueiramos até essa barricada de cimento e nos escondemos atrás dela. Eles levaram o cara até o rio e o jogaram na água. Meu tio o segurou até que ele parasse de lutar. Então eles apenas ... o deixaram flutuar para longe.

— Droga, — eu digo, balançando a cabeça.

— Comecei a chorar, — Duke diz, embora eu não tenha certeza se ele está

realmente falando comigo. — Eles me disseram para calar a boca porque papai ouviria e teríamos problemas. Corremos de volta para o carro e deveríamos fingir que nunca havíamos saído. Papai e tio Donnie voltaram para o carro, mas eu não conseguia parar de chorar. Papai perguntou o que havia de errado e Baron disse que tinha me batido.

— Papai se virou no banco e disse: 'Bem, filho, o que você vai fazer?' Eu não queria machucar meu irmão, então não faria nada. Papai ficou todo quieto e então disse: 'Se alguém bater em você, você bate de volta'. Mas, por alguma razão, simplesmente não consegui, mesmo quando ele repetiu. — Bata nele de volta. Eu apenas sentei lá chorando como um maldito maricas. Depois de um minuto, Royal passou por cima de mim e deu um soco em Baron para mim. Depois fomos embora, mas eu sabia... percebi que papai estava desapontado, que eu o fiz ficar mal na frente do meu tio. Eu deveria ter batido nele. Eu não deveria ter precisado de Royal para fazer meu trabalho sujo.

— Ou talvez seu pai não devesse ter levado você para um assassinato quando você tinha cinco anos, — eu digo, a velha raiva do patriarca Dolce crescendo dentro de mim. Claro, é bom derrubar os D-boys, especialmente Baron. Eu não divulguei aquele vídeo, mas posso ver por que ele pensaria que foi obra minha, que eu coloquei Dixie nisso. Eu tenho caçado por ele desde que voltei para escola. Mas mesmo que ela tenha arruinado sua reputação intocável nesta escola, isso não resolveria o problema maior. É aliviar os sintomas sem eliminar a causa raiz.

— Quando voltamos, mamãe estava em casa, — diz Duke, com os olhos vidrados. — Ela acendeu algumas de suas velas e desmaiou bêbada, e uma delas caiu. O sofá estava completamente envolvido em chamas. King correu e pegou o extintor de incêndio. Eu gostaria que ele tivesse deixado queimar. O sofá já estava arruinado, e o fogo estava tão... Vivo. Eu queria assistir para sempre.

Ele está falando em um tom distante, como se estivesse lá atrás agora. Isso me dá uma sensação de arrepio, como quando Royal fica com os olhos vazios. Estremeço e tomo outro gole. — Ainda bem que você chegou em casa quando queimou. Certo?

Por um longo minuto, Duke não fala.

— Da próxima vez, foi Dawson, — ele diz finalmente, sua voz tão baixa que não tenho certeza se ouvi direito. Ele termina sua cerveja e então abaixa a cabeça, seus ombros estremeecendo quando um soluço irrompe. A princípio, acho que é um soluço de cerveja, mas depois de mais alguns, percebo que ele está... Chorando.

— Você fez isso? — Eu pergunto.

— É minha culpa, — ele diz, sua voz áspera com lágrimas. — Foi ideia minha levá-lo. Não sei o que há de errado comigo, Harper. Eu não sei.

Sei que deveria sentir nojo, deveria desprezá-lo, porque foi ele quem disse que trariam amigos quando me deixassem naquele pântano. Eu deveria aproveitar este momento quando ele está quebrado, e eu deveria usá-lo contra ele, usá-lo para arruiná-lo. Mas não sei se ele sobreviveria, se voltaria a ficar vulnerável.

Quando encontrei o ponto onde Royal era mais vulnerável, eu o explorei, e mesmo que ele dissesse que me perdoaria, não sei se ele realmente me deixaria entrar novamente. Não vou cometer esse erro com Duke. Não vou dar a ele mais uma evidência provando que o mundo é cruel, que todos exploram todos os outros em seus pontos mais vulneráveis. Darei a ele mais do que ele merece, serei melhor do que ele foi para mim.

Então eu me levanto, coloco minha cerveja na mesa e vou até Duke.

— Não chegue perto de mim, — diz ele, lutando para fora de sua cadeira e caindo de bunda no chão, como se eu fosse tóxica ao toque. — Por favor, Harper. Ele vai me matar.

Ocorre-me então que ele está realmente com medo de mim. Não fisicamente, mas com medo do meu poder. Ele sabe que tenho o apoio inabalável de Royal, que posso fazer o que quiser, que se eu disser que algo aconteceu, Royal vai acreditar em mim, não nele. E por que ele não teria medo? Tudo o que ele conhece são monstros fazendo monstros. Isso é o que as pessoas ao seu redor sempre fizeram. É o mundo dele, e ele é um produto desse mundo.

Mas não é meu.

Eu faço meu próprio mundo. Eu escolho sair da linha. Não para perdoar, mas para dar. Mesmo que eu não deva nada a ele, mesmo que ele não mereça, mesmo que eu devesse fazer um vídeo dele chorando e implorando e passá-lo pela escola como ele fez com o meu vídeo, eu não o faço. Sento-me ao lado dele, puxo-o para meus braços e o seguro do jeito que ele me segurou uma vez, do jeito que poucas pessoas fizeram por nós dois.

— Sinto muito, — ele engasga. — Eu sinto muito, Harper.

Ele se agarra a mim, seus soluços altos e feios, ecoando pela sala subterrânea. Quando eles finalmente param, continuo segurando-o, esperando que ele se recomponha. Acho que ele pode ter adormecido ou desmaiado de tanto beber e depois se exaurir com as lágrimas.

Eu olho em volta, tentando ver se consigo encontrar um lugar mais confortável para sentar, ou pelo menos descansar minhas costas na cadeira. É quando vejo uma sombra na porta aberta para a outra sala. Fico tensa, meu coração dispara quando olho para cima e vejo Baron parado ali, com um pirulito enfiado na boca, observando.

Porra.

Duke disse que não estava aqui, mas ele parecia assim, como se estivesse esperando por ele. Baron deve ter vindo do estacionamento pelo túnel depois de sair.

Eu não me mexo, não reajo. Os braços de Duke estão ao meu redor, sua cabeça pressionada no meu peito. Meus olhos encontram os de Baron, e eu gostaria de poder lê-lo, gostaria de saber se ele iria começar uma merda sobre isso, dizer a Royal que é algo que não é. Ou talvez ele apenas observe, do jeito que observa do banco de trás quando eles andam juntos. Uma vez pensei que Duke era o irmão favorito, mas agora sei melhor. Baron não está ressentido com isso. Ele prefere ficar no meio do caminho nas sombras, observando.

Mas ele não apenas assiste. Ele reúne informações - munição. Eu sei que não devo confiar nele. O que quer que ele veja, será usado mais tarde.

Ele volta para a outra sala, engolido pelas sombras tão completamente que me pergunto se imaginei sua presença. Antes que eu possa decidir o que fazer, Duke finalmente se senta, virando-se e puxando a bainha da camisa para enxugar o rosto.

— Foda-se, — diz ele com uma risadinha estranha. — Eu não choro assim desde que eu era criança. Provavelmente desde aquela época de que lhe falei.

— Nem com a Mabel? — Eu pergunto.

Ele me dá um olhar engraçado. — De jeito nenhum.

— Quando sua irmã morreu?

Ele balança a cabeça, seus olhos sóbrios pela primeira vez. Eu sei então que fiz a coisa certa, que o que quer que ele tenha feito, ele também sentiu dor, e aumentar isso só o deixaria pior. Pode ser bom, mas causaria mais danos a ele e, por meio dele, a esta cidade. De qualquer forma, não sou como Royal, como os Dolces, governados por uma sede de vingança.

Estendo a mão, pego a mão de Duke e aperto. — Por que eu?

Ele dá de ombros e afasta a mão, enfiando a mão na bolsa e tirando outra cerveja. — Você me viu no meu pior, do que sou capaz, e de alguma forma você não me odeia.

— É difícil odiar o que você entende tão bem, — eu digo, observando-o abrir a cerveja e virar de volta, deixando-a deslizar por sua garganta. Conheço muito bem o alívio que a garrafa oferece. Eu vi isso puxar minha mãe de volta no tempo e de novo, depois de cada separação, cada tentativa de ser melhor, fazer melhor, ficar melhor. Sempre começa com a bebida.

Duke termina sua cerveja e pega sua sacola, sacudindo-a antes de apontar para minha cerveja. — Você vai terminar isso?

Eu entrego a ele com o mesmo sentimento vazio e triste que costumava ter quando mamãe me pedia para beber. Ele está em uma farra, e eu sei como isso funciona. Ele vai embora e vai achar em algum lugar, então não adianta jogar fora para tentar impedir.

— É melhor eu voltar para a escola, — eu digo, me levantando e olhando para a porta do segundo quarto. — Você ficará bem?

— Eu não sei, — Duke diz, sua voz inexpressiva. — Se o papai não pode consertar isso com outra doação...

— Então você vai para Faulkner pelo resto do ano, — eu digo, pensando em como seria engraçado aquela reviravolta do destino. — Nunca se sabe. Talvez a mudança seja boa para você.

Duke apenas acena com a cabeça, olhando melancolicamente para sua cerveja.

Não gosto da sensação de estar sendo observada, sabendo que Baron está na outra sala, então dou uma última olhada no quarto procurando o meu soco inglês e, em seguida, subo as escadas. Não quero aparecer faltando dez minutos para o final da aula, então espero no banheiro. Pelo menos os Dolce estão suspensos, então não estarão aqui para mexer com Magnolia na escola. E ela tem uma arma agora, uma que ela pode carregar na escola sem ser expulsa. Eu poderia apenas deixá-la ficar com os anéis de BONECA. Ela provavelmente precisa deles mais do que eu.

Enquanto estou sentada lá, percebo que entendi tudo errado. Achei que se pudesse me tornar rainha, poderia fazer a diferença aqui. A ordem social não é apenas nesta escola. É algo que acontece em todas as escolas, em todos os estados e países. Nunca vou mudar o fato de que atletas e loiras são o padrão, os mais desejáveis e, portanto, nas posições mais altas.

E eu não me importo. Essa não é a minha luta.

Peguei leve com os gêmeos, em parte porque sabia que Royal não sobreviveria à perda de outro irmão. E mesmo quando eu o odiava, eu ainda o amava. Eu vi uma maneira de tirar mais proveito de seu presente, fazê-lo durar mais, então eu aceitei. E então tentei usar esse poder para derrubá-los de uma maneira diferente, uma maneira que pensei ser minha.

Mas nunca foi do meu jeito. Tentei mostrar aos gêmeos o seu lugar, mostrar que não eram melhores do que eu. Eu queria que eles me chamassem de rainha, igual ao seu status de rei, para que pudessem ver que eu era forte, que não poderiam me derrotar. Eu queria que eles vissem que eu não estava arruinada pelo que eles fizeram comigo.

Agora eu vejo claramente. Não era nada para mim. Era tudo para eles. Eu estava tentando provar que sou digna deles e de seu povo. Para mostrar a *eles* que eu era forte ao vencê-los em seu próprio jogo.

Mas isso é besteira.

Não preciso provar nada a eles. Já sou digna, uma pessoa melhor do que eles jamais serão. Cansei dos jogos do Baron, de suas manipulações.

Quero algo para mim, algo maior do que posso fazer nesta escola.

Na verdade, eu só queria ser rainha para que Baron não fosse rei, não porque eu tivesse interesse no cargo. Agora que ele está suspenso, ausente por enquanto, percebo que não dou a mínima para governar a escola. Gloria tem esse ponto bloqueado, e ela é boa nisso de maneiras que não tenho interesse em aprender ou imitar. Se eu quisesse, ela me mostraria como, mesmo sabendo que isso significaria perder seu próprio lugar. Só isso - seu apoio e amizade - significa mais do que qualquer lugar na mesa do almoço ou em um trono proverbial. Ela pode ter seu título, sua coroa e tudo.

Inferno, eu vou dar a ela a porra da minha bênção. Na ausência dos meninos Dolce, ela pode administrar este lugar como sempre fez. Ela mereceu, suportou os Dolces de maneiras que eu não pude e não quero. Se ser a rainha deles significa estar à sua disposição, não tenho interesse.

Interrompi a obediência complacente da população estudantil, mostrando-lhes que tinham outras opções, e chamei a atenção para a corrupção da escola com o pequeno terremoto do meu protesto. A revolta das garotas e servidoras rejeitadas do Dolce deixou as pessoas saberem que há poder nos números, que elas não precisavam aceitar a forma como as coisas eram. O desastre do vídeo de Dixie e Magnolia mostrou que os meninos Dolce são apenas humanos, que não

estão imunes a todas as consequências. Meu trabalho nesse movimento está feito. Vou deixar a revolta camponesa em Willow Heights para eles.

Eu tenho objetivos maiores.

Preciso usar o poder que tanto Royal quanto Preston me deram para algo maior do que um drama escolar. Isso é apenas um reflexo de um problema maior em Faulkner, um mal que não foi controlado por muito tempo. É a razão da insaciável sede de vingança de Royal, o molde que transformou os gêmeos nos psicopatas que são. Se vou resolver esse problema em Faulkner de uma vez por todas, preciso voltar à causa raiz — o pai deles.

— Você vai me dizer para onde estamos indo? — Harper pergunta, trancando seu Escalade e entrando no meu carro.

— Não, — eu digo. — ponha o cinto de segurança.

Ela faz o que eu ordeno sem protestar, e o aperto torce em torno do meu esterno como acontece toda vez que ela não luta contra algo que teria feito antes. Uma vez ela me disse que depois do que aconteceu com ela, uma pessoa pensaria que ela não entraria em um carro sem saber para onde eu a estava levando, mas que ela não se importava. Não sei se ela voltará a lutar daquele jeito, como antigamente.

Mas vou continuar tentando até que aconteça. Eu conserto o que quebro, limpo minhas próprias bagunças. Especialmente quando essa bagunça é dela, e ela é minha. Eu sou o único que pode consertá-la, e eu amo isso, mesmo que isso me torne mais um monstro do que qualquer outra coisa. Eu amo seu quebrantamento, quero correr meus dedos com ternura ao longo de cada borda irregular de sua alma despedaçada, seguro no conhecimento de que estive aqui. Eu fiz isso com ela. Eu quebrei ela, e ela nunca vai esquecer isso.

Ela nunca vai me esquecer.

Sempre serei parte dela, mesmo quando ela me odiar com cada fragmento de seu ser dizimado. Mesmo que ela vá embora, mesmo que ela corra até a borda da terra para escapar de mim, ela não pode me deixar para trás. Estou dentro de cada molécula do corpo dela. Ela nunca pode realmente escapar de mim, nunca realmente ir. Sempre estarei com ela - não uma peça dela do quebra-cabeça que compõe Harper Apple, mas a cada quebra, a cada corte. É tudo meu. Ela é minha. Nada na terra pode mudar isso, não importa o quanto ela lute.

Talvez ela tenha percebido isso, e é por isso que ela não protesta. Quando entro no estacionamento e encontro uma vaga, porém, ela se vira para mim, com os olhos arregalados. — O que é isto?

— É o aeroporto.

— Eu posso ver isso, espertinho, — diz ela. — Por que estamos aqui?

— Nós estamos indo para Nova York, — eu digo.

— É terça-feira, — diz ela, piscando para mim com descrença.

— Nova York também abre na terça-feira, querida, — eu digo, sorrindo enquanto desafivelo o cinto de segurança.

— Eu não trouxe nenhuma roupa, — ela protesta.

— Vou comprar algumas quando estivermos lá, — eu digo, saindo e olhando para ela. — Eu cansei de olhar para minha namorada e ver Preston Darling fetichizando minha irmã morta, de qualquer maneira.

— Namorados? — ela pergunta, recuando e cruzando os braços. — Achei que tínhamos concordado que isso era apenas sexo.

— Ok, — eu digo lentamente. — Então estou cansado de ver a garota que estou, vestida como minha irmã morta. Eu deveria estripar o bastardo só por isso.

— Não estou escolhendo um lado, — ela avisa. — Eu já te disse que somos amigos, e isso não vai mudar. Não me faça escolher entre você e ele.

— Eu não vou.

— Bom, — diz ela. — Porque você já perdeu uma irmã assim.

Ninguém além de Harper ousaria dizer algo assim para mim, me bater com a verdade como se fosse apenas mais um fato, como se isso não me fizesse querer cair de joelhos como se ela tivesse levado um aríete para minhas bolas.

— Tudo bem, — eu resmungo. — Eu não vou falar merda sobre o seu outro namorado.

— Eu aprecio isso, — diz ela levemente. — É isto. Mas não posso simplesmente voar para Nova York em uma terça-feira. Eu tenho escola amanhã. Você tem aula. Sem contar que não tenho dinheiro.

Eu pego sua mão e a puxo em direção ao prédio. — Não se preocupe com isso. Sua escola permite faltas para visitas à faculdade, e a minha é uma piada.

— Você providenciou para que eu saísse da escola sem me avisar?

— Acostume-se com isso, — eu digo. — Eu cuido do que é meu, e você é minha. Entendido?

— Eu não trouxe nenhum dinheiro, — ela protesta. — Não tenho passagem.

— Você não ouviu o que acabei de dizer?

Ela não diz nada enquanto entramos. Ela começa a entrar na fila, mas eu sorrio e balanço a cabeça. — Dolces não esperam na fila, — eu digo, puxando-a de lado. — Somos de primeira classe o tempo todo, querida.

— Por que estamos indo para Nova York? — ela pergunta enquanto contornamos a fila da alfândega e passamos pelo scanner. — Você vai me apresentar a sua mãe agora que sou sua *namorada*?

Eu sei que ela está brincando, mas eu apenas sorrio e dou de ombros. — Eu disse a você, — eu digo. — É uma visita à faculdade.

— Espera, nós realmente vamos visitar uma faculdade? — ela pergunta, parecendo mais animada do que a velha Harper ficaria com a perspectiva de conhecer minha mãe.

— Isso mesmo, — eu digo enquanto nos dirigimos para o nosso portão. — Syracuse⁷. Você estará indo para lá no ano que vem.

— Eu vou? — ela pergunta, seu olhar tão azul enquanto ela olha para mim.

— Você vai, — eu digo, pegando a mão dela e apertando-a.

— E você? — ela pergunta.

— Eu estarei lá também, — eu digo, sentando-me na área de espera.

Ela apenas me encara por um segundo e então se senta no meu colo. — Royal... Isso é demais.

— É a faculdade, — eu digo. — Todo mundo vai. Não é nem mesmo uma escola da Ivy League.

Ela cruza as mãos atrás do meu pescoço e olha nos meus olhos, parecendo que vai chorar. Em vez disso, ela se inclina e pressiona seus lábios nos meus, com força. — Obrigada.

— Duke me contou o que aconteceu ontem, — eu digo, descansando minhas mãos em sua cintura.

— Achei que Baron diria a você que trepamos ou algo assim, — diz ela. — Já que você não confia em mim.

— Eu sei que você não foderia meus irmãos, — eu digo. — Se você os quisesse mortos, você mesma os teria matado.

— Ah, — ela diz. — Então Baron não diria que eu fodi Duke porque ele

não quer que você o mate.

— Há muito drama aqui para minha família agora, de qualquer maneira, — eu digo, apertando-a em mim. Meus irmãos e meu pai estão todos chateados com a merda que ela começou na escola, e eu prefiro tirá-la do caminho enquanto eles se acalmam, apenas no caso de eles terem alguma ideia sobre ir atrás dela pelas minhas costas. — Vai ser bom ficar fora por uma semana.

Ela deita a cabeça no meu peito e se aconchega em mim, e eu seguro seu corpinho em meus braços, segurando-a em silêncio até que eles chamem o embarque de primeira classe. Quando estamos acomodados em nossos assentos, Harper se vira para mim com um sorriso nervoso. — Nunca andei de avião antes.

— Eu sei.

Não digo a outra parte, que estou orgulhoso de ter feito isso acontecer, que pode estar aqui pela primeira vez em um avião. Eu não posso suportar o quão feliz me faz vê-la sorrindo e olhando em volta com tanta emoção.

— Estou surpresa por você não ter seu próprio avião particular, — ela brinca.

— Apenas espere, — eu digo, capturando seu joelho e puxando-o contra o meu. Não consigo tirar as mãos dela e não pretendo deixá-la fora de vista durante toda a viagem. — Quando eu assumir o negócio do papai, não serão apenas alguns doces. Dolce Sweet vai ser um império. Vou pegar um jato particular para você, Cherry Pie.

— E quando será isso? — ela pergunta com cuidado. Posso dizer que ela tem algo na manga, que não tem nada a ver com a minha oferta de conseguir um jato particular para ela. Por um tempo, pensei que ela era apenas mais uma garimpeira. Mas nunca foi sobre dinheiro para ela. Era sobre fuga. Eu a conheço bem o suficiente para saber disso agora, bem o suficiente para saber que este é o presente que ela valorizará mais do que qualquer outra coisa que eu possa oferecer, mais do que todos os jatos particulares do mundo.

— Sempre que pode, o conselho de administração o substitui, — digo. — Você está ansiosa para que eu administre minha própria empresa?

— Quem iria comandar se seu pai fosse demitido agora? — ela pergunta.

— Eu faria, — eu digo, observando-a com o canto do meu olho. — Eu tenho dezoito anos. Está tudo pronto para eu assumir quando ele estiver fora.

— Você gostaria de fazer isso antes de se formar na faculdade?

Eu conheço seu olhar intrigante agora, quase posso ver as rodas girando dentro de sua cabeça. — O que você está pensando? — Eu pergunto.

— Ainda não tenho certeza, — diz ela. — Não estou mais tentando destruir sua família, mas... não vou mentir para você, Royal. Acho que precisamos tirá-lo de Faulkner.

— Que tal tirarmos você de Faulkner? — Eu digo, apertando o joelho dela. — Quem se importa com o que acontece com aquela cidadezinha de merda? Estaremos em Syracuse pelos próximos quatro anos.

Ela dá de ombros. — Eu me importo. Ainda é minha cidade natal, mesmo que eu me mude. E eu não concordei com isso, você sabe. Você não pode simplesmente escolher onde eu vou estudar.

— Ok, — eu digo com um sorriso.

— Você é irritante, — diz ela, olhando para mim.

— Você é fofa, — eu respondo, passando por ela e puxando seu cinto de segurança sobre seu colo antes de colocá-lo. — Agora cale a boca e deixe-me cuidar de você.

Voamos para Syracuse algumas horas depois. Harper tenta parecer legal, mas ela não consegue tirar o sorriso do rosto durante a maior parte da viagem. Tudo a impressiona - o voo, o serviço, o pouso. Pego nosso carro alugado de luxo e a levo direto para o hotel. Vê-la tão feliz me deixa excitado como o inferno.

— Então, é assim que é ser rico, — ela se maravilha enquanto eu entrego as chaves para o manobrista e a conduzo para o elevador de vidro lá dentro. — É melhor você tomar cuidado ou eu vou ficar mimada como você.

Eu envolvo meu braço em volta da cintura dela e a puxo. — Você não tem ideia, — eu digo. — Eu Estou apenas começando.

Em nosso quarto, tomamos banho separadamente antes de cairmos na cama macia ao lado das janelas com vista para a cidade. — Então, quando é esse passeio pela faculdade? — ela pergunta, esticando seu corpinho em cima do meu. Coloquei uma camiseta e boxers, mas ela está nua e sexy pra caralho.

— Amanhã, — eu rosno, espalmando a parte de trás de suas coxas grossas. — Hoje à noite, vou foder cada buraco em seu corpo até que você implore por

misericórdia, e então vou foder você mais uma vez, só para ter certeza de que você se lembra a quem pertence tudo isso. Vou te dar uma dica. Não é você.

— Você é um porco.

— E você é uma coleção de pequenos buracos implorando para serem destruídos.

Eu nos rolo, deslizando a mão entre suas pernas, acariciando seu clitóris até que ela esteja molhada e ofegante para mim. Quando eu empurro sua boceta apertada e nua, eu quase perco a cabeça. Eu saboreio seus gritos de prazer e dor com cada estocada lenta e profunda. Foder com ela é como nada que eu já senti, e eu tenho que fazer isso durar, me segurar. Eu a faço gozar antes de me deixar gozar, forçando meu pau tão fundo nela que lágrimas escorrem de seus olhos quando eu encho seu núcleo com minha própria liberação.

Depois, ela cochila enquanto peço serviço de quarto. Nós comemos e fodemos de novo antes de adormecer. Estar longe é um alívio, como se tivéssemos deixado tudo para trás. Talvez haja uma chance para nós, longe da minha família, mas perto o suficiente para visitar a cidade a cada poucos meses. Longe de sua família e dos meus fantasmas que assombram Faulkner. Pela primeira vez em três anos, parece uma possibilidade. Como se talvez eu realmente pudesse recomeçar em outro lugar, sem Crystal.

Como talvez a garota que ainda está aqui, ainda viva, possa ser mais importante do que aquela que não está.

Nos próximos dias, visitamos o campus e preparamos tudo para a admissão dela. Como já me formei, estou pronto para me transferir assim que ela puder se juntar a mim.

Eu ia trazê-la para conhecer mamãe enquanto estamos aqui, mas no último minuto decidi não fazê-lo. Isso vai acontecer eventualmente, já que eu nunca vou deixá-la ir. Eu ainda não confio nela, porém, e não a quero perto de algo tão complicado e fodido quanto meu relacionamento com minha mãe.

Em vez disso, voamos para a cidade, onde jantamos com King e Eliza. No dia seguinte, Eliza fica muito feliz em deixar o bebê por algumas horas e levar Harper às compras. Graças ao seu estilista, Harper volta com algumas roupas decentes que a fazem parecer ela mesma e não como se ela estivesse brincando de se vestir como minha irmã. Digo a ela que ela parece gostosa porque me lembro do quanto devo me importar. Uma vez, eu não teria dado a uma garota como ela um segundo olhar. Mas agora eu não dou a mínima para o que ela veste. Vou tirá-los mais tarde.

King se oferece para nos levar para os Hamptons, onde tem rédea solta na casa do tio Al, mas não quero envolver Harper nesse mundo. Mesmo que Al não esteja lá, prefiro levá-la para outro lugar. Um dia, ela terá que mergulhar os pés na Vida, mas ainda não. Vou mantê-la longe disso enquanto puder. Então, em vez de ir para lá, pegamos um avião e voamos para Hyannis, pegamos outro carro e dirigimos até Cape.

— Está muito frio para a praia, — diz Harper, esticando o pescoço para ver o oceano enquanto serpenteamos pela Rota 6 em direção a Chaos Cove.

— Você nunca viu o oceano, — eu indico. — Não vou esperar até o próximo verão.

É final de outubro, então o tráfego é basicamente inexistente, ao contrário do engarrafamento do tráfego de verão. Eu paro no pequeno aluguel, que, depois de um pouco convincente, eles abriram para nós, apesar de ser baixa temporada.

— Quantas vezes você já foi a praia? — Harper pergunta enquanto saímos do carro. Eu posso ouvir as ondas batendo na praia daqui, e mesmo que eu tenha estado aqui muitas vezes, a excitação aumenta em mim com o pensamento de trazê-la aqui pela primeira vez.

— Eu não sei, — eu digo, balançando a cabeça. — O suficiente para perder a conta.

— Então, quantas vezes você esteve *aqui*?

— Todo os verões, — eu digo, entregando a ela a jaqueta que ela comprou na cidade. — Até três anos atrás.

Pego a mão dela e a conduzo pela casa, pelo calçadão e até a praia. Observo o rosto de Harper com o canto do olho enquanto ela o observa, seu olhar extasiado. O ar frio e salgado umedece nossos rostos enquanto cruzamos a areia até a água. Harper solta minha mão e se agacha para tocar a água gelada quando uma onda se aproxima. Então ela fica parada, apenas observando o oceano enquanto eu a observo.

Somos as únicas pessoas na praia, e de repente fico feliz por não termos vindo no verão. Não quero dividir esse momento com ninguém. Eu dou um passo para trás e deixo que ela fique com ela. O rugido das ondas enche o ar, mas tudo o que vejo é ela. Seu cabelo ondula ao vento e ela fecha a jaqueta em volta do corpo. Seu corpinho é diminuído pelo mar, pela areia, pelo céu. Ela parece tão insignificante para uma garota que suportou a brutalidade que ela fez, tão inconsequente para alguém que é o centro de toda a porra do universo.

Meu peito dói por nós dois. Ela não é apenas minha maldição. Eu sou a dela. Eu nunca vou terminar com ela, não importa o quanto ela mereça a liberdade. Ela merece muito mais, um homem que possa tratá-la como a porra da rainha que ela é, não um babaca que pega o que quer e não sabe o significado da palavra amor.

Mas ela não vai conseguir. Ela vai me pegar porque eu não posso deixar ir. Ela é minha fraqueza e está amaldiçoada com isso tanto quanto eu.

Depois de um tempo, ela se vira e caminha pela praia até onde estou na areia seca.

— Eu deveria fazer seus irmãos chorarem com mais frequência, — ela diz, me dando um sorriso que é como um picador de gelo no meu esterno. Ela parece tão feliz, tão livre, como se o passado não existisse.

— O que? — Eu pergunto.

Ela se senta na praia fria, batendo na areia até que eu ocupo meu lugar ao lado dela. — Você disse que isso era para me agradecer por estar com Duke na semana passada, — ela me lembra.

Eu me viro, então a puxo para o meu colo, colocando-a entre minhas pernas e envolvendo meus braços em volta dela por trás. Descanso meu queixo no topo de sua cabeça e observamos as ondas por um tempo.

— Eu me preocupo com ele, — eu admito finalmente.

— A bebida? — ela pergunta.

— Sim, — eu digo. — E o fogo.

— O fogo? — ela pergunta. — Como quando ele queimou a casa do seu vizinho?

— Quando ele queima qualquer coisa, — eu digo. — Ou qualquer um. Um destes dias...

— Haverá alguém na casa? — ela pergunta. — Você tem medo que ele mate alguém?

— Ou ele mesmo.

— Algumas pessoas gostam de brincar com fogo, — ela diz lentamente, balançando a cabeça.

— E as pessoas que gostam de brincar com fogo se queimam, — eu digo, apertando meus braços ao redor dela. Eu me xingo por lembrá-la de casa, por tirar seu sorriso como o bastardo que sou. Mas só porque nunca encontrarei paz, isso não significa que ela não possa. Ela se submeteu a mim, aceitou minha reivindicação. Em troca, vou garantir que ela consiga o que deseja também, que ela encontre sua própria felicidade, mesmo que eu nunca encontre a minha.

Enquanto o avião desce em direção ao aeroporto de Little Rock, não consigo me livrar da sensação do País das Maravilhas que se apegou a mim durante toda a semana. Garotas como eu não voam em aviões, muito menos na primeira classe. Garotas como eu não são levadas para faculdades ou em férias turbulentas que incluem passeios turísticos na cidade de Nova York e aconchego em uma casa particular em Cape Cod. Elas não mergulham os pés no oceano. Elas não fazem compras em butikques de grife com estilistas pessoais. E Elas não entram nas lojas Chanel, e muito menos saem com alguma coisa.

E, no entanto, em algum mundo, o mundo de Royal, uma garota como eu faz todas essas coisas. Mas não tenho certeza se essa garota sou realmente eu. Toda a minha vida, eu não queria nada mais do que dar o fora de Faulkner, mas agora eu não sei. Algo não parece certo. Estou incrivelmente grata pelo que Royal fez por mim, e não é que não seja o suficiente. É que não sei se ainda sou uma menina como eu era.

Estou recebendo meu sonho em uma bandeja de prata, mas algo em mim me faz recuar, me faz hesitar. Talvez tudo o que eu realmente quisesse fosse a opção, uma saída para a armadilha da minha vida. Agora que posso ir e vir quando quiser, ainda quero deixar Faulkner?

Esta cidade está fodida, e não sei se sou o tipo de garota que foge de uma confusão, mesmo que não seja culpa dela. Faulkner é minha casa. Posso virar as costas para ela agora, quando está desmoronando, e deixá-la entregue ao seu destino nas mãos do Sr. Dolce? Posso me mudar para Nova York e viver minha própria vida e nunca mais pensar nisso, nunca me perguntar sobre aqueles que deixei para trás? Parece egoísta fugir e viver minha melhor vida, sabendo que as pessoas aqui ainda estão sofrendo.

Penso nisso durante todo o caminho até a casa de Royal, onde deixei meu carro. Quando entramos em seu bairro, me pego cantarolando — De volta à vida, de volta à realidade — . No que parece ser outra vida, lembro-me de Colt cantando essa música quando chegamos à escola depois de passar a tarde em sua casa. Esse foi o dia em que Royal quase o matou. No dia em que ele me reivindicou no rio, disse que eu era dele.

Eu mal o conhecia então.

Agora eu sei todos os segredos que esse garoto terrível e brutal contém e, de alguma forma, ainda o amo.

— Obrigada, — eu digo, virando-me para ele enquanto ele desliga o carro. — Eu não sei como te agradecer o suficiente. Esta semana inteira pareceu um conto de fadas.

— Você pode me agradecer mais tarde, Cherry Pie, — ele diz, me puxando pelo console e me beijando rudemente na boca. — Não tenho certeza se posso passar mais de um dia sem te foder, agora que tenho você só para mim todos os dias.

— De alguma forma eu acho que você vai conseguir, — eu digo, sorrindo durante o nosso beijo.

— Acho que você vai conseguir estar aqui amanhã, — diz ele, agarrando minha camisa quando tento me afastar. — A menos que você queira que eu foda alguma cadela Thorncrown enquanto estou pensando em você.

— Foda-se, Royal, — eu digo, empurrando para trás.

— Esse é o plano, — diz ele com aquele sorriso idiota que me enfurece tanto que quero gritar.

— Se eu significo tão pouco para você, que você vá foder outra pessoa se eu não vier, então vá em frente, — eu digo. — Veja o que acontece.

Saio do Rover e bato a porta com toda a força que consigo. Royal está rindo quando sai, transferindo as duas malas de roupas para o meu carro. Quando ele tenta me puxar para um beijo de despedida, eu o empurro. — Toque em mim e eu vou quebrar seu nariz de novo, — eu ameaço, levantando meus punhos.

— Faça isso, — diz ele, sorrindo para mim e me empurrando para a minha porta. — Vou usar o sangue como lubrificante e te foder contra o carro de novo.

Ele agarra minha cabeça com as duas mãos e me beija forte, tão forte que sinto os hematomas já se formando em meus lábios. Eu me contorço contra ele, mas ele me beija com mais força, forçando sua língua em minha boca. Lutando contra ele, eu mordo com força, provando seu sangue antes de soltar. Eu me afasto com um sorriso no rosto.

Royal agarra meu cabelo e me arrasta de volta contra o carro, enfiando a língua de volta na minha boca, lambendo a minha com sangue salgado. Quando ele finalmente se afasta, seus olhos estão aquecidos, sua respiração irregular.

— Se meu pai não estivesse em casa, eu jogaria você no chão da garagem e te foderia até que você gritasse por mim, — ele rosna.

— Eu te odeio pra caralho, — eu digo, abrindo minha porta e entrando.

— Eu também te odeio, Jailbird, — ele diz antes de eu bater à porta e sair da garagem.

Quando chego em casa, estou um pouco mais calma, mas ainda chateada. Entro na minha garagem e vejo Blue e Olive sentadas do lado de fora nos degraus de sua casa. A tarde está fria, mas abafada, e Blue está usando sua jaqueta jeans surrada de sempre. Penso nas contusões que vi no braço dela, aquelas que ela esconde, e novamente me pergunto como posso simplesmente deixar Faulkner e ir viver uma vida nobre com Royal e sua família elegante. Esses não são o meu povo.

Este é o meu povo.

Quando ela me vê, Blue dá um pequeno aceno e um sorriso sem expectativa. Posso entrar em casa sem o peso da culpa por dispensá-la, ou posso ir falar com ela, e ela ficará bem de qualquer maneira. São coisas assim, as pequenas maneiras como entendemos outras garotas como nós, que tornam difícil imaginar uma vida no mundo de Royal, onde tanto é esperado... E fingido.

Eu nunca fui nada além de uma garota como eu, e todo mundo sabe disso. Não há pressão para ser melhor, para estar *presente* o tempo todo, minha vida é uma performance constante como a de Gloria Walton. É cansativo tentar atender às expectativas e ser o que todo mundo quer o tempo todo. Eu nunca fui ninguém além de mim mesma.

Tranco o carro e atravesso a grama desgrehada do quintal até os degraus da frente de Blue.

— Veja o que posso fazer, — diz Olive em vez de uma saudação. Ela começa a ligar as mãos e as pernas ao redor da grade em sua pequena varanda e pendurar para o lado. Ela solta uma mão e acena, com um grande sorriso. — Sou uma contorcionista.

— Você está bem? — Blue pergunta, inclinando a cabeça e me observando.
— Eu não vi você por aí.

— Sim, — eu digo. — Eu estava com Royal.

— O cara rico?

— Um deles, — eu digo, me sentindo de repente na defensiva. Além dos três caras que estavam lá, ela é a única pessoa que sabe a verdade sobre o que aconteceu na primavera passada. Ela não vai entender como pude aceitar Royal

de volta.

— Eu estava esperando que você estivesse lá, — diz ela. — Tem sido um pouco louco em sua casa.

Meu estômago da nós de pavor.

— Sim, — diz Olive, virando e caindo de pé no chão ao lado da varanda. Ela tropeça para trás, girando os braços, e então joga o cabelo comprido para trás. — A ambulância veio e tudo.

— O que? — Eu pergunto, o peso dentro de mim esfriando. — Foi minha mãe?

— Não, — Blue diz rapidamente. — Algum cara foi maltratado no seu jardim da frente, rolando no chão e tudo mais. Eles o levaram em uma maca.

— Merda, — eu digo, afundando nos degraus ao lado dela. — Tem um cigarro?

— Apenas um, — diz ela. — Nós podemos compartilhar.

— Legal, — eu digo. — Eu seriamente devo a você.

— Considere o pagamento do meu seguro, — diz ela, abrindo um pequeno sorriso antes de se virar para Olive. — Pega meus cigarros?

Olive geme e sobe os degraus entre nós e entra na casa.

— Minha mãe recebeu muitos caras? — Eu pergunto.

— As pessoas estão entrando e saindo há alguns dias, — diz Blue, olhando para mim com o canto do olho.

— Eu acho que ela está pagando seu traficante. — Suspiro e me apoio nos cotovelos nos degraus de concreto. Olive volta com o maço de cigarros, entrega-o e pega uma grande lata de Folgers. Ela se dirige para a passarela, onde joga fora todos os seus carrinhos de brinquedo e começa a alinhá-los.

Blue puxa um cigarro e joga o maço vazio na lata de café ainda na escada. — Então você voltou com o cara do Range Rover? — ela pergunta, acendendo. — Eu vi o carro dele algumas vezes antes de você desaparecer.

Concordo com a cabeça, esperando que ela faça um julgamento. Ela não reage, no entanto. Eu deveria ter dado mais crédito a ela. Se alguém no mundo entenderia, é ela.

— Ele me levou para Nova York, — eu admito. — E Cape Cod.

— Uau, — diz ela, com os olhos arregalados. — É tão sério assim?

— Oh, nós não estamos juntos, — eu digo. — Eu disse a ele que não posso, você sabe. Não depois do que aconteceu. Mas Blue... Ele me levou para ver uma faculdade. Ele quer que eu vá para Syracuse com ele no ano que vem.

Não consigo evitar que o sorriso exploda em meu rosto, não importa o quanto ele foi um idiota quando me deixou em casa. E realmente, ele estava apenas sendo Royal. Ele não fez nada, exceto ser o idiota dele mesmo, e eu aceitei que ele nunca será. Na verdade, estou bem com isso, mesmo que ele ainda me irrite às vezes.

— Uau, — diz Blue. — Isso é louco.

— Eu sei, — eu digo, rindo. — Ele está basicamente cuidando de tudo, menos da aplicação. Ele disse que é só uma formalidade, porque se eu quiser ir, estou dentro. Devem ter feito uma grande doação. Você pode imaginar, eu em Nova York?

— Sim, — diz ela, tragando o cigarro e olhando para mim engraçado. — Você queria sair desta cidade desde o dia em que nos conhecemos. Lembra quando tentamos pegar o trem?

Concordo com a cabeça, pegando o cigarro quando ela oferece. Inspiro e torço a cereja contra o degrau ao meu lado, derrubando as cinzas. — Eu não sei, porém, — eu digo, voltando à realidade. — Quero dizer, eu quero viajar, mas minhas raízes estão aqui. Não sei se quero arrancá-las e criar raízes em outro lugar. Esta é a minha cidade. Minha casa.

— Você soa como Maverick, — diz ela. — Exceto que ele tem razão. Ele é um legado. Toda a sua família é Crossbones. E ele tem o estúdio de tatuagem todo alinhado. Ele trabalhará lá com seu irmão para sempre. O que você vai fazer se ficar?

— Eu não sei, — eu admito. — Talvez não fosse de Faulkner que eu queria escapar. E sim a minha vida aqui.

Olho para minha casa monótona, a sujeira nos tijolos, as janelinhas. A pobreza sempre foi minha jaula, não a cidade em si.

— E ele está dando a você uma chance de escapar disso, — Blue aponta. — Por que você não aceitaria?

— É demais, — eu digo. — Eu nunca poderia compensá-lo. Não quero ficar devendo a ele toda a minha vida.

— Se você estudar lá, provavelmente conseguirá um bom emprego, — diz ela. — Você pode pagá-lo com isso, se ele quiser de volta.

— Eu sei, — eu digo. — Mas não quero tirar tanto dinheiro dele, e mais do que isso, da família dele. É... dinheiro sujo.

Ela me dá um olhar engraçado. Esse termo sempre soa tão razoável quando Preston o diz, mas vindo da minha boca, soa como uma desculpa.

— É dinheiro, — diz Blue. — O que importa de onde vem, se isso te tira daqui?

— Voltarei, — digo, sentindo-me culpada ao vê-la tragar seu último cigarro. Ela não vai a lugar nenhum tão cedo.

— Por quê? — ela pergunta incrédula.

— Porque eu disse. — Esta cidade está fodida. Eu quero consertar isso.

— Você vai consertar Faulkner? — ela pergunta, sorrindo.

— Talvez eu vá.

Ela não precisa acreditar em mim. Eu sei do que sou capaz.

— Você não precisa salvar todo mundo, — diz ela. — Apenas salve-se. Você não pode levar a cidade com você. Tudo o que você pode fazer é escapar. Eu faria isso em um piscar de olhos se não tivesse Olive.

— Você está certa, — eu digo. — Mas ainda não vou embora. Eu tenho até a formatura. Talvez eu me sinta diferente então, mas agora... não sei. Não parece completo. Meu trabalho aqui não acabou. Talvez seja estúpido, mas eu quero consertar Faulkner. Pelo menos tanto quanto eu puder antes de ir.

— E como você vai fazer isso? — Blue pergunta.

Quero dizer que vou tirá-la de lá, mas não sei como fazer isso. Mesmo que eu pudesse convencer Royal a pagar dezenas de milhares de dólares a uma completa estranha, ela não iria. Ela nunca vai deixar Olive. Ela é uma parte de Faulkner, como Maverick. Algumas pessoas não têm chance de sair. O que me faz pensar que ela está certa, eu deveria arriscar enquanto posso.

Eu sei que ela não vai se importar. Ela não é alguém que vai me puxar de

volta para baixo, tentar me prender aqui porque ela está presa, e se ela não pode sair, ninguém pode. Não, Blue é o oposto. Ela é o tipo de pessoa que me levantaria, ficaria lá e me deixaria subir em seus ombros e pular, mesmo sabendo que ela seria deixada para trás.

No momento, porém, ainda tenho seis meses para acertar as coisas entre os Dolce e os Darling. Só assim vão parar de arruinar minha cidade. Pode não ser minha luta, mas sou eu quem está em posição de acabar com a rivalidade sem fim entre eles. Sou a única com um pouco de poder sobre alguém em ambas as famílias, a única com uma conexão com ambas. Se eu quiser ter algo para voltar daqui a quatro anos, se eu quiser ir para a faculdade e não me sentir como uma cadela egoísta que deu as costas para todo mundo, preciso consertar o que puder antes de ir. O que significa que preciso consertar o Dolces.

Sento-me com Blue um pouco mais antes de me despedir dela e de Olive, que está deitada de bruços na terra, dirigindo seus carros pelas rachaduras da calçada no crepúsculo. Eu entro, em guarda graças ao alerta de Blue sobre a última farra da minha mãe. As luzes estão apagadas, a casa escura, mas posso ouvir mamãe se movendo em seu quarto, o que significa que ela ainda está embriagada. Suspiro e entro no meu quarto.

Eu paro no meio do caminho. Parece que todo o meu quarto foi revirado. As gavetas estão abertas, as roupas espalhadas pelo chão. O colchão está na metade da estrutura da cama, o estrado encostado na parede. A porta do armário está aberta, caixas de sapatos jogadas ao acaso ao redor da porta. Lá dentro, a maioria das roupas sumiu, apenas algumas camisas velhas caídas até a metade dos cabides.

Meu coração para e tenho que engolir a onda de terror que cresce dentro de mim como um tsunami. Não, não, não. Isso não está acontecendo. Não ousou pensar nas possibilidades.

Vasculho as roupas no chão, caindo de joelhos nas caixas de sapatos espalhadas. O pânico sobe pela minha garganta como uma doença quando jogo as caixas de lado, subindo de quatro até o fundo do meu armário, rastejando como um animal, um grito crescendo na boca do meu estômago.

Por favor, não deixe que ela o tenha encontrado, rezo silenciosamente, loucamente, para nada em particular.

Deuses não existem para garotas como eu.

Nenhum poder superior cuida de nós.

Ninguém cuida de nós, exceto, se tivermos sorte, outras garotas como nós.

Eu encontro o canto do tapete que eu coloco tão bem a cada vez, agora dobrado para trás, deixado aberto desleixadamente. Eu ainda alcanço dentro, meu cérebro se recusando a aceitar o que meus olhos estão dizendo. Meus dedos não tocam nada além do aglomerado barato e cru sob o tapete.

Algo se ergue dentro de mim, uma parede de desespero tão espessa que nenhuma quantidade de esperança ou cura, fazer minha própria família ou curar a de outra pessoa pode resistir.

A esperança é uma maldição.

A cura não vai me tirar desta cidade.

Os amigos são temporários, uma distração do que é real, do que é importante.

A determinação de curar Faulkner pode me ajudar a aguentar mais um semestre em Willow Heights, mas não este.

Eu me levanto, cambaleando para fora do armário como uma pessoa bêbada, correndo pelo corredor e entrando no quarto de minha mãe.

— Mãe, — eu grito. — Onde está meu dinheiro?

Ela gira de onde ela está andando. — O teu dinheiro? — ela exige, um sorriso cruel torcendo seus lábios. — Sua pequena ladra. Você tem escondido esse dinheiro todo esse tempo enquanto eu a alimento e mantenho um teto sobre sua cabeça!

— É o meu dinheiro, mãe, — eu digo, meu volume aumentando em desespero. — Eu ganhei esse dinheiro. Eu te alimentei. Meu amigo manteve um teto sobre nossas cabeças nos últimos seis meses.

— Sua pirralha ingrata, — diz ela. — Eu ralei pra caramba trabalhando para cuidar de você por dezoito anos, e tudo o que você pode dizer é que seu namorado pagou as contas por seis meses? Enquanto você roubava e escondia dinheiro de mim, sua própria mãe?

— Mãe, — eu digo, lutando para me controlar. — Eu nunca roubei um centavo de você. Agora devolva meu estoque.

— Você não roubou? — ela pergunta com um bufo incrédulo. — É roubar me segurar, ficar com tudo isso para si, enquanto eu mal conseguia pagar as contas. É roubo me deixar comprar toda a merda que precisamos enquanto você tinha o dinheiro o tempo todo!

— É o *meu* dinheiro, — eu digo novamente. — Você não tem o direito de pegá-lo sem pedir. Paguei muitas contas nos últimos anos.

— E antes disso? — ela exige. — E quanto aos quatorze ou quinze anos em que trabalhei até a morte por você e você não contribuiu com um centavo? Você acha que essa merda era de graça? Você acha que as notas apareceram magicamente quando você começou a ganhar dinheiro?

— Eu era uma *criança*.

— Eu nunca pedi um filho, — ela dispara, girando para andar pela sala, seu andar instável e frenético.

Respiro fundo, tentando me acalmar e evitar que minha voz trema. — Eu não pedi para você ser minha mãe, — eu digo. — Mas aqui estamos nós.

— Eu não pedi para você vir e arruinar minha vida, — ela se irrita, virando-se para mim. — Não pedi um filho para atrapalhar, para me impedir de fazer o que eu queria da minha vida. Inferno, se não fosse por você, eu poderia ter feito isso com um Darling também. Você acha que é tudo isso porque um cara rico prestou atenção em você, mas você não é nada especial. Eu poderia ter feito isso também, se você não tivesse aparecido e estragado tudo.

— Você fez muita merda também, — eu retruco para ela. — Agora me devolva meu dinheiro, mãe.

Estou muito brava, muito quebrada, para pensar em qualquer outro argumento. É meu. A injustiça me faz querer gritar. A injustiça disso tudo me atinge, dela pegando o que eu trabalhei durante anos para economizar, só para ter alguma coisa, qualquer coisa, enquanto pagava comida e contas e vivia com nada além de esperança algumas semanas, o sonho de sair desta cidade a única coisa que me fazia continuar quando ela estava gastando seu contracheque.

— Você não para de me ferrar desde o dia em que nasceu, — diz ela, parando para acender um cigarro meio fumado no cinzeiro de sua cômoda. — Você sempre foi uma cadela egoísta. Eu nem deveria estar surpresa que você ficava feliz em me ver trabalhar até a morte enquanto você me sugava até secar e mantinha seu próprio fundo de diversão bem debaixo do meu nariz.

— Eu trabalhei para isso, — eu atiro de volta para ela. — Não é minha culpa que você tenha um problema com drogas. Não é minha culpa que você gastou todo o seu dinheiro. Seu fundo de diversão é a porra do seu contracheque regular. Por que você acha que eu pago as contas? Eu ralei minha bunda por isso, e você não pode simplesmente aceitar.

— Apenas peça ao seu Darling para pagar sua fiança, — diz ela. — Ou aquele outro, o jogador de futebol. Tenho certeza de que vale alguns milhares.

— Esse dinheiro não era deles.

O desespero que brota dentro de mim quase traz lágrimas aos meus olhos. Não posso explicar a ela que ter algo meu importa, que o fato de eu ter ganhado aquele dinheiro e não tê-lo levado como um caso de caridade importa. Isso importa para mim. Venho guardando isso há anos, abandonando uma vida social para trabalhar todas as sextas e sábados à noite para colocar algo em meu fundo para sair desta cidade com meus próprios pés.

Talvez seja por isso que não quero aceitar o que Royal está oferecendo. Eu quero ser forte o suficiente sozinha.

— Quem se importa? — ela diz, tossindo uma nuvem de fumaça. — Eles têm muito de onde isso veio.

— Esse não é o ponto, — eu digo. — Preciso desse dinheiro, mãe. Por favor, devolva.

— Para que você precisa disto? — ela exige, sugando rapidamente o filtro e colocando a outra mão no quadril. Eu vejo o nervosismo em seu corpo tenso enquanto ela espera por uma resposta, mas deixei de ter medo dela há muito tempo.

— Para sair daqui, — eu digo baixinho.

Ela olha para mim e, naquele momento, algo se passa entre nós, alguma verdade não dita. Eu a observei toda a minha vida. Eu a conheço.

A realização afunda lentamente.

Ela também me conhece. Ela sabe para que servia aquele dinheiro.

Por isso ela pegou.

Ela não quer que eu saia. Ela não é como Blue. Ela quer que eu fique presa aqui como ela, para *ser* como ela. Ela não me odeia apenas por estragar a vida dela. Ela me odeia porque não consegue estragar a minha. Ela não pode me quebrar, não pode me fazer ter uma vida tão ruim quanto a que ela me culpa por fazê-la viver, e ela não consegue suportar isso.

— Você quer sair, então vá, — ela estala finalmente. — Eu nunca quis você.

Eu a encaro diretamente. — Dê-me o dinheiro e eu irei.

Ela fica parada por um minuto, seus olhos duros calculando enquanto ela me observa. — Ele se foi, — diz ela finalmente. — Eu não tenho mais.

Minhas mãos se fecham em punhos, meus membros tremendo de raiva. — Você gastou todo o meu dinheiro em drogas? — Eu pergunto. — O dinheiro pelo qual trabalhei desde os quatorze anos, pelo qual apanhei, pelo qual abri mão do dever de casa para ganhar, para poder sair desta cidade com algo além de apenas notas... Você gastou em drogas?

— Eu não faço mais essa merda, — ela diz, apagando a bituca do cigarro com as outras no cinzeiro. — Apenas Alice. Não é nem viciante. Se você tentasse, entenderia.

— Eu entendo, porra, — eu estalo.

— Sim, bem, eu paguei minha dívida, — diz ela, levantando o queixo e olhando para mim com uma expressão hipócrita. — O que você quer, nem todo mundo pode ser Madre Teresa. Eu faço o meu melhor, mas não vou me matar porque você não consegue parar de pensar em si mesma por um minuto e pensar na mãe que te criou.

— Eu me criei, — eu digo baixinho.

— Eu te dei tudo, — diz ela. — A única vez que me desesperei e pedi ajuda, você me deu as costas. Eu só ia vender aquelas roupas chiques que seu papaizinho comprou para você. Imagine minha surpresa quando encontrei aquele caroço no seu carpete. Achei que tinha tirado a sorte grande e sua chave reserva estaria lá embaixo. Mas não. Eu puxei para cima para ver que você tinha muito mais do que sapatos chiques em seu armário.

— Não, — eu digo, sentindo a luta se esvaindo de mim, a esperança, tudo. Quero afundar na cama dela e dormir pela próxima década. Eu não quero nem chorar. Não há nada dentro de mim, nem mesmo tristeza.

— Eu passei uma raiva infernal, graças a você, — diz ela, sorrindo. — Você deveria estar aqui para isso. Não que você tenha se divertido muito na minha festa de aposentadoria, mas Bobby Dale com certeza gostou de você.

— Nojento.

— Não se preocupe, você cuidou de sua mãe, querendo ou não. Isso manterá Bobby Dale longe de mim por semanas. Mas não pense que vai ficar com aquele carro, Harper. Ele está de olho nisso e não vai desistir. Além disso,

eu ainda devo a ele por este fim de semana...

— Você só pode estar brincando comigo, mãe.

Ela se vira para mim, uma expressão suplicante tomando conta de seu rosto. — É tão bom, baby, você não entende. Se você tentasse, você veria. Eu pensei que era apenas algo que as crianças estavam fazendo, mas uma vez que eu coloquei minhas mãos em alguns...

— Eu vou matar Baron, porra, — murmuro.

— Quem é o Baron? — ela pergunta, seu olhar fixo em mim com ansiedade. — Ele tem um pouco de Alice?

— Ele está... vendendo neste bairro, — eu digo, não prestes a dizer a ela que conheço o idiota responsável por colocar essas coisas nas ruas.

— Você pode pegar um pouco dele? — ela pergunta, agarrando meu braço. — Eu preciso de mais, e estou fora. Bobby Dale não vai me vender mais até que eu pague o que usei neste fim de semana. Eu não posso continuar por muito tempo assim. Já estou louca por isso, viu? Ela estende os braços, onde riscou linhas vermelhas em sua pele branca. Eu posso ver o brilho de fome em seus olhos, a necessidade já abrindo caminho de volta. Esse é o demônio dela, como Royal é o meu.

— Mãe, — eu digo. — Sinto muito que você esteja nessa coisa e não pode chutá-la. Mas não vou comprar drogas para você. Eu não conseguiria nem se quisesse. Você pegou a porra do meu dinheiro e deu para o seu traficante.

— Você tem que fazer isso, — ela lamenta, suas unhas cravando na minha pele. — Se você soubesse como é, Harper...

— Eu não, — eu digo, descascando seus dedos. — Pela última vez, não estou interessada em descobrir. Me desculpe mamãe. Mas você vai ter que colocar isso na cabeça e parar de levar merda dele se não quiser ficar em dívida com ele. Você levou tudo o que eu tenho, mãe. Não vou te dar meu carro também.

— Ele está voltando para isso, — diz ela. — Não será suficiente, o que eu dei a ele. Não depois deste fim de semana. Eu tinha amigos. Nem sei quanto devo. Mas ele disse que se eu não tivesse na próxima vez que eu devesse a ele, ele pegaria... — Ela para, seu olhar nervoso saltando ao redor da sala.

— Que mãe? — Eu pergunto. — Ele vai cortar seu nariz? Tenho certeza que você já fodeu com ele. Ele simplesmente vai parar de lhe dar drogas.

Ela balança a cabeça. — Você tem que dar o carro para ele.

— Eu não vou dar meu carro a ele, — eu digo, exasperada por estarmos de volta a isso. — Então, o que ele vai levar?

— Minha filha, — diz ela, finalmente encontrando meus olhos. — Ele disse que se eu não tivesse dinheiro da próxima vez, ele levaria você.

Eu encaro minha mãe por um longo minuto, meu coração batendo forte no meu peito. — O que você disse, mãe? — Eu pergunto baixinho.

— Eu não tinha mais nada para oferecer, — ela diz, soltando meu braço. — Eu disse que pegaria o carro para ele, é claro. O que você acha que eu sou? Sempre agindo como se eu fosse a vilã. Já deixei algum homem tocar em você?

— Mas você disse a ele que daria meu carro a ele, — eu digo. — Sabendo que se eu não desse isso a ele, ele me levaria? E você ainda pegou drogas dele? Você ainda transou com ele, sabendo que ele é esse tipo de homem?

— Eu precisava delas, — ela lamenta.

— E eu precisava da minha mãe para me proteger, — digo, minha garganta doendo enquanto me afasto. Eu saio de seu quarto, odiando que eu ainda a ame de alguma forma, porque ela é minha mãe e eu não posso evitar, mesmo sabendo que sua versão fodida de amor fez mais mal do que bem. Pego um punhado de camisetas no chão do meu quarto, sem prestar atenção no que estou pegando. Preciso sair, preciso sair, mas meu cérebro está entorpecido, atordoado pelo choque. Eu não tenho para onde ir.

Pego um pequeno canivete que Maverick me deu uma noite quando saí de sua casa depois de escurecer, então desisto de encontrar qualquer outra coisa na bagunça e saio do meu quarto. Eu paro na porta da mamãe. — Preciso da minha certidão de nascimento, — digo. — E quaisquer outros papéis meus que você tenha.

— Pelo que? — ela exige, girando de onde ela está andando.

— Estou me mudando, mãe, — eu digo.

— Você não pode se mudar, — diz ela com um sorriso de escárnio. — Você não tem para onde ir.

Eu bufo e balanço a cabeça. — Isso pode ter funcionado três anos atrás, mas você sabe que é besteira agora. Morei com Preston o verão inteiro. Eu tenho dezoito anos. Não preciso mais ficar aqui.

Ela me encara por um longo minuto. Eu não deixo cair seu olhar, embora eu esteja mentindo descaradamente. Eu não tenho para onde ir. Blue não é uma opção. Preston se mudou e não quer me dar seu novo endereço. Eu já tirei muito

de Royal. E não posso simplesmente entrar na vida de Gloria, além do fato de que eles também não querem alimentar uma boca a mais. Tenho amigos, mas não do tipo que preciso neste momento.

— Tudo bem, tanto faz, — mamãe estala finalmente, virando-se. — Eu não quero você aqui de qualquer maneira.

— Você deveria pedir ajuda.

— Eu não preciso de ajuda, — ela estala. — Só preciso de mais uma pérola, só para me ajudar a descer.

Eu suspiro. — Onde está minha certidão de nascimento?

— Na gaveta, — diz ela, virando-se e andando, o polegar batendo na tela enquanto tenta encontrar outro suprimimento. Abro a gaveta onde ela guarda coisas importantes, remexendo até encontrar uma pasta com minha certidão de nascimento, cartão do seguro social e registro de tiro. Junto com as coisas importantes, há um diploma da formatura do ensino médio e um prêmio de honra do mesmo ano.

Ela os salvou. Ela estava orgulhosa de mim.

Engulo em seco, olhando para mamãe. Mas ela está ocupada brigando com alguém ao telefone, perdida demais em seu próprio desejo para notar qualquer outra coisa, até mesmo sua filha.

Eu suspiro e me afasto, me despedindo enquanto sigo pelo corredor. Eu subo no Escalade e apenas sento lá. Minhas malas ainda estão lá atrás, duas grandes cheias de roupas novinhas em folha que custam milhares de dólares. Eu poderia dá-las para mamãe para tirar o traficante dela de volta.

Mas não tenho mais nada.

Saio da garagem e dirijo sem rumo por Faulkner, tranquila em uma noite de domingo. Por fim, chego a Willow Heights, usando o estacionamento lateral. Pego a jaqueta que a cunhada de Royal escolheu quando eu disse que precisava de uma jaqueta quente enquanto estávamos lá. Não está frio aqui - um moletom seria suficiente. Mas é sempre frio onde estou indo.

Eu ando ao redor da parte de trás do prédio até a porta que está embutida na parte inferior da encosta. É indefinido, pintado da mesma cor da parede, mas sei para onde vai. Eu poderia dormir nos quartos em Willow Heights, onde já dormi antes, mas muitas pessoas usam aquele quarto. Obviamente, minha chave não é a única, mas não há nada de interessante nesta sala.

Abro a porta e entro na escuridão mofada que cheira a sujeira e teias de aranha. Eu tomo algumas respirações, deixando-me ajustar à sensação de estar no subsolo. Eu sei que não é realmente um espaço apertado - três túneis se abrem para a grande sala - mas estar no subsolo ainda ativa um pouco minha claustrofobia. Eu ligo a lanterna do meu telefone e dou uma volta pelo espaço, certificando-me de que não há nada assustador aqui. Depois de acalmar meu coração acelerado, volto e fecho a porta. Então, eu me enrolo no chão de terra, enrolando a jaqueta como um travesseiro.

Demora um pouco para adormecer no espaço frio e estranho. Não tenho certeza de quanto tempo estive dormindo quando algo me acorda. Sento-me sobressaltada, certa de que há um grito ecoando em meus ouvidos. De algum lugar nos túneis, o som de um canto monótono ecoa. Arrepios sobem em meus braços, e eu tateio para o meu telefone, fugindo para trás até que eu estou pressionada contra a parede. Enfio a mão na bota, pego o pequeno canivete e acendo a luz do meu telefone. Ainda estou sozinha, mas o canto assustador faz minha pele arrepiar, especialmente porque não consigo dizer de que direção está vindo enquanto ecoa pelos túneis subterrâneos.

De repente, tenho certeza de que ouço passos correndo.

Eu fico de pé, lutando para enfiar a chave na fechadura e virar. Minha faca escorrega da minha mão, mas não me preocupo em recuperá-la. Se alguém me pegar, meus punhos farão o mesmo dano. Eu bato meu ombro contra a porta, meu coração disparado. Ela se abre e eu quase caio, mal conseguindo manter meus pés debaixo de mim. Eu a fecho, pressionando minhas costas por um segundo. Então eu me viro e tranco, meus dedos ainda tremendo.

De volta ao meu carro, tranco as portas e ligo o aquecedor, esfregando os braços até que o arrepio desapareça. Já passa da meia-noite, então devo ter dormido um pouco, mas estou bem acordada agora. Eu rastejo para o banco de trás e fico lá por um tempo, pulando toda vez que uma folha cai no carro e desliza pelo teto. Finalmente, quando a luz começa a aparecer no céu, adormeço.

Acordo com o som de alguém batendo na janela. Acordo assustada e me sento, instantaneamente pegando minha bota, apenas para lembrar que deixei cair minha faca na sala da caverna. Do lado de fora, Gideon e a bibliotecária estão conversando ao lado do meu carro. Eu corro meus dedos pelo meu cabelo antes de abrir a porta.

— Harper, — diz Gideon. — Eu pensei que fosse você. O que você está fazendo?

— Eu *estava* dormindo, — eu digo antes que eu possa pensar melhor sobre isso. Não importa o quão legais eles sejam, de jeito nenhum eu vou explicar para

dois caras ricos e mauricinhos que minha mãe é uma viciada cujo traficante vai levar a mim ou meu carro na próxima vez que ele vier, e eu não estou disposta a dar qualquer uma dessas coisas por alguma versão drogada de droga de rua do Viagra misturado com Alice.

— Por que você está dormindo no seu carro? — Gideon pergunta, uma carranca preocupada em sua testa.

— Cheguei cedo, — digo. — Eu estava esperando a escola abrir e adormeci.

— Oh, — diz ele, parecendo confuso. — Por que você chegou tão cedo?

O Sr. Delacroix parece menos do que convencido com a minha desculpa, e ele franze a testa para mim enquanto tropeço em uma explicação sem sentido sobre sair para correr e pensar que demoraria mais do que demorou. Eu evito seus olhos, pego minha mochila e vou com eles. Não há muito que eles possam fazer sobre isso. Terei que me lembrar de levar meu carro para o estacionamento dos estudantes se dormir aqui novamente.

Há problemas óbvios com isso também. Agora que Gideon viu meu carro aqui, ele provavelmente vai notá-lo sozinho na área de estudantes, mesmo que eu estacione nos fundos. Além disso, vou precisar de um banho e um lugar para me refrescar todas as manhãs. Estou grogue demais para pensar nisso tudo, mas vou até meu armário e sento no chão ao lado do armário de Gloria fazendo o dever de casa até ela aparecer. É claro que ela tem balas de menta e, melhor ainda, uma garrafa de enxaguante bucal em tamanho de viagem em sua bolsa.

— Tudo certo? — ela pergunta no banheiro enquanto eu enxáguo minha boca.

Eu cuspo e abro a pia, mais acordada agora do que quando os Delacroix me acordaram. — Acabei de brigar com minha mãe, — digo. — Saí sem escovar os dentes.

— Eca, — ela diz, enrugando seu lindo nariz sardento.

— Eu sei certo? — Eu digo, forçando uma pequena risada.

— Bem, pelo menos você se vestiu, — diz ela, olhando para mim. — Isso é um cinto Gucci?

— Uh, sim, — eu digo, olhando para baixo. — Valeu a pena quebrar o código de vestimenta e usar jeans na segunda-feira só para se exhibir. Quero dizer, o que é mais uma redação neste momento?

— Não acredito que você faltou uma semana inteira de aula para fugir para Nova York com Royal, — ela diz, vasculhando sua bolsa. — Isso é tão romântico.

— Bem, foi uma visita à faculdade, — eu digo. — Não estamos juntos.

— Claro, — diz ela, revirando os olhos e inclinando-se para o espelho para verificar o rímel.

Eu relaxo, aliviada por ter saído sem mais perguntas. Gloria pode ser bolsista, mas sua família está obcecada em parecer perfeita. Ela não entenderia dormir no meu carro mais do que Gideon.

— Eu só estou dizendo, — diz ela. — Se você queria ser rainha, na semana passada foi sua chance, enquanto os D-boys estavam suspensos. Você poderia ter reivindicado o trono de uma vez por todas, colocado na nova ordem mundial ou qualquer outra coisa.

— Sabe, eu estive pensando, e isso não sou realmente eu, — eu digo. — Você tem minha bênção para ser a rainha que você é. Eu serei a rebelde que eu deveria ser.

Ela me dá um olhar cético. — Você não quer mais ser rainha?

— Não, — eu digo. — É todo seu. Tenho muito em que pensar para me concentrar na política da escola.

— Se você diz, — ela diz, colocando o batom de volta na bolsa depois de se refrescar. — Ei, você não acha que foi por isso que Royal te levou embora, acha? Para ter certeza de que você não deslocou os irmãos dele?

— Não, — eu digo, dando-lhe um olhar engraçado. — Royal não se importa com o drama do ensino médio.

Isso nunca me passou pela cabeça e, mesmo quando ela diz, não preciso pensar. Tenho total confiança em Royal, por mais fodido que seja. É estranho o quanto confio em um homem que me machucou mais do que eu imaginava ser possível. Mas eu sei que ele não está mais tramando contra mim. Eu não duvidaria que Baron tivesse colocado a ideia em sua cabeça, mas se for esse o caso, ele estava jogando com Royal tanto quanto a mim.

— Quero dizer, eu teria ido para Nova York também, — diz ela. — Mesmo sem Royal. As compras de lá são de morrer para você, estou certa? Costumávamos ir para a véspera de Ano Novo todos os anos.

— Você é um mistério para mim, — eu digo, balançando a cabeça.

— Esse é o milk-shake que realmente traz todos os meninos para o quintal, — diz ela, me dando um sorriso. — Se eu tivesse ido embora, ainda estaria morrendo de FOME por perder todo o drama aqui.

— Qual é o drama? — Eu pergunto.

— É Willow Heights, — diz ela, arregalando os olhos. — Sempre há drama.

— Mesmo sem os gêmeos? — Eu pergunto. — Estou surpresa que a escola tenha sobrevivido uma semana inteira sem eles. Como não se desfez em pó na ausência deles?

Ela ri e fecha a bolsa. Quando saímos do banheiro e seguimos pelo corredor, ela me conta. — Eles voltaram hoje, então tenho certeza que haverá mais drama. Na maior parte da semana passada, estávamos apenas assistindo as mídias sociais para ver o que aconteceu com aquele vídeo. Um monte de pais estão tendo um ataque de raiva porque foram suspensos do time por uma semana, mas aconteceu de ser a Semana do Tchau, então eles não perderam nenhum jogo, apenas treino. Muitos outros estão dizendo que é apenas boa sorte, porque estamos invictos este ano e eles sabem que teríamos perdido um jogo se os gêmeos não estivessem em campo.

— Magnólia está bem? — Eu pergunto. Eu estava mais preocupada com isso quando estava fora da cidade do que com qualquer outra coisa. Os meninos Dolce podem não ter estado aqui, mas isso não significa que eles não estavam causando problemas. Na verdade, eles provavelmente são mais perigosos soltos do que quando estão na escola o dia todo.

— Sim, — diz Glória. — Ela esteve aqui toda a semana passada. Por quê?

— Você sabe por que, — eu digo. — Ela é uma Darling.

— Certo, — diz Gloria, estremecendo. — Às vezes esqueço como eles foram ruins no meu primeiro ano aqui. Foi muito melhor no ano passado, quando todos os Darlings se foram.

— Melhor para você, — diz uma voz atrás de nós. Eu me viro para ver Colt andando atrás de nós, uma expressão fria em seu rosto.

— Exatamente, — diz Gloria, alisando o cabelo sobre os ombros. — Eu não tive que olhar para o seu rosto horrível por um ano inteiro. Os Dolce finalmente abençoaram esta escola com paz.

— E tenho certeza de que você se ajoelhou e os adorou como os deuses que você pensa que eles são, — diz Colt.

Enquanto eles discutem, não posso deixar de pensar em como eles venceram Colt no ano passado para se livrar do último Darling em Willow Heights. Um ano e meio antes disso, quando os gêmeos tinham apenas quatorze ou quinze anos, eles e Royal queimaram sua mão e cortaram seu dedo, queimaram o rosto de Preston e desfiguraram permanentemente quem sabe quantos outros Darlings. Baron disse que um dos homens de Darling morreu em um acidente, que provavelmente não foi um acidente. Eles provavelmente o mataram. E depois há Mabel, que tentou se matar por causa do que a fizeram passar.

Agora, eles são mais velhos, maiores e mais perigosos do que nunca, a pobre e pequena Magnolia é a única Darling além de Colt, que não lutará mais contra eles. Ela é uma garota e uma caloura, e de forma alguma preparada para suas bárbaras torturas. O fato de ela ter ousado entrar pelas portas desta escola a torna a fodona mais corajosa da história, sem falar que ela se posicionou contra eles publicamente se opondo a eles quando eu o fiz, e então gravando aquele vídeo...

— Lembre-me por que você está aqui de novo? — Gloria diz a Colt quando chegamos à nossa classe. — Você não deveria estar vasculhando os telhados de Notre Dame ou algo assim?

— Como o descolorante parece ter atingido mais o seu cérebro do que o seu cabelo, vou orientá-la novamente, — diz Colt com um sorriso.

A boca de Gloria se abre de indignação. — Eu não descoloro meu cabelo, — ela sussurra. — Eu sou uma loira natural.

Colt arqueia uma sobrancelha e dá uma olhada preguiçosa nela. — Eu pediria uma prova de que o tapete combina com as cortinas, mas você parece o tipo de garota que prefere madeira de lei.

— Como se eu fosse mostrar a você, — ela bufa.

— Bem, estou aqui porque estou repetindo o último ano, — diz ele. — Pelo menos eu tenho uma desculpa para esquecer.

— Certo, — diz ela. — O dano cerebral. Você está solicitando que Willow Heights adicione um ônibus curto?

— Eu preciso encontrar Magnolia, — eu interrompo. — Os Dolces estarão em pé de guerra agora que estão de volta.

— Ela não está aqui, — diz Colt, nivelando-me com aquele olhar legal.

— Onde ela está? — Eu exijo, meu coração pulando. — Ela está bem?

— Ela está bem e segura, — diz Colt. — Você acha que não sabemos como os Dolces operam até agora? Vamos, Teeny. Não vamos enviar o bebê da família para um poço de demônios.

— Ela... abandonou a escola? — Eu pergunto.

— Ela está tendo aulas on-line, — diz ele. — De um local seguro.

— A casa do seu avô, — eu digo, engolindo em seco. Lembro-me do que Preston disse sobre ele. — Tem alguém lá com ela?

— Ela está segura, — Colt me assegura novamente. — Estou surpreso que você se importe tanto. Ouvi dizer que você voltou a ser a vadia de Royal.

— Eu sou minha própria cadela, — eu digo. — E só porque fiz as pazes com Royal, isso não significa que eu não me importo com Magnolia, ou Preston, ou você. Estou tentando fazer as pazes entre suas famílias, mas nenhum de vocês está facilitando.

— Sim, bem, boa sorte com isso, — diz ele. — A menos que você possa ressuscitar pessoas dentre os mortos, isso nunca vai acontecer.

Colt se vira e vai embora, e Gloria me puxa para a nossa classe. Eu tento me concentrar e esquecer todo o drama. Magnolia está segura, e essa era minha principal preocupação com a situação dos Dolce. Eu tenho muita merda acontecendo na minha própria vida para me preocupar com mais alguém agora. Vou ter que colocar salvar Faulkner em banho-maria, porque com certeza não posso salvar ninguém enquanto estiver morando em um carro.

Eu planejo isso enquanto faço meu caminho ao longo do dia. Há chuveiros no ginásio, então, se eu chegar cedo, posso usá-los assim que abrirem as portas. Posso tomar café da manhã e almoçar na escola e, se me empanturrar, não vou perder muito o jantar. Tenho roupas suficientes para passar a semana. O principal problema é o dinheiro. Eu só tenho alguns dólares, o que significa escolher entre algumas idas à lavanderia ou produtos de higiene pessoal.

Decido que posso usar minhas roupas algumas vezes antes de precisar lavá-las. Contanto que eu os vire a cada semana e me certifique de não derramar nada sobre elas, ficarei bem. Então vou até a farmácia depois da escola e pego uma escova de dente, pasta de dente e desodorante. Tenho que escolher entre sabonete e xampu, mas como posso lavar tudo com qualquer um dos dois, escolho o sabonete em barra mais barato. Pego uma navalha descartável e vou até o balcão, rezando para ter o suficiente para cobrir tudo.

Eu não tenho, então eu tenho que colocar a navalha de volta. No último segundo, penso em quanto Royal gosta de mim raspada e quanta merda ele vai me dar se eu não estiver. Eu normalmente diria a ele para ir se foder, mas não quero dar a ele nenhum motivo para suspeitar do que realmente está acontecendo, então deslizo a navalha na manga e volto para o caixa. Acabei de pegar minha bolsa e me virei quando um gerente parou na frente da porta.

— Eu gostaria de ver você em nosso escritório,— ele diz, sua voz dura.

Merda. Penso em passar correndo por ele e sair pela porta, mas realmente não quero um mandado de prisão contra mim por roubar uma navalha de noventa centavos. Eu provavelmente posso falar do meu jeito.

Eu o sigo de volta ao escritório, pensando em como é foda que eles esperaram até eu fazer o check-out, certificando-se de que receberiam meu dinheiro antes de me confrontarem. Devolvo a navalha e defendo meu caso, e o gerente me dá um longo sermão sobre furtos em lojas e quanto dinheiro eles perderiam se deixassem todo ladrão mesquinho escapar impune.

Eu sei que ele nunca vai entender uma garota como eu. Ele não entende que eu já sei tudo o que ele está me contando, mas eu estava desesperada demais para me importar. Eu quero chorar quando ele pega o telefone para ligar para minha mãe. Uma vez, quando eu estava namorando Lauren, fomos pegos pela polícia do shopping por furto em uma loja. O pai dela desceu e fez uma grande confusão e disse todas as coisas certas, se desculpando e brincando até que a segurança estava rindo com ele. Devolvemos as coisas e pedimos desculpas, e ele nos deixou ir com nada mais do que um aviso, embora não pudesse falar com minha mãe.

Se ela atender desta vez, ela não vai descer e me pegar. Ela não é o tipo de pessoa com quem a segurança brinca e perdoa, de qualquer maneira. Ela não é uma pessoa rica e bonita dando desculpas para sua filha selvagem. Ela é uma garota como eu. Eles dão uma olhada nela e veem onde eu peguei, veem que nós duas somos lixo, e eles acham que fizemos isso uma dúzia de vezes para cada vez que eles nos pegaram.

Quando o gerente volta, ele se senta atrás de sua mesa e me encara. — Existe mais alguém para quem você possa ligar?

— Não.

— Então, temo que terei que entregar isso à polícia, — diz ele. — Eu odiaria fazer isso por um item tão pequeno, mas levamos esses assuntos muito a sério. Se você não puder pagar por isso, teremos que processá-la.

Eu fecho meus olhos e inclino minha cabeça para trás no bloco de concreto branco atrás de mim. Penso em Syracuse, em escrever meu ensaio de inscrição e tentar convencer o conselho de admissões de que não sou uma delinquente.

— Posso tentar ligar para o meu amigo, — digo finalmente. Meu orgulho só pode me levar até certo ponto. Se eu tiver que implorar por dinheiro para não ter um processo, eu o farei.

Quinze minutos depois, Royal entra furioso. Eu poderia ter ligado para outro amigo, mas, de alguma forma estranha, Royal entende meu relacionamento com minha mãe melhor do que ninguém.

— Por que diabos você está segurando minha namorada? — ele exige do gerente.

O coitado fica branco como um lençol. — Eu não sabia, — ele chora, levantando as duas mãos e se afastando de Royal.

Royal pega a navalha da mesa e agarra o cara pela frente da camisa,

puxando-o da cadeira. — Eu deveria serrar suas bolas com isso, — ele rosna na cara do cara. — E com esta navalha insignificante, vai demorar um pouco.

— Por favor, — o cara choraminga. — Ela não disse nada. Não sabia que ela estava com sua família. Apenas pegue e vá embora, por favor.

— Royal, — eu digo. — Ele está bem. Ele está apenas fazendo seu trabalho. Podemos não fazer uma cena? Vamos embora.

— É melhor você se considerar um sortudo, — diz Royal, deixando o gerente cair de volta em sua cadeira. — Ela é muito mais legal do que eu seria.

— O-obrigado, — o cara choraminga.

Royal agarra seu rosto, forçando-o a abrir a boca e enfiando a navalha dentro. O cara vomita, arregalando os olhos, e tudo que consigo ver é Magnolia quando ele enfiou a arma na boca dela.

— Royal, — eu digo baixinho. — Vamos. Estou bem. Você não precisa fazer isso.

Ele empurra a cadeira do cara contra a parede e se vira para mim. — Por que diabos você está roubando? Acabei de levar você à Quinta Avenida e lhe dei meu cartão de crédito.

— Podemos não fazer isso aqui? — Eu pergunto, olhando para o gerente.

As narinas de Royal dilatam, e posso dizer que ele ainda está chateado, mas ele aperta os lábios e acena com a cabeça. Ele agarra meu cotovelo e me leva para fora da loja como se eu fosse... Bem, uma garota que acabou de ser pega roubando uma navalha de noventa e nove centavos. Ele não solta até que estejamos em seu carro.

— Se importa em explicar por que eu tive que pagar a fiança por roubo, quando não faz uma semana que eu comprei tudo o que você poderia pedir?

— Porque eu não preciso da porra da Gucci, — eu explodo, jogando minhas mãos para cima. — Preciso de uma escova de dentes, Royal. Preciso de uma navalha.

— Por que você simplesmente não pediu?

— Porque eu não quero ter que pedir, — eu digo. — Você já me deu muito. Não quero que você tenha que cuidar de mim.

— Eu não preciso, — diz ele em voz baixa. — Eu quero.

— Você não entende, — eu digo, minha voz baixa agora também. — Você nunca teve que pedir nada em sua vida. Como você se sentiria se tivesse que me pedir toda vez que quisesse comprar um pacote de chiclete? É humilhante.

— Ser pego furtando é melhor?

Balanço a cabeça, engolindo o nó na garganta. — Uma viagem para Nova York é um sonho. Isso é realidade. Eu sou pobre pra caralho, Royal. Eu não pertencço ao seu mundo. Você pode me colocar em um carro chique e me cobrir de diamantes, mas ainda sou um lixo de trailer, como você sempre disse.

Ele não diz nada por um minuto, e eu tento piscar para afastar a dor atrás dos meus olhos.

— Harper, — diz ele finalmente.

— O que? — Eu estalo. — Encare isso, Royal. Esta é a minha realidade. Eu não tenho nenhum dinheiro. Eu faço merda assim porque é melhor do que implorar na esquina ou fazer truques na parada de caminhões.

— E quanto ao Slaughterpen?

— Não é até sexta-feira, — digo, enfiando as mãos nas mangas e olhando para o poste, longe dele.

Royal estende a mão, pegando meu queixo gentilmente entre seus dedos e puxando meu rosto para o dele, me forçando a encontrar seu olhar. — Harper Apple, — ele diz, um sorriso puxando o canto de seus lábios perfeitos. — Você não pertence apenas ao meu mundo. Você *é* meu mundo. Entende? Essa é a sua realidade agora.

Balanço a cabeça, as lágrimas borrando minha visão, e ele se inclina, pressionando seus lábios firmemente nos meus. Quando ele se afasta, ele enxuga uma lágrima da minha bochecha com o polegar e dá um beijo na minha testa. — Vamos, — diz ele. — Eu estou supondo que você não comeu, então por que não vamos comer um hambúrguer e você pode me dizer por que eu tive que tirá-la da prisão pela segunda vez depois de um ano.

Eu rio de vergonha e aceno com a cabeça, enxugando minhas bochechas e subindo no banco do passageiro de seu carro. Não falamos até estarmos sentados do lado de fora do Boehner Burgers em uma mesa de piquenique com nossa comida entre nós.

— Sinto muito, — eu digo, envergonhada pela minha explosão anterior e pela coisa estúpida que fiz. — Obrigada por isso. E por me socorrer. Juro que não sou tão criminosa quanto pareço.

Ele arqueia uma sobrancelha. — Você é praticamente um serial killer.

— Cale a boca, — eu digo, jogando uma batata frita para ele. — É embaraçoso.

— Eu acho que isso aumentaria sua reputação de durona, Jailbird.

Reviro os olhos. — Eu não tenho uma reputação de durona. Eu nem faço mais nada ilegal. Parei de brigar e jogar há meses e não pinto desde a última vez que fui presa.

— Então você pensou que voltaria à vida do crime roubando uma navalha? Você poderia pelo menos ter escolhido uma lâmina cinco. Você não deve pegar uma única lâmina se eles derem a você de graça, muito menos arriscar-se por isso.

— Eu ia comprar, — protesto. — Mas fiquei sem dinheiro. Se você pensar sobre isso, é realmente sua culpa. Eu só estava comprando uma navalha porque você gosta que eu me barbeie.

Ele balança a cabeça, olhando para mim como se eu fosse louca. — Eu gosto de comer você, — diz ele. — Eu não dou a mínima para o que você faz com seu pelo. Eu abriria caminho pela selva amazônica para comer sua boceta.

— Teria sido bom se você me dissesse isso antes de eu furtar em uma loja.

— Harper, — diz ele, seu rosto ficando sério quando ele coloca a mão na minha. — Se você precisar de um novo barbeador, ou dinheiro, ou qualquer coisa, você sabe que pode me dizer.

Eu balanço minha cabeça, empurrando minhas batatas fritas para longe. — Como você me diz quando precisa de algo. Além disso, você não é meu namorado. Nós concordamos que estávamos apenas fodendo.

— Você concordou por nós dois que estávamos apenas fodendo, — diz ele. — E então você concordou que era minha. Então, de quanto você precisa? — Ele pega a carteira, mas eu levanto a mão.

— Você não me deve nada. Eu já te perdoei, o que significa que, neste momento, estou apenas acumulando dívidas. Pare de tentar me comprar merda.

— Pare de tentar me impedir, — diz ele, tirando uma nota de cem dólares.
— Isso é suficiente?

— Royal, não, — eu digo, empurrando-o de volta. — Eu não estou pegando dinheiro de você. Então eu realmente seria uma prostituta.

— Eu não disse nada sobre foder você, — diz ele. — Você concordou com meus termos. Você é minha, e vou continuar dizendo isso até você colocar na cabeça que tenho certeza que vou cuidar de você, quer você goste ou não. Agora, de quanto você precisa?

Fecho os olhos e respiro. Essa coisa de deixar ir é mais difícil do que eu esperava.

Eu falo sobre isso um passo de cada vez. Não quero mais ficar sozinha. Eu quero amigos, quero deixar as pessoas entrarem, até quero que elas me ajudem. Ele não chegou onde está sem ajuda. Ninguém faz. Os ricos cuidam uns dos outros.

Mas ainda odeio deixar alguém assumir e cuidar de mim. Eu fiz isso por tanto tempo, é parte de quem eu sou. E depois do que fiz com Royal, e considerando o que todo mundo quer dele, não posso deixá-lo pensar que estou atrás do dinheiro dele.

— Se você realmente quer me ajudar, pode vir até minha casa comigo e me ajudar a pegar minhas coisas, — eu digo. — Vou ficar bem até sexta-feira e depois marquei uma luta.

— Por que você está pegando suas coisas? — ele pergunta. — Indo para algum lugar?

— Apenas minha escova de dentes e absorventes e outras coisas, — eu digo. — Eu não estou me movendo. Ou ei, você poderia me dar a arma de Magnolia. Posso devolver a ela quando terminar.

— Por que você precisa de uma arma para ir para casa? — Royal pergunta, sua voz ficando quieta daquele jeito intenso que acontece quando ele está bravo e abaixa a voz em vez de aumentá-la.

— Minha mãe é viciada naquela merda de Alice no País das Maravilhas que seu irmão está fazendo, — eu digo. — E quem sabe o que ele misturou com isso.

Meu coração começa a martelar, e a próxima coisa que sei é que contei toda a história. Royal fica quieto enquanto eu falo, e então ele se levanta para jogar o lixo fora e usar o banheiro. Quando ele volta, eu me recomponho.

— Entre no carro, — diz ele. — Vamos pegar suas coisas.

Quando paramos na minha casa, uma enorme van Mercedes estaciona na entrada. Estou instantaneamente em alerta, mas Royal sai e caminha até a garagem com total confiança. Abro seu porta-luvas e pego sua Glock⁸, enfiando-a na cintura antes de seguir. Dois homens saem da van e estão conversando com Royal quando eu subo.

Olive está em sua varanda, com as mãos apoiadas no corrimão enquanto pula e balança os pés entre as barras antes de cair de volta nos seus pés. Tenho certeza de que ela está mais interessada na van do que em nós, mas ainda mantenho minha voz baixa quando pergunto a Royal o que está acontecendo.

— Vamos, — diz ele, pegando minha mão e me puxando em direção à nossa porta da frente.

— Você trouxe guarda-costas? — Eu pergunto quando os dois homens nos seguem para dentro.

— É você, Harper? Mamãe grita de seu quarto. — Já era hora de você ter sua bunda em casa. Eu estava prestes a...

Ela para quando entra no corredor e me vê com três homens grandes atrás de mim. Recuperando-se, ela passa a mão pelo cabelo loiro frito e dá uma risadinha. — Eu não sabia que você trouxe companhia. Eu estava prestes a chamar as autoridades, estava tão preocupada com você.

— Harper está aqui para pegar as coisas dela, — Royal diz, sua voz fria e dura. — E esses homens estão aqui para levá-la para Cedar Crest.

— O que? — ela pergunta, seus olhos arregalados e sua boca aberta. — Oh, eu não preciso de tudo isso. Estou bem, muito bem. Não estou, querida?

Seus olhos estão cheios de advertência, o tipo de olhar que ela me daria quando eu estava no ensino fundamental, e ela me disse para não tirar meu moleto na escola porque um professor poderia ver os hematomas em meus braços de onde eu lutei também duro quando ela me arrastou pelo corredor.

— Royal, — murmuro. — Você sabe que não podemos pagar por isso.

— Pela última vez, cale a boca e aceite que isso está acontecendo, — diz ele. — Sua mãe é sua família e ela precisa de ajuda. Então, vamos conseguir a ajuda de que ela precisa.

— Esta é uma má ideia, — eu aviso. — Ela não quer ajuda.

— É melhor ninguém colocar a mão em mim, — diz mamãe, voltando para o quarto.

— Não vamos tocar em você, — diz um dos homens. — Só aceitamos admissões voluntárias.

— Então dê o fora da minha casa, — diz ela. — Eu não vou a lugar nenhum com suas bundas.

Royal dá um passo à frente e ela para de repente. — Você vai ficar sóbria ou nunca mais verá sua filha, — diz ele, sua voz calma e cheia de comando. — Ninguém vai te forçar a ir, mas eu levaria um minuto para pensar sobre isso antes de você decidir.

— Mãe, — eu digo, minha garganta apertada. — Ouvi dizer que lá é muito bom. Celebidades vão e tudo. Talvez você conheça Jace Wilder ou Amy Bedgood ou...

— Você está tentando me prender? — ela pergunta incrédula. — Depois de tudo que eu sacrifiquei por você, você acha que eu não sou melhor do que seu pai que nunca quis ver seu rosto. Agora você vai me fazer apodrecer na cadeia como ele?

— É melhor do que você merece depois do que você pediu para ela fazer, — rosna Royal. — Esta é a melhor oferta que você receberá, Sra. Apple. Então pegue ou diga adeus a sua filha e saia da minha frente.

Os olhos de mamãe se arregalam e ela olha para nós e para os dois homens de Cedar Crest. Ela lambe os lábios e encontra meu olhar, seus olhos desesperados, como o animal preso que ela é. — Eu... eu ouvi dizer que é muito bom, — ela diz finalmente.

— Será, — eu digo, meu peito apertado com a pressão de todas as palavras dentro de mim que querem explodir, para encher a casa e o mundo com minha fúria, mágoa e amor por minha mãe.

— Podemos ajudá-la a embalar algumas coisas para tornar sua estadia mais confortável, — diz um dos caras do Cedar Crest. — O que você precisar, senhora.

Mamãe acena com a cabeça, mordendo o lábio. Ela segura meu olhar por mais um segundo antes de se virar e entrar em seu quarto. Os homens passam por nós e a seguem, e eu me viro e pressiono meu rosto no peito de Royal, segurando as lágrimas até que o desejo passe. Então pegamos meus produtos de higiene pessoal e uma sacola de roupas. Eu paro na porta do quarto da mamãe

ao sair.

— Eu vou visitar, — eu digo. — Eu realmente espero que ajude, mãe.

— Minha própria filha, se livrando de mim como lixo, — ela diz a um dos homens, balançando a cabeça. — Você pensaria que depois de dezoito anos desistindo de tudo por ela e sendo chutada nos dentes a cada passo, eu estaria acostumada a isso.

Eu espero, parte de mim agarrada à esperança de que ela venha e me abraça, mesmo que ela não mereça um abraço. Ainda assim, ela é minha mãe.

Ela está muito ocupada dizendo a eles como eu sou ingrata. Depois de um minuto, engulo a dor na minha garganta e me viro. Royal pega minha mão e me leva para fora da casa que odiei por tantos anos. Não sei por que uma pontada de tristeza passa por mim ao sair agora.

— Onde estamos indo? — Eu pergunto.

— Minha casa, — diz ele.

— Eu nem sei onde você mora, — eu digo, uma pequena risada escapando do ridículo daquela declaração. Conheço Royal até seus traumas mais profundos, melhor até do que seus próprios irmãos. Ele machucou meu colo do útero, jogou sêmen na minha garganta, na minha bunda, até mesmo nos meus olhos. E de alguma forma, nem sei se ele mora em um dormitório este ano.

— Você sabe onde eu moro, — ele diz, me dando um olhar engraçado.

Olive acena para mim de sua varanda, e eu digo a Royal para esperar enquanto eu corro. — Onde está sua irmã? — Eu pergunto.

— Trabalhando, — diz Olive. — Ela me disse para ficar aqui até que ela termine, mas eu não devo sair da varanda.

— Você pode dizer a ela que estou indo morar com Royal? — Eu pergunto.

— O nome dele é Royal? — ela pergunta, seus olhos se arregalando de admiração.

— Sim, — eu digo, sorrindo para ela. — Diga a Blue onde eu fui, e eu irei e levarei você para um passeio no Escalade na próxima semana. Ok?

— Podemos comprar hambúrgueres e ir para a pedreira de novo?

— Claro, Olive. É um encontro.

Dou mais uma olhada na única casa de verdade em que já vivi, e então entro no Range Rover de Royal e digo a ele que estou pronta. Eu não olho para trás enquanto ele se afasta.

— Deixei bem claro que ninguém nesta família deve tocar em um fio de cabelo da sua cabeça, ou haverá consequências, — diz Royal, entrando em seu quarto e fechando a porta atrás de si.

— Por que eu sou sua? — Eu pergunto.

— Estou feliz por estarmos na mesma página sobre isso, — diz ele.

— Ugh, você é irritante.

— Só quando não consigo do meu jeito — diz ele com um sorriso arrogante.

— Alguém lhe disse ultimamente que você é um idiota arrogante?

— E você é uma cadela teimosa, — diz ele, sentando-se na beira da cama. — Agora fique de joelhos e me mostre o quanto você me odeia.

— A propósito, eu roubei sua arma, — eu digo, puxando-a da minha cintura. — Eu posso apenas manter isso. No caso de você me irritar.

Ele bufa. — Você não poderia atirar em alguém nem que sua vida dependesse disso.

— Tem certeza disso? — Eu pergunto, levantando a arma. Meu coração está martelando no meu peito enquanto eu aponto para ele. Eu não gosto de armas. Eu prefiro os punhos. Mas ele me ensinou que meus punhos não chegam quando a pessoa é tão louca quanto todos da família dele.

Ele se inclina para trás em suas mãos e me dá um olhar desafiador. — Então, atire em mim.

— Eu poderia, — eu digo. — Mas não tenho motivos para isso.

— Não ameace atirar em alguém se você não quiser, — diz ele. — Faz você parecer fraca. Agora pare de balançar essa coisa e venha aqui.

Ele me puxa para seu colo, recuando para que eu esteja descansando na beira da cama entre suas coxas. — Depois de tirar a trava de segurança, você está comprometida, — diz ele, colocando a mão sobre a minha e puxando a trava de segurança. — Então você aponta para o torso dele se quiser causar dano real ou

matar. Não aponte para a cabeça dele, a menos que ele esteja parado e você seja um bom atirador. É muito pequeno. Ele vai cair se você acertar um órgão importante, e você pode chegar perto o suficiente para atirar de novo, dar aquele tiro mortal.

Ele desliza seus lábios sobre minha orelha. — Você se apega a isso enquanto estiver nesta casa. Mas nunca mais a aponte para mim, a menos que planeje puxar o gatilho.

— Você quer que eu atire em você?

— Prefiro que você atire em mim do que faça ameaças vazias, — diz ele, colocando a trava de segurança antes de pegar a arma e colocá-la na mesa de cabeceira. — Vou lhe dar aulas de tiro ao alvo para que você saiba o que está fazendo e possa acertar um alvo. Tenho a sensação de que você será natural.

Eu não tenho muita experiência com armas, mas eu cresci em um parque de trailers onde todos os pequenos lixeiros brancos atiravam em latas de cerveja com espingardas por horas a fio, então espero que minha pontaria não seja tão ruim.

— Farei o possível para deixá-lo orgulhoso, — digo a ele, me virando para beijá-lo.

Sua mão desliza para minha barriga, me pressionando contra ele. — Vou tomar banho, — diz ele. — Mas primeiro, me diga a quem você pertence?

— Você, — eu digo, beijando seu nariz levemente. — É claro.

— Bom, — diz ele. — Apenas certificando-me de que estamos além de suas pequenas rebeliões. Agora, minha putinha, faça o que eu digo. Então fique de quatro e brinque com sua boceta até eu sair do banho. Eu quero você pingando quando eu sair. Entendeu?

Eu engulo, meus joelhos se apertando involuntariamente em seu comando sujo. — Você não quer brincar com a minha boceta? — Eu pergunto, sorrindo para ele e mordendo meu lábio.

— Não, — diz ele, agarrando meu cabelo e puxando minha cabeça para trás. — Eu quero usar sua boceta como uma lixeira. Esta noite, todo o prazer que você está tendo é o que você dá a si mesma. Então comece se quiser gozar antes que eu termine com você.

Ele me desliza para fora de seu colo e se levanta, virando-se para agarrar meu cabelo e puxar minha cabeça para trás novamente. Ele me beija forte na

boca. — Agora abra bem para mim, meu lindo brinquedo, — ele murmura, se afastando, seu olhar escuro aquecido enquanto ele trava em minha boca.

Eu abro meus lábios, estremecendo quando ele aperta meu cabelo.

— Mais amplo, — ele comanda.

Abro a boca e ele se inclina, passando a língua antes de cuspir no fundo da minha garganta. Eu engulo reflexivamente, engasgando um pouco, lágrimas borrando meus olhos. Ele sorri, acariciando minha garganta com a mão livre. Minhas bochechas esquentam de vergonha e excitação ao mesmo tempo.

— Essa é a minha putinha, — diz ele. — Você já está molhada?

— Um pouco, — eu admito.

— Eu quero você molhada demais, — diz ele, me soltando e entrando no banheiro, fechando a porta atrás de si.

Não sei se devo ficar chateada ou excitada, mas tenho certeza de que não deveria estar os dois. Mas ele sempre fez isso comigo. Nós dois estamos fodidos, e estamos ainda mais fodidos juntos. Talvez seja por isso que funciona.

Certifico-me de que a porta está trancada antes de tirar minhas roupas, grata pelo momento a sós para limpar minha cabeça da febre da luxúria que ele me coloca quando me chama dessas coisas. Subo na cama e deslizo a mão entre as pernas, me tocando. De repente, tudo em que consigo pensar é em quantas vezes já fiz isso antes — deitar na cama e esperar que um homem me usasse para seu próprio prazer, sem se importar com o meu.

Mãos e joelhos... Boa menina.

A voz de Preston está na minha cabeça como se ele estivesse na sala comigo, e de repente eu não consigo respirar. Não me sinto segura em seu mundo limpo. Eu me sinto sufocada. Eu enterro meu rosto no travesseiro e grito. Não o quero na minha cabeça, invadindo a cama que divido com Royal. Meus membros começam a tremer e eu rolo para o lado, respirando através dos pensamentos em espiral, a pulsação em pânico. Depois de alguns minutos, ouço a água ser desligada.

Foda-se Preston Darling.

Ele não pode tirar isso de mim. Ele tirou o que queria de mim, mas eu nunca consenti. Eu concordo com o que Royal faz comigo. Às vezes fico morrendo de vergonha enquanto ele faz isso, mas sempre gosto. Eu sempre

gozo - ele garante isso.

Eu rolo de volta, pressionando meu rosto no travesseiro e empurrando minha bunda no ar quase desafiadoramente. Agarro meus pés e os puxo para cima para adicionar rancor extra à posição.

— Puta merda, — diz Royal, saindo do banheiro com um moletom e uma camiseta.

— Não era isso que você queria? — Eu pergunto inocentemente.

— Cale a boca e não se mexa, — diz ele. — Estou tirando uma foto.

Abro a boca para protestar, mas a fecho novamente quando percebo o quanto isso é ridículo. Uma vez, recusei-me a enviar nus a Royal. Mas somos pessoas diferentes agora. Ele assistiu a vídeos de Preston entrando na minha bunda e depois enfiando de volta na minha boceta. Mais uma foto não vai fazer diferença. Se ele quiser arruinar minha vida, ele o fará. Aceitei isso, aceitei que sou dele para fazer o que quiser. Se ele me destruir, sobreviverei ou não. Mas não há saída e parei de procurar uma.

Na verdade, quero sua reivindicação, sua necessidade, sua obsessão. Eu amo que ele não pode me deixar ir, que ele move mundos para mim. Ninguém mais se daria ao trabalho que ele fez por uma garota como eu, mesmo que tivessem feito comigo o que ele fez. Mesmo que sentissem pena, iriam embora depois da quinta ou décima vez que eu mandasse, disse que os odiava e que não mereciam perdão. Eles aceitariam isso como verdade. Royal sabe que é verdade, mas não se importa. Nada o impedirá de pegar o que deseja, mesmo sabendo que não tem valor.

E por razões que ainda não entendo completamente, ele me quer. Não vou jogar isso fora porque ele me machucou antes. Não só porque não vou encontrar de novo, mas porque eu quero. Sei como sou sortuda por ser o objeto de sua obsessão. Encontrei meu caminho de volta para mim mesma e agora estou encontrando meu caminho além disso, para a pessoa que sou com ele.

O colchão afunda sob seus joelhos quando Royal sobe na cama atrás de mim. Ele empurra meus joelhos mais afastados e abaixa a frente de suas calças apenas o suficiente para liberar seu pau. Agarrando a base, ele esfrega a cabeça quente para cima e para baixo na minha fenda molhada, revestindo sua ponta com a minha maciez.

Eu gemo e empurro para trás, mas ele agarra meu quadril, me impedindo de me empalar em seu eixo grosso. — Eu sei, Cherry, — ele diz, sua voz cheia de desejo. — Fique quieta, assim mesmo.

Eu tento não me contorcer enquanto ele lentamente arrasta seu pau nu para cima e para baixo até que esteja encharcado. Então ele empurra para frente, afundando apenas a ponta em mim.

Eu mordo meu lábio e suspiro de prazer, segurando meus tornozelos com mais força.

— Isso mesmo, minha putinha suja, — diz ele, puxando para fora e pressionando a cabeça escorregadia de seu pênis na minha entrada traseira. — Diga-me a quem você pertence.

— Você. — Eu suspiro em uma respiração quando ele empurra para dentro do anel nodoso de músculos. O alongamento arde o suficiente para trazer lágrimas aos meus olhos quando ele não me prepara, mas eu não saio da minha posição. — Eu sou sua, Royal, — eu digo. — Use-me como quiser.

Ele puxa para fora, empurrando em minha boceta desta vez, mais fundo do que antes. Ele agarra meu quadril e desliza lentamente até que esteja enterrado até o fim dentro de mim. Seu pênis está tão grosso e cheio dentro de mim que mal consigo respirar.

— Oh, eu vou usar você, — ele rosna. — Eu vou usar você como a prostituta que você é. Agora mostre ao seu dono como você pode dedilhar aquela boceta enquanto eu dou uma surra na sua bunda.

Ele acaricia minha bunda, abrindo minhas nádegas e empurrando seus dedos para dentro enquanto seu quadril permanece imóvel, seu pau nu ainda me estendendo até minhas profundezas. Minhas paredes se apertam em torno dele, sedenta por mais, mas ele responde me dando um tapa forte na bunda. Eu grito e fico tensa, e ele geme, esfregando os dedos nas juntas dentro da minha bunda, e o pau dentro de mim ao mesmo tempo. Espero que ele termine, estremecendo enquanto ele fode minha bunda com os dedos, o que parece mais sujo e humilhante do que quando ele usa seu pau, mesmo que não doa tanto.

Quando me acostumo com seus dedos, ele se afasta, posicionando seu pênis entre minhas nádegas. Eu me forço a ficar relaxada, para não ficar tensa novamente. Ele dá um pequeno impulso rápido, violando minha entrada traseira e me fazendo gritar. Lágrimas escorrem dos meus olhos novamente, e eu mordo meu lábio quando ele puxa para fora e depois entra em mim novamente, gemendo quando ele força seu pênis mais fundo.

— Royal, — eu sufoco. — É muito.

— Cala a boca e dedilha sua boceta e toma como uma vagabunda.

Ele começa a se mover, trabalhando mais fundo enquanto eu abaixo meus tornozelos e obedeço seus comandos, deslizando uma mão sob mim. Eu acaricio meu clitóris enquanto ele bombeia dentro de mim até que esteja enterrado até o fim. Então ele me empurra rudemente para a cama, apoiando uma mão em meu ombro para me segurar enquanto ele empurra em minha bunda com golpes ásperos e punitivos.

A dor e o prazer espiralam pelo meu corpo, ficando cada vez mais apertados até que mal consigo me conter. A mão de Royal agarra meu cabelo, empurrando minha bochecha no travesseiro enquanto ele bate em mim com mais força.

— Goze, minha putinha, — ele rosna para mim. — Mostre-me como você obedece ao seu dono.

Eu aperto meus olhos fechados e me deixo gozar. Meu núcleo aperta e eu deslizo meus dedos para dentro, mantendo a pressão em meu clitóris enquanto ondas de êxtase e agonia se alternam dentro de mim. O orgasmo me agarra da cabeça aos pés enquanto ele dirige mais fundo e para, seus quadris esmagando minha bunda enquanto seu pau pulsa, derramando calor úmido dentro de mim. Meu cérebro desliga e tudo que consigo pensar é *sim*.

Há algo de libertador na simplicidade disso, em saber algo com tanta certeza. Não há medo, não há dúvida, não há espaço para insegurança. Isso é para sempre, então não há nada a fazer a não ser aceitar e admitir para nós mesmos que é o que ambos queremos. Ser desejada por ele, possuída por ele, mesmo no seu pior, é tão viciante quanto eu sempre fui. Eu posso ter ficado limpa por um tempo, mas no momento em que cedi e fodi com ele, foi como se eu nunca tivesse parado. Eu estava fora do vagão e não há como voltar. Vou me deleitar com esse vício até que ele me mate. Não vou exorcizar meu demônio. Vou abrir meu coração e corpo e convidá-lo a me possuir, me foder, dizimar minha alma até que não reste nada além de sua reivindicação.

Ainda estou me recuperando do orgasmo quando uma dor aguda corta meu quadril por trás. Eu grito e tento me virar, mas os quadris de Royal me prendem na cama. Ele se inclina para cima, arrastando uma lâmina afiada na minha pele.

— Que porra é essa? — Eu choro, começando a lutar. Ele coloca sua palma enorme nas minhas costas, segurando-me plana enquanto ele vira a faca, cortando minha pele.

— Se as iniciais de alguém estão em você, é melhor que sejam as minhas, — diz ele, sua respiração ainda difícil.

— Royal, não, — eu choro, me virando para vê-lo terminar de cortar a letra

em minha pele, um R esculpido em mim na frente do *D* que Duke queimou em mim.

— Você disse que era minha, — diz ele. — Para fazer o que eu quiser.

Ele sai de mim e desliza pela cama, suas mãos embalando meus quadris enquanto sua boca encontra minha pele. Eu suspiro com a sensação de ardência quando sua língua acaricia o corte. Ele geme, passando a língua lentamente sobre a pele cortada. Ele chupa um pouco e eu grito de dor. Ele geme de novo, chupando com mais força.

— Royal, pare, — eu suspiro, lágrimas de dor ardendo em meus olhos.

Ele se apoia nos cotovelos, limpando o sangue fresco com os dedos. Então ele afunda a mão entre minhas pernas, empurrando seus dedos sangrentos em mim.

— Eu pensei que você fosse durona, — ele diz, com uma provocação em sua voz. — Você pode lidar com um pequeno corte, não pode?

Eu mordo meu lábio e aceno com a cabeça, e ele abaixa a boca para a ferida novamente, chupando-a enquanto seus dedos sangrentos bombeiam dentro de mim. Não sei por que dói tanto, mas tenho que morder o travesseiro para não chorar alto. Depois de um tempo, ele desliza de volta para cima da cama, deitando de costas.

— Até seu sangue tem um gosto doce, minha pequena Cherry Pie, — ele diz, beijando meu ombro.

Ele está duro de novo, e puxa os dedos para fora e limpa mais sangue neles, então acaricia sobre seu eixo para molhá-lo antes de empurrar para dentro de mim, na frente desta vez.

— Foda-se, — ele respira. — Eu vou gostar de ter você na minha cama todas as noites.

Uma lágrima escorre pelo canto do meu olho, mas fico imóvel e me entrego a ele, deixo que ele me use como seu brinquedo. A sensação de seu pênis nu e liso bombeando dentro de mim enquanto eu fico imóvel é tão familiar que nem percebo que estou escorregando até que ele puxa para fora e me vira, jogando-me bruscamente de costas.

— Harper, — diz ele, agarrando meu queixo em sua mão. Seus olhos estão em chamas, aquecendo minha alma congelada.

— Royal, — eu digo, tocando sua bochecha suavemente.

— Goze comigo, — ele sussurra. Ele empurra de volta para dentro de mim, gentilmente desta vez, e induz outro clímax de mim antes de terminar. Então ele envolve seus braços em volta de mim e nos rola de lado, arrumando os travesseiros para nós dois.

— Você está bem? — Ele pergunta, alisando meu cabelo para trás da minha bochecha.

— Sim, — eu digo. — Estou bem.

E eu estou. Ele é duro comigo, mas é assim que ele é, como ele é. Eu gosto, talvez até precise.

— Você pode ficar aqui o tempo que precisar, — diz ele. — Até você se formar, se quiser.

Concordo com a cabeça, minha mente já correndo com as possibilidades. — Obrigada, — eu digo. — E pelo que você fez pela minha mãe... Você está me dando demais, Royal.

— Ela é da sua família.

— Isso desculpa tudo? — Eu pergunto.

— Não, — diz ele, carrancudo. — Isso não desculpa nada. Mas isso não significa que não podemos conseguir ajuda quando ela precisar.

— E quanto à sua família? — Eu pergunto com cuidado. Já estou pensando em como posso transformar isso em algo grande, conseguir alguma coisa contra o pai dele que vai arruiná-lo de uma vez por todas.

— Também não dou desculpas para eles.

— Então, você vai proteger seus irmãos de seu pai, mesmo que você não desculpe o que eles fizeram?

— Sim.

— E quanto ao seu pai? — Eu pergunto. — Por que você deveria proteger seus próprios filhos dele? Especialmente porque você é um deles.

— Quem mais vai fazer isso? — ele pergunta, olhando furiosamente para a parede.

— E se você não tivesse que protegê-los? — Eu pergunto, traçando meus dedos na frente de sua camiseta branca. — E se você não tivesse que se preocupar com ele ou morar com ele mesmo tendo dezoito anos?

— Dezenove.

— E se você não tivesse que morar aqui?

— Você quer ter nosso próprio lugar com meus irmãos? — Ele pergunta, franzindo a testa para mim.

— Não, — eu digo lentamente. — Quero saber se sua vida seria pior de alguma forma se seu pai estivesse... Fora de cena, como minha mãe.

Royal balança a cabeça e rola de costas. — Papai não é viciado e, mesmo que fosse, nunca concordaria em ir. Eles só aceitam compromissos voluntários.

— Minha mãe foi.

— Porque ela estava com medo de perder você, — diz ele. — Ela não tinha mais nada a seu favor, e seus traficantes estão atrás dela. Papai tem uma empresa para administrar e status nesta cidade. Isso poderia arruinar sua reputação.

— Ele também tem você, — eu digo. — Ele não tem medo de te perder?

Royal zomba. — Ele desistiria de nós sem sequer piscar, em vez de ir para o centro de reabilitação mais chique. É sempre sobre a linha de fundo para ele. O conselho de administração veria uma passagem pela reabilitação e questionaria sua autoridade.

— Então talvez a reabilitação não seja o lugar certo, — eu digo.

Royal não responde, e me pergunto se estou indo longe demais. Mas ele deve saber coisas que podem mandar seu pai para a cadeia. Ele é o único que poderia derrubar o Dolces, não Preston. A resposta esteve aqui o tempo todo.

Mas ele iria querer?

— Eu realmente nunca entendi por que você precisava tanto dessa bolsa até hoje à noite, — ele diz finalmente. — Eu sabia que você queria deixar Faulkner, mas pensei que era só porque é uma merda de cidade e você queria ir para a faculdade e viajar. Acho que entendi agora. Porque você estava chupando aquele professor e conversando com o Sr. D, e tudo o que você fez.

Agora é a minha vez de ficar em silêncio. Eu contei a ele sobre minha mãe,

mas não é como vê-la maltratada. É fácil deixá-lo acreditar que somos iguais. A mãe dele é o tipo de viciada do Upper East Side que afoga seus problemas em martinis e pílulas prescritas em vez de metanfetamina e drogas de rua, afinal. É fácil dizer que é o mesmo demônio que possui as duas. É mais difícil admitir toda a verdade, admitir algo tão vergonhoso - que sua mãe prefere trocar a filha com o traficante a parar de usar.

— Vamos tomar um banho antes de dormir, — Royal diz depois de um tempo. — Segure firme. Você está sangrando de novo.

Ele se senta e tira a camiseta, pressionando-a no meu quadril. Eu fico boquiaberta com ele, com o rosto familiar olhando para mim de um de seus enormes peitorais.

— Royal... — eu sussurro, estendendo a mão e deslizando meus dedos sobre a nova tatuagem. De um lado, onde sempre estive, está o rosto de sua irmã. Do outro, sou... *eu*.

Tento me lembrar da última vez que o vi sem camisa. Achei um pouco estranho ele não querer tomar banho juntos em Nova York, e sempre usar roupa para dormir. Eu não forcei, porque pensei que talvez a coisa do chuveiro tivesse a ver com ele estar preso naquele quarto sujo, e que as roupas poderiam ser algum tipo de controle desse mesmo trauma.

— Quando você fez isso? — Eu pergunto, engolindo em seco e levantando meu olhar para ele.

— Quando era tudo que eu tinha de você, — diz ele em voz baixa. Ele cobre minha mão com a dele, pressionando-a contra a sólida parede de músculos de seu peito.

Depois de um minuto, ele me pega e me leva até o banheiro, e tomamos nosso primeiro banho juntos, lavando todo o sexo e sangue. Ele cobre os cortes com um curativo e caímos juntos na cama, desta vez sem nada entre nós. Eu me aconchego em seu peito nu e ele envolve seus braços em volta de mim.

— Royal, — eu digo, deslizando meu braço sob o seu braço extremamente musculoso. — Eu não posso agradecer o suficiente por tudo que você fez. Mas você sabe que não posso retribuir. Minha mãe pegou meu dinheiro.

— Pela última vez, você não tem que me pagar, — diz ele. — Isso é o que você faz por alguém que você... Possui.

— Tudo bem, — eu digo, meu coração parecendo todo inchado e febril de amor por ele. Ele me deu exatamente o que eu precisava tantas vezes - o carro, a

faculdade e agora vai além para ajudar minha mãe e me dar um lugar seguro para ficar. Ele me mostrou que me conhece, conhece minhas esperanças e sonhos e os desejos mais profundos do meu coração. Ele tornou todos eles realidade para me mostrar o quanto me ama, o quanto quer meu perdão e para compensar o que fez.

Não lhe dei nada além de uma explicação.

E embora eu esteja feliz por ele finalmente entender por que eu o traí, que talvez agora ele possa realmente me perdoar, eu não fiz o mesmo por ele. Eu não compensei minha traição. Não posso retribuir com dinheiro, mas ele não precisa disso.

Eu o conheço tão bem quanto ele me conhece, no entanto. Eu sei exatamente o que ele precisa, também.

E eu vou dar a ele.

Se ele realmente entende minha necessidade de escapar desta cidade, bem, eu o entendo há muito mais tempo. Eu sei que ele pensa que ninguém pode amá-lo por quem ele é, como ele é. Que se alguém realmente o conhece e o vê, o monstro e o menino, eles irão embora. É por isso que ele não se importava por não ter me perdoado. Ele não se importava se eu estava aqui apenas pelo dinheiro, pelo que ele pode me comprar. Ele ainda me queria, mesmo que eu não provasse que o amava. Ele não acha que eu faço, que eu posso. É por isso que ele tem que me possuir - porque ele não acredita que eu escolheria ficar de outra forma.

Mas eu o amo, mesmo depois de tudo que ele fez. Eu realmente nunca parei. Eu não posso.

Eu levanto minha cabeça para dizer algo, para dizer a ele, mas sua respiração é profunda e seu rosto completamente relaxado no sono. Eu o observo por um momento antes de deixar cair minha cabeça e apertar seu corpo contra o meu.

Embora ele tenha provado seu amor e arrependimento de um milhão de maneiras enormes e minúsculas, nunca me desculpei pelo que fiz a ele. Claro, eu me desculpei, embora ele não tivesse. Mas agora entendo que não era sobre o que eu fiz, mas sobre o que isso significava. Não importa que apenas Baron e Duke tenham descoberto seu segredo. Não importa que nunca tenham contado a ninguém, que não houve consequências para ele em termos de reputação ou status. A traição em si é o que o machucou, quebrou os últimos pedaços de sua alma, quando ele ousou acreditar que eu realmente me importava. Como ele pode acreditar em mim quando pensa que forjei a coisa toda?

Eu não mostrei amor a ele da maneira que ele me mostrou. Eu não disse isso e não mudei mundos por ele, nem mesmo depois que ele me deu exatamente o que eu precisava para curar sem que eu tivesse que dizer uma palavra. A cada passo do caminho, ele esteve lá para mim. Em troca, fiz menos do que uma tentativa indiferente e depois segui em frente.

Achei que descobriria quem o agrediu e que isso o ajudaria. Mas ele já se vingou dos Darlings. Eu poderia trazer o vovô Darling para ele e contar a ele o que Preston me disse, mas sua vingança nunca ajudou ninguém, muito menos a ele. Ele poderia ter matado o vovô Darling, mas preferiu deixá-lo viver para sofrer mais. Ele não precisa de mim para entregar sua vingança a ele. E a vingança não vai consertar o que está errado. Não com Royal, não com os Dolces, não com esta cidade.

Mais derramamento de sangue, mais vingança não é a resposta. Isso só piora as coisas. Royal destruiu toda a família Darling, mas não saciou sua sede de vingança. Ela só cresce. Nada jamais será ou poderá ser suficiente, porque nada lhe trouxe a única coisa que ele deseja - não vingança, mas sua irmã.

Ele não precisa encontrar seus atacantes. Ele precisa se encontrar.

Ele não precisa de mais violência. Ele precisa do antídoto. Ele precisa de cura.

Assim como me reencontrei quando voltamos a ficar juntos, tenho que ajudá-lo a fazer o mesmo. Encontrei minha força, não longe dele, mas com ele. Não sozinha, mas com amigos que me deixam vulnerável, que me apoiam para que eu não precise mais fazer isso sozinha. Deixá-los entrar não me fez perder ou me enfraquecer. Isso me ajudou a me encontrar e ver o poder e a força de ter pessoas para me apoiar. E foi ele quem fez tudo acontecer, quem me deu sua força quando eu não tinha nenhuma até que eu fosse forte o suficiente para continuar, para me ressuscitar dos mortos e reconstruir minha vida, não como era, mas melhor.

Agora é hora de usar essa força para fazer o mesmo por ele. Perdoá-lo não me fez fraca. É a coisa mais difícil que já fiz, e exigiu mais força do que eu sabia que tinha, me deixou mais forte do que nunca. Agora, vou curá-lo e torná-lo bom, assim como ele fez comigo. Porque ele pode não acreditar, mas eu o amo tanto quanto ele me ama.

Darei a ele o que ele precisa, assim como ele fez por mim. Vou deixá-lo saber que realmente o vejo e o amo exatamente por quem ele é. Não estou aqui pelo dinheiro ou qualquer outra coisa. Eu só quero ele, monstro e tudo.

E não vou mostrar a ele ajudando-o a encontrar mais Darlings para

completar sua vingança. Isso nunca ajudou antes, então por que tornaria as coisas melhores agora?

Eu poderia tentar curar esta cidade matando seu pai ou mesmo o Baron, mas sei que Royal nunca se recuperaria da perda de outro irmão. Ele me deu chances, e eu sei que ele não teria me impedido de matar seu irmão. Eu poderia ter feito isso, destruído ele ainda mais completamente do que ele me destruiu. Eu finalmente sei como quebrá-lo completamente, como derrubá-lo, e é tarde demais.

Não quero machucar mais Royal. A dor que ele já sofreu está chovendo nesta cidade há três anos. De alguma forma fodida, eu ainda tenho esperança nele. Eu nunca vou desistir dele, assim como ele nunca desistiu de mim. E ferir sua família só vai piorar as coisas, não apenas para ele ou para mim, mas para esta cidade. Ele é um monstro furioso pela terra em sua dor, procurando incessantemente pela única coisa que perdeu e que nunca pode ser devolvida - a outra metade de si mesmo. Quando ele não o encontra, ele destrói tudo em seu rastro. Não há como pará-lo porque ele nunca consegue encontrar a paz.

E se ele pudesse?

Quando entramos na cozinha na manhã seguinte, os gêmeos já estão de pé e sentados na copa. Uma sensação de *déjà vu* toma conta de mim, e a manhã seguinte à minha primeira transa com Royal surge em minha memória.

Duke empurra uma cadeira com o pé e sorri para mim. — Se você está morando aqui, isso faz de você nossa meia-irmã?

— Nojento, não, — eu digo, sentando na mesa e examinando a mesa de bagels, frutas frescas e suco de laranja.

Baron me observa enquanto espalha o cream cheese de um pequeno prato de cristal em meio bagel.

— Não sou contra, — diz Duke. — Alguns dos meus pornô favoritos têm caras transando com suas meias-irmãs.

— Cala a boca, — Royal fala com seu irmão.

— Está tudo bem, — eu digo, cutucando a cadeira ao meu lado. Ele a puxa e se senta, olhando para os gêmeos do outro lado da mesa. Eu penso novamente o quanto deve ser ruim para Royal viver aqui, protegendo esses pagãos se sacrificando quando eles não merecem.

— Que pena, — diz Duke. — Isso seria muito quente, já que todos nós transamos com você.

Royal começa a se levantar, mas coloco a mão em sua coxa. Ele nem sempre estará aqui para se meter entre nós, então preciso me estabelecer agora. Ele deve entender isso, porque ele franze a testa, mas não passa por cima da mesa para pegar seu irmão.

— Você não *transou* comigo, — eu digo. — Você me estuprou. Fazer piadas sobre isso não muda o que aconteceu.

— O que te faz pensar que foi uma piada? — Baron pergunta, inclinando a cabeça e me observando atentamente.

— Baseado na falta de graça real, acho que não foi uma piada, — concordo.

— Achei engraçado, — diz Baron.

— Eu não esperaria nada menos de você, — eu digo, levantando meu queixo e me recusando a desviar o olhar dele. — Mas seu irmão estava chorando como uma cadela sobre isso outro dia, então eu sei que ele não acha engraçado. Ele só não quer que você o chame de maricas.

Os olhos de Duke se arregalam e um olhar de pânico cruza seu rosto.

— O que, você não disse a eles essa parte? — Eu pergunto. — Desculpe, pensei que você compartilhasse tudo com seus irmãos. Não se preocupe, não vou contar a ninguém na escola.

— Eu não sei do que você está falando, — ele finalmente murmura, soando muito longe de ser convincente.

— Tenho um vídeo, se precisar ser lembrado, — digo, pegando meu telefone no bolso.

— O que? — ele pergunta incrédulo. — Você gravou um vídeo? — Ele olha para mim como se nunca tivesse me visto antes, provavelmente porque ainda não percebeu que sou uma pessoa real e não apenas alguém para servi-lo de qualquer maneira que ele precise a qualquer momento. Começo a repensar minha decisão de não matar ninguém da família de Royal. Os gêmeos são escória.

Dou de ombros para Duke e mordo meu bagel. Estou blefando, mas ele não sabe, e não vou mudar isso. Eu gostaria de ter feito o vídeo. No momento, minha simpatia por ele foi maior do que meu desejo de autopreservação, mas eu deveria saber que ele não poderia baixar a guarda por muito tempo. Afinal, ele tem que parecer legal na frente de seus irmãos. Não posso deixar que Daddy Dolce pense que ele é fraco, como quando era criança.

— Peguei uma página do seu livro, — digo depois de terminar de mastigar. — Esse não é o seu MO? Provas ou não aconteceu? Talvez prometer não mostrar a ninguém e depois enviar para toda a escola?

— Achei que esse era o seu jogo, — diz Baron. — Você com certeza conseguiu aquele vídeo de Duke rápido.

— Aprendi com o melhor, — digo, arqueando uma sobrancelha para ele. Se ele acha que eu fiz isso, deixe-o. Prefiro assumir a culpa do que deixá-los ir atrás de um calouro que está relativamente ileso de sua ira até agora. Magnólia não é uma violeta que encolhe, mas posso lidar com eles melhor do que ela.

— Com certeza, nós somos os melhores, — Duke diz, me dando um sorriso desleixado que é quase convincente. Mas eu o conheço agora. Eu sei

quando ele está fingindo.

— Vou te dizer uma coisa, — eu digo, colocando meu telefone de volta no meu bolso. — Vou apenas segurar este aqui. Não vou contar a ninguém que você é humano e destruir a ilusão de que você é um completo sociopata como seu irmão. Será o nosso segredinho.

— Se...? — ele pergunta.

Não posso deixar de sorrir e balançar a cabeça. — Veja, você pode fingir ser um palhaço, mas você é tão esperto quanto seus irmãos, — eu digo. — Mas já que você perguntou, vou ser direta com você. Aqui está o que eu quero. Eu quero que você pare de tratar as garotas como merda. Tipo, sem sussurros, sem rumores. Eu nem quero ouvir uma garota chorando no banheiro que você a fantasiou depois de transar. Esse é o preço do seu segredo.

— Não posso fazer sexo? — Ele pergunta, boquiaberto para mim.

— Isso soa como um problema *sen*, — eu digo. — Se você não pode fazer sexo sem tratar alguém como merda, talvez seja algo em que você deva trabalhar. Eu nunca disse que você não poderia transar. Eu disse para não fazer as garotas chorarem por causa disso.

Eu me levanto e pego a outra metade do meu bagel.

— Espere, — diz Duke, levantando a mão. — Como faço isso? Isso não é justo. Não posso evitar se as garotas choram por mim.

— Descubra isso, — eu digo. — Você é um garoto esperto, Duke. Eu acredito em você.

Royal está comigo, pegando um punhado de uvas. — Vou te levar até o seu carro.

— Obrigada, — eu digo, pegando sua mão e sorrindo para ele. — Vamos descobrir como ser uma grande família feliz um dia desses.

Ele apenas balança a cabeça e se dirige para a porta dos fundos. Assim que passamos pelo escritório, o Sr. Dolce sai, esbarrando em mim. Eu claramente sinto sua mão na minha bunda, e me afasto dele o mais forte que posso. Ele parece divertido enquanto eu olho para ele.

— Harper Apple, — diz ele friamente. — Ouvi dizer que você ficará sob o nosso teto por um tempo.

— Então você também deve ter ouvido que eu pertenço a Royal, — eu digo, alcançando a mão de Royal novamente.

— Eu ouvi isso, — diz o Sr. Dolce, observando enquanto Royal aperta minha mão possessivamente, sua outra mão no meu ombro enquanto ele fica atrás de mim.

— Então, porra, não toque nela, — Royal diz, sua voz um grunhido de advertência. — Na verdade, nem fale com ela.

— É provável que nos encontremos de vez em quando, morando na mesma casa, — diz Dolce, dando de ombros. Não imaginei a mão dele na minha bunda, mas não tenho provas de que tenha sido intencional. Eu não gosto do Sr. Dolce, não gosto de como me sinto impotente e ingênua perto dele, como ele é intimidador e como ele usa seus filhos. Mas isso não significa que ele me apalpou. Na verdade, conhecendo-o, ele nunca faria algo tão ousado na frente de seus filhos.

Eu decido deixá-lo ir e apenas sair de lá. Não quero ficar em casa com três homens que odeio, com apenas Royal ao meu lado, mas minhas opções estão acabando um pouco agora, e não quero estragar tudo no primeiro dia. Afinal, é a casa do Sr. Dolce. Ele está me deixando morar aqui, me alimentando com cafés da manhã chiques. Inferno, ele pagou minha bolsa de estudos no ano passado, e mesmo que Baron estivesse se reportando a ele, tudo o que ele aprendeu comigo é algo que ele já sabia.

Royal me deixa no meu carro, e volto para Willow Heights, imaginando que drama de merda vai acontecer hoje. Como disse Gloria, sempre tem alguma coisa. Mal posso esperar para me formar e sair dessa fossa de boatos e disputas mesquinhas. Desde que visitei o campus de Syracuse, me importo cada vez menos com o ensino médio. Tudo o que quero é pegar meu diploma, sair daqui e nunca mais olhar para trás.

Mas assim que entro no almoço naquele dia, vejo Dixie mantendo a corte na mesa que reivindiquei. Há cadeiras extras puxadas para cima, dez amontoadas ao redor da mesa que é feita para oito no máximo. Gideon ainda está lá, mas todos na mesa são mulheres. As meninas observam Dixie com espanto e admiração enquanto ela fica com um pé na cadeira, contando uma história. Ela está usando meia arrastão, botas de combate pretas e uma saia colegial, junto com uma tiara de orelha de gato. Ela parece positivamente radiante enquanto se apresenta para seu público.

Gloria adivinhou que ela fez isso pela fama e parece que ela estava certa. Eu sigo para a fila de comida, sem me preocupar em parar e falar com ela. De qualquer forma, não há lugares vazios para mim naquela mesa. O café agora está

dividido, com os meninos Dolce e seus seguidores do lado esquerdo da porta e todas as meninas Dolce desgraçadas à direita. Como Gloria disse, perdi minha chance de realmente avançar quando pulei a semana em que os D-boys foram suspensos. Agora, a rainha da resistência parece ser Dixie.

Sento-me à mesa com um monte de garotas que não conheço. Recebo alguns sorrisos e alguns olhares nervosos daquelas que provavelmente pensam que vou começar a merda e colocá-los no centro das atenções, mas ninguém diz nada para mim. É estranho perceber que me tornei irrelevante para minha própria rebelião, mas nunca pretendi começar algo tão grande. Eu só queria mostrar ao Baron que ele não pode me controlar, que eu posso pegar a melhor mesa. Na época, acho que queria ser rainha, mas nunca fui talhada para esse papel.

Gloria ainda está na mesa de Baron, agora com Rylan está de volta ao seu lado. Ela pode liderar os populares, como sempre, e Dixie pode liderar o resto da escola. Ela é uma representante melhor do que eu já fui. Ela é uma pessoa normal, sem bolsa de estudos. Ela está envolvida em todas as atividades, desde o conselho estudantil até a equipe de dança. E ela tem o dedo no pulso da escola, faz parte de tudo. Sempre fui uma estranha, mesmo quando era uma garota Dolce.

Ainda assim, enquanto a vejo sendo adorada por todas as outras garotas, não consigo deixar de pensar em Magnolia, escondida em algum lugar da propriedade Darling, tendo aulas online. Eu estava apenas provando um ponto até que a linda caloura apareceu e me disse que eu precisava de um discurso, que precisava defender alguma coisa. Foi ela quem fez disso uma rebelião. Foi ela quem gravou o vídeo que catapultou Dixie de gossip girl para rainha rebelde.

Agora ela não pode nem mostrar o rosto aqui com medo de ser atacada por causa de um vídeo que ela nunca quis divulgar. Dixie é quem lançou. Dixie é quem deveria estar se escondendo, mas ela está no centro das atenções agora. Ela estava no noticiário. Ela é a cara da luta do governo para responsabilizar os meninos. Eles não podem tocá-la sem que o mundo inteiro saiba disso. E ainda, Magnolia é quem está pagando.

De repente, não estou com fome. Devolvo meu prato e saio, só percebendo quando estou a meio caminho das arquibancadas e sinto um cheiro de fumaça que não vi Colt na mesa de Dixie.

Eu entro nas sombras sob as arquibancadas, deixando meus olhos se ajustarem depois da caminhada pelo sol forte de outono. Colt está encostado em um dos suportes, com a mão esquerda no bolso e um cigarro pendurado na direita.

— Problemas no paraíso? — Eu pergunto, juntando-me a ele nas sombras.

— Não gosto muito disso tudo, — diz ele, batendo no cigarro com o dedo anelar antes de dar uma tragada.

— Não me diga que você não gosta da atenção, — eu provoco. — Tenho certeza de que me lembro de você com saudades de seus dias de glória como um deus do futebol e mulherengo em mais de uma ocasião.

— Sim, mas isso foi quando *eu* era o centro das atenções, — diz ele, com um sorriso preguiçoso brincando em seus lábios.

— Então você não quer desempenhar um papel coadjuvante para sua atriz principal? — Eu pergunto. — E aqui eu pensei que você era um dos mocinhos.

Ele bufa. — O que fez você pensar isso?

— Eu não sei, — eu digo com um encolher de ombros. — O fato de que você geralmente é bastante decente comigo.

— Porque você pode chutar minha bunda, — ele aponta.

— Ok, então qual é o verdadeiro motivo? — Eu pergunto. — Ou você não confia em mim porque voltei com Royal?

— Você voltou? — ele pergunta, estendendo o pacote para mim.

Pego um cigarro e encontro um isqueiro no maço também. Eu acendo antes de responder. — Sim, — eu admito finalmente. — Suponho que voltei.

Eu não disse isso em voz alta para ninguém, nem mesmo para Royal. De alguma forma, parece apropriado que Colt seja o primeiro a saber.

— Veja, — diz Colt, arqueando uma sobrancelha e gesticulando para si mesmo. — Sempre a dama de honra, nunca a noiva.

Eu balanço minha cabeça com isso. — Pelo menos você não disse que caras legais terminam em último.

— Não, — diz ele. — Isso é treta. Não sou um cara legal e, no entanto, aqui estou.

— Vamos, — eu digo. — Você não está interessado em mim.

— Eu poderia ter estado uma vez, — diz ele.

— Mas não mais, — eu digo. — Você está com Dixie, e eu estou com Royal, e ele concordou em te deixar em paz porque somos amigos.

— Sério? — Colt pergunta, levantando as sobrancelhas em surpresa. — Ele disse?

— Sim, — eu digo. — Todos os meus amigos estão fora dos limites.

— Essa é uma promessa muito grande se incluir Darlings.

— Três de vocês, na verdade, — eu digo. — Preston, Magnolia e você.

— Huh, — diz ele. — Obrigado, eu acho. Seria muito melhor se você pudesse obter a mesma promessa dos gêmeos demônios.

— Sim, eles são um pouco problemáticos, — eu admito. — Duke entraria a bordo se Baron aceitasse, mas acho que não acreditaria em Baron, mesmo que ele dissesse que deixaria você em paz.

— Ah, então você descobriu quem era o mais psicopata de todos eles.

— Achei que você escolheria Duke, — eu digo. — Não foi ele quem queimou você e Preston?

Colt faz um som evasivo e dá uma tragada no cigarro antes de inclinar a cabeça para trás e soprar alguns anéis de fumaça em direção ao fundo dos assentos de metal acima.

Imagino Duke segurando um maçarico contra o braço e fico feliz por não ter almoçado. Só de pensar no cheiro que deve ser me dá ânsia de vômito. Toda vez que penso que Duke pode ser de alguma forma humano, lembro-me de que ele é tão bárbaro quanto seu irmão.

— Sério, — eu digo. — Eles irão embora no ano que vem. Você sabe que eles não vão ficar nesta cidade depois que se formarem.

— Ouvi dizer que eles estão sendo muito procurados para o baile da faculdade no ano que vem, — Colt concorda.

— E Royal está indo embora também, — eu confirmo. — O que significa que o único Dolce que restará será o pai deles.

— Tenho certeza que ele vai pagar alguns bandidos para nos manter na linha depois que eles forem embora, — diz Colt. — Ele não vai parar até que nossa família esteja em seu bolso também.

— Você acha que ele vai parar então?

— Claro, — diz Colt. — Uma vez que eles nos derrotam, eles não se importam em nos destruir. Por que você acha que ainda estou aqui?

— Então eu acho que você deve estar muito chateado comigo por envolver Magnolia.

— Eu não queria que ela concordasse com as regras deles, — ele diz, me dando um olhar engraçado. — Eles a estuprariam e merda. Não achamos que ela sobreviveria ao longo do ano, mas queríamos tentar, agora que Royal se foi. Eu deveria estar protegendo ela. Eu é que fodi tudo.

— Não é sua culpa, — eu digo. — Eu nunca deveria tê-la chamado para nossa mesa.

— Eu estava sentado bem ali, — diz ele. — Eu poderia tê-la impedido, mas pensei que poderia ser útil, que eu poderia ficar de olho nela. Maggie é nossa prima, mas ela é meio que a irmã mais nova de todo mundo — no bom e no mau jeito. No minuto em que ela soubesse que eu estava cuidando dela, ela teria se rebelado como uma pirralha e feito de tudo para escapar da minha vista.

— Ela parece ter vontade própria, — admito.

Fumamos em silêncio por um minuto.

Colt termina o cigarro e joga a bituca na terra vermelha com o resto deles antes de puxar um baseado. — Ela é uma boa criança, — diz ele. — Eu me preocuparia com ela mesmo se os Dolces não estivessem por perto. Ela é bonita demais para o bem dela.

— É por isso que você está realmente aqui? — Eu pergunto. — Você está com raiva de Dixie por lançar aquele vídeo?

Ele dá uma tragada no baseado e tosse algumas vezes antes de responder. — É bom ver os gêmeos demônios derrubados, — diz ele quando se recupera. — Mas eu preferia que não fosse minha prima com o telefone na mão.

— Ela está de castigo com o telefone? — Eu pergunto. — Ou posso mandar uma mensagem para ela?

— Por que você iria querer? — ele pergunta. — Ela tem quatorze anos.

— Ela é minha amiga, — eu digo com um encolher de ombros. — Você ficaria bravo se eu mandasse uma mensagem?

— Você vai transar com ela?

Eu rio disso. — Oh não.

— Então você pode mandar uma mensagem para ela, — diz ele. — Obrigado por me perguntar primeiro.

— Tenho que respeitar a tradição sulista e superprotetora do irmão mais velho.

Ele sorri e me entrega o baseado. — Não coloque ela em problemas.

— Sem promessas, — eu digo. — Mas posso prometer que vou envolvê-lo primeiro quando esse problema surgir.

— Por que tenho a sensação de que você está tramando alguma coisa? — ele pergunta.

— Tenho algumas ideias para marinar, — admito com um sorriso. Dou uma tragada e devolvo o baseado. — Então, quais dos Darlings estão no bolso de Tony Dolce?

— Nenhum de nós, — diz ele, dando-me um olhar engraçado. — Ele tentou chegar até nós através dos Delacroixs, mas eles o mandaram se foder quando ele quis comprar o terreno perto do shopping, e agora eles também estão na lista de merda dele.

— Sério? — Eu pergunto, me endireitando. — Isso é enorme, Colt.

— Por quê? — ele pergunta, estreitando os olhos.

— Porque eu disse. — São duas famílias fundadoras.

— Então? — ele pergunta. — Minha mãe era uma Montgomery, e os outros Montgomerys se juntaram aos Dolces para nos derrubar. Ela se casou com um Darling, então ela era um jogo justo para eles.

— Sim, mas a família deles não resistiu aos Dolces, — eu indico. — Se pudermos pegar sua família e os Delacroixs...

Eu me pergunto se Gideon estava ciente disso quando rompeu as fileiras. Talvez ele soubesse que estava chegando e deu um salto inicial na construção de seu próprio sistema de suporte com antecedência. Afinal, ele viu o que os Dolces fizeram com a família de seu primo, com esta cidade. Ele devia saber que precisaria de toda a ajuda possível se as coisas dessem errado com o negócio do

terreno do cassino.

Talvez eu devesse estar brava por ele estar tramando o tempo todo, usando a rebelião como disfarce para o que estava fazendo, para que os D-boys não suspeitassem. Talvez ele até tenha me convidado para sair, então eles pensariam que ele só se juntou a nós para conseguir um encontro, e o tempo todo, ele tinha muito mais acontecendo nos bastidores. Mas não estou brava com isso. Na verdade, eu respeito muito o garoto por isso. Se era isso que ele estava fazendo, ele é mais astuto do que eu imaginava, e estou aqui por causa desse nível de decepção.

— Ei, Teeny, — diz Colt, levantando a mão. — Não há *nós* aqui. Eu terminei com essa luta.

— Bem, eu não estou, — eu digo. — Se Tony é o único Dolce que restou, certamente duas famílias poderosas combinadas podem detê-lo.

Ele apenas balança a cabeça. — Você não sabe nada sobre ele se pensa que é assim tão fácil. Não é apenas o Sr. Dolce. Ele tem o prefeito, os juízes, todo mundo no bolso. Ele joga golfe com a porra do governador. Ele não é um homem. Ele é um império.

— Talvez, — eu digo. — Mas impérios caem todos os dias.

Quando entramos, os meninos Dolce e seus amigos estão parados no curto corredor entre nós e o café, bloqueando nosso caminho.

— Bem, bem, bem, — diz Duke. — Olha o que temos aqui.

— O quê, você vai tentar me impedir de ter amigos de novo? — Eu pergunto, revirando os olhos. — Estive lá, fiz isso. Você não consegue encontrar algo novo para ter como mantra?

— Eu não acho que meu irmão ficaria muito feliz em ver você brincando com um Darling, — diz Baron, cruzando os braços e plantando os pés bem abertos. Uma pequena multidão começa a se formar atrás deles, pronta para um show. Vejo Dixie entre eles, parecendo tão animada quanto todo mundo, provavelmente pronta para capitalizar sua nova fama com ainda mais drama.

— Tente de novo, — eu digo a Baron. — Royal sabe que sou amiga de Colt e ele está bem com isso.

— Sim, e não estou interessado em Harper, — diz Colt. — Aprendi minha lição no ano passado.

— Se você tivesse aprendido a lição, saberia que, se foder com ela, vou arrancar a placa de metal da sua cabeça e puxar o seu crânio das suas orelhas, — diz Baron. — Você realmente quer arriscar isso?

— Eu não estou fodendo com ele, — eu digo. — Estávamos fumando.

— Você tem provas? — Baron pergunta, puxando um pirulito do bolso e começando a desembulhá-lo.

Estou prestes a perguntar se ele quer que eu vá buscar minha bituca de cigarro, já que Colt não revida, mas ele fala atrás de mim antes que eu possa. — O quê, você quer ver se meu pau está molhado? Talvez dê uma lambida, certifique-se de que não tem gosto de boceta?

— Colt, — eu assobio. — Saiba quando calar a boca.

— Nah, deixe-o continuar falando, — diz Duke, estalando os dedos e nos dando aquele sorriso psicótico desequilibrado dele. — Ouvi dizer que você perdeu a memória, Colt. Vamos levá-lo ao porão mais tarde e lembrá-lo para que serve essa boca.

— Deixe-o em paz, — diz Gloria ao lado deles, dando-nos um olhar imperioso. — Você não pode implicar com os garotos perdedores. Isso é tipo, uma regra.

— Você está defendendo Colt? — Baron pergunta, virando-se para ela, sua voz calma, mas gelada.

— O que? Não, — ela chora, seus olhos se arregalando e a cor drenando de suas bochechas. — Eu odeio Colt!

Baron deve ver o que eu vejo, a percepção surgindo em seus olhos de que ela acabou de cometer um erro imperdoável aos olhos dos Dolces - defender um Darling de sua ira. Eu fiz isso uma vez, e Royal me largou na hora. Agora Gloria está prestes a descobrir o preço do único pecado capital em seus olhos. Ela é a rainha deles há dois anos, mas basta uma palavra para desfazer tudo o que ela conquistou. Quebrando a hierarquia, mostrando qualquer forma de dissidência ou desaprovação, o menor sussurro de deslealdade, e ela acabou.

Ela está se desculpendo profusamente, tentando recuar já, mas o rosto de Baron continua duro. Seus olhos se iluminam com algo cruel e predatório quando ele dá um passo em direção a ela.

— Eu não deveria estar surpreso, — ele diz, sua voz quase bajuladora, um tom de provocação que não combina com o brilho malicioso em seus olhos. Ele espreita enquanto fala, o corredor totalmente silencioso, exceto por suas palavras. — Você já foi passada por todos os caras do nosso lado. Acho que você teve que ir mais longe para encontrar alguém desesperado o suficiente para transar com você, agora que você está tão solta que um cara não consegue sentir nada quando enfia em você.

— Eu *nunca* faria isso, — ela bufa, parecendo escandalizada. — Colt é nojentol!

— Ele deve ser, se fodesse uma boceta tão usada que parece uma velha luva de beisebol gasta, — Baron diz, agarrando seu ombro. Ele a gira em nossa direção e a empurra.

— Você nem está com o colar, — Duke diz enquanto Gloria tropeça em seus calcanhares e avança com o empurrão de Baron. — Sem maquiagem, você parece quebrada. E todo mundo sabe que aquela cicatriz na barriga não é de hérnia.

Colt a pega antes que ela caia, mas ela se afasta, jogando para trás o cabelo que voou em seu rosto. — Não me toque, sua aberração, — ela rosna.

— Ele é o único cara na escola que vai tocar em você de novo, — Duke diz, jogando um braço ao redor de Rylan. — Eu garanto isso. Não é, Rye-Rye?

Rylan está congelado, parecendo chocado e horrorizado. Acho que ele ainda não está acostumado com a selvageria de Willow Heights, a maneira como as marés podem virar com um estalar de dedos certos. Gloria se sacrificou por mais de dois anos, dando tudo para manter seu lugar, mas basta um passo em falso, um comentário improvisado, para derrubá-la de seu trono.

— Rylan, ele está mentindo, — Gloria grita, dando um passo em direção ao namorado.

— Você transou com eles? — Rylan pergunta, sua voz baixa no silêncio do corredor.

Gloria engole em seco, com lágrimas enchendo seus olhos. — Eu não tive escolha, — ela diz baixinho, uma lágrima escorrendo por sua bochecha.

Duke joga a cabeça para trás e ri. — Cara, nós estamos treinando sua garota desde o primeiro dia do segundo ano. Ela é como qualquer outra cadela patética sem respeito próprio. Elas não podem ajudar a si mesmas. Uma vez que elas conseguem o material duplo, elas continuam rastejando de volta para mais.

— Não foi assim, — insiste Glória. — Você sabe que eu não sou assim!

— Sua prostituta mentirosa, — diz Rylan calmamente. — Eu não te conheço mais.

— Você não pode acreditar neles, — Gloria diz, suas palavras engasgadas.

— Nós falamos a verdade, — Duke grita, parecendo tão orgulhoso da discórdia que está colhendo. — Toda a verdade, e nada além da verdade.

Rylan se vira, abrindo caminho pela multidão. Gloria começa a segui-lo, mas eu a seguro pelo braço e a puxo de volta.

— Não persiga esse idiota, — eu digo, puxando-a para me encarar. — Você é melhor que isso.

— Eu não sou, — ela diz, então cai em si mesma com um soluço, seus ombros tremendo enquanto ela esconde o rosto com as duas mãos, seu cabelo caindo para protegê-la de vista. Eu envolvo meus braços em torno dela e olho por cima de sua cabeça para o Dolces. Rylan passa por Amber, que nos dá uma olhada antes de se virar para seguir seu irmão enquanto ele é engolido pela multidão.

— Ninguém está imune, — diz Baron baixinho, deixando cair o invólucro e jogando o doce em sua boca. — Lembre-se disso, Jailbird.

Ele se vira e acena com a mão para a multidão, e todos recuam, lutando para sair do caminho, embora ele esteja calmo. Eles se separam como a porra do Mar Vermelho, deixando ele e Duke passar. DeShaun e Cotton seguem, e então há uma pausa estranha enquanto as gêmeas Walton olham para Gloria do outro lado do espaço vazio no corredor, como se não conseguissem decidir se deveriam cruzar a linha de piquete e desistir de seu lugar no topo.

— Vá, — eu digo, acenando para elas enquanto Gloria soluça em meu ombro. — Se eles tiverem vocês.

Elas olham uma para a outra, encolhem os ombros e se voltam para seguir seus rapazes.

— Vamos, — eu digo. — Vamos voltar para fora.

Vou para a porta, e Colt a mantém aberta, já que meus braços estão ocupados segurando Lo. Ele sai conosco e eu paro. — Você deveria ir para a aula, — eu digo. — Não quero dar aos gêmeos qualquer motivo para machucá-lo novamente.

Ele apenas ri. — Eles não precisam de um motivo. Eles farão o que fazem. E algo me diz que sua amiga pode precisar de algo para ajudá-la a relaxar.

Estou muito ocupada me preocupando com Gloria para discutir com Colt. Eu luto com ela pela porta, embora eu a esteja carregando, já que ela está basicamente mole em meus braços. Colt deixa a porta se fechar atrás de nós, então pega Gloria no colo e começa a atravessar o gramado. Quando chegamos às arquibancadas, ele dá a volta para sentar nelas, em vez de se retirar para as sombras embaixo. Ele coloca Lo nos assentos de metal e ela se dobra, segurando as pernas e chorando. Sento-me ao lado dela ao sol, e Colt ocupa o lugar do outro lado dela e pega seu maço de cigarros.

Por um tempo, o único som são os soluços ecoando pelos assentos de metal. Colt estende a mão e esfrega as costas dela distraidamente enquanto fuma.

— Eu os odeio pra caralho, — Gloria diz finalmente, sua voz cheia de lágrimas, seu corpo ainda dobrado em dois sobre os joelhos.

— Você acha que eles vão cortar você para sempre? — Eu pergunto.

— É assim que funciona, — ela diz miseravelmente, finalmente se endireitando. — Uma vez que eles terminam com uma garota Dolce, eles

terminam, exceto talvez uma ligação super degradante de vez em quando para mantê-la na fila. Eles não as respeitam quando terminam.

— Odeio ter que dizer isso a você, mas acho que eles não respeitam ninguém, — digo.

— Você provavelmente está certa, — diz ela, suspirando e caindo no banco. — O que eu vou fazer agora? Não Terminei esta escola e nem é Ação de Graças. Como vou passar o resto do ano?

— Sinto muito, — eu digo, colocando meu braço em volta dela. — Mas você sabe que estou aqui, não importa o que isso valha a pena. E sabe de uma coisa? Foda-se eles. Eles são todos idiotas, Rylan incluído. Quem se importa se você fodeu com os gêmeos?

— Ele se importa, — diz ela, fungando e enxugando os olhos. — Obviamente.

— Sim, mas não é como se ele pudesse realmente culpá-la por algo que você fez antes de estarem juntos, — eu aponto. — Não é da conta dele.

— Mas é, — ela sussurra. — Prometemos que esperaríamos um pelo outro, e eu não esperei. Eu sabia que isso estava chegando. Cotton me avisou e tudo. Eu deveria ter contado a ele.

— Sim, talvez, — eu digo. — Mas vocês não estavam juntos então. Além da noite em que Rylan terminou com você, você esteve com mais alguém?

— Não, — ela admite. — E eu nunca teria feito nada com Royal *ou* você se soubesse que ele me queria de volta.

— Ele desistiu do direito de se preocupar com você saindo com outras pessoas quando ele terminou com você, — eu digo. — E foda-se toda essa merda, de qualquer maneira. Seu valor não é determinado pela quantidade de pau que tem dentro de você.

— Espere, — diz Colt, inclinando-se para trás e olhando de uma de nós para a outra. — Vocês duas ficaram?

— Só por um minuto, — eu digo. — E, por favor, não dê muita importância a isso e seja nojento agora. Essa é a última coisa que Lo precisa.

— Droga, — diz ele, balançando a cabeça e puxando um baseado. Ele acende e depois solta a fumaça pelo canto da boca, um sorrisinho nos lábios. — Posso ser nojento sobre isso mais tarde?

— Se você achar que deve, — eu digo. — Mas só quando formos só nós. Lo não precisa ouvir isso.

— O que isso importa? — Gloria pergunta taciturnamente. — Todo mundo já pensa que eu sou uma prostituta. Eu poderia muito bem dizer a eles que fodi todo o time de futebol.

Engulo em seco, agarrada pela lembrança da crueldade que os gêmeos me fizeram passar.

— Então, você está dizendo que o carma está alcançando você? — Colt pergunta, entregando-lhe o baseado. — Por toda a merda que você chamou a Harper no ano passado?

Eu franzo a testa para ele. — Eu a perdoei por isso.

— Não, ele está certo, — ela diz, pegando o baseado. — Eu era uma vadia. Eu mereço totalmente isso.

— Você era, mas ninguém merece isso, — eu digo.

Gloria dá uma tragada no baseado e depois o devolve, mexendo no celular. Seus olhos se encheram de lágrimas novamente. — Já está no blog, — ela diz com um gemido. — Eu terminei nesta escola para sempre agora.

— Uau, Dixie não perdeu tempo com isso, — eu digo, olhando de soslaio para Colt. — Quase como se ela estivesse esperando por isso.

— Por uma chance de derrubar a intocável Gloria Walton? — ele pergunta com um sorriso. — Você pode apostar que ela já tinha aquele na fila e pronto para postar assim que a merda caiu.

— Isso é duro, considerando quantas vezes ela me disse que Lo é sua amiga.

— Não somos esse tipo de amigas, — diz Gloria, enxugando os olhos. — Está tudo bem.

— Não está tudo bem, — eu insisto.

— Está sim, — diz ela, respirando fundo para se recompor. — Somos amigas porque nos entendemos. Nós duas cuidamos de nós mesmas primeiro. E não é como se ela estivesse contando algum grande segredo. Estará em toda a escola até o final do dia. Eu fui cancelada.

— Os meninos Dolce precisam ser derrubados, — eu digo. — Eles não deveriam ser capazes de exercer poder assim se vão machucar as pessoas. Mas não consigo encontrar uma maneira de fazer isso sem, você sabe, realmente matá-los.

— Talvez seja esse o problema, — diz Colt. — Você precisa ter todas as opções na mesa.

— Eu não sou uma assassina, — eu digo. — mesmo sendo Tentador como é.

— Eu tenho uma arma, — diz Gloria, entregando-me o baseado. — E eu moro na mesma rua. Eu poderia encenar um acidente.

— Eu acho que o pai deles é quem está puxando as cordas, — eu digo. — Precisamos de uma maneira de eliminá-lo. Estou morando lá agora, mas ainda não sei como encontrar o que preciso.

— Wisteria9, — diz Gloria. — Se você puder esperar até a primavera.

— A flor? — Colt pergunta.

— Melhor amiga das meninas, — diz ela levemente. — Em doses letais.

— Você é aterrorizante, — diz Colt, inclinando-se ao redor dela para recuperar o baseado de mim. — Então, Teeny, do que exatamente você precisa?

— Informações, — eu digo. — Algo para provar que ele está fazendo algo ilegal.

— Certo, — diz Colt, balançando a cabeça. — Todos nós sabemos que ele não está apenas vendendo 'doces'. Ou fazendo isso. Mas o mais perto que chegamos foi quando Preston colocou vidro em um lote de Dolce Crystals.

— Isso é uma merda, — eu digo, mas minha mente está apenas meio presente. Estou me lembrando de algo que Baron disse na ponte - que ele e o Sr. Dolce tinham suas próprias coisas, então ele não estava fazendo o que Royal fazia em Hockington. Ele tinha que estar falando de drogas.

— Então, Baron está fazendo Blue Pearl, e você acha que o Sr. Dolce está vendendo?

— Ele não sujaria as mãos, — diz Gloria. — Mesmo os gêmeos não vendem. Dawson tinha direitos exclusivos de negociação em Willow Heights na primavera passada, quando entrou em cena pela primeira vez.

Eu luto contra a vontade de estremecer. Eu sei por quê. Dawson era seu melhor amigo, unido por seu ato vergonhoso, como um ritual dos Midnight Swans.

— Então, um de seus amigos estará vendendo agora, — eu digo. — Talvez eu possa descobrir através dos Swans.

Gloria dá uma baforada delicada no baseado. — Rylan é o traficante este ano, — diz ela. — É por isso que o deixam entrar, embora ele não seja como os outros amigos. Fora daqui, porém, eles têm um bando de vagabundos vendendo. Nunca sua própria família.

— Claro, — eu digo, balançando a cabeça. — Colin era o principal pegador da ESF, mas se formou. Tenho certeza de que eles têm muitas pessoas na lista, no entanto.

— O que precisamos é de provas, — diz Colt. — Que eles estão produzindo e distribuindo.

— Baron me disse, — eu digo. — Mas é a minha palavra contra a dele. A menos que Royal testemunhe contra ele...

— Ele nunca se voltaria contra a família, — diz Gloria.

— Ele odeia o pai mais do que qualquer pessoa no mundo, — digo. — E com razão.

Ficamos sentados em silêncio por um tempo, terminando o baseado. Gloria pega seu pó compacto e conserta a maquiagem e, pela primeira vez, ela e Colt não brigam um com o outro. Quando ela está toda maquiada de novo, ela se levanta e alisa as mãos sobre a saia. — Bem, estou pronta para ajudar, — diz ela. — Mas como você vai derrubar Daddy Dolce?

— Se queremos chegar até ele, precisamos colocar Royal a bordo, — eu digo novamente.

— A parte difícil será conseguir os gêmeos a bordo, — diz ela. — Royal não vai contra ele se isso machucar seus irmãos, e seus irmãos ainda gostam do pai, pelo que posso dizer.

— Então agora você vai trabalhar com os gêmeos? — Colt pergunta. — Achei que tudo isso era para me livrar deles.

— Senhor. Dolce é a cabeça, — eu digo. — Se cortarmos a cabeça...

— E fervê-lo em óleo por mil anos, — diz ele com um sorriso.

— Se você não pode vencê-los, junte-se a eles, — diz Gloria. — Exceto que eu venho fazendo isso há dois anos, e eles me abandonaram como um mau hábito no segundo em que decidiram que eu não valia a pena.

— Acho que conheço uma maneira de colocá-los do nosso lado, — digo.
— Apenas me dê algumas semanas.

Na sexta-feira antes do feriado de Ação de Graças, volto para a casa de Royal depois da escola, pensando em como é estranho viver no mesmo bairro que Gloria Walton e Cotton Montgomery agora. Eu moro na casa dos meninos Dolce. Eu tenho o código do portão.

Entro na garagem e entro pela porta dos fundos. Os gêmeos e Royal estão todos no treino de futebol, e o Porsche SUV do Sr. Dolce não está na garagem, o que significa que somos apenas eu e seus empregados. A Helga vem buscar a minha bolsa e me dá um copo de água e pergunta se quero lanchar. Digo a ela que estou bem e, depois que ela sai para fazer o que quer que faça, volto pelo corredor em direção à porta dos fundos. Olhando para cima e para baixo para ter certeza de que estou sozinha, tento abrir a porta do escritório do Sr. Dolce.

Trancada.

Verifico se ainda estou sozinha, depois pego meu canivete e faço um rápido trabalho na fechadura, agradecendo silenciosamente ao meu ex, como sempre faço quando arrombo uma fechadura. Entro e fecho a porta o mais silenciosamente que posso. Então vou na ponta dos pés até a grande mesa de madeira, meu coração martelando. E se alguém me ouvir? Eles são leais o suficiente ao Sr. Dolce para contar a ele ou odeiam seu chefe? Eles simpatizariam com uma pobre bolsista como eu ou ficariam enojados por eu tê-lo traído depois de tudo que ele fez por mim?

Eu me agacho na frente de sua mesa e verifico as gavetas. Duas delas estão trancadas. Há uma mais larga e curta acima da cadeira, então começo por ali, vasculho rapidamente e não encontro nada digno de nota. À direita, há mais duas gavetas, uma relativamente rasa e outra profunda. Abro a de cima e paro quando vejo uma Glock. Meu coração bate mais forte quando coloco a manga na mão e a pego. Não sei se ele atirou em alguém com esta arma ou onde ela será usada a seguir. Tenho certeza que não vou deixar impressões digitais nela.

Eu verifico e encontro carregada. Coloco-a de volta onde o encontrei e verifico a última gaveta, a do fundo. Está trancada.

Eu caio de joelhos e abro a fechadura depois de alguns minutos. Abrindo-o, vejo um monte de arquivos pendurados. Examinando rapidamente as abas: impostos, propriedades, veículos, recibos. Meu coração pula quando vejo uma etiqueta com meu nome. Eu a puxo para fora, sentindo o peso do arquivo grosso antes de abri-lo.

A foto da escola do ano passado está grampeada no canto superior do papel, junto com mais algumas páginas. Quando folheio, vejo que são os recibos e os termos da bolsa que ele me deu. Eu começo a respirar novamente. Royal disse que dá um punhado de bolsas de estudo, então talvez ele mantenha um arquivo de todas elas. Examino as páginas. Não era uma bolsa de um semestre, como disse o Sr. D. Ele disse que no semestre da primavera pagaria mensalmente minha mensalidade, que aceitaria minha bolsa de estudos se eu não desse a informação que ele queria. Mas a bolsa é para um ano inteiro, e os termos dizem que não pode ser revogada pelo doador e não é reembolsável. O comportamento do aluno, a frequência e as notas poderiam ter me colocado em liberdade condicional, me expulso ou impedido que minha bolsa fosse renovada, mas ela já estava paga.

Aquele filho da puta. Nunca corri o risco de perdê-la. Ele estava apenas me fazendo pular de obstáculos por diversão.

Eu viro para a próxima página. É a impressão de um e-mail e, quando consigo decifrá-lo, apesar da gramática, da ortografia e da falta de pontuação horríveis, percebo que é a carta que encontraram de minha mãe para vovô Darling. Então, pelo menos essa parte era verdade. Ela diz que está grávida e que é dele e ele é “melhor cuidar disso senão”.

Parece a Mamãe Darling.

Obviamente, ela não tinha recursos para cumprir sua ameaça e, como não era realmente dele, ela não podia fazer nada a respeito. Mas há provas de porque eles me atacaram.

A próxima página é um resultado de teste de DNA muito convincente, dizendo que as amostras são compatíveis. Eu viro para a próxima página e paro. É uma impressão da minha primeira conversa com o Sr. D. No topo da página, rabiscado em letra adulta, está o nome de usuário e a senha de sua conta. Eu tiro uma foto rápida no meu telefone, caso eu precise, embora não tenha certeza do que faria com ela. Então eu afundo no chão e folheio as páginas e páginas e páginas de conversas. Então, o pai deles sabe de tudo. Talvez não fosse ele quem estava atrás do teclado, mas deve ter lido tudo isso, as fantasias idiotas, o que eu estava fazendo com o filho dele, o que eu contava para o outro filho que estava fazendo. Isso me deixa doente e humilhada.

O som de passos no corredor me deixa em pânico. Enfio tudo de volta no meu arquivo, deslizo de volta para a gaveta com dedos trêmulos e empurro para fechá-la. Não tenho tempo de trancá-la antes que a maçaneta do escritório bata. Eu deslizo para debaixo da mesa, meu coração batendo tão alto que tenho certeza que ele vai ouvir quando entrar. Eu rezo para que seja como quando me escondi debaixo da mesa na biblioteca da escola no ano passado, que ele vai

andar por mim e não me notar.

Passos atravessam a sala e ouço sua respiração pesada. Faz o cabelo da minha nuca se arrepiar. Ele tem uma arma carregada a poucos metros da minha cabeça.

Eu tenho uma na minha cintura, no entanto. Royal me disse para mantê-la, e eu fiz.

Eu me concentro em respirar o mais silenciosamente que posso enquanto ele vai até o carrinho de bebidas e se serve de uma bebida. Quando ele solta um peido e um suspiro satisfeito, tenho que segurar o riso. Ele se aproxima da mesa e eu deslizo minha mão atrás de mim, me xingando quando sinto que estou sentada na ponta da minha camisa, então a arma está presa. Se eu me mover o suficiente para tirá-la, ele vai me ouvir. Eu aperto meus olhos fechados, rezando tanto que dói que ele vá para o outro quarto.

Como se em resposta, ele para de andar. Meu coração bate forte no peito e prendo a respiração, me perguntando se ele me ouviu.

— Senhor. Dolce, — diz uma voz alegre e com sotaque que reconheço como sendo a de Helga. — Você precisa de uma bebida?

— Eu já me servi, querida, — ele diz naquela voz de Tony Soprano dele.

— Um lanche, então? — ela pergunta. — Você trabalhou o dia todo.

Vá embora, vá embora ... Eu orei silenciosamente.

— Traga-me algo, sim? — ele diz. — Surpreenda-me.

Então ele dá a volta na mesa, movendo a cadeira para trás antes de fazer uma pausa.

Porra.

Estou presa.

Ele se inclina para baixo, seus olhos fixos em mim. — Bem, o que temos aqui?

Não tenho um único comentário espertinho. Ele me pegou em seu escritório trancado, mexendo em sua gaveta trancada. Ele agarra meu pulso e me arrasta para fora, seu aperto inquebrantavelmente forte. Meu coração está martelando no peito com tanta força que acho que vou desmaiar. Minha mente

está voltando para aquele dia em que Royal agarrou meu pulso, quando ele quebrou minha mão e jogou minha faca no pântano, quando o mundo girou tão longe do meu alcance que fiquei perdida por seis malditos meses.

Tony se senta em sua cadeira ergonômica de couro, me puxando para seu colo. — Você não está mais vestida como minha filha, — ele diz, me segurando em seu joelho enquanto eu me contorço para me libertar. — Isso é ruim. Ela era mais bonita que você.

— Deixe-me ir, — eu resmungo, me esforçando para me livrar de seus braços fortes que estão em volta de mim, prendendo meus próprios braços ao meu lado.

— Mas você tem uma coisa a seu favor que ela não tinha, — diz ele contra a minha nuca. — Você não é minha filha.

Eu inclino minha cabeça para frente e, em seguida, bato de volta contra seu rosto. Ele xinga e agarra a parte de trás da minha cabeça, forçando-a para frente novamente. Meu pescoço dói com a força de como ele está empurrando, mas agora apenas um de seus braços prende o meu, o que me dá um pouco mais de força, mesmo que meu corpo seja esmagado contra o dele. Luto com mais força, torcendo os ombros para tentar me libertar.

— Se você está tentando me roubar enquanto mora sob o meu teto, isso não vai acabar bem para você, — ele diz, me apertando com mais força.

— Eu não estava roubando de você, — eu retruco.

— Então o que você está fazendo aqui? — ele pergunta. — Não há nada neste escritório de valor. Mas então, uma garota como você não saberia disso, saberia? Por isso você perdeu tudo. Você o guardou em sua casa. Uma garota esperta teria usado um banco, ou pelo menos um cofre.

Claro que ele manteria qualquer coisa confidencial em um cofre. O que quer que esteja em sua gaveta provavelmente são apenas coisas descartáveis, coisas com as quais ele não se importa. Com todas as pessoas que trabalham aqui e têm acesso a esta sala, ele terá mais do que uma pequena fechadura entre ele e seus segredos mais confidenciais e perigosos.

Estou muito distante deste mundo para ser mais esperta que qualquer um nele. Eu nunca experimentei coisas assim, então coisas que são óbvias para sua espécie nunca me ocorreram.

Enrolando os dedos no meu cabelo, ele se levanta de repente, me empurrando para a frente sobre a mesa. Meus quadris se chocam contra a borda

implacável da mesa pesada. Ele nem se move, e eu tenho que morder meu lábio para não gritar. Apertando seu aperto, ele puxa minha cabeça para baixo na mesa. Minha respiração embaça na superfície de madeira polida e lágrimas de dor borram meus olhos, mas através da mortalha de dor, lágrimas e pânico cego, vejo uma figura parada na porta aberta.

Antes que eu possa gritar, o Sr. Dolce empurra seus quadris contra os meus, prendendo-me com seu corpo enquanto sua outra mão puxa a parte de trás da minha camisa. Eu me debato contra a mesa, empurrando o mais forte que posso com as duas mãos. Um segundo depois, minha arma bate na superfície de madeira. Ele coloca todo o seu peso sobre mim, puxando minha cabeça para trás. Eu não consigo respirar, mas ainda estou lutando, chutando suas canelas, estendendo a mão para afundar minhas unhas no lado de seu pescoço.

Ele pega a arma e a enfia na minha têmpora. Ele se endireita um pouco, deixando o ar entrar em meus pulmões, e eu respiro fundo. Seu punho ainda está apertado em meu cabelo, fazendo com que lágrimas de dor ardam em meus olhos, e seus quadris me prendem por trás. Terror e repulsa invadem-me quando percebo que ele está duro. Eu posso sentir o cume de sua ereção mordendo minha bunda.

— Dé o fora de mim, — eu grito, apenas no caso de haver alguém nesta casa que não esteja com muito medo de intervir. A figura na porta se foi, deixando-me pensando se eu imaginei isso.

— Diga-me o que você está fazendo aqui, ou eu vou foder a resposta fora de você, — Sr. Dolce rosna, respirando com dificuldade enquanto pressiona a arma na minha têmpora com força contundente.

— Eu estava procurando os planos do cassino, — eu deixo escapar, minha mente correndo pelas próximas etapas, tentando encontrar uma saída, uma maneira de fazer com que ele me deixe ir.

— Por quê? — ele exige.

— Para Royal.

Ele faz uma pausa, e eu não tenho certeza se eu epicamente fodi tudo ou se eu disse a única coisa que poderia fazê-lo afrouxar o aperto o suficiente para eu me libertar. Só sei que Royal é a única pessoa nesta cidade mais forte do que ele, a única que pode derrotá-lo e uma das únicas pessoas que ele não matará. Ele usa seus filhos, mas acredito que os ama honestamente em qualquer capacidade que seja capaz. No mínimo, isso pode lembrá-lo de que Royal disse que eu era dele e ninguém tem permissão para me tocar.

Não estou prestes a jogar ninguém fraco debaixo do ônibus, com certeza. Royal é tudo o que tenho.

— Por que Royal quer os planos do cassino? — Sr. Dolce pergunta.

— Eu não sei, — eu digo. — Ele disse que me contaria depois que eu os pegasse.

Tony solta uma pequena risada e se endireita totalmente, mas ele mantém seu pau pressionado firmemente na minha bunda.

— Parece meu filho, — ele diz, e eu acho que ele está realmente orgulhoso de seu filho, mesmo quando ele esfrega seu pau contra a bunda de sua namorada.

Eu tento não vomitar em sua mesa, concentrando-me em relaxar meus músculos para parar de tremer. — Posso ir agora? — Eu pergunto.

— Bem, se você está cumprindo as ordens dele, vou lhe contar um segredinho, — diz o Sr. Dolce, abaixando a arma e sentando-se novamente. Sua mão no meu cabelo nunca afrouxa, e sou arrastada para trás da mesa, cada centímetro do meu couro cabeludo queimando enquanto ele levanta quase todo o meu peso pelo meu cabelo. Ele me puxa de volta para seu colo. — Apenas sente aqui, e eu vou te mostrar o que eu tenho. Combinado?

— Combinado, — eu resmungo, me odiando com uma aversão que é quase tão profunda quanto a que eu sinto por ele, embora eu não tenha muita escolha no assunto.

Ele coloca a arma fora do meu alcance e se inclina, abrindo a gaveta de baixo. Ele pega uma pasta e a coloca sobre a mesa.

— Vá em frente, — diz ele. — Abra. Você faz parte da família agora, não é? Você pensou que nos quebraria colocando meus filhos em problemas na escola, mas agora que está do nosso lado, você é muito menos perigosa, não é? Então vá em frente. Depois de se envolver em nosso negócio, você verá como isso beneficia a todos nós. Até você, especialmente você. Mas se meu filho insiste em tê-la por dentro, é melhor você saber de tudo.

Eu abro a pasta, fingindo que não dou a mínima para seu acordo de terras quando seu pau é empurrado contra a minha bunda. Ele esfrega contra mim, esfregando o queixo na minha nuca.

— Você não encontrará nada sobre um cassino, — diz ele. — Eles não me venderam a terra. Mas eles vão. E nossos planos para Faulkner são muito maiores do que um cassino.

— Se estamos revelando todos os nossos segredos, o que é maior do que um cassino? — Eu pergunto, ignorando sua respiração pesada na minha nuca.

— Ouvi dizer por boatos que alguém está usando o shopping abandonado para fins muito lucrativos. Aqueles que as autoridades podem não aprovar. Assim como algumas pessoas não nos aprovariam.

Ele desliza a mão entre minhas pernas, agarrando minha boceta e gemendo.

— Se você quer os verdadeiros segredos, se quer entrar na família Dolce, primeiro você tem que me deixar entrar em você, — diz ele. — Uma vez que eu tenha isso dentro de você, posso confiar em você para ser complacente. Você vai me obedecer, ou vou expor você a Royal, deixá-lo saber o que você fez para se tornar uma verdadeira garota Dolce.

A repulsa bate em mim enquanto seus dedos amassam minha carne. Eu mergulho para a frente, avançando sobre a mesa e tentando agarrar a arma. O Sr. Dolce pragueja e me puxa de volta, mas não antes que meus dedos se fechem ao redor da Glock. Eu me viro e bato a coronha no lado de sua cabeça.

Posso não saber lutar com nada além de meus punhos, mas isso significa que com certeza sei onde acertar um golpe para nocautear.

Ele se encolhe como uma boneca de pano, batendo a cabeça na mesa e quicando na cadeira antes de cair no chão. Fico um pouco satisfeita em saber que ele terá que explicar os hematomas para Royal.

— Fodido, — murmuro, enfiando a arma de volta na parte de trás da minha saia. Eu aliso minha camisa e passo por cima dele, deliberadamente colocando um pé em sua virilha e certificando-me de que leva todo o meu peso antes de dar o próximo passo. Quando chego à porta, vejo Baron à espreita no corredor como uma trepadeira. Eu passo por ele, nem mesmo surpresa em vê-lo ali.

— É melhor torcer para que ele não esteja ferido, — ele diz.

— Você só ia assistir enquanto seu pai me estuprava? — Eu atiro para ele.

Ele dá de ombros, seus olhos frios. — Gosto de assistir.

— O que aconteceu com você? — Eu pergunto. — Ou você nasceu assim?

— Já o vi fazer coisas piores, — ele diz com um encolher de ombros. — Você tem dezoito anos e deve muito mais a ele do que uma volta em seu traseiro preso.

— Eu não devo nada a ele, — eu retruco. — Eu não devo nada a nenhum de vocês.

— Ele te deu uma bolsa de estudos.

— Eu paguei por isso, — eu resmungo, olhando para ele.

Ele sorri, deixando seu olhar escuro vagar pelo meu corpo. — Sim, acho que deixar nós três te perseguir a noite toda pode valer uma bolsa de estudos. Qual é o preço para foder uma prostituta sem camisinha? Mil? Entre nós três, aposto que transamos com você vinte e cinco vezes naquela noite. Esse é o custo da sua bolsa de estudos, então acho que você pagou no ano passado.

— Eu não *deixei* você fazer nada.

— E este ano? — ele pergunta. — Você recebeu uma bolsa de estudos da minha família este ano. Pronta para repetir, com um pouco de punição extra por tentar nos arruinar na escola depois que você pagou o dinheiro?

— Toque em mim e verá o quanto melhorei no campo de tiro este mês.

— Nah, — ele diz, balançando as chaves no bolso. — Eu só estou fodendo com você. Você é um produto usado. Não faço repetições com garotas como você, a menos que esteja entediado e tenho coisas para fazer.

— Desculpe por atrasá-lo, — eu digo sarcasticamente. — Acho que agora que seu pai não está tentando me estuprar, o show acabou.

— Acho que sim, — diz ele friamente.

Eu passo por ele e corro pelo corredor, resistindo ao impulso de sacar minha arma e voltar pelo corredor, mantendo-o em minha mira. Quando ele não me segue, continuo subindo e jogo minhas coisas de volta nas duas malas que trouxe comigo, cheias de roupas da nossa viagem a Nova York. Eu coloco uma das camisetas sujas de Royal porque sou uma cadela surrada e quero cheirá-lo enquanto adormeço, e então saio. No final da escada, encontro Duke, que está saindo da cozinha.

— Quer uma? — ele pergunta, segurando um pacote de seis cervejas caras em garrafas de vidro e oferecendo um sorriso desleixado junto com elas.

— Baron vai se juntar a nós?

— Ele saiu, — diz Duke com um encolher de ombros.

— Você quer dizer que ele está fazendo algo sem você? — Eu pergunto, fingindo horror.

— Fazemos coisas sem o outro o tempo todo.

— Mas como ele saberá que você merece o nome Dolce se você não estiver lá para cumprir suas ordens psicóticas?

— Eu não faço o que ele manda, — Duke diz, carrancudo. — Agora, você quer ir tomar uma cerveja nos degraus da frente comigo ou não?

— Não, — eu digo. — Mas vá esperar na porta da frente como seu cachorrinho leal.

Eu me viro e arrasto minhas malas pelo corredor até a porta dos fundos. Não tenho medo de Duke, então nem me preocupo se minhas mãos estão ocupadas e não consigo pegar minha arma. Entro no meu carro e volto por onde vim. Acho que meu tempo de viver na alta vida acabou. Eu costumava pensar que Royal tinha tudo, mas agora sei a verdade.

Ele tem tudo, mas não vale a pena.

Eu paro na minha casa e entro. O cheiro familiar de fumaça velha e mofo quase me faz engasgar depois de morar em uma casa limpa, clara e bonita por algumas semanas. O interior é escuro e deprimente, e meu quarto ainda está revirado. Não importa. Ainda é melhor do que a casa de Royal com seus cozinheiros, criadas e mordomos.

Suspiro e começo a trabalhar. Cerca de cinco minutos depois, uma batida na janela me perturba. Eu olho para cima para ver o rosto de Blue olhando do crepúsculo.

Abro o vidro. — Ei, Blue.

— Pensei que você tivesse ido embora, — diz ela. — Eu não vejo você há semanas, e Olive disse que você estava se mudando.

— Sim, — eu disse. — Voltei.

— Oh, — diz ela, seus olhos arredondando enquanto ela olha para o meu quarto. — O que aconteceu? Alguém invadiu enquanto você estava fora?

— Só minha mãe, — eu digo com um encolher de ombros. — Quer entrar?

Eu estendo a mão, e ela agarra e se arrasta pela janela, entrando no meu

quarto e enxugando as mãos na calça jeans depois de se segurar no parapeito sujo da janela. — Eu nunca estive em seu quarto antes, — diz ela.

Eu percebo que ela está certa. Moramos lado a lado há anos e a considero uma amiga, mesmo que não compartilhemos segredos. Não precisamos. Ela me entende por que somos iguais de alguma forma, mesmo que ela seja quieta e tímida e eu seja barulhenta e propensa a ser pega pela polícia. Nunca nos julgamos por nossas diferenças. Eu não acho que ela é fraca porque eu sei melhor, mesmo que eu fizesse as coisas de forma diferente. Não conheço a vida dela, mas sei que ela tem seus motivos, assim como eu tenho os meus.

E ela tem seus motivos para nunca ter me convidado, tenho certeza. Ela já entrou na minha casa antes, mas não no meu quarto. Esse é um limite que ela sempre respeitou. Agora, não me sinto protetora do meu quarto. Não parece meu, a única coisa que tenho no mundo. É apenas um lugar para dormir agora. Não me pertence mais do que eu pertenço a ele.

— Precisa de ajuda? — Blue pergunta depois de um silêncio constrangedor.

— Claro, — eu digo. — Quer me ajudar a arrumar a cama?

Depois que a cama está arrumada, dobramos rapidamente as roupas e jogamos os cadernos e as porcarias escolares aleatórias debaixo da cama ou no lixo. Conto a ela sobre minha mãe enquanto trabalhamos. De alguma forma, é mais fácil falar com ela agora. Não sei se é porque ela está no meu território, ou porque não pertencemos mais ao mundo dela, ou porque me acostumei a falar agora que tenho amigos e deixei as pessoas se aproximarem.

Quando terminamos, sentamos na minha cama de solteiro de costas para a parede, fumamos um cigarro e conversamos sobre o pôster de Brody Villines que encontramos no meu armário, amassado, e como costumávamos amar sua música, e sobre morar na casa de Royal e na escola. Então ela me diz que Olive está na casa de uma amiga e me oferece para levá-la para buscá-la. Assim que viramos na Mill Street depois, vejo o Rover de Royal na minha garagem.

Aceno para o velho Sr. Thomas do outro lado da rua e paro no acostamento.

— Existe algum lugar onde eu possa te encontrar na próxima vez? — Blue pergunta. — Se ele te levar para casa de novo...

Dou a ela o endereço dele e peço que chame a polícia se vir Bobby Dale perto da minha casa. Então ela e Olive atravessam o gramado até a casa delas, e eu ando ao lado do carro de Royal. Está vazio. Eu o encontro deitado na minha cama, com os tornozelos cruzados, o braço apoiado sob a cabeça no meu

travesseiro.

— Sentindo-se em casa? — Eu pergunto, deixando cair minhas chaves na cômoda e tirando minha arma da minha saia para colocá-la ao lado delas.

— Sua casa é minha casa, — diz ele.

— Acho que você disse o contrário.

— Se você vai ficar aqui, eu vou ficar aqui.

Reviro os olhos. — Certo. Royal Dolce morando na Mill Street.

— Eu moraria embaixo de uma ponte se fosse onde você morasse. Agora cale a boca e venha aqui e sente na minha cara.

— Você realmente vai ficar aqui? — Eu pergunto, olhando para ele.

— E daí?

— Royal, — eu digo, inclinando-me para trás na borda da cômoda e cruzando os braços sobre o peito. — Caso você não tenha notado, este lugar é um casebre.

— Percebi, e não me importei, — diz ele. — Você pode voltar para casa, ou pode aceitar que estarei aqui até você voltar.

— Baron lhe contou por que eu saí? — Eu pergunto com cuidado.

Royal não se dá bem com traição. Eu sei disso com certeza. E mesmo que ele não esteja irritado, e ele não finja, eu tenho que ter certeza. Não tenho certeza se ele confia em Baron mais do que em mim, mas não estou arriscando nada.

— Não, — diz ele, sentando-se e balançando as pernas para fora da cama, uma carranca escurecendo sua expressão. — Ele não estava em casa. Por quê? O que ele fez?

Eu engulo e agarro a borda da cômoda ao lado dos meus quadris. — Fez nada. Ele só falou merda. Mas seu pai colocou uma arma na minha cabeça.

Royal me encara por um segundo e então deixa cair a cabeça nas mãos. — Foda-se, — ele murmura. — Eu nunca deveria ter levado você para aquela casa.

Atravesso o quarto e afundo na cama ao lado dele. — Não me mate por isso, mas acho que precisamos fazer algo a respeito dele.

— Sim, — diz Royal. — Você tem razão. Claro que você está certa. Porra.

— O que você vai fazer? — Eu pergunto.

— Eu não sei, — diz ele. — Vamos descobrir isso depois das férias. Não se preocupe com isso, Jailbird. Eu cuidarei disso.

— Eu vou sentir sua falta, — eu digo, acariciando um pequeno cacho atrás da orelha. Eles estão todos indo para casa visitar a mãe, e não estou pronta para dar esse passo. Além disso, eu disse a Royal que queria ir a Cedar Crest para visitar minha mãe. Quando souber que estou mentindo, já estará em Nova York.

— Quer me mostrar quanto? — ele pergunta, passando os braços em volta de mim e me empurrando de volta na cama, com a cabeça voltada para o pé. Ele esfrega o nariz lentamente para frente e para trás contra o meu, sorrindo para mim. — Ou talvez eu devesse mostrar o quanto vou sentir sua falta.

— Sim, por favor, — eu digo, sorrindo de volta e ligando meus braços ao redor de seu pescoço.

— Mmm, — ele murmura, balançando seus quadris lentamente contra os meus. — Você é uma cadela com sede, você sabe disso?

— Eu sei disso, — eu digo. — Agora sacie minha sede.

Ele pressiona seus lábios nos meus, lentamente no início. Eu envolvo minhas pernas em torno dele, saboreando sua respiração, saboreando a sensação de seu corpo no meu, tão imparável e tão seguro. Eu sei que não é seguro, é que eu só me sinto assim porque ele não vai me machucar, mas tudo bem. É seguro para mim agora. Seguro para ceder, para deixar outra pessoa assumir o controle por um tempo, para me permitir amá-lo.

Abro meus lábios, convidando-o a entrar, convidando-o a entrar mais fundo em mim, aprofundando o beijo.

Sua boca assume o controle, sua língua acariciando a minha em um ritmo lento e sensual que me faz apertar meus joelhos ao redor de seus quadris e me contorcer sob ele. Ondas de prazer percorrem meu corpo, enviando arrepios quentes do topo da minha cabeça até os dedos dos pés. Eu me movo contra ele até pensar que vou gozar só de beijá-lo e do contato de nossos quadris. Por fim, afasto minha boca.

— Mais, — eu digo, puxando sua gravata.

Ele ri e me observa afrouxar o tecido e puxá-lo sobre sua cabeça. Então ele

me beija novamente. — Qual é a pressa? — Ele pergunta, deslizando seus lábios sobre minha bochecha até minha orelha. — Vou aproveitar meu tempo com você esta noite, saboreie minha pequena Cherry Pie.

Ele desliza a mão pelo lado de fora da minha coxa enquanto seus lábios macios provocam o lóbulo da minha orelha. Ele o puxa entre os dentes, mordendo suavemente e traçando a borda com a língua. Ao mesmo tempo, ele apalpa minha bunda, puxando-me firmemente contra ele, meu centro molhado pressionado contra o cume de ferro em suas calças. Eu juro que vejo estrelas, estou tão quente.

— Eu não posso esperar a noite toda, — eu digo através de respirações ofegantes. — Eu preciso de você dentro de mim.

— Nós vamos chegar lá, — ele murmura contra o meu ouvido, seus lábios roçando a pele sensível. — Temos tempo.

Temos tempo.

Deixo as palavras penetrarem lentamente e me forço a relaxar, embora esteja tão frustrada que quero gritar. Eu quero que ele me bata forte e áspero, quebrando minha cama e minhas costas ao mesmo tempo. Estou acostumada com nossas colisões frenéticas e furiosas, com a maneira como colidimos como dois furacões se encontrando, deixando devastação em seu rastro.

Não estou acostumada com a construção lenta, a provocação, a espera. Royal não espera. Ele pega o que quer quando quer. Ele me aquece o suficiente para que eu possa levá-lo, e então ele me força a tomar cada centímetro, batendo em mim como se ele me odiasse. E eu adoro isso. Isso se encaixa.

Mas talvez ele esteja certo. Talvez tenhamos tempo agora, o luxo de saber que isso não vai acabar. O luxo de explorar um ao outro, de não apressar cada momento, sabendo que pode ser o último. Eu valorizo todas as noites com ele, sabendo que elas estavam sempre contadas.

Agora, elas não são. Não temos que correr para gozar para que possamos começar de novo, transar mais uma vez antes de termos que nos separar, sabendo que pode ser a última vez. Agora sabemos que não será a última. Haverá mais um milhão de momentos, mais mil noites para saborear um ao outro. Noites para deixá-lo fazer seu caminho agonizante no meu pescoço enquanto suas mãos enormes massageiam meu corpo, me possuindo, me embalando, me enrolando mais forte até que eu acho que vou explodir. Não sei o que fazer comigo mesma, como conter as sensações que percorrem meu corpo, meu coração, minha alma. Garotas como eu não são fodidas assim.

Ninguém nunca me valorizou antes.

Em algum lugar eu ouço um som de batida, mas estou muito longe, muito perdida em êxtase, até mesmo para registrá-la. Não até que volte, alto e insistente.

— Quem diabos está na porta? — Royal pergunta, levantando a cabeça de onde ele está beijando minha clavícula.

— Eu não sei, — eu digo, balançando a cabeça.

— Se for um de seus fanboys, farejando por aqui como se você fosse um cachorro no cio, juro que vou acabar com ele, — diz Royal enquanto as batidas continuam, desta vez acompanhadas por gritos abafados.

— Basta deixar isso, — eu digo, agarrando sua mão. — Não importa. Eles irão embora se você não abrir a porta.

Ele franze a testa para mim, a suspeita nublando seus olhos que um momento atrás estavam tão cheios de desejo, de *mim*.

Agora sou eu quem quer matar quem está interrompendo.

Royal balança as pernas para fora da cama e se levanta, pegando minha arma e enfiando-a na parte de trás da calça. Então ele se vira. — Fique aqui, — diz ele, seus olhos suavizando quando ele se inclina para me beijar. — Eu volto já. Não mova um músculo. Quero imaginar você deitada aqui toda molhada e pronta para eu devorar quando eu voltar.

— Então se apresse, — eu sussurro, agarrando a frente de sua camisa e beijando-o com força.

— E não se atreva a se tocar, minha putinha suja, — diz ele, segurando minha mão e olhando para mim, seu comando dominante me imobilizando. — Seu gozo é meu esta noite, *bella mia*. Vou beber cada gota, então nem pense em desperdiçar enquanto eu estiver fora. Se eu voltar e você tiver se tocado, você não vai ser fodida até eu voltar de Nova York. Entendeu?

Concordo com a cabeça e ele me beija rapidamente antes de se levantar e sair do quarto.

Eu aperto meus joelhos juntos, xingando sua bunda mandona. Ouço a porta abrir e fechar, e então os gritos abafados do cara do lado de fora. Há um breve silêncio e, em seguida, um motor liga.

É melhor Royal tê-lo mandado embora, porque não vou ficar aqui a noite toda esperando que ele volte. Espero cerca de cinco minutos antes de gritar por ele. Então uma sensação de mal-estar toma conta de mim. E se o cara também tivesse uma arma? E se ele atirou em Royal?

Eu me levanto da cama e corro para a porta da frente. Não há sinal de Royal lá fora, o que é um alívio, já que parte de mim esperava ver seu corpo caído ali. Ainda assim, eles poderiam tê-lo arrastado, jogado em seu caminhão...

Seu carro ainda está estacionado do lado de fora.

Eu corro de volta para o meu quarto e ligo para ele, meu coração martelando.

— Você está onde eu te deixei? — ele pergunta sem se preocupar em dizer olá.

— Sim, — eu digo, afundando de volta na cama.

— Bom, — diz ele. — Isso vai levar alguns minutos, mas voltarei assim que puder. Mantenha minha sobremesa quente.

Ele desliga antes que eu possa dizer qualquer coisa. Bem, pelo menos eu sei que o idiota está bem. Imagino-o sentado no carro com quem veio bater na porta, dizendo essas palavras para mim, e aperto os joelhos. Estou tão excitada que dói pra caralho. Se os caras ficam com bolas azuis, eu tenho clitóris azul.

Vou verificar a porta da frente para ter certeza de que está trancada, depois apago a luz e rastejo para a cama para esperar.

Acordo com a sensação de minha saia sendo levantada.

— Royal? — murmuro no escuro. Eu não queria adormecer e não sei quanto tempo estou dormindo. Minha mente está grogue e lenta. Seus dedos se enroscam na minha calcinha, puxando-a pelas minhas coxas. Ele os joga de lado e abre meus joelhos, espalhando meus lábios com os dedos e soprando suavemente em minha carne quente. Eu estremeço, e ele ri e se inclina, lambendo meu clitóris com carícias suaves.

Eu gemo sonolenta e deixo meus joelhos caírem, deixando-o me ter. Eu posso ouvir os sons molhados de sua língua lambendo-me, persuadindo-me mais alto, até que estou ofegante. Ele desliza um dedo em mim, empurrando apenas o ponto certo enquanto sua língua diminui, acariciando-me languidamente da minha entrada ao meu clitóris. Quando ele balança os dedos, posso ouvir como estou molhada, o único som na escuridão. Ele geme, chupando suavemente meu

clitóris, e eu enterro minhas mãos em seu cabelo, seu nome saindo de meus lábios enquanto estou em estase.

Ele geme e me lambe mais algumas vezes até que os pulsos que passam por mim diminuam. Então ele desliza o dedo para fora e cai ao meu lado, puxando-me em seus braços.

— Onde você foi? — Eu pergunto, aconchegando-me em seu peito.

— Eu tinha alguns negócios para resolver antes de partir para Nova York, — diz ele.

— Que tipo de negócio?

— O tipo que garante que você ficará segura aqui, já que não pode ficar na minha casa com meu pai enquanto eu estiver fora.

— Que horas são? — Eu pergunto, jogando minha perna sobre seu quadril. — Temos tempo para mais?

— É quase de manhã, — diz ele, deslizando a mão sobre minha bunda, seus dedos se movendo para baixo antes de encontrar minha abertura escorregadia. — Tenho que ir ao aeroporto, mas posso dar água a essa boceta sedenta mais uma vez antes de ir.

Eu gemo e balanço contra ele. — Acenda a luz, — eu digo.

Eu quero ver meu lindo homem enquanto ele me fode, ver meu próprio rosto olhando para mim da tatuagem que diz que ele me ama mais do que palavras jamais poderiam. Ele acende a lâmpada antes de rolar para trás, virando-me de costas e deslizando em cima de mim. Seu rosto está machucado e vejo vestígios de sangue em seu lábio cortado e dentro de seu nariz, e sei que ele lutou. Ele está vestindo apenas uma camiseta em vez da camisa social que usava antes de partir, e também há manchas de sangue nela.

Eu não faço perguntas. Eu sei que estou transando com um homem perigoso, que estou deixando ele entrar no meu corpo e alma. Mas é tarde demais para mim. Ele já é uma parte de mim, a parte que bate em meu peito por ele, que se avoluma como uma onda no oceano que ele me entregou naquela praia, que me enche de um calor que faz as lágrimas molharem meus cílios.

Enquanto ele se move dentro de mim, nossos olhos se encontram enquanto ele me reivindica um movimento poderoso de cada vez, acho que talvez esta seja a noite em que poderei contar a ele. Que talvez ele diga.

Mas nenhum de nós sabe.

Talvez não sejamos esse tipo.

As palavras são baratas, de qualquer maneira.

Eu o amo do jeito que ele é, não importa o que ele tenha feito. Eu sei que ele fez isso para me proteger. Como as tatuagens, que dizem que ele me ama mais do que qualquer palavra. Seu amor está em cada carícia, em cada beijo, em cada toque, em cada estocada áspera que me faz ver estrelas e me deixa mais satisfeita do que uma garota como eu tem direito de ser. Está nos bancos de couro do carro chique que ele poderia ter deixado em seu nome, mas colocou no meu, então pertence somente a mim. Está nos hematomas nos nós dos dedos e no sangue nos lábios, na tinta na pele, na plenitude dos olhos quando ele goza sem que eu tenha que trazê-lo de volta para mim.

Ele já está aqui, completamente presente, neste momento comigo em que nada mais importa além de nossos nomes nos lábios um do outro e nossos corações batendo no ritmo dessa tempestade louca entre nós, e o suor em nossa pele que se combina para fazer o cheiro de nós enquanto nos deitamos tão apertados que não sei onde ele termina e eu começo.

O amor não se encontra em palavras. É encontrado em nós.

— Ei, gracinha, — diz a garçonete de meia-idade que também é dona da lanchonete em que acabei de entrar. — Eu salvei seu estande normal.

— Obrigado, Scar, — eu digo. — Você é uma salva-vidas.

A resistência de Scarlet é lendária, assim como a cicatriz que corre diagonalmente em seu rosto e pescoço. Ninguém sabe como ela realmente conseguiu, mas as crianças da cidade inventam histórias sobre sua origem - ela foi cortada com um facão e deixada para morrer quando traiu o namorado com um membro da gangue rival, seu pai a puniu por fugir com os meninos Crossbones marcando seu rosto para que nenhum deles a quisesse, ela enfrentou o líder dos Discípulos e provou seu canivete. A única coisa em que eles concordam é que está relacionado a gangues, mas isso pode estar mais enraizado no fato de que seu parceiro é um líder de gangue do que em qualquer verdade.

— Eu não sei disso, — diz ela, dando-me uma saudação de dois dedos. — Dois iguais, você e eu. Pena que você não gosta de pumas.

— E você não é solteira, — eu indico.

— Pssh, todas as pessoas não são poli hoje em dia?

— De alguma forma eu não vejo o seu namorado compartilhando, — eu digo, balançando a cabeça. — Ou eu estaria em cima disso. Se eu tivesse uma mulher como você, não seria tão feio agora.

— Feio, como feio?, — diz ela, acenando com um cardápio plastificado em direção à mesa escondida no canto. — Volte, doçura.

Eu deslizo para dentro da cabine, de costas para o resto da sala. Scarlet não é amiga da família, embora tenha a idade dos meus pais. Ela estudou na Faulkner High e meus pais não se relacionavam com garotas como ela. Mas temos um parentesco fácil, por razões óbvias, e os Dolce nunca colocariam os pés na lanchonete gordurosa que ela possui. Portanto, é um espaço seguro para Darlings, pelo menos por enquanto.

Se os Dolce descobrirem que frequentamos o lugar, vão mandar bandidos para espancar os trabalhadores, já que nem eles provavelmente foderiam com Scar de cara. Ela não desistiria de uma ameaça direta, mas faria isso para salvar qualquer um de seus trabalhadores ou suas famílias. Então, é aí que o Sr. Dolce vai bater nela, sabendo que é a vulnerabilidade dela. Isso, ou ele vai destruir o

lugar, que é o sustento dela. Então ela pagará o imposto para manter os bandidos fora de seu estabelecimento, mesmo que os mesmos bandidos a “protejam”. Se ela escorregar e deixar um Darling passar pela porta, a proteção desaparecerá magicamente por uma noite e o lugar ficará em chamas.

Melhor ficar em casa e manter a cabeça baixa do que colocar em risco a cidade que ainda amamos. Scar pode não ter sido o tipo de amiga dos meus pais, mas ela é minha amiga. Qualquer pessoa nesta cidade que não tenha sido corrompida é digna do maior respeito.

— Estou atrasado ou você está adiantado? — pergunta uma voz atrás de mim.

Levanto-me para apertar a mão do homem que vim conhecer. “Padre”, eu digo com um aceno de cabeça.

— Senhor Darling, — ele diz, me dando uma sacudida rápida antes de se sentar à minha frente na cabine. Ele está usando o colarinho, mas, fora isso, parece um cara normal de suéter e óculos. — Eu aprecio você me encontrar. Eu sei que você gosta da sua privacidade.

— Estou mais preocupado em arriscar a Scarlet do que a mim mesmo, — asseguro a ele. — E você não precisa fazer visitas pessoais aos seus alunos.

— Você está pronto para as finais? — ele pergunta, folheando seu cardápio.

Scarlet aparece ao nosso lado, um bloco de menu em uma mão e uma cafeteira na outra. — O de sempre? — ela pergunta, servindo café para nós dois.

— Você tem torrada de abacate? — Eu pergunto.

— O de sempre para você, então, — diz ela, anotando uma nota e estourando seu chiclete. — Padre?

— Você não deveria ter uma caixa de sugestões se não estiver aceitando sugestões, — eu digo, colocando meu braço no topo da cabine e sorrindo para ela com toda a inocência que consigo reunir, por menor que seja.

Ela olha furiosamente para mim, mastigando seu chiclete como se mastigasse crianças que vêm olhar para ela e não pedem. — Se eu adicionasse sua maldita torrada hipster, teria que mudar todos os menus, — diz ela.

— Você poderia escrever no quadro de especiais, — eu digo, dando a ela o meu sorriso mais encantador, o que não quer dizer muito mais.

— E você pode enfiar sua sugestão no cu, — diz ela. — Perdoe me padre.

Padre Dante balança a cabeça e entrega o cardápio a ela. — Vou querer o número cinco, por favor.

Ela pega os cardápios, fixando-me em seu olhar mais beligerante antes de sair pisando duro.

— Obrigada, boneca, — eu digo para ela.

— Você vai sair? — O padre pergunta quando ela sai.

— Nah, — eu digo, inclinando-me para trás e removendo minha máscara. Coloquei ela sobre a mesa de fácil acesso. Padre Dante e Scar já me viram sem ela, mas se entrar outra pessoa, eu a coloco. Eu a uso há tanto tempo que se tornou parte do meu rosto. Prefiro não expor minha feiura nua para o mundo ver e zombar.

— Não é saudável, — diz padre Dante. — Você deveria vir a um culto.

Eu rio e pego meu café. — Minha família me deserdaria.

Batista do Sul ou morto - essas são as escolhas para um Darling. Uma coisa é ter aulas na Thorncrown. Não sou artista, e a única outra escola na cidade é a faculdade de artes liberais. Há uma longa tradição que criou um oleoduto de Willow Heights a Thorncrown, até a conexão subterrânea. A faculdade é pequena, mas há ex-alunos suficientes do Midnight Swans para torná-la uma escolha razoável para um diploma de graduação. Em seguida, eles usam suas conexões para canalizar os alunos para escolas de pós-graduação de primeira linha, como Georgetown e Harvard. Minha família não se importa que eu faça aulas on-line em uma escola católica que pode me levar a vagas, mas eles me excomungariam se eu me convertesse.

— Então vamos continuar tendo essas conversas pessoalmente, — diz padre Dante. — Caso contrário, temo que você se volte para o Drácula, sozinho naquele castelo com o velho.

— Você está confundindo o vampiro com Jane Eyre, — eu digo. — E eu garanto a você, *líder*, não vou me casar com ele.

Ele levanta uma sobrancelha e dá um gole no café. O cara é apenas dez anos mais velho que eu, e eu não sou católico, então posso ser um espertinho sem culpa. — Você não viu mais ninguém este mês?

— Ah, não, — eu digo. — Sou um socialite normal, padre. Eu vi Harper

apenas algumas semanas atrás, Sully está de volta, e Magnolia está fazendo suas aulas online também, então eu tenho um pé no saco o dia todo. Acho que sou Jane Eyre.

— Melhor do que da última vez, — diz ele, enxugando o cavanhaque com um guardanapo.

— Você não pode me avaliar pela minha vida social, — eu digo. — Além disso, eu falo com Lindsey online quase todos os dias. Mabel, Colt e os tios checam semanalmente para ver se eu ou o velho vamos chutar o balde primeiro. Isso é como dez pessoas. Meu calendário social está bombando, mano.

Ele nem sequer abre um sorriso. — Você falou com seu pai?

— Por que eu faria isso? — Eu pergunto. — Eu tenho você, padre.

Ele suspira. — Isso é suficiente? Essas conexões?

Scar volta com nossos pratos, coloca-os na nossa frente e sai correndo para cumprimentar os novos clientes. Sei que ela vai sentar longe de nós, mas é sábado de manhã, então tenho que comer rápido se quiser ficar sem máscara até terminar.

— E você? — Eu pergunto. — Você já se sentiu sozinho, velho? Deve ser uma droga saber que você nunca vai ficar com uma mulher.

— Não, — diz ele, abrindo uma lata de creme e derramando uma gota de creme em seu café. — Sou um homem de fé. Se me sinto sozinho, só preciso orar para me lembrar que Ele está sempre comigo.

— Parece muito solitário para mim, — eu digo, enfiando um garfo na minha boca.

Eu sou um especialista nesse campo, então eu deveria saber. Se Thorncrown desse diplomas em solidão, eu teria a porra de um doutorado.

Provavelmente por isso que me apaixonei pela garota cujo rosto ilumina minha tela naquele momento. Rejeito a ligação e termino o café da manhã, batendo papo com o padre sobre as aulas e os feriados, depois recoloco a máscara e coloco uma nota de cem na pasta para receber uma gorjeta. Scarlet merece mais, mas a única vez que tentei, ela bateu na minha cabeça com um cardápio e me disse que se eu quisesse doar para a caridade, que fosse para o Exército de Salvação. Aparentemente, uma conta é uma gorjeta, duas é caridade. Eu me certifico de sempre ter cem quando chego.

Sáímos para uma manhã chuvosa e cinzenta de novembro. O vento frio e úmido quase arranca a porta da minha mão e a joga de volta no meu rosto. Não poderia me deixar mais feio do que sou, mas é uma bagunça que não quero limpar.

Uma picape vermelha desbotada estaciona, a janela rolando quando ela para. Um cara loiro com tatuagens no pescoço, um sorriso desequilibrado e um rosto tão bonito que me dá vontade de matá-lo se inclina para fora da janela.

Tem a porra do caso da caridade, um dos delinquentes do Padre Dante.

— Pronto, *papai*? — ele pergunta.

— Esterei aí em um minuto, Heath, — o Padre diz.

Ele entra e eu congelo, parado como uma estátua enquanto ele envolve seus braços em volta de mim. — Boas férias, — diz ele, dando tapinhas nas minhas costas sem quebrar o abraço. — Nos encontraremos novamente no mês que vem. Estou orgulhoso de você, filho.

Eu fico olhando para o céu cinza atrás dele, lembrando a última vez que abracei um homem. Os homens da minha família não se abraçam - de acordo com meu pai verdadeiro, apenas mulheres e gays se abraçam.

Dei um abraço de despedida em Devlin.

O dia em que deixei escapar foi a última vez que meu pai me bateu, enquanto eu estava deitado em uma cama no Faulkner Memorial com minha cabeça enfaixada depois que eles me disseram que não poderiam salvar meu olho. Foi quando ele disse a eles para não se incomodarem em consertar o resto do meu rosto. Eu não valia a pena. Eu nunca teria contado a ele se não estivesse drogado enquanto tentava contar os últimos momentos em que vi meu primo para que eles pudessem encontrá-lo. Muito bem isso fez.

Heath toca a buzina, e o padre Dante dá um passo para trás e dá um tapinha na minha bochecha. — Existe um mundo inteiro cheio de pessoas fascinantes lá fora, — diz ele. — Não se limite à família.

Eu levanto a mão e aceno para sua carona. — Ei, Heath, — eu chamo.

— O que você deveria ser, afinal? — Heath pergunta. — Um palhaço ou alguma merda?

— Apenas mais uma perseguição de caridade, — eu digo, então me viro e dou ao Padre um sorriso presunçoso. — Lá. Eu conversei com um estranho.

Então, estou bem até nosso próximo bate-papo.

— Cuide-se, Preston, — diz o padre Dante, depois veste o casaco e contorna a caminhonete.

Entro no Aston Martin do vovô e ligo para Harper. — Ei, senhorita A, — eu digo quando ela atende. — Royal sabe que você está me ligando ou estou prestes a ser atacado?

— Royal sabe que somos amigos e está em um avião para Nova York agora, — diz ela. — Eu preciso falar com você, no entanto.

— Ok.

— Posso ir ou algo assim?

— Estou na lanchonete da Scar, — eu digo. — Mas eu já estou saindo.

— O restaurante do centro?

— Sim. Mas agora tenho um compromisso.

— Ok, — diz ela. — Acho que podemos fazer isso por telefone.

— Claro, — eu digo, engatando a marcha e ligando o motor enquanto saio do estacionamento. — A menos que você queira fazer uma tatuagem comigo.

— Você vai para a casa de Mav?

— A única loja de tatuagem em Faulkner.

— Eu estarei lá em dez minutos, — diz ela.

A linha fica muda, e eu lanço meu telefone e paro no pequeno estúdio de tatuagem decadente. Claro que Harper conhece bem os caras que dirigem este lugar. Maverick e seu irmão são lendários pela quantidade de boceta que eles têm, e Harper está coberta de tatuagens.

Espero no carro até que o Escalade dela pare. Fico feliz que ela tenha um carro, mas odeio que Royal a tenha colocado nele. O ácido amargo do ciúme me corrói toda vez que o vejo, toda vez que a vejo. Mas não consigo cortar os laços que cresceram entre nós quando ela estava comigo. Ela é uma erva daninha que foi derrubada por uma foice Dolce e, embora devesse morrer enquanto estava deitada no chão, de alguma forma ela recriou as raízes mais nuas de seu caule. Enquanto eu a regava, aquelas raízes cresceram diretamente no solo estéril da minha vida até encontrarem minhas próprias raízes.

Ela me abraça com força, agarrando-se a mim como sempre faz, como se eu fosse algo que não valesse a pena perder, algo que valesse a pena segurar. Estamos emaranhados de alguma forma, segurando algo muito abaixo da superfície, embora ambos saibamos que devemos cortar nossos laços e ir embora. Ela é de Royal e, portanto, perigosa para mim.

Sou perigoso para ela pelo mesmo motivo.

Se fôssemos inteligentes, esqueceríamos aqueles seis meses e fingiríamos que não significaram nada, fingiríamos que não salvamos um ao outro noite após noite até que houvesse calor suficiente para derreter o inverno que viveu dentro de nós dois durante todo o verão.

— Quer entrar? — Eu pergunto, esfregando seus braços. — Está frio aqui fora e você não está usando jaqueta.

Ela acena com a cabeça contra o meu peito, não me soltando por mais alguns segundos. Quero ceder ao mesmo impulso, mas não me permito. Alguma parte feia dentro de mim se apegava a ela, porém, aquelas raízes se recusando a ser arrancadas dela. Sobrevivemos a algo juntos. As sementes da vida naquele solo estéril abriram suas cascas e nos deixaram sentir novamente, e isso significa alguma coisa, mesmo que não seja o mesmo tipo de coisa que eu tinha antes.

Mas Dolly foi embora.

Harper está aqui.

Por fim, ela dá um passo para trás e seguro a porta da loja para ela. Entramos, onde Mad Dog, Maverick e alguns membros do Crossbones estão sentados nos sofás. Todos param de falar e apenas olham para nós quando entramos. É por isso que não saio em público. Pelo menos quando estou em casa, sou apenas eu. Eu não tenho que lembrar a cada segundo de cada maldito dia que sou uma aberração, uma fera grotesca que faz até mesmo os gângsteres mais durões perderem a capacidade de falar.

— Eu tenho um compromisso, — eu digo rigidamente.

— E você? — Maverick pergunta, apontando o queixo para Harper. — Precisa de mais tinta, mamãezinha?

— Só estou aqui para segurar a mão dele, — diz ela, mas está olhando para os desenhos nas paredes com desejo em seus olhos.

— Sim, ela também, — eu digo. — O que ela quiser.

— Você não precisa...

— Eu sei, — eu digo. — Apenas pegue alguma coisa.

Ela acena com a cabeça e se vira para Mad Dog. — Você pode fazer a minha?

Alguns caras riem e dão socos nos ombros de Maverick. — O que você está falando? — ele pergunta. — Eu te dei algumas das minhas melhores coisas.

— Sim, acontece que o seu melhor material não era tão bom, — ela diz.

Espero que os caras riem de novo, mas eles ficam em silêncio, apenas observando o que seu mais novo membro fará.

— Não é como eu me lembro, *hyna*, — ele diz, então acena para seu irmão. — Esta é a razão pela qual sou ambidestro. Ela gosta quando você coloca um dedo nela enquanto está trabalhando. O zumbido da máquina e a dor a tiram do sério.

— E é por isso que eu queria que seu irmão fizesse a minha, — diz ela, batendo os cílios em Maverick. — Estou com alguém agora e não estou querendo trapacear. Não sei se resistiria se suas mãos estivessem em mim.

Agora os caras estão rindo. Fico maravilhado com a maneira fácil de Harper com esses bandidos. Ela nem fica nervosa quando está sozinha em uma sala com cinco bandidos. Estou nervoso pra caralho perto deles, e não sou uma mulher.

— Vamos, — Mad Dog diz, abrindo uma das cortinas. — Temos as duas máquinas prontas.

Sento-me no outro lugar e Maverick conversa com os caras por mais um minuto antes de voltar. Os amigos gângsteres vão embora e ficamos só nós quatro.

— Você pode fechar a cortina entre nós? — Eu pergunto.

Maverick os fecha em torno de nossas cadeiras.

Harper ri. — Eu vi você nu, Preston. Qual é o problema?

— O que você está recebendo? — Eu pergunto.

— Eu não sei, — diz ela. — Talvez... Um girassol.

— Isso seria legal.

— Posso fazer isso hoje, — diz Mad Dog. — Volte em algumas semanas e começaremos a preencher a cor.

Eu me deito, e Maverick pega a pistola de tatuagem e balança a cabeça. — Você é um filho da puta corajoso.

— O que você está recebendo? — Harper pergunta.

— Apenas um nome, — eu respondo.

Não importa se Dolly se foi. . Ela está na minha pele, na minha alma e nunca deixara de estar. Eu poderia muito bem parar de lutar

Por alguns meses, pensei que Harper poderia ser tudo o que ela não era. Harper está aqui. Ela não é como Dolly.

Dolly nunca ficaria feliz com uma fera horrível. Ela merece um príncipe, alguém tão perfeito quanto ela. Se ela me quisesse, ainda estaria aqui. Eu pensei, por um minuto, que eu poderia pegá-la. Mas ela queria fama, e isso vem com sua escolha de homens, todos aqueles astros do rock tatuados com rostos perfeitos que ela provavelmente está fodendo na estrada. Eu nunca poderia competir com isso, nunca poderia conseguir uma Dolly Beckett.

Eu poderia pegar Harper, porém, então eu fiz. Eu a peguei, primeiro só para irritar Royal, mas depois porque eu a queria. Ela não se importava que eu fosse feio. Ela me fez sentir útil, até mesmo humano novamente. Eu não era apenas a fera dentro de seu castelo, devorada de dentro para fora pela raiva impotente de seu destino. Eu tinha um propósito com Harper. Eu poderia consertá-la, mostrar a ela que eu poderia ajudar, que o que restasse de mim poderia valer o que restasse dela.

Mas ela foi embora também. Ela encontrou o resto de si mesma, as peças que Royal havia guardado, e ela se recompôs. Ela está inteira novamente. Ainda sou apenas meio homem, uma casca de quem eu era.

Eu deveria deixá-la ir, do jeito que eu deveria deixar Dolly ir. Mas não consigo liberar nenhuma delas.

— Sobre o que você quer conversar? — Pergunto à cortina.

— Você disse que tem certeza de que seu primo ainda está vivo, — diz ela.
— Por quê?

Eu fecho meus olhos, enterrando-me na dor da agulha perfurando minha pele repetidamente. — Ele se despediu de nós, — digo. — Ele pegou dinheiro

de seu fundo fiduciário. Um cara vendeu um carro para eles em troca de dinheiro do lado de fora de uma loja de bebidas.

— O pai de Zephyr, — ela diz, parecendo animada.

— Quando o Sr. Dolce ofereceu uma recompensa, o cara disse a ele, mas eles nunca encontraram, então ele não quis pagar. Havia alguns outros como ele, e eles iriam tentar processar. Meu tio pagou a todos que estavam reclamando disso para que desistissem do processo.

— Por quê? — ela pergunta incrédula. — Você também não queria encontrá-lo?

— Não, — eu digo. — Queríamos que ele fosse feliz, e quanto antes o Sr. Dolce parasse de procurar, mais seguros eles estariam. Então, pagamos a todos que continuariam pressionando, e eles pegaram o dinheiro e calaram a boca.

— Você não tem ideia de onde eles estão?

— Eu sei onde eles estão, — eu admito.

— Como?

— Minha... amiga, — eu digo. — Ela foi para a Califórnia cerca de seis meses depois disso, quando se formou. Ela estava tentando conseguir um contrato com uma gravadora, e não estava indo muito bem. E então, de repente, ela recebeu uma ligação de Nyso. Um dia, quando ela estava gravando, ela jura que viu Devlin no elevador. Ela tem certeza de que foi por isso que a gravadora ligou. Ele colocou uma palavra ou colocou a demonstração dela na frente de alguém lá.

— Você acha que poderia encontrá-lo? — ela pergunta.

— Provavelmente, — eu digo. — Mas eu não vou.

— Por quê? — ela pergunta, soando mais perplexa.

Balanço a cabeça, embora ela não possa me ver. — Você está falando sério? Olhe para mim. Olhe para a minha família. Acha que deixarão Devlin viver um só minuto assim que o encontrarem? Ele é meu primo e quero que ele seja feliz, mesmo que isso signifique nunca mais vê-lo.

— Tudo bem, — diz ela. — Mas Crystal não é sua prima, e se queremos que esta cidade sobreviva, precisamos encontrá-la.

— Eles vão seguir você e encontrar Devlin.

— Eles estão em Nova York agora, — ela aponta.

— Você acha que eles não têm rastreadores no seu telefone? Eles saberão onde você está.

— Você é paranoico.

— Você é ingênua, — eu digo. — Garanto que Royal sabe exatamente onde você está neste exato momento.

— Eles merecem saber que ela está viva, — diz ela.

— Eles merecem um pelotão de fuzilamento.

Harper suspira. — Se você quer que eles deixem sua família em paz, precisamos encontrar Crystal. É ótimo que Devlin esteja feliz, mas o resto da sua família não deveria ter essa chance? Me disse para encontrar o meu sol. Eu quero isso para você também, Preston. Para que todos em sua família sejam livres, não apenas Devlin. Magnólia tem quatorze anos. Ela não deveria ter que se esconder com medo por sua vida.

— Então por que você não tenta cancelar seu namorado?

— Você realmente vai deixar seu ódio por Royal arruinar esta cidade quando você pode detê-lo? — ela pergunta. — Achei que você soubesse quando era hora de deixar seu orgulho de lado.

— Eu não acho que você percebe a extensão do que ele fez, — eu digo, amargura aguçando minhas palavras. — Você pode perdoá-lo, mas eu o odeio nas profundezas do meu ser, e isso nunca vai mudar.

— Nenhum de nós pode mudar o passado, — diz ela. — Mas talvez possamos tornar o futuro melhor para todos nós. Não apenas Royal, mas sua família também.

— Por que devo ajudá-la? — Eu pergunto. — Ele ficaria feliz em me ver morrer. Na verdade, seria ele quem seguraria a faca que fez isso acontecer.

— Mas você sabe quem você ama mais do que odeia Royal? — ela pergunta.

Eu cerro os dentes e olho para o lado do rosto de Maverick. Ele está profundamente concentrado, aparentemente inconsciente de nossa conversa. —

Minha família, — murmuro finalmente.

— Esta é a única maneira de salvar sua família, Preston.

— Pode haver outra maneira, — eu digo. — Você nem sabe que isso vai salvá-los. Pode ser que Devlin esteja morto também.

— E se não tentarmos, nunca saberemos, — ressalta. — Talvez você esteja ajudando seu primo, ou talvez esteja segurando isso porque quer que os Dolces se machuquem por tudo que fizeram com você. Eu entendo, mas segurar vinganças mesquinhas nunca os ajudou, e não vai ajudar você. No final, você é igual a ele, só está destruindo a si mesmo.

Eu cerro os dentes e olho para o teto, a dor da agulha me perfurando. Eu nunca esperei que a garota que estava lá tão passiva quanto uma boneca enquanto eu a fodia por seis meses fosse a pessoa que finalmente convenceria minha bunda teimosa a fazer algo sobre Devlin. Eu não faria isso se ela não estivesse certa, mas infelizmente ela está.

— Tudo bem, — eu resmungo finalmente.

— **Bom**, — diz ela. — Então vamos trazer Crystal para casa.

— Isso vai matar nós dois, — diz Preston, levantando minha mala na caçamba de sua caminhonete. Faria mais sentido levar meu carro, mas seus termos incluíam deixar meu telefone e carro em minha casa, já que ele não acredita que Royal não vá me rastrear. Ele até insistiu em me dar uma de suas malas, caso Royal de alguma forma grampeasse as que comprou para mim.

— Talvez, — eu admito. — Mas vai salvar muitas outras vidas.

Preston hesita, e acho que ele vai dizer alguma coisa, mas ele sobe na caminhonete sem dizer uma palavra. Eu subo no banco do passageiro e fecho o cinto, em seguida, dou-lhe um sorriso. — Vamos fazer isso.

— Você não está com medo?

Eu dou de ombros. — Royal pode não confiar em mim, mas eu o amo e quero fazer isso por ele. E para você. Literalmente, não há uma pessoa com quem eu me importe que não seja afetada positivamente por isso.

— Você acha que ele vai confiar em você quando descobrir que você está comigo? — ele pergunta, afastando-se do meio-fio e começando a descer a Mill, ladeada de casinhas decrépitas até chegarmos à esquina, onde fica uma velha casa abandonada de dois andares, parecendo deslocada. Suas treliças sofisticadas estão cobertas de teias de aranha e a tinta branca está suja de pólen e mofo. As crianças da vizinhança dizem que é mal-assombrada e, quando viramos a esquina, juro que vejo uma sombra se movendo lá dentro.

Eu estremeço e volto para Preston. — Royal definitivamente vai ficar chateado no começo, — eu admito. — Mas é o que ele precisa. Ele me perdoou, mas não é o suficiente. Assim como eu poderia escolher perdoá-lo, mas não poderia ter voltado com ele sem todas as outras coisas. Ele não pediu perdão. Ele provou que me ama e sabe do que eu preciso. Agora é minha vez.

— E o que acontece na próxima vez que você o irritar? — Preston pergunta. — Você acha que ele não vai fazer exatamente a mesma coisa?

— Não, — eu digo, balançando a cabeça. — Ele não faria isso.

Eu sei disso agora. Eu entendo Royal, entendo o monstro que vive dentro dele. Não é seu inimigo. É o protetor dele. Antes era meu inimigo, mas agora... As coisas mudaram. Estamos em pé de igualdade agora. Eu não sou o brinquedo dele. Eu sou a alma dele. Sua escuridão me engoliu, e eu sou uma parte dele.

Nossos pedaços quebrados foram jogados juntos até que não haja como diferenciá-los, até que ambos façamos parte do mesmo todo. E essa pilha de pedaços quebrados é o que o monstro protege. Ele vai me proteger como protege Royal. Não vai se voltar contra mim, porque isso machucaria Royal, e o monstro é uma parte dele, a única parte que não vai machucá-lo.

— E se eu não estiver lá para te encontrar? — Preston pergunta baixinho.

— Então eu vou me encontrar.

Passamos pelo velho Cutlass de Blue voltando para a casa dela, e uma leveza se expande dentro de mim. Eu gostaria de poder levá-la comigo, mas é claro que ela nunca deixaria Olive. Mas estou livre para deixar esta cidade agora. Tenho amigos, o privilégio de ir e vir e um carro. Vou fazer uma viagem até a Califórnia. Sonho com isso desde que peguei um trem com Blue no verão em que me mudei para a casa ao lado. Parece tão glamoroso e ousado.

Abro a janela mesmo que esteja frio lá fora, deixando o vento chicotear meu cabelo. A música da prima de Dixie começa, e eu aumento o volume, pensando que é uma boa despedida.

Preston vira na rampa para a rodovia, abrindo minha janela do controle em sua porta e apertando o botão para desligar o rádio. — Desligue essa merda, — ele estala.

— O que, não podemos nos divertir? — Eu pergunto. — Esta será a segunda vez que saio do Arkansas.

— É um tiro direto na I-40 todo o caminho, — diz ele. — Vinte e quatro horas de carro. Se seguirmos direto, devemos chegar lá no início da tarde de amanhã.

— Não é bem como eu imaginei uma viagem pelo país, mas tudo bem, — eu digo, revirando os olhos. — Eu posso ajudar a dirigir. E se você quiser parar em algum lugar, podemos dormir no carro, se você não quiser parar em um hotel.

— Por que não pararíamos em um hotel?

— Eu não sei, — eu digo. — Eles não são caros?

Ele ri e balança a cabeça. — Eu posso pagar um hotel, Harper.

— Ok, — eu digo com um encolher de ombros. — Apenas pensei em oferecer. Quero dizer, não tenho dinheiro para um quarto, mas posso dormir

totalmente no carro se você quiser um quarto para você.

— Você realmente acha que eu deixaria você dormir na minha caminhonete, em um estacionamento, sozinha, enquanto estou em um quarto de hotel?

— Provavelmente não, — eu admito. — Mas eu não culparia você. Basicamente, intimidei você a desistir do feriado de Ação de Graças para me levar para a Califórnia em seu carro, usando o dinheiro da gasolina, para colocar seu primo em perigo, pelo meu namorado.

— Sim, você pode dormir na caminhonete, — diz ele, tirando a máscara e colocando-a no console.

Eu rio e ligo o rádio novamente. — Você não pode fazer uma viagem sem música. É ilegal.

— Está tudo bem, — diz ele. — Só não essa música.

— Não é fã de Dolly?

Ele franze a testa. — Não.

— Ah, sim, Dixie disse que ela foi para Willow Heights, — eu digo, juntando as peças enquanto vou mais fundo. — Ela é apenas alguns anos mais velha que nós. Vocês devem ter estado na escola ao mesmo tempo. Você a conhecia?

Ele olha de soslaio, seus lábios se apertando. — Sim, eu a conhecia.

— Acho que você não gostava dela?

— Ela namorou meu primo.

— Devlin? — Eu pergunto, já que acho que Colt teria dito algo se tivesse namorado alguém que é discreta e famosa, e Sullivan seria muito jovem.

Preston apenas acena com a cabeça, olhando para a frente.

— Ainda bem que alguém da Faulkner está no rádio, — eu digo, mexendo nos controles.

Ele me entrega seu telefone. — Basta encontrar uma lista de reprodução aqui. Meu PIN é 3655.

— Posso fazer uma lista de reprodução de viagem? — Eu pergunto,

aceitando seu telefone e digitando o código.

— Só não coloque essa música nela.

— Uau, você *realmente* não gosta dessa garota, — eu digo.

Ele não diz nada.

— Quer falar sobre isso? — Eu pergunto.

— Não, — diz ele, olhando para mim e depois de volta para a estrada.

— Quero dizer, ela disse a você onde seu primo está. Isso tem que contar para alguma coisa, mesmo que ela... Partisse o coração dele? Traiu ele?

Ele não responde.

— Ah, com quem? — Eu pergunto. — Colt? Você? Ela o escolheu em vez de você?

— Você é irritante quando está feliz.

— Era um Dolce? — Eu pergunto. — Ela o traiu com Royal? É por isso que você o odeia mais?

— Ela não traiu Devlin, — diz ele. — E eu odeio Royal mais porque ele é o único que causou o maior dano, e tudo porque ele está chateado porque um plano *que ele* elaborou com o pai deles para nos arruinar deu errado.

— Sua família o torturou, espancou e estuprou, — eu digo incrédula. — Você está realmente culpando ele por isso?

— Não, — ele resmunga, olhando carrancudo para a estrada. — Mas eu não fiz nada disso, e ele ainda me culpa por isso. Você não parece se importar com isso.

— Eu disse a ele que não era você, — eu digo, estendendo a mão para tocar seu braço. — Eu sei que você não é a pessoa que ele pensa que você é. Se eu concordasse com ele, não estaria aqui agora.

Ele solta um pequeno suspiro e não responde.

— Então, — eu digo, voltando para o telefone dele. — O que devo colocar na lista de reprodução?

Nós dirigimos o resto do dia, ouvindo música e conversando. Por volta da meia-noite, sou eu quem cede e pergunta se podemos parar para passar a noite. Não estou acostumada a ficar parada por tanto tempo, e estou ficando louca por ficar no carro o dia todo. Quando as pessoas falam sobre viagens rodoviárias, elas sempre parecem divertidas, mas não levei em consideração a quantidade de tempo gasto para chegar lá.

Preston encontra uma academia de boxe aberta a noite toda, e nós vamos para lá para gastar nossa energia e aborrecimento um com o outro depois de passar doze horas direto em um carro juntos.

— Você não é tão ruim, — eu digo depois de estarmos nisso por uma hora e o proprietário vem perguntar se queremos pagar mais ou sair.

— Você parece surpresa, — diz Preston, desfazendo as luvas. Eu posso dizer que ele estava controlando seus socos, e mesmo que ele tenha uma séria desvantagem, já que ele não tem nenhuma visão periférica em seu lado cego, ele se manteve contra mim.

— Eu estou, — eu digo. — Você já lutou em Slaughterpen?

Ele bufa e separa as cordas para eu descer. Ele desce atrás de mim, e me pego admirando-o do jeito que às vezes faço. Ele é tão sofisticado, tão magro em comparação com o corpo violento de Royal, que às vezes esqueço que ele também é um atleta.

— O que? — ele pergunta, endireitando-se.

— Nada, — eu digo, desviando meu olhar.

— Os Dolce são os donos daquele lugar, — diz ele, e levo um segundo para colocar minha cabeça no lugar. Eu não sei o que diabos há de errado comigo. Eu não gosto de Preston dessa forma, mas seu corpo é tão familiar e convidativo, e quando está todo brilhoso de suor, sua camisa grudada nele, ele parece bom o suficiente para lamber.

De volta ao hotel, ele toma banho primeiro e eu entro na minha conta *OnlyWords* para enviar uma mensagem de texto para Royal depois de me certificar de que a localização está desativada. Não quero enganar Royal, e sei que ele vai ver isso como uma traição, embora eu nunca o traísse. Eu gostaria de poder contar a ele, mas depois de agonizar sobre essa ideia nas últimas semanas, cheguei à conclusão de que não posso. Não há como eu dar a ele o tipo de esperança que tenho. Porque se tudo der em nada, isso o quebraria de uma forma que nada mais quebrou.

Eu sei o quão cruel e atormentadora a esperança pode ser. Não posso fazê-lo passar por isso, especialmente quando meu objetivo é fazer o contrário: curá-lo, dar-lhe a única coisa de que ele mais precisa, do jeito que ele me deu Syracuse. Mas se Preston estiver errado, se eles não estiverem vivos ou não pudermos encontrá-los, e eu fizer Royal ter esperança novamente, isso vai matá-lo. Então, eu tenho que descobrir por mim mesma antes de arriscar perdê-lo para a escuridão completamente.

Quando saio do banheiro depois do meu próprio banho, alguns minutos depois, uma estranha onda de *déjà vu* toma conta de mim. Quantas noites nós tomamos banho separadamente, e eu saía do banheiro enrolada em uma toalha, e Preston me dizia para ficar de quatro na cama, me chamava de sua boa menina enquanto ele deslizava seu pau em mim por trás?

Talvez ele esteja pensando a mesma coisa, porque se levanta da cama e sorri quando me vê. — Olhe para nós, — diz ele. — Só nós dois, como sempre foi.

— Sim, — eu digo, olhando para frente e para trás entre as duas camas queen size. Pelo menos ele não conseguiu descaradamente um quarto com uma cama e fingiu que era tudo o que o hotel tinha disponível. Talvez minha palestra sobre consentimento naquela noite na ponte tenha acertado em cheio.

— O que você diz? — ele pergunta, puxando os cobertores. — Mais um pelo bem dos velhos tempos?

Reviro os olhos, forçando uma risada. — Primeiro de tudo, você é sem vergonha. Em segundo lugar, o que aconteceu com o medo de que Royal me matasse?

— Achei que você tivesse dito que Royal não podia mais lhe dizer o que fazer.

— Não significa que ele não vai tentar.

— Ele não precisa saber.

— Preston... — Eu afundo na beirada de sua cama. — Eu amo Royal. Talvez eu também te ame, mas de uma forma completamente diferente. E também não acho que você me ame desse jeito.

— Quem falou em amor? — ele pergunta, dando um pequeno puxão na ponta da minha toalha.

— Eu falei, — eu digo, pegando sua mão. — Eu não sou o que você quer, de qualquer maneira.

Ele vira a mão, de modo que a palma fique voltada para cima, e entrelaça seus dedos nos meus. — Você pode ser o que eu quiser.

— Quer que eu lhe diga o que um homem muito sábio me disse uma vez?

Ele me dá um olhar suspeito. — Provavelmente não.

Eu aperto sua mão, meu coração doendo por ele do jeito que sempre faz quando penso em como deveríamos ser bons juntos. — Ele me disse para encontrar meu sol, — eu digo. — Talvez seja hora de você encontrar o seu.

Preston desvia o olhar, mas não antes de eu ver a careta em seu rosto. — Eu não acho que meu sol gostaria de ser encontrado. Não por mim.

— Aposto que você está errado.

— Eu não poderia pedir isso a ela, — diz ele calmamente.

— Para que? — Eu pergunto. — Para te amar?

— Para viver com isso, — diz ele, apontando para o rosto.

— Ela não vai se importar, — eu digo. — Não se ela te ama.

Ele olha para mim, retraindo a mão. — Nós dois sabemos que é mentira.

— Eu não vou fingir que a aparência não importa, — eu digo. — É parte da atração, com certeza. Eu sou como qualquer outra garota. Um cara gostoso me deixa excitada. Eu amo a aparência de Royal. Mas não é a razão pela qual eu o amo.

— Mas você ama a aparência dele.

— Verdade, — eu admito. — Mas eu não o amaria menos se ele não se parecesse com isso.

— Mas ele ainda pediria para você amá-lo? — Preston pergunta. — Se ele parecesse um monstro, ele iria querer que você ficasse presa a isso pelo resto de sua vida?

— Sim, — eu digo sem hesitação.

— Então ele é um bastardo egoísta.

— Verdade, — eu digo. — Mas eu o amo do mesmo jeito. E pelo que vale, acho você lindo. Se ela for o seu sol, ela também não se importará com a sua

aparência. Ela vai te amar do mesmo jeito.

— Se eu a amo, não poderia pedir isso a ela, — diz ele.

— Então talvez ela não seja o seu sol, — eu digo. — Mas há alguém lá fora que será. Você deveria encontrá-la. Encontre o seu sol. Aquela pessoa que brilha só para você.

— Eu não sei, — diz ele. — Eu fiz algo muito ruim para ela.

Eu não posso deixar de rir.

Ele me dá uma olhada. — Você acha isso engraçado?

— Se eu posso perdoar Royal pelo que ele fez, tenho certeza que ela pode perdoar você por tudo o que você fez com ela.

— Ela merece um felizes para sempre com o príncipe encantado perfeito, — diz ele. — Tudo o que posso dar a ela é a Fera.

— Nem toda garota quer o Príncipe Encantado perfeito, — eu digo, me levantando e pegando a camiseta de Royal da minha mala. — Algumas garotas preferem a Fera.

Eu me endireito após me curvar sobre o berço e me movo lentamente para trás, esperando que o lamento de dez mil banshees¹⁰ irrompa da minha princesinha. Eu tenho que levá-la para dormir, depois deitá-la enquanto paio sobre ela, mantendo-a pressionada contra meu peito, onde ela pode sentir meu batimento cardíaco. Então, gradualmente, eu solto, movendo-me lentamente para cima dela até que apenas minhas mãos a segurem. Tirar as mãos e cobri-la é a parte difícil, mas às vezes ela espera até que esteja toda dobrada e confortável e acho que estou livre antes de acordar a vizinhança.

Assim que volto para o corredor, alguém bate na porta da frente. Eu estremeço, meu primeiro pensamento é que isso vai acordar o bebê.

O próximo pensamento é muito mais aterrorizante.

Cada músculo do meu corpo fica tenso, e eu congelo, tentando ouvir um som além da batida do meu coração em meus ouvidos. Não gostamos que batam à nossa porta.

Crystal sai do nosso quarto com os olhos arregalados. — Você ouviu isso?

Eu aceno com a cabeça, minha mandíbula apertada.

— Devemos responder? — ela pergunta.

Temos um plano para isso, embora quase ninguém bata nas portas. Às vezes, porém, são os inspetores de cupins, o proprietário ou outra pessoa importante. Crystal nunca abre a porta quando não estou em casa. Se eu estiver em casa e for de dia, podemos abrir a porta. Temos uma frase em código caso seja alguém suspeito.

Mas já escureceu e ninguém deveria estar batendo agora. Especialmente alguém persistente o suficiente para bater de novo, desta vez com mais força do que da primeira vez. Meu coração acelera.

Balanço a cabeça para Crystal, caminhando pelo corredor em direção ao cofre. Nós o mantemos perto da porta da frente, e há uma razão para isso. Eu me agacho e coloco rapidamente a combinação.

— Me dê a pistola, — ela sussurra.

Eu rapidamente carrego e entrego a ela. Ela o segura apontado para o chão

e tira a trava de segurança. Ela nunca tinha nem mesmo segurado uma arma antes de nos mudarmos para cá, mas havia muitas coisas que sua família nunca a deixava fazer, como dirigir um carro e se apaixonar. Agora, ela é tão boa atiradora quanto eu, e eu cresci em Arkansas. Aprendi a atirar antes de aprender a jogar uma bola de futebol.

A batida vem de novo, desta vez na porta dos fundos. Um gemido baixinho vem do berço no corredor, e eu quero atirar no desgraçado só por acordar o bebê. Ela está apenas começando. Em breve, os vizinhos cuidarão desse idiota para mim.

— Cuidado com o bebe , — digo a Crystal enquanto carrego rapidamente minha própria arma. Fecho o cofre e me viro para a porta dos fundos.

— Eu sei que você está aí, — chama uma voz profunda da porta dos fundos. — Abra a porta, Devlin.

Todo o meu corpo congela. Os olhos de Crystal se arregalam e ela balança a cabeça. — Eu vou com você, — diz ela. — Eu te dou cobertura.

Eu representei essa cena na minha cabeça mil vezes nos últimos três anos. Alguma parte de mim sempre soube que estava chegando. Temos todos os cenários planejados, desde o que acontece se um de nós morrer, para nós dois, até se matarmos quem vier. Mas nunca pareceu inteiramente real até este momento.

Eu agarro Crystal, puxando-a e beijando-a com força na boca, sabendo que pode ser a última vez.

— Não, — eu digo, deixando-a ir finalmente, quando alguém bate na porta da frente novamente. — Eles não vão te machucar se você deixá-los me levar. Vá para o berçário e não use a arma, a menos que tentem ferir uma de vocês.

— Devlin Darling e Crystal Dolce, tragam suas bundas para cá, — a voz lá fora ressoa novamente. Eles acabaram de estragar nosso disfarce, com certeza. Mesmo que os vizinhos pensem que estão na casa errada, não podemos arriscar. Se sairmos vivos, teremos que nos mudar para um novo estado, mudar nossos nomes novamente, começar tudo de novo.

Os lamentos agudos aumentaram de volume, mas estão apenas na metade do máximo. Quem está na porta deve ouvi-los, no entanto. Eles sabem que não deixaríamos um bebê sozinho. E não é uma pessoa aleatória aqui para vender alguma coisa. Eles sabem quem somos.

Eles nos encontraram.

Mas tivemos três bons anos. Na verdade, são três anos a mais do que eu esperava, do que eu tinha o direito de pedir. Mas é cem anos a menos do que eu queria.

Beijo Crystal mais uma vez. Eu posso senti-la tremendo enquanto ela se agarra a mim, e eu quero atirar pela porta e matar todos eles só por assustar minha garota desse jeito.

Em vez disso, gentilmente puxo seus braços ao redor do meu pescoço e pressiono meus lábios em sua testa. — Cuide bem de você mesma.

Eu me movo para a porta, contornando a parede e, em seguida, empurrando para o lado a borda da cortina sobre a pequena janela no topo. Há uma garota parada na varanda, uma que eu nunca vi antes. Quem estava gritando deve ter dado a volta por trás novamente. Eu não sei quantos eles trouxeram, no entanto.

— Quem é ela? — Crystal sussurra.

Claro que ela não fez o que eu mandei. Ela está atrás de mim, com a arma em punho, pronta para cair em uma explosão de glória comigo. Até agora eu deveria saber melhor do que pensar que ela faria qualquer coisa menos.

— Eu não sei, — eu digo a ela.

Um apito agudo soa do lado de fora e eu destravo as fechaduras, exceto a corrente, abrindo a porta com facilidade.

— Estamos armados, — eu digo, enfiando o cano da arma pela fresta para que ela veja que não estou falando besteira. — O que você quer? Diga o valor que ele está pagando e dobraremos.

Pensamos que eles pararam de procurar, mas talvez não. Talvez eles tenham caçadores de recompensas e investigadores particulares rastreando o país todo esse tempo. Mas essas pessoas trabalham para viver, e se eu puder pagar para calá-las, farei isso antes de matá-las.

— O que? — a garota exige. — Não estou aqui por dinheiro.

Ouçó outro conjunto de passos na varanda, suaves, rápidos e familiares.

— Devlin, que porra é essa, — vem uma voz do passado, uma que eu reconheço muito bem agora que ele não está gritando.

Eu nem penso em como a próxima coisa que eu faço é estúpida. Apenas

destranco a corrente e abro a porta. Preston passa pela garota e me puxa para seus braços, apertando-me com tanta força que não consigo respirar.

— Acho que é a casa certa, afinal, — diz a garota atrás dele. — Você deve ser Crystal.

— Quem é você? — Crystal pergunta. — Por que você está aqui?

— Eu sou a namorada de Royal, — a estranha diz. — Ele precisa que você volte para casa agora.

— Eu vou cuidar do papai.

Todos os meus três irmãos se voltam para mim. Pego minha cerveja na borda de madeira que corre ao longo de uma parede da sala de jogos e tomo um gole.

— Cuidar dele? — King pergunta, seu sotaque mais forte agora que ele voltou para Nova York por alguns anos, saindo com os velhos do lado de Valenti. Ele soa como um gângster normal. Ele descansa a ponta de seu taco de sinuca no chão e estreita os olhos para mim, esperando por uma resposta.

— Sim, — eu digo, deslizando para fora do banco para tomar minha dose. Coloco uma bola delicadamente na caçapa lateral.

— Cuidar dele como? — Duke pergunta, balançando em seus pés.

— Como você pensa? — Eu pergunto, perdendo o foco em meu aborrecimento. Eu erro meu terceiro tiro e dou um pequeno empurrão no ombro dele. — Alinhe seu tiro.

Duke tropeça na mesa e balança enquanto avalia suas opções. — estamos parados?

Ele está a caminho de seguir os passos de Ma. Ela mal conseguiu passar pelo desfile. Agora ela está alegremente desligada, entorpecida por bebida e pílulas suficientes para garantir que ela nem sonhe. Eu me pergunto o que ela sonharia se pudesse. Provavelmente uma vida em que ela nem precise nos ver nos feriados. Papai queria herdeiros, e ela cumpriu seu dever e deu a ele cinco. Agora somos problema dele — e ele é nosso.

— Você vai matar o papai? — Baron pergunta, não se movendo de sua banquetta. — Não acho que essa seja a melhor resposta.

— Eu não estava pedindo sua permissão, — eu retruco.

King me observa pensativo, passando giz no final de seu taco. — O que ele fez?

— Você sabe o que ele fez, — eu resmungo, olhando para ele. Além do próprio papai, King é o único que sabe toda a verdade - ou ele era antes de eu contar a Harper.

Ele acena com a cabeça e segue o tiro errado de Duke com um dos seus. Depois de afundá-lo, ele circula a mesa para alinhar o próximo.

— Por que ele tocou em Harper? — Baron pergunta, pegando seu doce. — Isso não é realmente justo. Todo mundo fodeu com Harper, e papai sempre faz parte de nossas vinganças de Darling.

— Ela não é uma Darling, — eu rosno para ele.

— É por isso? — King pergunta, dando um passo para trás depois de me preparar para uma grande tacada, se Baron não fode muito com a mesa pela primeira vez. Não há chance disso. Baron limpará o resto da mesa de uma só vez, como sempre faz. É por isso que ele vai por último.

— Está na lista de razões, — eu admito.

— Não foi ele quem contou a ela sobre o Hockington, — diz Duke.

— O que? — King pergunta, sua voz baixa e afiada.

— Cale a boca, — digo ao meu irmão mais novo, virando meu olhar para ele.

Ele está bêbado demais para perceber. — As clientes do papai precisavam de um empurrãozinho, — diz Duke. — Ele enviou Royal para jantar e beber vinho no melhor hotel de Faulkner.

King se vira para mim, seu pomo de Adão subindo e descendo enquanto ele engole. Quero bater na bunda de Duke por isso, mas ele acha que contamos tudo um para o outro. Afinal, todos nós sabíamos que esse era o trabalho de King quando ele estava por perto. Por que eles não saberiam que eu assumi? Mesmo que eles não soubessem sobre mim até que Harper dissesse ao Sr. D, Duke não pensaria nisso agora. Ele está muito bêbado.

— Você tem ido ao Hockington? — King me pergunta baixinho.

— E daí? — Eu pergunto, não deixando cair o olhar. — Você fez isso.

— Papai prometeu que não faria nenhum de vocês fazer isso depois que eu fosse embora.

Nós nos encaramos por um minuto. Então dou de ombros e me levanto quando Baron termina de limpar a mesa. — Alguém tinha que fazer isso, — eu digo. — Papai não ia. Ele é casado. É adultério.

— A menos que ela seja menor de idade, — Duke diz, rindo. — Então não conta.

King olha para ele e depois de volta para mim. — Ele não deveria ter pedido a você.

— Sim, bem, ele fez, — eu digo, começando a juntar as bolas para outro jogo. — E eu não ia deixar os gêmeos fazerem isso. Eles já estão fodidos o suficiente.

— Ei, — Duke calunia, pegando algumas bolas da caçapa do canto e rolando para mim. — Eu teria fodido elas se você não quisesse. Você pode aprender muito com uma puma.

— Elas têm os movimentos, — Baron concorda quando Duke joga o braço em volta de seu irmão gêmeo.

Apenas King está me observando com aquela intensidade silenciosa. Ele sabe como é. Ele sabe por que isso importa.

— Eu matei nosso primo, — diz ele depois de um minuto. — Foi assim que consegui meus ossos.

— E daí?

Estou sendo um idiota beligerante. Eu sei que ele está me contando algo que o faz perder o sono, mas estou muito chateado com meus irmãos por terem contado a ele. Agora ele está olhando para mim como se eu fosse alguém digno de pena, como se eu fosse um cachorrinho maltratado ou algo assim.

— Eu vou fazer isso, — diz ele. — Você não deveria ter isso com você, Royal. Você já fez o suficiente.

Eu me endireito, olhando para ele do outro lado da mesa de bilhar. — Você vai matar o papai?

— Sim, — diz ele, levantando o queixo e olhando para mim com os olhos semicerrados. — Eu sou o mais velho. É meu trabalho protegê-lo.

— Você é um Valenti agora.

— Todos nós temos sangue Valenti e todos temos sangue Dolce, — diz ele. — Eu sou um dos homens de Al, mas também sou meu próprio homem. Se eu disser a ele que tenho um trabalho a fazer, ele me dirá para cuidar disso.

— Para cuidar de nós, — diz Duke baixinho, balançando a cerveja até os lábios e tomando um gole. Baron está sobriamente ao lado dele, seus braços ainda sobre os ombros um do outro.

— Um homem tem o direito de proteger sua família, — murmuro, a coisa que digo aos gêmeos que King e papai me disseram. Nossa defesa por tudo que fizemos.

— Você realmente vai matar o papai por pedir para você foder alguns clientes para ajudar a fechar um negócio? — Baron pergunta, jogando sua haste do doce no cálice com os outros. Ele nunca deixaria ninguém saber, mas é o mais próximo de nossos pais, o mais devastado pela separação, pelas ações de ambos desde então. Eu sempre odiei papai, sempre vi o que ele fazia. Se há um lugar onde Baron tem vendas, onde ele não é desapegado e analítico, é sobre nossos pais.

— Se você gostaria de obter uma lista de seus crimes juntos para lê-lo antes de sua execução, vai ser muito longo, — eu digo. — Mas caia fora.

Eu devolvo meu taco para o rack e saio porque estou farto dessa conversa. Não preciso da ajuda de King. Eu não preciso da ajuda de ninguém. Eu os respeito - até mesmo os gêmeos - o suficiente para reconhecer que eles merecem saber. Isso é tudo. Eles já estão fodidos o suficiente. Conheço os motivos, entendendo-os e dou-lhes um passe com mais frequência do que deveria. Mas eu já os fiz matar um homem. Eles acabaram de completar dezoito anos. É hora de deixá-los crescer, e isso significa que eles carregam o fardo da verdade, assim como todos nós.

Eu paro do lado de fora da porta que costumava pertencer ao minha própria irmã gêmea. Depois de um momento, giro a maçaneta e abro. Por uma fração de segundo, meu cérebro pula, como sempre acontece, e é como se ela estivesse ali na cama, meio enterrada em uma montanha de travesseiros e cobertores macios, com uma tigela de sorvete e o laptop sobre os joelhos.

Então eu pisco, e é apenas o quarto de hóspedes que Ma transformou depois que Crystal morreu, quando sabíamos que ela não voltaria. Ela não foi ao enterro, mas na vez seguinte que a visitamos, mamãe chamou um decorador para reformar o quarto por completo, como se não suportasse deixar vivo nem um traço da memória da filha.

Ouçoo passos atrás de mim, mas não me viro. Eu desejo que meu irmão continue andando, para me deixar ter um momento aqui, tentando encontrar aquela memória fugaz mais uma vez, para que ela esteja viva por mais um momento, mesmo que apenas na minha cabeça.

— Royal.

Eu me viro e encaro King. — O que?

— Eu sinto muito.

Ficamos parados no corredor, as palavras pairando entre nós como algo sombrio e feio, um tipo diferente de monstro. Os homens da nossa família não se desculpam.

Eu dou de ombros. — Você não fez merda nenhuma.

— Eu deveria saber que ele faria o mesmo com você, — King diz calmamente.

King não perde a paciência como eu. Mesmo quando ele entrava em uma luta para me proteger, ele o fazia de uma forma mais calculada, como Baron. Mas ao contrário de Baron, há raiva fervendo sob sua superfície fria quando ele olha para mim agora.

— É foda, — eu digo. — Não importa.

— Isso fode com a sua cabeça, — diz ele.

Nunca conversamos sobre isso. Todos nós sabíamos que King fez isso pelo papai. Ele foi enviado para seduzir as mulheres porque é o candidato perfeito. Ele é suave e charmoso quando precisa ser, desapegado quando termina um trabalho. Ele não é um canhão solto como Duke ou um sádico como Baron ou uma bomba-relógio como eu. Papai adora me lembrar de como King sempre foi melhor nisso.

Mas talvez ele seja o homem perfeito para o trabalho porque foi preparado para desempenhar o papel, treinado para fazer um trabalho até que o fizesse perfeitamente.

— Você parece estar indo bem, — eu digo finalmente. — Você tem uma esposa e um filho.

— Você está melhor também, — ele diz. — Você tem Harper.

Ficamos um minuto em silêncio. — Sim, — eu digo finalmente, virando-me para fechar a porta de Crystal. — Até que eu a mate também.

— Por que você faria isso?

Eu dou de ombros. — Provavelmente por acidente. Eu faço isso com as

garotas.

— Você não matou Crystal.

Nós nunca dizemos o nome dela. É a verdade não dita em cada cômodo em que entro, o peso da minha presença em cada jantar em família. Eu sou a razão dela não estar aqui. Eu sou a razão pela qual Ma não tem uma filha e teve que apagar as evidências da sala.

King está me observando atentamente, mas desta vez, não consigo encontrar seu olhar. Eu apenas balanço a cabeça, olhando para o final do corredor. Só falo dela para Harper.

— Você é o único que acredita nisso, — King diz finalmente.

— Não me trate como a porra de uma criança, — eu retruco. — Todo mundo sabe o que eu fiz.

— Ninguém pensa que é sua culpa, exceto você.

— Não importa o que as pessoas pensam, — eu digo. — Se eu a segurasse debaixo d'água e a afogasse quando ninguém mais estivesse lá para ver, eu ainda a mataria.

— Mas você não fez isso.

— Eu poderia muito bem ter feito.

— Mas você não fez isso.

— Eu fiz o equivalente.

— Você não fez.

Eu o encaro, levantando-me em toda a minha altura, então estou olhando para ele. Ele nem pisca.

— Eu disse a ela que ela estava morta para mim, — eu digo lentamente. — E agora ela está.

— Levei um tiro, — diz ele. — Eu era o encarregado de protegê-la, e não o fiz. Não a coloquei de volta no carro antes de sairmos.

Eu apenas pisco para ele, provavelmente parecendo tão estúpido quanto suas palavras soam. — Eu a deixei lá, — eu indico.

— Eu deixei você deixá-la lá.

— Eu disse a ela que ela não era mais uma Dolce.

— Eu senti no carro como um maricas e não protegi nenhum de vocês.

— Você tinha uma bala em você.

— Eu deixei uma pequena bala me parar.

Por mais um minuto, ficamos parados no corredor, um de frente para o outro, sem falar.

Por fim, quebro o silêncio. — Você acha que é *sua* culpa?

— Acho que Crystal escolheu a si mesma pela primeira e única vez em sua vida, — diz ele. — Eu me arrependo de muitas coisas, mas uma das coisas que mais me arrependo é saber que ela não conseguiu fazer isso de novo.

— Ela morreu por isso, — eu indico.

— Eu me culpo por forçá-la a fazer essa escolha mais do que pelo que aconteceu com ela naquela noite, — diz ele calmamente.

Eu não tenho uma resposta para isso.

— Sei que você acha que precisa tomar cuidado com nossos irmãos, — diz ele. — E eu sou parcialmente culpado por isso. Mas, às vezes, você vem antes mesmo da família.

— É por isso que você quis trabalhar para o tio Al, — eu digo. — Mesmo que eu fosse melhor nisso.

— Não, — diz ele. — Isso é o oposto. Eu não pediria a ninguém para fazer o que eu faço. Matar alguém... Faz algo com você.

— Eu sei.

Nós nos consideramos cuidadosamente.

— Você não matou Crystal, — ele diz novamente.

— Não estou falando dela.

King atravessa o corredor e me arrasta para seus braços. Há muitas coisas que os homens de nossa família não fazem, mas demonstrar afeto não é uma

delas. — Vamos pegar o papai, — diz ele, segurando-me pelo pescoço com um braço e segurando minha outra mão com força, pressionando nossos punhos cerrados entre nossos peitos como uma promessa. — Vou voar de volta com você e cuidarei disso.

— Não. — Eu agarro sua mão com a mesma força, batendo em suas costas uma vez e depois apenas segurando. Não me lembro da última vez que o abracei quando não era uma obrigação. Mas, de alguma forma, essa coisa que esteve entre nós todos esses anos está se desfazendo agora que lançamos uma luz sobre ela, demos um nome a ela.

Culpa.

— É um negócio de família, — eu digo, soltando-o finalmente. — Vamos cuidar disso juntos.

— Eu tenho algo para você, — diz Preston, entregando-me seu telefone.

— Seu telefone? — Eu pergunto. Mandeí mensagens de texto para Royal a semana toda, já que meu telefone está na minha casa. Sinto-me pior quanto mais a mentira continua, mas não quero explicar por mensagem de texto onde estou. Eu sei que ele vai ficar chateado, e vou lidar com isso quando chegar em casa. Crystal insistiu que queria contar ela mesma, então recuei e concordei em não contar a ninguém que os encontramos. É a merda da família deles. Eu sou apenas a mensageira.

Neste momento, não quero pensar no que acontecerá com o mensageiro. Quero sentar no píer e observar o pôr do sol sobre a água, as cores de tirar o fôlego sobre a água ondulante e as pedras que se projetam da areia. Achei que a Califórnia seria quente e eu poderia nadar no oceano, mas nós dois estamos de suéter.

— Uma passagem de avião, — diz ele. — Você pode ir com Devlin e eles se quiser, mas achei que ficaria mais confortável...

— Sem um bebê gritando no carro comigo?

Ele abre um pequeno sorriso. — Faz algum tempo que não fico perto de um bebê, mas ela parece muito barulhenta.

— Ela é muito extra, — eu concordo. — Mas também não sei nada sobre bebês.

Ficamos sentados em silêncio por um minuto, e então Preston pega minha mão. — É só uma passagem, Harper. Você está bem voando sozinha?

— Eu vou ficar bem, — eu digo. — Mas por que não vou para casa com você? Por que sua caminhonete estará tão carregado com as coisas deles?

— Não. Eles despacharam as coisa que não podem levar no carro.

Engulo em seco, não querendo aceitar o que ele está dizendo. De repente, minha garganta está apertada e acho que vou desmoronar de novo. Toda vez que penso que ultrapassei esse estágio, algo surge e me derruba de novo.

— Você não vai voltar para casa, — eu sussurro, olhando para seus dedos longos e elegantes ligados aos meus.

— Não.

Ficamos sentados em silêncio por um momento, observando o brilhante sol laranja se pôr no horizonte.

— Você encontrou o que procurava, — diz ele em voz baixa. — Eu não.

— Que tal lutar até o fim? — Eu pergunto, tentando não parecer tão desesperada quanto me sinto. — Nunca desistindo de sua cidade?

— Acredite ou não, eu costumava ser quem mais queria sair, — diz ele.

— Sério? — Eu pergunto, me afastando. — Mais do que Colt?

— Mais do que Colt ou Devlin ou qualquer um, — diz ele. — Ficar passou a ser minha responsabilidade em algum momento, mas isso não significa que deixei de querer ir embora. Significa apenas que eu não poderia. Eu tinha que proteger minha família.

— E quanto a eles? — Eu pergunto. — Sua irmã e... E Magnólia?

— Lindsey se formou, — diz ele. — Ela está na escola, exceto nos feriados.

Eu fungo, piscando para conter as lágrimas. — E Magnólia?

Preston aperta minha mão novamente. — Fiz o melhor que pude durante três anos, mesmo que não fosse muito. Agora é a vez de Devlin.

— O que vou fazer sem você? — Pergunto baixinho, deixando-me finalmente ser egoísta, fazendo a pergunta que realmente quero que seja respondida.

— A mesma coisa que você sempre fez. Chute o traseiro e tome nomes.

— Mas como posso fazer isso sem você? — Eu pergunto. Engulo a vontade de lembrá-lo do que ele disse antes — E se Royal se virar contra mim de novo? E se encontrar sua irmã não for o que ele precisa? E se ver que ela está feliz e florescente com uma família enquanto ele está devastado além do reparo por anos é a gota d'água, a coisa que finalmente o quebra completamente?

Preston é minha rede de segurança, meu espaço seguro, meu consolo e tranquilidade, assim como Royal é minha emoção de perigo, minha tempestade, meu caos e paixão. Eu preciso de ambos por razões diferentes. Royal me traz de volta, e Preston me deixa recuar quando é demais. Ele cuidou de mim quando eu estava quebrada demais para cuidar de mim mesma, e ele nunca fez isso parecer

caridade. Ele me deu tanto e não pediu nada em troca. Não apenas roupas e joias, mas um lugar para se esconder dos monstros que espreitam em nossa cidade. Ele me levou até o local onde fui atacada e me ajudou a me soltar, mesmo sabendo que isso me deixaria mais próximo de Royal.

Sei que ele me ama da maneira que pode, assim como eu o amo. Ele me ama o suficiente para me deixar ir, sabendo que Royal é meu sol.

E eu o amo o suficiente para fazer o mesmo.

Eu inclino minha cabeça em seu ombro, e nós observamos em silêncio enquanto a menor lasca de sol permanece no horizonte por apenas mais um momento, e então ela se esvai e desaparece.

— Eu te amo, — eu digo. — Talvez não da maneira que qualquer um de nós quer, mas eu amo.

— Eu também, — diz ele, deslizando um braço em volta das minhas costas. — Mas você nunca precisou de mim, Harper. O que você precisa sempre esteve dentro de você.

— Eu sou meu próprio sol.

Ele beija o topo da minha cabeça. — É hora de eu seguir o meu.

Ficamos sentados ali por mais alguns minutos, nossos braços em volta um do outro no frio e na umidade da noite, observando as faixas coloridas iluminarem o céu e dançarem na superfície ondulante do mar. Eu sorrio sobre a água, mal conseguindo compreender minha gratidão. No ano passado, eu nunca saí do Arkansas. Eu estava presa, pobre e desesperada. Agora, eu tenho percorrido todo o caminho de uma costa a outra, com dois homens muito diferentes e muito danificados. Homens que me arrastaram para as profundezas do inferno e me ajudaram a rastejar de volta, arrastando minha alma quebrada e danificada atrás de mim como um membro mutilado.

— Você sabe quem me disse que eu deveria fazer isso? — Preston pergunta, me dando um pequeno aperto. — Uma mulher muito sábia.

— Deus, eu te odeio pra caralho, — eu digo, rindo e enxugando os olhos.

— Não se dê muito crédito, — diz ele. — Eu conversei com Devlin por um longo tempo também. Acho que vou encontrá-la e, desta vez, sei como mantê-la.

— Que tal?

Ele dá de ombros. — Eu simplesmente não vou deixá-la ir.

— Não é bem assim que funciona.

— Funcionou para Royal, — diz ele. — Vejo vocês... Se ele pode te amar o suficiente para fazer você perdôá-lo, tudo é possível. Talvez ela também possa me perdoar.

— Se ela não quiser, você vem me pegar, e eu vou chutar a bunda dela, — eu digo.

Ele ri baixinho. — Combinado. E não se preocupe, estarei em casa logo.

— Bom, — eu digo. — Porque se você não voltar para casa, eu vou buscá-lo e chutar *o seu* traseiro.

— Eu não esperaria nada menos, — diz ele.

Enquanto as últimas cores no céu se transformam em listras roxas e azuis, Preston se levanta e estende a mão. Eu pego e deixo ele me puxar para cima. Então jogo meus braços ao redor dele, segurando por mais um minuto.

— E Harper, — diz ele. — Se eu não voltar por um tempo... Você pode me visitar aqui, sabe. O mundo não deixa de existir nos limites da cidade de Faulkner. Você deveria sair dessa cidade também.

— Eu vou, — eu digo. — Vou para Syracuse no ano que vem.

Há um silêncio enquanto essas palavras são absorvidas por nós dois. Acho que não me permitiria realmente decidir, acreditar que era real, até este momento. Mas eu seria estúpida se recusasse essa oportunidade. Não é como quando recusei a oferta de Preston de me incluir na fortuna Darling se eu fosse um deles. Eles não davam a mínima para mim, mesmo quando minha mãe implorou por ajuda como uma mãe sem-teto de dezesseis anos depois que dois homens daquela família se divertiram com ela.

Royal sempre ligou para mim, mesmo quando eu odiava e muito antes de entender. Royal me ama e quer cuidar de mim. Não há razão para dizer não a isso, exceto orgulho teimoso, e eu cansei de tentar fazer tudo sozinha. Royal faz parte da minha vida agora, e deixá-lo entrar e precisar dele do jeito que ele precisa de mim não me torna fraca. Admitir que não sou à prova de balas, que preciso de ajuda, exige muito mais humildade e força do que afastar todo mundo. Ser forte o suficiente para baixar a guarda e ser vulnerável mesmo depois de me machucar, para deixar as pessoas entrarem mesmo sabendo que algumas delas vão me machucar novamente e vou perdôá-las quando o fizerem, é a coisa mais

difícil que já fiz. E Faça.

Afastar-se de Faulkner é fácil em comparação.

Quando Preston liga a caminhonete, a música de Dolly Beckett está tocando novamente. Estendo a mão para desligá-la, mas ele segura minha mão.

— Deixa.

— É ela, não é? — Eu pergunto. — Ela é o seu sol.

— Talvez, — ele admite. — Algum dia.

Voltamos e estacionamos em frente à casinha amarela em uma rua residencial tranquila. Não é maior que a minha casa, mas as semelhanças terminam aí. Enquanto minha casa é monótona e decrépita em estilo rancho, a casa deles é clara e arejada e, embora seja bastante antiga, foi mantida, por isso é mais vintage do que surrada e deprimente. Temos janelas minúsculas, metade delas equipadas com unidades de ar-condicionado deixando manchas de condensação, enquanto esta tem persianas e cortinas brancas e pequenos vasos de flores. A casa é fofa, mas não é nada como as casas chiques de Darling em Faulkner.

Passamos a maior parte do domingo dirigindo e toda a segunda-feira correndo para tentar obter informações. Preston passou horas vasculhando fotos das pessoas que trabalham na Nyso Records e finalmente encontrou o cara que Dolly mencionou. Então foi preciso uma boa história triste e uma boa quantia em dinheiro para conseguir um endereço. Assim que os encontramos, levamos mais alguns dias para informá-los sobre tudo o que aconteceu desde que eles partiram e convencê-los a voltar, embora ainda não seja seguro.

Mas sei que tudo valerá a pena — para todos nós.

Ou isso, ou o maior erro que qualquer um de nós já cometeu.

O que você faz quando todo o seu mundo muda em um momento? Quando o passado chega e de repente é o seu presente? Sua vida é desenraizada, revirada, guardada na traseira de um Honda. E então você tem que decidir se vai correr de novo, como sempre fez, ou voltar rastejando.

A última vez corremos.

Desta vez, rastejamos.

— Se há uma coisa que aprendi nos últimos anos é que não preciso de muito para ser feliz, — diz Devlin, colocando um chaveiro em minha mão. — Mas caramba, é bom gastar dinheiro de novo.

— Você está dizendo que o amor não é tudo que você precisa? — Eu provoco, sorrindo para ele. Estamos do lado de fora de uma concessionária Mercedes, tendo acabado de fazer nossa primeira grande compra desde minha aliança de casamento.

— Docinho, seu amor é mais do que tudo que eu preciso. — Suas mãos caem em meus quadris e ele me empurra contra o carro, beijando-me forte e profundamente ali mesmo no estacionamento. Minhas coxas se abrem para ele, e ele balança contra mim apenas uma vez, o suficiente para eu sentir que ele está duro. Minha respiração fica rápida quando sua mão envolve suavemente minha garganta.

— Alguma pergunta? — Ele pergunta, seus quadris me mantendo presa, seus olhos brilhando com luxúria enquanto eles perfuram os meus.

— Sem perguntas, — eu sussurro, minhas coxas tremendo e umidade florescendo entre elas. Meu corpo ainda responde ao seu toque do jeito que fazia quando nos conhecemos, antes que ele ou eu soubéssemos o quanto eu gostava de sua mão em volta da minha garganta.

— É melhor que não haja, — diz ele, recuando lentamente. — Ou eu vou dobrar você e provar isso aqui e agora, para todo o mundo ver, Crystal Darling.

O nome me deixa fraca, e eu fecho meus olhos e solto um suspiro trêmulo. Eu não sabia o quanto queria meu próprio nome - aquele que pertence a mim e aquele que diz ao mundo que pertenço a ele - até tê-lo.

— Chame-me assim de novo, e talvez eu deixe, — eu digo.

— Paciência, doçura, — diz ele, seus lábios roçando os meus. — Eu vou te mostrar mais tarde.

Ele dá a volta na van e abre a porta para mim, e eu entro, resistindo ao impulso de deslizar a mão entre minhas coxas e aliviar a dor que seu toque causa em mim.

— Preparada? — Devlin pergunta, balançando em seu assento.

— Estou pronta, — eu digo, sorrindo para ele mesmo quando meu coração está dando cambalhotas. Não tenho certeza se estou mais nervosa, animada ou apavorada. A última vez que vi Faulkner, foi no retrovisor de um carro que mal conseguiu cruzar a fronteira do estado antes de cair em cima de nós. Da última vez, fui rejeitada, desgraçada e desesperada, uma garota sem opções. Agora sou mulher, esposa, mãe.

Também não precisarei me perguntar por muito tempo como minha família mudou. Estamos a trinta minutos dos limites da cidade de Faulkner, tendo acabado de transferir tudo para nosso carro novo. Já fomos ao tribunal preencher o requerimento para mudar nossos nomes. Acabou.

Estamos quase em casa.

— Você acha que eles vão ficar felizes? — Eu pergunto. — Ou loucos?

Devlin estende a mão para pegar a minha mão e apertá-la. — Eles vão ficar felizes, — ele promete. — Quando vi Preston, não me importei com ele nos encontrando ou gritando a porra dos nossos nomes na rua. Eu estava tão feliz em vê-lo.

Eu olho para trás para ter certeza de que as crianças estão dormindo e não ouçam sua boca suja. Devlin sorri quando me pega. — Você vai ficar bem, Doçura, — ele promete. — Vamos todos ficar bem.

— Você viu sua mãe no Dia de Ação de Graças? — Pergunto a Harper quando entramos no meu bairro.

— Você já sabe a resposta para isso? — ela pergunta.

— Eu sei que você não levou seu telefone com você.

— Seu idiota, — diz ela. — Preston estava certo.

— Preston? — Eu resmungo, parando em nossa garagem. Eu ignoro a monstruosidade de escombros carbonizados na casa ao lado, como sempre faço. Alguém precisa cuidar disso. Se eles o deixarem lá por muito mais tempo, encontrarão o corpo de Preston Darling mumificado nas cinzas quando vierem buscá-lo.

— Sim, — diz ela. — Ele me disse para deixar meu telefone em casa porque você o estaria rastreando.

— Você passou o Dia de Ação de Graças com os Darlings?

— Com Preston, — diz ela, estendendo a mão para colocar a mão na minha coxa.

Eu a empurro para longe, desligando o motor e me virando para ela. — Você transou com ele?

— O que há de errado com você, Royal? — ela exige. — Eu não vou foder seu inimigo.

— Por que eu acreditaria em você? — Eu pergunto, olhando para ela, aquele buraco frio se abrindo em meu peito como acontece toda vez que me lembro de que posso mantê-la para sempre, mas não posso torná-la leal, não posso fazê-la querer ficar comigo. Da maneira que eu a quero.

— Porque eu não estou mentindo, — ela diz da mesma forma, recusando-se a deixar meu olhar cair.

— Mas você não tem nenhum problema em me dizer que vai passar o Dia de Ação de Graças com sua mãe, e depois vai para a casa dele, quando eu estiver fora do estado e você sabe que não posso fazer nada sobre isso.

— Você pode estar chateado, — diz ela. — Mas eu não transei com ele nem com ninguém, e não vou transar. Nunca. Você é o único para mim Royal. Você não entende isso?

Saio do carro e bato a porta. O dia está fresco mas húmido, o que fez o frio grudar na pele no rio. — Você precisa ir para casa.

— Tudo bem, — diz Harper, saindo e contornando o carro. — Isso é justo. Mas é justo que eu fique chateada por você estar rastreando meu telefone também. Há quanto tempo você está me seguindo?

— Eu não estava seguindo você, — eu estalo. — Eu precisava saber onde você estava porque você era um perigo para si mesma. — Toda a paz do rio se foi, embora tenhamos passado a tarde lá. Leva apenas cinco minutos para estragar tudo.

— Quando você colocou um rastreador no meu telefone? — ela insiste.

— Quando eu puxei você para fora da caminhonete de Preston.

Posso vê-la calculando quanto tempo se passou desde o dia em que tentou o suicídio. Percebendo que é por isso que mandei uma mensagem para ela quando ela foi para a pedreira depois disso. Eu já sabia onde ela estava, só precisava saber que ela estava segura. Foi assim que eu soube que ela tinha voltado para Faulkner High também, e foi por isso que a localizei lá. Ela não pertence lá. Ela é uma garota de Willow Heights agora.

Ela se vira e sai da garagem aberta para o Escalade estacionado na grama ao lado da entrada. Eu a sigo porque não posso deixá-la ir embora. — Você vai voltar para ele agora?

— Royal, — diz ela, parecendo chateada. — Eu não vou para a porra do Preston. E talvez eu explicasse as coisas se você não perdesse o controle assim à menor menção dele.

— Você pode ver de onde eu tirei essa ideia, — eu digo. — Vendo quantas vezes você já transou com ele antes.

— Quando eu não estava com você, — ela rosna.

— Você está comigo?

Ela olha para mim, então engole. — Sim, — ela diz. — Você não está comigo?

— Não fui eu quem fodeu com outra pessoa durante todo o verão.

— Você fodeu Lo.

— Uma vez, — eu resmungo. — E foi antes de qualquer coisa acontecer com você.

Ela respira fundo, fechando as mãos em punhos. — Fiz uma viagem com Preston durante o feriado. Estou te contando isso, mesmo sabendo que você vai ficar chateado, porque não quero segredos entre nós. Mas eu nunca trairia você. Eu tive meus motivos, e você terá que confiar em mim nisso. Nada aconteceu entre nós. Somos amigos e isso é tudo.

Algo muda dentro de mim, mas tudo o que sinto é uma sensação crua, como duas pedras se esfregando onde deveria estar meu coração. Procuro a sombra escura dentro de mim, o monstro que me impede de fazer algo pior do que já fiz. Eu balanço minha cabeça em descrença. — E eu devo acreditar na sua palavra sobre isso?

— Sim.

— Saia da minha propriedade, — eu digo, minha voz combinando com o vazio frio que está tomando conta do meu corpo. Eu nem estou surpreso com a traição dela. Eu esperava isso o tempo todo.

— Você pode me dar o benefício da dúvida? — ela pergunta. — Só desta vez, você pode parar de ser um idiota tão impossível e confiar que não estou querendo te machucar?

— Não tenho motivos para confiar em nada do que você diz, — respondo. — Sempre foi uma mentira. Você sempre foi uma mentira. Por que isso seria diferente?

— Porque eu te amo pra caralho.

Nós nos encaramos por um longo momento, o ar denso e frio ao nosso redor parando enquanto absorvemos o que ela disse.

Então eu balanço minha cabeça. — Você não sabe o significado dessa palavra mais do que eu. Agora vá para casa.

— Tudo bem, — diz ela. — Então eu te odeio. Nós dois entendemos isso, não é?

Antes que eu possa responder, uma van entra na garagem. Provavelmente

uma das conexões do papai ou do Baron. Harper engole em seco e dá um passo para trás em direção ao carro, com aquele olhar que eu não via há muito tempo — medo e apreensão se misturando. Faz um nó de pavor cair em meu estômago como um peso de chumbo.

— Você pode contorná-los,— eu digo, apontando meu queixo para o Escalade. — Vá. Tenho certeza que você ainda tem alguns Darlings para foder em sua volta.

— Foda-se, Royal, — diz ela. — Eu não precisava te contar.

— Sim, e você provavelmente não deveria.

A van para no caminho de cascalho e a porta do passageiro se abre.

— Royal... — Harper começa.

Eu mal a ouço. Estou olhando para a garota que acabou de descer do banco do passageiro. Seu cabelo é castanho claro, quase loiro, mas ela se parece com...

Como...

Eu balanço minha cabeça. Um cara de cabelo escuro sai do banco do motorista. Eu mal o vejo também. Não consigo parar de olhar para o fantasma parado na minha entrada, flutuando em minha direção. Ela desliza a mão na dele, como se isso pudesse impedi-la de flutuar no céu cinza, um balão de circo que desaparece no azul sem fim, queimado na atmosfera sem deixar um único vestígio de que um dia existiu.

O tempo pára. Então ela está a alguns passos de distância, apenas olhando para mim.

— Royal, — diz ela. — Você está... Enorme.

— Você está viva.

Ela dá um passo hesitante em minha direção, e o monstro dentro de mim sobe em direção à superfície. Ele estava lá para pegar os pedaços de mim que se desfizeram quando ela se foi, quando ela não era a cola que unia quaisquer pedaços de sanidade que compartilhávamos. Sem ela, eles caíram infinitamente até que não restasse mais nada do menino que ela conhecia. O pequeno Royal se foi. Só existe eu agora, eu e o monstro que ainda está aqui, ainda juntando as peças para segurar para mim quando eu não puder.

E agora todos escaparam de suas garras, uma avalanche de quem eu estava

correndo para me enterrar vivo.

Eu me viro para a garagem, mas meu carro está lá dentro, bloqueado pela enorme van na garagem. Continuo girando, até que quase faço um círculo completo e estou de frente para Harper. — Me dê suas chaves.

Sem dizer uma palavra, ela me entrega as chaves. Entro no Escalade, dou ré na lateral da entrada da garagem até passar pela van, até a estrada. Então entro nela e dirijo para longe, para longe da minha casa e da garota que tentei matar e da garota que não queria matar. Não vou pensar nelas, na garota que disse que me amava quando isso é impossível, tão impossível quanto a garota morta na minha entrada, o espectro do arrependimento mais profundo da minha vida, minha vergonha mais sombria, meu pecado imperdoável.

Eu pressiono o acelerador até que tudo é um borrão cinza de árvores mortas e céu vazio em ambos os lados de mim, como se eu pudesse dirigir rápido o suficiente para voltar no tempo, como se eu pudesse quebrar uma barreira no tempo, na realidade, e me encontro na margem daquele rio há três anos, quando a perdi pela primeira vez. Então tudo pode fazer sentido.

Enquanto faço uma curva e disparo para a frente, os pneus comendo o asfalto, penso no que King disse alguns dias atrás. Que seu maior arrependimento foi não ter deixado Crystal escolher ela mesma. Não deixá-la escolher Devlin.

Mas ela o escolheu. Ela o escolheu e foi embora, porque sabia o que aconteceria se não o fizesse.

Nós o mataríamos.

Nós o teríamos matado, não por nenhum de nós, mas por papai. Ele é quem odiava os Darlings. Ele é quem colocou tudo isso em movimento.

Foi aí que tudo começou.

E é aí que termina.

— O que acabou de acontecer? — Eu pergunto, minha voz tremendo enquanto tento entender o fato de que meu irmão, meu irmão gêmeo, ainda me odeia. Mesmo depois de três anos, ele não me perdoou por escolher Devlin. Ele não me deixou tocá-lo. Ele se virou quando fui abraçá-lo, para fazer as pazes de alguma forma. Já imaginei esse momento mil vezes, dez mil, mas nunca imaginei que doeria tanto.

Às vezes, até me permito imaginá-lo feliz. Como Devlin quando viu Preston, imaginei Royal tão aliviado por me ter de volta que esqueceu tudo isso. Ele me pegava e me girava, e nós ríamos e chorávamos e nos abraçávamos por tanto tempo, ambos nos desculpando e dizendo como éramos estúpidos.

Em vez disso, eu entendo isso.

Essa estranha, uma garota que me rastreou do outro lado do país para me dizer que Royal precisava de mim, quando está perfeitamente claro que ele não precisa.

— O que acabou de acontecer é chamado de consequências, — diz Harper em seu tom ligeiramente conflituoso. — Enquanto você partiu para viver sua vida de conto de fadas, Royal se transformou em um maldito monstro que está aterrorizando esta cidade. Já lhe dissemos isso.

— Mas... não achei que ele ainda me odiaria, — admito baixinho.

— Ele não sabe amar, — diz Harper. — Mas ele ama você do jeito fodido dele. É por isso que ele fez tudo isso, porque os Darlings tiraram você dele.

Devlin desliza o braço em volta da minha cintura, puxando-me contra ele. — Dê-lhe algum espaço. Tenho certeza de que ele vai aceitar.

— Na verdade, foi melhor do que eu esperava, — diz Harper. — Já que vocês dois ainda estão vivos.

Uma rajada silenciosa soa no banco de trás da van, e eu me viro, grata por ter algo para me manter ocupada e me manter no momento presente. Isso é familiar. Precisa ser feito agora. Não há tempo para pânico. Cuide das crianças. Elas vêm primeiro. Elas precisam de mim.

Posso me preocupar com Royal mais tarde.

— Acredite ou não, o resto de seus irmãos são piores, — diz Harper. — Mas menos provável de matar você, então é isso.

— Royal? — chama uma voz de algum lugar na parte de trás da garagem.

Harper vai falar com meu irmão, embora eu não saiba dizer qual deles daqui, com o eco da garagem e a confusão na van. Eu levo um segundo para respirar, tentando me firmar. Royal costumava fazer isso, ser minha âncora.

Agora, tenho Devlin e nossos filhos. Não é a mesma coisa, mas aprendi a preencher as lacunas, a ser minha própria âncora quando preciso.

Eu coloco nossa filha em seus braços, e ele a segura em seu ombro, me puxando para perto. — Você está bem?

— Tão bem quanto eu posso estar, — eu digo, respirando trêmula. — Foi uma ideia terrível?

— Não, — diz ele com firmeza. — Você ouviu o que Preston disse em casa. Tínhamos que fazer alguma coisa.

— Você está certo, — eu digo, tranquilizada por sua certeza.

É tarde demais agora, de qualquer maneira. Era tarde demais desde o momento em que Harper bateu em nossa porta. Mesmo que desaparecêssemos de novo, eles nunca parariam de procurar desta vez. Eles sabem que estamos vivos.

Eu me viro e me vejo encarando meu irmão mais velho em um trecho de cascalho branco no caminho.

— É realmente você, — diz ele, não se movendo em minha direção.

Eu engulo, segurando o bebê em meus braços. Uma mulher sai da garagem, lutando para empurrar um carrinho de bebê no cascalho. King pega e eles avançam até que estejam a apenas alguns passos de nós. Eu olho para trás e para frente entre esta estranha e meu irmão, meu protetor, que disse que o amor não era para pessoas como nós.

— Você teve uma filha, — diz King, olhando para mim.

— Você se apaixonou, — eu digo.

— Sim, eu fiz, — diz ele, com o rosto sério enquanto puxa a garota de cabelos escuros contra o seu lado. — Esta é a Elisa. Minha esposa.

— Prazer em conhecê-la, — diz ela, com um forte sotaque de Nova York colorindo suas palavras. — Nós também temos um filho. Quantos anos tem o seu? Aposto que gostariam de conhecer o primo.

Uma cunhada. Primos. É mais do que eu poderia ter sonhado. Uma família - uma família enorme novamente, não apenas aquela que Devlin e eu estamos construindo para nós mesmos, mas os Dolces e os Darlings. Eles são todos da família agora.

Meus olhos ficam nublados quando olho para King, meu irmão que me trouxe sorvete e se esforçou tanto para manter todos felizes, às vezes às custas de sua própria felicidade.

Ele encontrou sua felicidade, assim como eu encontrei a minha. Perdi o casamento dele, assim como ele perdeu o meu.

Eu perdi tanto.

Eliza se abaixa para desfazer as alças do carrinho antes de levantar um garotinho perfeito de cabelos pretos do assento.

— Este é o nosso filho, — diz King, com o peito cheio de orgulho ao pegar o bebê nos braços. — Bishop.

— Knight, — eu digo, puxando meu filho mais velho para frente de onde ele está se escondendo atrás das minhas pernas.

Meus olhos encontram os de King, e um sorriso de compreensão se espalha por nossos rostos. Ele entrega seu bebê para Eliza, e eu entrego o meu para Devlin. Então King dá um passo à frente e me agarra em um abraço de urso, apertando-me com tanta força que dói. É o tipo de dor que cura porém, e quando as lágrimas começam a escorrer pelo meu rosto, elas parecem limpas pela primeira vez, como se estivessem me purgando da dor de estar longe por tanto tempo, a dor da rejeição da minha família.

— Você não precisava ir embora, — King diz, sua voz embargada, sua mão embalando a parte de trás da minha cabeça e pressionando meu rosto em seu peito. Ele enterra o rosto no meu cabelo e me segura, e nenhum de nós se mexe por muito tempo.

— Eu fui, — eu digo, minha voz abafada em sua camisa. — Eu tive que sair, ou papai teria matado o pai dos meus filhos.

— Puta merda, — diz uma voz atrás de King.

Ele finalmente me solta, e dou um passo para trás para ver meus dois irmãos mais novos parados com Harper. Eles não são mais tão pequenos, embora nunca tenham sido.

— Você está loira, — Duke diz, boquiaberto para mim. — E você tem filhos. Você é tipo, uma adulta completa agora.

— E seu pau está na internet, — digo, rindo em meio às lágrimas. Não posso dizer muito sobre sua aparência - ele é o mesmo cara, mas maior, e seu cabelo está escondido sob um gorro preto, então não posso nem comentar sobre o comprimento.

— Quem é esse carinha? — ele pergunta, passando por King e se agachando na frente de Knight.

— Esse é o nosso primeiro filho, — digo enquanto Knight enterra o rosto na minha perna, agarrando-se a mim quando me deparo com esse estranho.

Eu me viro para pegar um dos gêmeos de Devlin. — Este é Prince, nosso segundo, e Diamond, nossa filha.

— Diamond? — Duke pergunta, de pé e olhando para o nosso filho. — Ela não parece uma stripper.

— Duke, — eu repreendo, batendo em seu braço.

— O que? — ele diz. — Você sabe muito bem que essa garota não tem outra carreira no futuro com um nome como esse.

E então estamos rindo e nos abraçando, e ele está me levantando do chão, e é exatamente como eu imaginei, então estou chorando ainda mais. Prince começa a se debater e se agitar em meus braços, e tenho que me afastar de Duke e me certificar de que o bebê está bem.

Por fim, olho para Baron, sentindo-me repentinamente tímida. Sempre o observador, ele está parado com as mãos nos bolsos, me observando por trás dos óculos com interesse cauteloso. Vejo que ele e Duke mantiveram sua individualidade aparente em vez de voltar ao visual nova-iorquino, onde às vezes até eu tinha dificuldade em diferenciá-los. O cabelo de Baron está penteado para trás e ele está usando óculos, camisa de botão e calça social, enquanto Duke está de jeans e moletom.

— Papai sabe que você está aqui? — ele pergunta.

— Não, — eu digo, balançando a cabeça. — Ele está em casa?

— Não.

Claro que ele está no trabalho, embora seja noite. Um vento úmido e forte sopra folhas marrons no quintal onde me lembro de caminhar com minha *nonna*. Eu olho novamente para os escombros queimados ao lado, a única coisa que resta da bela casa de Devlin. Mesmo que Preston tenha dito que sua família está segura, meu coração ainda dói pela ausência da casa ao lado, onde Devlin ficava na varanda me observando. A árvore do quintal onde ele jogava futebol ainda está lá, embora o balanço de pneu tenha sumido. Um fantasma de memória brilha em meus braços, fazendo o cabelo se arrepiar.

— Devlin estará seguro aqui? — Eu pergunto.

— Provavelmente não, — diz Baron. — Você nos abandonou por três anos. Você acha que pode simplesmente aparecer e Royal de repente vai ficar bem com ele?

— Você quer dizer *que não está* bem com ele, — eu digo, olhando para o meu irmão mais novo. Ele parece exatamente o mesmo e, no entanto, também parece um completo estranho. Ele é maior, como Royal, mas é mais do que isso. Há algo guardado em seus olhos, não apenas vigilante. Mas há uma grande diferença entre quinze e dezoito.

— Você está certa, — diz Baron. — Eu não estou.

— Baron... — digo, lançando lhe um olhar suplicante. — Eu tive que sair. Eu estava grávida. Vocês o teriam matado.

— E nós teríamos cuidado de você, — diz ele. — Você e a criança.

Eu balanço minha cabeça, puxando uma respiração instável. — Eu não tinha como saber se isso aconteceria, se papai ou os Darlings deixariam.

Ele me avalia por um segundo do jeito que tenho feito com eles. Acho que há uma grande diferença entre dezesseis e dezenove também. Eu mudei tanto quanto eles.

— Não, — diz ele calmamente. — Você é igual a mamãe. Você não dá a mínima para ninguém além de si mesma.

Ele se vira e começa a voltar para a casa, deixando-me ali atordoada, chorando no cabelo de Prince. Mas King agarra o braço de Baron quando ele passa, parando-o. Ele murmura algo para nosso irmãozinho, e Baron se vira para nós. Sua expressão é fria agora, seus olhos vazios e sem emoção. Ele pega um pirulito Dolce Sucks do bolso e começa a desembulhá-lo enquanto fica parado

ao lado de King sob o céu tempestuoso.

— Onde está Royal ?— nosso irmão mais velho pergunta.

— Ele pegou meu carro e foi embora, — diz Harper.

— Você o deixou sair? — King pergunta, girando sobre ela.

— Você acha que eu poderia tê-lo parado? — ela pergunta, sem vacilar com o tom agudo da voz dele. Eu me pergunto há quanto tempo ela faz parte desta família, se ela ajudou Royal em sua perda do jeito que Devlin me ajudou. Não posso dizer muito sobre ela além de que ela é abrasiva e não gosta de mim, mas ninguém parece incomodado com sua presença em um momento familiar.

King amaldiçoa baixinho. — Precisamos encontrá-lo agora, antes que ele faça algo estúpido.

— Como o quê? — Eu pergunto.

King me ignora, falando com Harper. — Você deveria ter me dito que ele saiu imediatamente.

— Achei que ele tinha ido a algum lugar para se acalmar, — diz ela. — Você não acha que ele...

— O que? — Eu pergunto. — O que há de errado com Royal?

— Você, — Harper estala. — Você é o que há de errado com ele. Agora temos que encontrá-lo e consertar. Você está dentro?

— Claro que estou dentro, — eu retruco para ela. — Ele é meu irmão gêmeo. Se eu o chateeí, então sou eu quem precisa consertar isso.

— Resposta certa, — diz ela, pegando o **telefone**. — Vamos.

King se vira para mim. — Você o conhece melhor. Para onde ele iria?

— A ponte, — eu digo instantaneamente, embora eu volte ao seu outro comentário mais tarde para valorizá-lo do jeito que ele merece. Conheço Royal melhor até do que sua família, o suficiente para que King tenha me perguntado e não aos gêmeos.

Ninguém pergunta qual ponte ou questiona minha resposta também.

King se volta para sua esposa. — Eliza, leve Bishop para dentro, — diz ele. — Crys, leve as crianças também. Temos uma babá se você quiser vir conosco.

— Meu carro é maior, — diz Duke.

— Vou mover a van, — diz Devlin, entregando um bebê para Crystal, que já está com os braços cheios de um. Nem consigo compreender ter tantos filhos pequenos ao mesmo tempo. Isso me faz sentir coceira só de pensar nisso.

— Baron, — eu digo, virando-me para o meu menino Dolce menos favorito. — Você tem um rastreador no telefone de Royal?

Ele apenas olha para mim com frieza e, por um segundo, acho que não vai responder. Mas então ele balança a cabeça e pega o telefone, enfiando o pirulito na bochecha enquanto franze a testa para o telefone. Eu teria ligado para Preston para saber o paradeiro de seu carro se Royal estivesse em seu carro.

— Está aqui, — diz Baron depois de um segundo.

Eu xingo baixinho, lembrando de Royal deixando-o cair no console quando subi em seu colo mais cedo, quando estávamos estacionados ao lado da ponte tendo nosso reencontro depois de uma semana separados.

Meu coração torce com a memória do que veio a seguir. Se algo acontecer com ele, e a última coisa que fizemos foi brigar...

Duke sai da garagem no grande Hummer, e um lampejo de pânico toma conta de mim. A última vez que estive naquele carro foi na noite em que me levaram para o pântano.

Mas já lidei com isso, o suficiente para engolir a adrenalina e cambalear até o carro em meio à onda de tontura. Eu sou grata que eles estão muito focados

em Royal para notar. Eu respiro por um minuto enquanto todos nos amontoamos nas três filas de assentos e nos acomodamos.

Então Duke liga o motor e partimos.

Depois do que parecem ser dez minutos, olho para o relógio no painel e vejo que passou apenas um. Lembro-me de outro passeio neste Hummer, como me senti em pânico e desesperada quando os meninos Dolce traçaram o plano para ir atrás de Lindsey ou Magnolia quando o carro de Royal foi bombardeado. Eu não tinha ninguém para quem ligar, nenhum contato, exceto nosso computador doméstico e o aplicativo *OnlyWords*.

Agora eu tenho amigos.

Ironicamente, a pessoa que pode me ajudar agora é a pessoa que eu estava tentando ajudar naquela época.

Pego meu telefone e disco.

— Ei, boomer11, — vem uma voz arrogante do sul do outro lado da linha. — Eu não posso acreditar que você está me ligando. Deus, alguém com menos de cinquenta ainda faz isso?

— Você tem sua licença? — Eu pergunto.

— Não, — diz Magnólia. — Por quê?

— Merda, — eu digo. — Há alguém aí que possa dirigir até a ponte bem rápido?—

— Eu disse que não tinha minha licença, — diz ela. — Eu não disse que não sei dirigir. Eu e Sully saímos com os carros do velho crustáceo o tempo todo. Ele chama isso de andar de alegria. Quão assustador é isso?

— Você pode descer até a ponte? — Eu pergunto. — Me ligue de volta se meu carro estiver aí. Royal estava com ele. *Não se* envolva com ele. Não sei o que ele fará. E não atire nele.

— Nisso não posso prometer, — diz ela. — Mas o que está acontecendo?

— Eu tenho que ir, — eu digo. — Me ligue de volta.

Eu desligo, outra ideia se formando. Eu ligo para Gloria em seguida.

— Sabe onde Royal pode ir quando está chateado? — Eu pergunto. — Quando ele está sendo imprudente?

— Há uma pista onde às vezes corremos, — diz ela. — Mas há muito tráfego agora. Por quê?

— Você pode ir até lá e certificar-se de que ele não está lá? — Eu pergunto. — Ele está no meu carro. Me ligue se ele estiver lá.

Eu desligo e aperto o número de Colt. — Ei, Dínamo, — digo, já em um papel. — Você teve notícias de Royal?

— Alguns dias atrás, — diz ele. — Quando ele agendou suas lutas para dezembro.

— Me ligue se ele entrar em contato com você sobre Slaughterpen, — eu digo. — E você pode me fazer um grande favor e correr para garantir que ele não esteja lá?

Colt suspira. — Você é um pé no saco, Appleteeny.

— Idem, — eu digo. — Mas de alguma forma, eu ainda tolero você.

— É a esperança de que um dia você terá uma chance com esse pau super mega fino, — diz ele. — É irresistível para gatinhos. Basta perguntar a Dixie.

— Sério, obrigada, — eu digo. — Você pode ter minha parte na próxima vez que eu lutar.

Ele ri. — Então... Nunca?

— Reserve-me no próximo fim de semana, — eu digo. — Obrigada, Colt. Eu tenho que ir.

— Qualquer coisa para você, Teeny.

Termino a chamada e olho para o relógio. Estamos quase na ponte. Só mais alguns minutos. Minhas mãos estão tremendo. E se ele pular? É mais tarde no ano e mais frio do que quando ele pulou comigo, e estava frio pra caralho naquele dia. Ele será capaz de nadar antes que a hipotermia o convulsione? Ele ao menos tentaria?

Lembro-me de seus braços em volta de mim como um torno quando ele soltou a respiração, afundando nas profundezas da água comigo.

Está escuro. Não dói mais.

Eu aperto ligar no meu telefone novamente, penso no que Colt disse.

— Ei, garota, — a voz de Dixie responde do outro lado da linha, parecendo animada como sempre. — Achei que você ainda estava com raiva de mim por causa do vídeo.

— Preciso de ajuda, — eu digo. — Royal está no meu carro e pode estar em perigo, não sei. Você pode passar na escola e me ligar se meu carro estiver lá?

Ela fica quieta por alguns segundos. — Se você quer ser amiga de novo, sabe que gosto de todo mundo, — diz ela. — Se vocês não querem ser amigos, mas tomam chá, ou mesmo se querem apenas que *eu* derrame, tudo bem. Mas não me ligue pedindo ajuda com Royal.

— Dixie, — eu digo. — É importante.

— Onde você estava quando Colt estava no hospital? — ela pergunta. — Isso não era importante?

— Entendi, — eu digo. — Você está certa, nós não somos amigas. Aliás, Colt não hesitou em ajudar. Sente-se com isso por um tempo.

Eu desligo assim que Duke acelera em direção à ponte de madeira de uma pista, as vigas arqueadas sobre ela receberam recentemente uma nova camada de tinta branca. Eles brilham como braços fantasmagóricos se estendendo para o céu baixo e tempestuoso do crepúsculo. Os faróis iluminam as tábuas, quase nos cegando quando um carro dispara para a ponte vindo do outro lado.

— Filho da puta, — Duke grita, girando o volante. O enorme veículo parece se mover em câmera lenta, saindo da estrada no momento em que um pequeno Miata azul derrapa até parar ao nosso lado em uma nuvem de escapamento e fumaça de borracha queimada. Magnólia acena, seus cachos em um emaranhado maluco ao redor de seu rosto sorridente.

Abro a janela. — Nenhum carro do outro lado?

— Não, — diz ela. — O que está acontecendo?

— Não tenho certeza, — eu digo. — Obrigada por verificar.

— Eu vou junto, — diz ela. — Isso é emocionante.

— Você não tem licença.

— Ok, *mãe*, — diz ela, revirando os olhos. — Mas apenas um aviso justo, se alguém me tocar, tenho uma arma, uma faca, spray de pimenta e um taser comigo. Ah, e acho que não preciso mais disso.

Ela puxa meu soco inglês de sua mão e os joga para mim. Eu os pego pela janela aberta e os deslizo, o metal quente se ajustando no lugar e me acalmando como um cobertor de segurança.

— Obrigada, — eu digo, flexionando meus dedos.

— Ah, e o vovô Darling deixou seu cortador de charutos aqui, então, se algum desses meninos tentar alguma coisa, eles vão ter o pau cortado.— Ela canta as últimas palavras, parecendo feroz com a expectativa.

— Deixe-me dirigir, — diz King enquanto algumas gotas de chuva caem no para-brisa.

— De jeito nenhum, — diz Duke. — Eu não vou sair agora. Você ouviu aquela cadela. Ela é louca. Harper, diga a ela para ir para casa e brincar com suas bonecas, ou chame seu terapeuta ou algo assim. Não precisamos da ajuda dela.

— Para onde mais ele iria? — Eu pergunto, virando-me para olhar para todos os seus irmãos ao meu redor.

— Escola, obviamente, — diz Baron. — Ou...

— O pântano, — eu digo, engolindo em seco. Esses são seus lugares de lembrança, embora eu duvide que ele esteja no pântano, já que isso não tem nada a ver com Crystal. Ainda assim, muitas vezes fiz suposições que me levaram ao caminho errado.

— Quero passar por outro lugar primeiro, — diz King. — Trabalho do papai.

— Por quê? — Baron pergunta.

— Apenas um palpite, — diz King.

Observo Crystal enquanto Duke dirige pela ponte para fazer a volta. Ela está agarrada à mão de Devlin, com o rosto pálido e tenso. Bom. Ela nunca deveria ter deixado Royal do jeito que ela fez. Sei que estou sendo uma vadia, mas fico feliz que seja difícil para ela.

Quando estamos de volta à estrada e saindo, abro o aplicativo *OnlyWords*.

BadApple: Ei, eu sei que isso é estranho, mas você pode me fazer um favor? Preciso de alguém para verificar na escola se meu carro está lá. Royal saiu com ele. Acho que ele pode estar no Swans.

GideonD17: claro, sem problema

BadApple: envie-me uma mensagem de texto o mais rápido possível?

GideonD17: tudo bem?

BadApple: não sei tbh. Provavelmente não. Verifique agora?

GideonD17: indo pra lá agora.

BadApple: muito obrigada

Eu percorro meus contatos por um minuto, procurando alguém que eu possa pedir para ajudar. Já estou tão grata que poderia chorar depois de falar com Gideon. Então é assim que é ter amigos em uma emergência. Estou chateada comigo mesma por me afastar disso por tanto tempo. Agora, quando preciso de pessoas, elas estão aqui para mim. Mesmo quando estou pedindo para eles verificarem o inimigo ou a concorrência, mesmo quando é um cara que me convidou para sair e foi dispensado no último minuto. Ele não hesitou em ajudar, mesmo que isso tenha ferido seu orgulho, e mesmo que eu esteja pedindo a ele para ajudar a encontrar o cara com quem apareci depois de ter dado o fora.

Mas estou sem amigos. As poucas outras pessoas que conheço — Quinn, Susanna e Josie — são amigas de Dixie.

Eu tenho outra pessoa, no entanto. Pessoas que juraram me proteger e proteger Royal. Abro o chat em grupo Midnight Swans onde planejamos nossas reuniões.

BadApple: Swans, preciso da ajuda de vocês. Royal pode precisar também. Se eu mandar uma direção justo antes da pedreira, vocês podem procurar Royal?

BadApple: Ele está no meu carro. Só preciso de 2 txt se ele estiver lá.

TheBlackRose: estou indo

BadApple: obrigada

TheBlackRose: qualquer coisa por um Swans

ThatCreepCotton: Vou te ajudar

TheBlackRose: soa bem

ThatCreepCotton: mande a direção, E. Nós cuidaremos daqui.

Mando a direção e respiro fundo, tentando acalmar meu coração acelerado. É assustador deixar outra pessoa assumir o controle, especialmente quando estou desistindo do controle de algo que tem a ver com Royal. Mas mesmo meu amor louco não pode me colocar em cinco lugares ao mesmo tempo, então se eu puder mandar alguém onde ele está, e eles puderem mantê-lo sob controle até eu chegar lá, isso é melhor do que deixá-lo sozinho consigo mesmo.

— Será que Colt sabe que estamos bem? — Devlin pergunta.

Eu balanço minha cabeça. — Ele acha que você está morto e provavelmente vai ficar chateado, mas não como Royal.

— Ninguém é como Royal, — diz Baron.

— Ah, também, a mão e o braço direito inteiro dele esta queimado, e ele está sem um dedo, graças aos seus irmãos, — digo a Crystal.

— Não o braço *inteiro*, — diz Duke.

Crystal parece que vai vomitar. Ela nem começou a perceber a magnitude do que sua partida fez com esta família, e não sou eu quem vai adoçar isso. Eu não a odeio, mas não vou deixá-la escapar por tudo que ela causou só porque ela se apaixonou. Entendo a tentação, mas nunca abandonaria minha família para fugir e viver em feliz ignorância com Royal. E minha família é uma merda.

Não que o dela não seja. Além de Royal, eu poderia deixar todos eles. Há uma razão para eu não querer me juntar a eles no Dia de Ação de Graças. Tento imaginar um futuro com Royal, sentada à mesa de jantar com ele, seus dois irmãos que me estupraram, sua irmã que o quebrou de maneiras das quais ele nunca vai se recuperar, seu irmão da máfia, sua mãe que o abandonou, e seu pai, que o proxenetizou para fechar negócios.

Sim, isso vai ser agradável.

Talvez possamos convidar minha adorável mãe para uma diversão extra.

— Ele não está aqui, — King diz enquanto paramos em um prédio de escritórios com um estacionamento vazio.

— Ele também não está no Slaughterpen ou no trecho onde Lo diz que ele faz corridas de arrancada, — eu digo, verificando meu telefone enquanto as mensagens de texto começam a chegar. — Estou perguntando se eles têm alguma outra ideia.

Mando mensagens para Colt e Lo e incluo o fato de que Magnolia está nos seguindo, já que disse a Colt que o avisaria se a envolvesse em alguma coisa.

— Papai também não está aqui, — Duke aponta, ajustando seu gorro e olhando para King, que está no banco do passageiro.

O garoto Dolce mais velho passa a mão pelo cabelo. — Tivemos uma conversa em Nova York, — diz ele. — Aposto qualquer coisa que ele está com o papai.

— Baron? — Eu pergunto. — Você conhece seu pai melhor. Para onde ele iria?

— Ele provavelmente foi para casa, — diz Baron, pegando seu telefone e enviando mensagens de texto, seus dedos voando pela tela.

Quero perguntar se ele machucou Royal, mas não adianta. Ele tem machucado Royal por anos, e ele não dá a mínima.

Outra mensagem chega e eu mostro a tela para eles. — Ele não está na escola.

Ficamos sentados em silêncio por alguns segundos.

Ver o nome de Gideon na tela coloca algo no lugar, e de repente tenho certeza de que sei para onde eles foram.

— O shopping, — eu digo. — Ele está no shopping.

Duke gira o volante e pisa fundo no acelerador, e nós derrapamos em uma curva no asfalto úmido e então disparamos para fora do estacionamento. Eu disparo uma mensagem de grupo para os outros para contar o que foi resolvido e para onde vamos a seguir.

— Por que ele estaria no shopping? — Crystal pergunta.

— Não é mais o shopping, — eu digo. — Ele saiu do negócio.

— Crystal está certa, — diz Baron. — Papai não conseguiu o negócio da terra. Por que ele iria lá?

— Porque ele me disse que algo ilegal estava acontecendo lá, — eu digo. — E eu acho que não são os Delacroixs fazendo isso. O que significa que se ele disse que estava no trabalho e não está aqui, provavelmente está fazendo alguma merda lá em cima para armar para eles.

— Royal não saberia disso, — diz Baron.

— Certo, — eu digo. — Só você saberia disso.

— Ele provavelmente está no pântano, — diz Baron com um encolher de ombros. — Mas podemos perder tempo procurando o papai primeiro, se você quiser.

— Você está do lado de quem? — Eu pergunto. — De Royal ou de seu pai?

— Estou do lado da minha família, — diz Baron, nivelando-me com aquele olhar medido. — Sempre.

— Se você não está do lado de Royal, então por que está aqui? — Eu pergunto.

— Eles são minha família, — diz ele friamente. — Por que *você está* aqui?

Se eu achasse que funcionaria, passaria por cima dele, abriria a porta e o empurraria para fora do veículo em movimento. Mas eu vou ter que lidar com a bunda dele mais tarde.

— O shopping fica na saída da cidade, — diz King. — Nós vamos passar por lá apenas no caso. Levará apenas um minuto.

— O que você achar melhor, — diz Baron, batendo em seu telefone novamente, movendo a haste de um lado da boca para o outro com a língua enquanto ele escreve.

— Não sei por que ele se deu ao trabalho de armar para os Delacroix, — diz Duke. — Poderíamos simplesmente queimar esse filho da puta até o chão!

Ele estaciona no shopping, que está montado em três alas saindo do centro, onde ficava a praça de alimentação quando o shopping estava funcionando. As luzes de segurança ainda estão acesas no estacionamento, mas o interior está completamente escuro, o que me dá um arrepio estranho. O shopping é um lugar que deveria estar sempre iluminado, cheio de gente chapada com as compras em suas sacolas inchadas, crianças agitadas com comida no rosto, pais sobrecarregados, namorados jogando moedas na fonte e adolescentes furtando bijuterias baratas no bolso. bebedouros — outro truque que Lauren me ensinou durante nosso breve caso.

Um par de faróis passa por cima de nós e eu pulo, virando para lá com o coração na garganta. O veículo ruge em nossa direção, os faróis ofuscando, e por

um segundo, tenho certeza que vai direto para nós. Um grito se aloja em minha garganta, e então o veículo vira, derrapando até parar ao nosso lado, e vejo que é a caminhonete de Colt, não meu SUV. O Mustang de Gloria para ao lado dele. Com Magnolia ainda nos seguindo, estamos reunindo um desfile regular.

Colt abaixa a janela. — Eu contornei a ala leste, — diz ele. — Sem carros.

— Veja? — Baron diz.

— Vamos verificar o último lote, — eu digo, apontando para a última ala do shopping. — Já estamos aqui.

Não adiciono o resto do meu pensamento - que não confio em Baron nem por um segundo.

Duke olha para nós no banco de trás.

— Ela está certa, — diz King. — Poderia muito bem verificar.

Baron parece irritado, mas não diz nada. Ele abaixa a janela e joga sua haste de pirulito, depois mantém o rosto virado. Eu me pergunto o que o psicopata sabe, por que ele não nos quer aqui. Isso só me convence de que meu palpite estava certo.

— Quem está armado? — King pergunta enquanto Duke muda de marcha e começa a ir para a última ala do shopping. — Não sabemos no que estamos entrando.

Eu silenciosamente me xingo quando me lembro de deixar cair minha arma com o telefone de Royal quando estávamos tirando nossas roupas freneticamente, prontos para foder.

— Eu tenho uma faca, — eu digo. — E soco inglês.

— Magnolia está armada pra caralho, — Duke diz, balançando a cabeça.

— Eu tenho uma arma, — diz Devlin.

— O que? — Crystal pergunta. — Por quê?

— Por que sua família quer me matar?

— Você cuidou de nossa irmã e de seus filhos nos últimos três anos, — diz King. — Não queremos matar você.

— Obrigado, — diz Devlin calmamente.

Ninguém fala enquanto paramos no final do prédio. Não posso deixar de pensar que Devlin tem coragem de entrar em um carro com os meninos Dolce agora, sem saber o que eles estão planejando além de encontrar Royal. Não há como Colt ou Preston fazer isso. É uma prova de seu amor por Crystal, com certeza. Eu o admiro relutantemente por isso, embora eu esteja tão brava com ele quanto com ela.

Paramos na esquina do prédio para ver o último estacionamento em forma de cunha. Dois carros ficam lado a lado no centro do estacionamento, perto da entrada da praça de alimentação - o Porsche do Sr. Dolce e meu Escalade.

Engulo em seco, meu coração trovejando em meu peito. Se ele machucar Royal...

Eu nem vou pensar nisso. Eu não vou me deixar.

Duke acelera e nós voamos pelo estacionamento, pulando várias calçadas. O Hummer passa por cima deles, quase nos derrubando dos assentos, mas ele não reduz a velocidade até parar ao lado do meu carro.

— Estou armado — , diz King. — Liza? Baron? Duke? Crys?

— Peguei uma arma na saída, — diz Eliza. — Vou ficar com você.

— Acabei de trazer meus punhos, — diz Duke, desligando o motor e socando o punho na palma da outra mão. — Vamos fazer isso.

Todos saímos do carro, juntando-nos aos dos outros carros.

— Eu acho que você vai ter que escolher um lado agora, — eu digo a Baron. — Caso contrário, como sabemos que você não vai atirar em Royal para proteger seu pai?

— Eu sou seu irmão, — ele rosna. — Caso você tenha esquecido, sou eu quem o estava protegendo quando você enfiou a porra de uma faca nas costas dele. Então, se a lealdade de alguém está em questão, é a sua.

— Eu amo Royal, — eu digo categoricamente. — Eu nunca o machucaria.

— Então estamos de acordo, — diz ele.

Eu estreito meus olhos para ele. — Exceto que você também quer proteger seu pai, — eu digo. — Não É? Você disse que você e ele têm suas próprias coisas.

Ele encontra meus olhos com um olhar frio por trás de seus óculos. — Eu tinha algo que ele queria, — diz ele calmamente. — Tínhamos nosso negócio funcionando até que ele conseguisse o que queria.

Ficamos ali olhando um para o outro, e eu gostaria muito de poder lê-lo melhor. Se ele está ferido, ele esconde tão bem quanto todos os meninos Dolce. Eu não deveria me surpreender ao ouvi-lo admitir que seu pai estava apenas usando-o. Não é como se algum de seus filhos fosse imune. Royal é o mais velho, então ele tentou proteger os gêmeos, mas ele não é especial aos olhos do Sr. Dolce. Ele usaria todos eles se pudesse tirar algo disso.

— O que ele estava procurando? — Eu pergunto.

— A receita.

Não preciso perguntar o que ele quer dizer. É a receita de Lady Alice, a droga de Alice no País das Maravilhas que minha mãe e todos os outros em Faulkner estão usando. E agora o Sr. Dolce tem a receita. Isso apenas confirma minhas suspeitas anteriores de que ele é o chefe de tudo e precisa ser tratado de uma vez por todas. Assim que conseguirmos Royal de volta, precisamos nos livrar do pai deles, talvez colocá-lo na prisão por traficar drogas.

— Então vamos recuperá-lo, — digo a Baron.

Ele me dá um leve aceno de cabeça, algum acordo tácito entre nós de que esta noite, pelo menos, estaremos no mesmo time.

Crystal e Devlin deram a volta no carro, mas Colt estava muito ocupado discutindo com Gloria para perceber. De repente, ele para no meio da frase e fica boquiaberto.

Devlin o agarra como fez com Preston, e eles se seguram enquanto o resto de nós fica ali sem jeito, olhando para as nuvens escuras se acumulando no alto e tentando não se intrometer em um momento que obviamente não é nosso para testemunhar. Isso faz meu peito doer no fundo, e não porque eu esteja desejando ter uma família, como costumava ter quando via Royal e os gêmeos. Agora, meu coração dói por ele, porque não acho que os gêmeos sejam capazes do tipo de amor que os homens Darling parecem ter um pelo outro.

O som de um motor se aproximando interrompe o constrangimento, e todos nós deixamos escapar um suspiro silencioso de alívio. Colt e Devlin se separam, mas então eles apenas ficam lá, suas mãos segurando o pescoço um do outro, olhando um para o outro com os braços estendidos como se estivessem presos em alguma comunicação silenciosa que o resto de nós não conhece.

Nós nos afastamos deles para ver outro carro passar. Gideon e seu irmão, o bibliotecário, descem de um SUV.

— Você trouxe um professor? — Duke pergunta, tirando o gorro e bagunçando o cabelo. — Que porra, cara. Você poderia ser mais manco?

— É nossa propriedade, — diz Delacroix. — Nós somos os donos deste lugar. O que significa que tecnicamente todos vocês estão invadindo.

— Temos algum problema aqui? — King pergunta.

Há algo tão autoritário em sua voz, tão frio, que mesmo não sendo maior que seus irmãos, até eles se calam e olham para ele.

O Sr. Delacroix engole com tanta força que posso ver seu pomo de Adão subindo e descendo. — Não, — diz ele. — Estamos aqui apenas para proteger nossa propriedade.

— Bom, — diz King. — Você tem armas?

— Tenho uma licença de porte oculto, — diz Delacroix. — Eu tenho uma pistola e alguns rifles de caça no porta-malas.

— Pegue-os, — diz King.

— Estamos em perigo? — Sr. Delacroix pergunta, franzindo a testa e aproximando-se de seu irmão mais novo.

— Acho que é seguro presumir que Royal veio confrontar nosso pai, Tony Dolce, se você não conhece. O que ele está fazendo aqui, eu não sei. Portanto, tome as precauções necessárias ou fique aqui fora.

O Sr. Delacroix vai pegar as armas, e King se vira para o resto de nós. — Somos doze, o que significa que nos dividimos em três times de quatro e nos espalhamos. Darlings, peguem o corredor noroeste. Você tem duas armas. Dolces ficará com a ala leste — também temos dois canhões. Delacroixs, leve Gloria e Harper com vocês para verificar a ala sudoeste. Vamos trazer Royal de volta muito bem. Nenhuma vítima hoje.

Ele acena para mim e então se vira para levar seu grupo em direção às portas.

O Sr. Delacroix estende um dos rifles para mim e para Lo.

— Sabe atirar? — pergunto Glória.

Ela bufa. — Por favor. Você não é a única garota que cresceu no sul.

— Pegue, — eu digo, levantando as duas mãos. — Eu sou melhor com meus punhos.

Atravessamos o estacionamento sob as nuvens baixas e agitadas e nos aglomeramos em torno das portas da praça de alimentação enquanto o Sr. Delacroix a destranca. Relâmpagos piscam nas nuvens, mas dentro do shopping está escuro como breu.

— Posso ir com o grupo de Harper? — Colt pergunta. — Meu dinheiro está nela em qualquer luta.

— Você pode ficar com minha arma, — diz Magnolia. — Contanto que você me deixe usar o cortador de charutos depois de atirar nele.

Duke se afasta dela, puxando o gorro para baixo sobre as orelhas e fazendo uma careta para ela.

— Fique com seu grupo, — diz King.

Ele entra primeiro, insistindo em dar uma olhada antes de nos liberar alguns minutos depois. A adrenalina bombeia através de mim enquanto passo pelas portas para a escuridão lá dentro. Ligo a lanterna do meu celular e lanço o facho de luz ao redor da enorme sala quando vejo outras pessoas fazendo o mesmo. A praça de alimentação está vazia, as mesas e cadeiras sumiram e todas as barracas ao redor estão fechadas com tábuas e vazias. Eu deslizo para um lado, passando pelo lugar de frituras que Lauren gostava e o lugar de sanduíche que nos dava recargas gratuitas de bebidas se flertássemos o suficiente. Tem a barraca que vendia pizza em fatias e ainda cheira a ela mesmo estando fechada, e a estação de smoothies aonde fui com a Glória no ano passado.

Então entramos em um corredor longo e escuro. Nossas luzes refletem nas fachadas de vidro das lojas, projetando sombras sinistras e me fazendo semicerrar os olhos quando atingem meus olhos.

— Isso é assustador como o inferno, — Gloria sussurra ao meu lado, carregando o rifle sobre o ombro como um caçador. Nossos passos e sussurros ecoam pelo corredor e pelo teto. Também ouço passos de longe, mas não sei de onde vêm. Um longo estrondo de trovão cresce lá fora, do tipo que soa como se algo ameaçador estivesse se aproximando.

— Vamos verificar o lado esquerdo, — eu digo para os Delacroixs. — Você verifica as lojas à direita. Quem encontrar alguma coisa, assobia e nós iremos até você.

— Devemos chamar Royal? — pergunta Glória. — Ou ficar quieto?

— Eles vão nos ver chegando, — eu indico.

Gloria chama, sua voz ecoando no silêncio, soando pequena e estridente. Ela ri nervosamente. — Faz você.

Mais ou menos na metade do nosso corredor, há um pequeno corredor lateral que costumava ter cadeiras de massagem e depois um círculo de bancos em frente a um restaurante de um lado, um salão de cabeleireiro ao lado e um cinema de quatro telas que sempre cheirava a mijo de todos os pais que trazem seus filhos para as matinês.

— E se eles passarem pelo final do corredor enquanto estivermos por aqui? — Gideon pergunta, apontando sua luz para o corredor lateral e depois para a frente novamente. Passos soam no corredor atrás de nós, e eu me viro. Uma luz brilha diretamente em meus olhos, cegando-me para a figura além.

— King nos enviou para verificar o cinema e a área do restaurante, — diz Baron, não abaixando a luz até que ele esteja tão perto que eu poderia praticamente derrubá-la de sua mão.

— Por quê? — Eu pergunto.

Apesar de nossa trégua anterior, confio em Baron tanto quanto gosto dele.

Ele dá de ombros. — Ligue e pergunte a ele. Ele provavelmente se esqueceu dessa parte do shopping. Ele só viveu nesta cidade por um ano.

King não me parece o tipo de cara que esquece alguma coisa — nunca. Baron também sabe muito bem que não tenho o número dele. Pelo que sei, ele atirou em King e Eliza para escapar deles. Eu não colocaria nada além dele.

Ou talvez ele esteja dizendo a verdade, mas já me queimei muitas vezes para acreditar em uma palavra do que ele diz.

— Há mais área para cobrir nesta ala, — ressalta Duke. — Podemos varrer e depois voltar.

Ele e Baron começam a descer o corredor curto.

— Eu vou com eles, — eu digo. — Algo parece errado.

— Tem certeza? — Gideon pergunta, franzindo a testa para mim. — Quer que eu vá?

— Não, — eu digo. — Eu só quero ter certeza de que Baron não está fazendo sua merda obscura de sempre.

— Eu vou junto, — diz Gloria.

— Vamos continuar, — diz Delacroix. — Tome cuidado. Assobie se precisar de nós.

Eu me viro e corro pelo corredor. Duke e Baron desapareceram no momento em que minha luz atinge o final do corredor, o que só me convence ainda mais. Eles estão tramando algo.

Estamos na metade do caminho quando um som ecoa de algum lugar do cinema, à nossa frente e à nossa esquerda — um grito nitidamente feminino.

— O que é que foi isso? — Gloria pergunta, seus olhos se arregalando. Ela levanta o rifle de volta ao ombro e o segura, caminhando lentamente.

— Cubra minhas costas, — eu digo enquanto outro grito ecoa da entrada escura como breu do cinema. — Não atire em mim.

— Para onde foram os gêmeos? — ela pergunta, sua voz alta com medo.

— Se eu tivesse que adivinhar, os gritos nos levariam até eles, — murmuro sombriamente, correndo para a entrada antes de hesitar. Ambas as portas de vidro estão abertas, mas não consigo ver nada além de uma boca escancarada de escuridão lá dentro. Eu ligo minha luz e ilumino a entrada com carpete vermelho. A bilheteria e o estande de concessão ficam à frente, com duas pequenas salas de exibição e um banheiro de cada lado.

O eco do último grito se extingue e o silêncio está ao nosso redor. Meu coração está batendo tão forte que mal ouço Gloria se aproximar atrás de mim.

— Quem era aquele? — ela pergunta, sua respiração superficial.

Porra. Minha mente corre pelas possibilidades. Eliza, Crystal ou Magnólia.

Eliza poderia ter vindo para rastrear os gêmeos, e vale a pena matar pelo o que quer que eles estejam escondendo, então eles atiraram nela ou a colocaram fora de ação. Se Crystal viesse aqui por qualquer motivo, os gêmeos ou Royal poderiam ter ficado com raiva o suficiente para matá-la. E depois há Magnólia...

Há um clique suave e um zumbido familiar, e então o som de uma garota chorando vindo de um dos quartos à esquerda.

— Me cubra, — eu digo, começando assim, meu coração martelando quando a luz fria do meu telefone cai na maçaneta da porta do cinema. Eu abro e pulo para o lado, encostando minhas costas na parede caso alguém esteja esperando. Nada acontece, exceto que o fungar e o choro estão mais altos agora - muito alto.

Eu me viro e entro no teatro. O som não vem de uma pessoa, pelo menos não de alguém na sala. Está vindo da cabine de som acima. Algo que parece suspeito como pornô está passando na tela.

— Bem-vindo ao covil da iniquidade, — diz Duke, apoiando os pés no

encosto de um assento. — Tenho cerveja e maconha e algumas Pearl Ladies.

— Que porra é essa, Duke, — eu estalo. — Nós deveríamos estar procurando por Royal. Onde está o Baron?

— Ele está na cabine, — diz Duke, apontando para a cabine de projeção.
— Ele é o profissional.

— O que é isto? — Gloria pergunta, abaixando a arma e olhando boquiaberta para a tela. — É isto...?

A cena mudou desde a tomada que era tão próxima que era quase impossível dizer o que estava acontecendo com uma tomada de... *Eu*.

Eu engulo a bile na minha garganta, balançando em meus pés. Meus dedos se fecham atrás de um dos assentos e olho para a tela e para o que obviamente são minhas tatuagens.

— É o carretel de destaque, — diz Duke, jogando a cabeça para trás e tomando um longo gole de sua cerveja. — As estrelas pornô favoritas de Faulkner, se você quiser.

— Onde você conseguiu isso? — Eu pergunto.

— O Baron pagou e gravou na tela, — diz ele, colocando a garrafa vazia no chão e arrotando. — Vale totalmente a pena. Preston te dá uma grande e velha torta de creme na bunda em um minuto.

— Desligue, — eu estalo, apertando meus olhos fechados.

— Aquela Harper estava gritando? — Gloria pergunta, sua voz fraca.

— Nah, — diz Duke. — Mas isso vai voltar em um segundo. Baron fez um bom trabalho editando os cliques juntos, mas são apenas dez minutos. Não se preocupe, você também está aqui, Lo.

— Desligue, — eu digo novamente, mais alto desta vez.

— Ah, não posso, — diz ele, acendendo um isqueiro. A chama dança ao redor da ponta do cigarro que ele está segurando. — Eu não sei como operar o projetor. Além disso, teríamos que ir até a cabine e preciso de um minuto para relaxar. Aqui, venha sentar-se. Eu vou fumar com você. Posso até comer você se você chupar meu pau primeiro.

— Foda-se, — eu digo. — Estou indo embora.

Eu me viro bem a tempo de ver a porta se fechando atrás de mim. Eu salto para ele, batendo meu ombro contra a superfície, mas é implacável e sólido. Ouço um clique do lado de fora e sei que aquele bastardo acabou de nos trancar.

— Deixe-nos sair, — eu exijo, batendo meus punhos na porta.

— Apenas sente-se e assista, — diz Duke. — Dez minutos não é muito tempo. Apenas o tempo suficiente para eu fumar um baseado, estourar uma noz e talvez terminar uma ou duas cervejas.

— Por que você está fazendo isso? — Glória pergunta, com a voz trêmula.

— Olha, ele está fodendo a bunda dela agora, — Duke diz, uma nuvem de fumaça saindo de sua boca. — Espera, é tão bom quando acaba o sêmen dele e ele vai de bunda em boceta.

— Deixe-me sair, — eu digo, caminhando pelo corredor até onde Duke está sentado, a meio caminho da tela.

— Vamos, baby, você não quer ver o que temos de você? — Ele pergunta, pegando minha mão e me puxando para seu colo. Seu braço de ferro me envolve, me segurando pelo meio, e ele empurra sua ereção contra mim. É quase exatamente como o Sr. Dolce me segurou, e minha pele se arrepia tanto desta vez quanto naquela vez.

Duke me agarra com um braço e dá uma baforada por alguns segundos.

— O que você quer? — Eu pergunto. Posso fugir dele quando preciso, mas cooperar por um minuto pode me trazer respostas.

— Sinta como fico duro ao vê-lo pegar aquela bunda, — diz ele. — Sabe, eu nunca consegui fazer isso. Apenas Baron conseguiu anal. Quer consertar isso esta noite?

Ele me oferece o baseado, mas eu afasto sua mão. Quero estar sóbria agora, tão tentador quanto aliviar o estresse. Meus músculos estão tremendo, uma sensação de mal estar revirando meu estômago. Não quero voltar lá, não quero cair nos horrores do meu trauma.

— Eu não consigo entender você, — eu digo, engolindo o tremor na minha garganta.

— Então pare de tentar, — diz ele. — Ninguém mais o fez, e você não será a primeira.

— Você está por dentro de tudo o que Baron está fazendo, ajudando-o a nos impedir de encontrar Royal? — Eu pressiono. — Por que você faria isso? Porra Royal ama vocês. Ele se sacrificou por vocês.

— Estamos apenas nos divertindo um pouco com você, — diz ele. — Olha, esta é a melhor parte.

Eu tento não ficar doente assistindo os últimos segundos. Eu gosto de pornografia tanto quanto qualquer outra garota, mas isso não é pornografia. Sou eu. Na época, eu sabia o que Preston estava fazendo, mas não parecia real. Eu apenas dei com a cabeça no travesseiro, entorpecida demais para me importar. Agora, vê-lo me fodendo quando eu estava basicamente em coma, me dá vontade de caçá-lo e rasgar sua garganta - especialmente porque ele enviou esses vídeos para esses idiotas.

Lá estava eu agradecendo muito pelo que ele comprou para mim, e ele provavelmente estava usando o dinheiro desses cliques para fazer isso. Ele realmente me fez uma prostituta. Eu nem queria aquelas roupas, e com certeza não as teria trocado por isso. Se ele me fez uma prostituta, ele o fez sem minha permissão. Quero esquecer o pesadelo daqueles meses, mas ele continua voltando.

O clipe termina com um murmúrio de “boa menina” de Preston.

Duke geme e me aperta com mais força. — Veja, eu sempre soube que você era desagradável pra caralho, mas Royal não nos contava merda nenhuma. Preston fez, no entanto. Eu estava certo sobre você o tempo todo. Eu te entendo, Harper Apple. E você é a única que realmente me entende.

Eu rio disso. — Desculpe, você está errado. Eu não entendo você de jeito nenhum. Eu não sei se você é estúpido, ou se você sabe que Baron está te afastando, mas você está apenas fingindo que não é isso que está acontecendo porque dói demais para você admitir isso. Você é apenas uma distração como o resto de nós. Você ao menos sabe o que ele está fazendo lá fora?

O vídeo muda para uma garota deitada amarrada a uma cama, levantando a cabeça enquanto um cara fica de pé sobre ela, de costas para a câmera. Está granulado, como uma câmera de segurança capturou. Não fico por perto para ver se é daqui que vem a gritaria. Eu piso no pé de Duke, e quando ele afrouxa, eu bato seu cotovelo no braço do assento. Ele xinga e me solta, e eu me contorço de seu aperto e fico de pé.

— Vou sair pela saída de emergência,— eu digo. — Glória?

Ela engole em seco, seu rosto pálido sob a luz da tela. — E se você for

bloqueada?

Não sei se o Sr. Delacroix trancou as portas atrás de nós, mas sei que são de vidro. Eu vou encontrar uma maneira de voltar.

— Vou dar uma volta e tirar você, — eu digo. — Você vai ficar bem aqui?

— Ela vai ficar bem, — diz Duke. — Ela só quer saber se o que temos sobre ela é tão nojento quanto Preston enfiando na sua bunda e enfiando de volta na sua boceta. Manteiga de trufas, querida!

Gloria acena com a cabeça em silêncio, seus olhos arregalados enquanto ela olha para a tela atrás de mim. Não sei se é ela, pois não olhei muito de perto. Eu também não vou, porque se for ela, vou deixá-la manter qualquer dignidade que reste. É o que as pobres meninas fazem.

— Lembra o que eu disse a você antes? — Eu pergunto a Duke. — Sobre você foder com garotas e machucá-las? Isso significa Gloria também. *Especialmente* Glória.

Ele balança a cabeça, olhando para a tela com uma expressão vidrada. Eu não gosto de filmes snuff¹² ou qualquer merda doentia que Baron colocou lá, então eu evito olhar e corro para a porta de saída. Eu bato meu ombro contra a barra, meio esperando que ela esteja bloqueada do lado de fora, mas ela se abre na noite fria.

Eu olho para trás uma vez e vejo Gloria pegando o cigarro de Duke com dedos trêmulos. Não importa o quanto eu goste de entender as pessoas, não sei se algum dia saberei o que está acontecendo com qualquer um deles.

Deixo a porta se fechar atrás de mim, então corro em direção às portas pelas quais entramos. O vento assobia através dos galhos vazios das árvores no estacionamento, e eu coloco meu moletom em volta de mim e olho por cima do ombro, meu coração balançando em meu peito. Tenho certeza que verei Baron vindo atrás de mim.

Mas o estacionamento está vazio quando passo os olhos por ele.

Eu alcanço as portas da praça de alimentação e paro, respirando algumas vezes antes de tentar abrir a porta.

Fechada. Eu xingo, então olho em volta, pego uma pedra e quebro o vidro. Ele cai em fragmentos brilhantes e tilintantes ao meu redor. Eu chuto o resto e passo por baixo da barra central da porta, então corro pela praça de alimentação novamente, meu coração batendo forte. Se Baron não souber que saí, posso me

esgueirar atrás dele, mas não posso contar com isso. Duke pode ter mandado uma mensagem para ele.

Ando na ponta dos pés pelo amplo corredor, os cabelos da minha nuca arrepiados só de pensar em ficar tão exposta. Se Baron sair, eu sou o único alvo no corredor.

Eu dobro a esquina para o pequeno corredor, me achatando contra a parede e recuperando o fôlego por um segundo. Estou prestes a continuar quando ouço um assobio baixo. Eu me viro em direção ao salão principal, meu coração martelando.

Eles encontraram Royal?

— Gideon? — Eu sussurro o mais alto que posso. Ele ecoa pelo corredor vazio. Em algum lugar, ouço um som distante de chocalho, quase como um bastão de chuva. Eu fico tensa, ouvindo o som continuar por trinta segundos completos, minha pele formigando da cabeça aos pés.

Que porra foi essa?

Outro apito baixo soa, e eu viro de volta. No relâmpago bruxuleante vindo da saída entre o cinema e o restaurante, a silhueta de um homem permanece imóvel.

— Royal? — Eu pergunto, tentando pegar meu telefone.

Outro apito soa, este atrás de mim. Eu me viro e, quando me viro, a figura no corredor sumiu. O cabelo na minha nuca se arrepia enquanto eu rastejo pelo corredor. Ouço outro apito, este da esquerda, na sala de cinema. A escuridão interior é densa e opressiva, como se estivesse esperando por mim.

Respiro fundo e tento acalmar meu coração acelerado e meus pensamentos em espiral. A escuridão não vai me machucar, mas quem quer que esteja escondido nela pode. Eles continuam me guiando dessa forma, o que significa que estão tentando me impedir de dar certo. Ligo minha lanterna novamente e viro para a direita, onde o restaurante fica escuro e silencioso. Eu varro minha luz para a porta e quase grito.

Duke está parado ali, com as mãos no bolso da frente do moletom.

— Duke, — eu digo. — Que porra é essa?

Ele me lança um sorriso desleixado. — Apenas me divertindo um pouco com você.

— É você que está assobiando?

— Sou um homem de muitos talentos.

— O que você está fazendo aqui? Onde está Lo?

— Ela não está com você? — ele pergunta. — Ela saiu pela porta lateral para encontrar você.

— Como você saiu?

— Baron me deixou sair, — diz ele. — Verificamos o restaurante e ele voltou para se reportar a King.

— Por que você não foi? — Eu pergunto, estreitando meus olhos.

— Achei que você não iria acreditar em nós, — diz ele com um encolher de ombros. — Então, vamos dar uma olhada e depois voltar para os outros.

Ele abre a porta do restaurante e entramos. O lugar ainda cheira a espaguete e vômito de todas as crianças que comeram demais no bufê de massas, mas as mesas e cadeiras se foram, deixando apenas as cabines nas bordas.

— Veja? — Duke diz. — Vazio. Vamos voltar. Preciso de outra cerveja.

Meu coração afunda. Ele tem razão. Eles não estão aqui. Não há nada aqui. Dou uma volta pelo pequeno restaurante e suspiro. — Ok.

Ele segura a porta de vidro aberta e eu passo na frente dele, lançando o facho da lanterna mais uma vez. Ele atinge uma forma sob uma das mesas da cabine, e eu paro no meio do caminho, meu pulso acelerado.

— O que é isso? — Eu pergunto, voltando atrás.

— O que? — Duke pergunta.

Eu corro de volta para a cabine e coloco a mão embaixo, puxando uma mochila preta. Há uma maleta atrás dela.

— Isso é do papai, — diz ele, parecendo confuso.

— Por que ele deixaria aqui? — Eu pergunto, um arrepio percorrendo minha espinha.

— Não abra, — Duke diz bruscamente.

— Você acha que é uma bomba? Ele vai... Explodir o shopping?

— Eu não sei, — ele admite.

— Temos que encontrar Royal, — eu digo, de pé. Meus olhos caem em uma porta de vaivém de plástico marrom no outro lado da sala, perto do banheiro. — Merda.

— O que?

— Não checamos a cozinha.

Dou um passo e, no segundo seguinte, sou puxada pelos cabelos. Seu braço envolve minha garganta desta vez, levantando-me do chão.

— Você simplesmente não sabe quando parar, não é? — ele rosna em meu ouvido, tão perto que posso sentir o cheiro de loção pós-barba e pastilhas para tosse enquanto ele respira em meu pescoço. Algo se prende em minha mente, mas ele aumenta seu aperto, enfiando os dedos em meu cabelo e cortando minhas vias respiratórias com seu antebraço, e então estou muito focada em tentar ficar consciente para pensar em qualquer outra coisa. Eu agarro seu braço, virando um pouco a cabeça e afundando meu queixo na parte interna de seu cotovelo para manter um pouco de ar fluindo em meus pulmões. Deus, seus músculos parecem de ferro. Ele esmaga a lateral do meu pescoço e a escuridão mancha minha visão.

— Isto é assunto dos Dolce, — ele dispara, arrastando-me para trás em direção à porta. — Por que diabos você ainda está trabalhando com os Darlings quando você não é uma deles? E isso nem é assunto dos Darling — é entre nós e os Delacroix. O resto de vocês não precisam se meter. Especialmente você. Você simplesmente não consegue parar de dar merda, não é?

Esse idiota me enganou, se não pensando que ele era um cara legal, pelo menos pensando que ele era inofensivo. Mas ele é tão ruim quanto Baron — pior, na verdade. Pelo menos com Baron, você sabe o que está recebendo. Ele não finge ser um palhaço bêbado e depois se vira e anima seu irmão enquanto me tortura. Ele não se desculpa por quem ele é e não tenta esconder suas tendências psicóticas.

Eu esfrego meus calcanhares no chão, lutando para empurrar-me para cima, desesperada para tirar a pressão do meu pescoço antes de desmaiar completamente.

— Royal não quer você aqui, — diz ele, me empurrando no momento em que quase coloco minhas botas com força suficiente para aliviar a pressão no

meu pescoço. — É por isso que você não o encontrou. Ele está trabalhando com o papai, e isso não é da sua conta, porque você não é uma Dolce e nunca será. Por que você acha que ele não apresentou você à nossa mãe? Assim que ele se cansar de foder com você, vai perceber que você é um erro.

Ele me arrasta pelas portas do restaurante para o corredor. Eu consigo me virar e jogar meu cotovelo em sua virilha — com força. Ele amaldiçoa ferozmente, mas não me deixa ir. Ele me agarra com mais força, cortando todo o meu ar desta vez. Sua respiração quente vem mais rápido em meu ouvido, como se para enfatizar quanto oxigênio ele ainda está recebendo.

— Sua cadela, — ele rosna. — Eu deveria ter matado você no pântano naquela noite. Não deveríamos ter parado de ter sucesso onde os Darlings falharam. Eu deveria ter visto isso. Desde a primeira vez, eu queria ver alguém morrer de novo — de perto e pessoalmente desta vez.

Meus dedos começam a ficar dormentes e sei que estou prestes a desmaiar. Levanto o pé, tiro a faca da bota e uso toda a força que me resta para cortar sua coxa. Sangue quente jorra sobre minha mão e, desta vez, ele me solta, jogando-me no chão. Minhas mãos e joelhos batem nos ladrilhos de linóleo, e eu quero ficar lá, respirando até que meus olhos vejam mais do que preto, mas se eu tomar um tempo para me recuperar, ele pode se recuperar também. Eu não sei o quanto eu o cortei. Então me forço a rolar para longe, embora esteja cega no escuro. Pego minha faca e fico de pé, cambaleando enquanto meu cérebro se reabastece de oxigênio. Respiro fundo algumas vezes para ter a sensação de volta em meus dedos e meu cérebro pensando direito.

Eu posso vê-lo ajoelhado, segurando sua coxa onde eu o cortei. Ele tira o moletom e o enrola na perna, xingando e ofegando de dor. Um choque de horror toma conta de mim. Eu o matei?

Então ele se põe de pé. Acho que não atingi uma artéria importante. Eu deveria estar aliviada, mas agora que ele está se arrastando em minha direção saindo da escuridão como um monstro de Frankenstein, sinto muito por não ter acabado com ele.

— Sua puta do caralho, — ele se enfurece. — Você vai pagar por isso. Dissemos que você nunca sairia impune lançando aquele vídeo meu, que pagaria por isso. É hora de pagar, vadia.

Eu circulo para mantê-lo na minha frente, recuando quando ele avança para mim. — Acho que não, — eu digo. — Você está ferido, e eu não. Fique para trás, ou você vai acabar em uma situação ainda pior.

— Acho que vou conseguir ver você morrer depois de tudo, — ele diz. —

Esta noite é um dia tão bom quanto qualquer outro. E já passou da hora de você sair de nossas vidas. Você deveria ter desaparecido no dia em que coloquei aquela bomba no motor de Royal.

— Você fez isso? — Eu pergunto, boquiaberta com o choque. — Por quê? Ele poderia ter se machucado.

— Você acha que eu não sei lidar com um explosivo? Se eu quisesse ver o carro dele virar uma bola de fogo, eu teria feito isso, querida. Eu só precisava lembrá-lo onde você estava - que você era uma Darling - para que ele tirasse a cabeça do rabo e nos deixasse nos livrar de você de uma vez por todas. O pântano deveria fazer isso também, mas você é burra demais para ficar longe mesmo depois disso.

— Ou talvez você seja estúpido demais para aceitar que Royal e eu nos amamos, — eu digo, curvando-me para enfiar minha faca em minha bota. — Isso triunfa sobretudo, até mesmo sobre o que você fez comigo. Você e seu gêmeo psicótico entenderiam isso se fossem capazes de amar alguém além de si mesmos.

— Oh, nós amamos alguém, — diz ele, me empurrando para a alcova na porta da frente do restaurante. — E você sabe o que aconteceu com ela? Nós a deixamos ir, porque ela era uma Darling, e nós somos Dolces. Você é muito ingênua para perceber isso, mas Royal fará o mesmo com você. Família vem sempre em primeiro lugar. Sempre.

— Sim, bem, não para mim, — eu digo, apoiando minhas costas contra o vidro e plantando meus pés, deixando-o vir para cima de mim. — Nosso amor vem em primeiro lugar.

Ele tenta me agarrar e eu balanço com a mão esquerda. Ele está pronto, porém, e bloqueia o golpe. Antes que ele possa se recuperar, eu torço meus quadris, usando toda a força do meu corpo para erguer meu punho direito. O soco-inglês embala minha mão em seu abraço protetor enquanto bate em sua mandíbula com um uppercut ¹³ que é realmente uma beleza.

— Otário, — murmuro enquanto ele cai no chão, sua cabeça batendo nos ladrilhos com um baque doentio. — A essa altura você já devia saber que sou destra.

Deixando seu corpo, eu me viro e volto para o restaurante, indo direto para a porta da cozinha.

A porta se abre e eu olho para cima, mas não é Baron voltando para ajudar.

É Harper.

Papai se vira, com a arma na mão antes que eu possa pegar a minha. Ele aponta para Harper, e uma marca em brasa queima minha alma fria. Se eu estivesse perto o suficiente para alcançá-lo, enfiaria a arma em sua garganta e espalharia seu cérebro na parede, mas estou no meio da sala enquanto ele aponta uma arma para ela.

— Royal, — diz ela, afundando os ombros. — Obrigada porra. Você está bem?

— Estou bem, — eu estalo. — Você não deveria estar aqui.

Papai gesticula para ela com a arma. — Baron deveria se livrar de você.

— Sim, caso seus filhos não tenham lhe contado, não sou muito boa em receber ordens, — diz ela, aparentemente alheia à arma apontada para ela. — Isso inclui ser mandado se foder.

— Isso não diz respeito a você, — diz ele.

Ela olha ao redor para o equipamento de metal e as caixas abertas no chão. — Isso diz respeito a Royal, então me preocupa, — diz ela. — Então, o que estamos fazendo?

— Saia, — eu digo categoricamente.

Ela se aproxima e chuta uma caixa de leve com o dedo do pé. — Doce?

Papai se vira, seguindo seu caminho com o cano da arma. — Você ouviu meu filho, — diz ele. — Não temos tempo para suas interrupções.

Observo o olhar de Harper se mover de volta para o equipamento que se estende pela sala, para a calha acima da longa mesa de aço inoxidável onde estou embalando o produto e, finalmente, levantando para mim.

— Por que você está fazendo isso? — ela pergunta, e eu posso ler a decepção em seu rosto.

— Paga melhor do que balas, — diz papai, pegando uma conta azul-claro iridescente da mesa. — Você sabe quantos Dolce Drops eu tenho que vender para ter o mesmo lucro que uma dessas pequenas pérolas?

— Eu não estava falando com você, — diz ela, seu olhar nunca vacilando de mim.

Fecho um saco e o jogo na caixa de doces, encarando-a sem pestanejar. — Você queria fazer parte da minha vida, — eu digo categoricamente. — Eu tentei manter você fora do lado obscuro da Dolce Sweets, mas se você vai se colocar no meio disso, aqui está. Bem-vinda à porra da família.

Deslizo minhas mãos sobre as centenas de pérolas azuis sobre a mesa, certificando-me de que tenham apenas uma camada de profundidade onde estou trabalhando.

— Você quer colocá-la para trabalhar? — Papai pergunta. — Ela já viu demais.

— Porra, não, — diz Harper. — Eu não estou fazendo essa merda. Foi isso que fodeu com a minha mãe.

— É só trabalhar ou você não sai daqui, — diz papai, levantando a arma novamente. — Estamos com um prazo apertado aqui, graças a você enfiando o nariz onde não deveria.

Harper apenas balança a cabeça lentamente para frente e para trás, olhando para mim com um olhar que me corta ao meio. — Posso acreditar que o Baron é o responsável, mas você, Royal? Por que você está fazendo isso? Você está colocando tudo isso nas ruas?

— Alguém vai fazer isso, — eu digo. — Se não somos nós, são os Discípulos ou os Crossbones.

— Você não tem que obedecer a seu pai.

— Negócios de família, querida, — eu digo, sacudindo o aro na superfície da mesa para chutar qualquer extra. Ele foi projetado para acomodar exatamente cem pérolas quando elas têm uma camada de espessura. Coloco-o em um saco, depósito as pérolas e começo de novo.

Harper engole e olha para mim e para o papai. — O que ele tem contra você? — ela pergunta. — Essa é a compensação por não trabalhar no Hockington?

— Cale a boca e mexa as mãos, — diz papai, enfiando um rolo de fita adesiva nas mãos dela. — Essas caixas estão prontas para ir. Embale-as bem.

Eu jogo outra sacola na caixa aos meus pés e chuto na direção dela. — Encha essa.

— Isso é uma merda, — diz ela, balançando a cabeça e olhando para os tubos e câmaras de aço inoxidável ao redor da sala, projeto do próprio Baron, um sistema intrincado digno de Rube Goldberg. Normalmente, não somos nós que embalamos nosso próprio produto, mas geralmente o dono do shopping não está caçando nos corredores do shopping abandonado, procurando por nós.

Eu olho para ela, desejando que ela obedeça. Ela não sabe o quanto meu pai é perigoso, mas eu sei. Ele aponta a arma para ela, mas ela não se mexe até que ele tire a trava de segurança. Então ela pega a fita e passa uma tira no topo da primeira caixa.

— Então, este é o seu império das drogas, — diz ela. — Esta é a verdadeira razão pela qual você queria o shopping? O cassino era mesmo real?

— Era para ser, — eu digo, não querendo que ela pense que eu sou um saco de merda mentiroso. Pelo menos não mais do que ela já faz.

— Isso é mais lucrativo, no entanto, — papai diz, finalmente voltando ao trabalho. Ele circula a mesa para manter Harper na frente dele, para que ele possa observá-la, e eu posso cuidar de suas costas. — Também não são necessárias despesas ou autorizações.

— Sim, bem, os Delacroix estão prestes a encontrar você, — diz ela. — E então sua pequena operação será feita.

Ela é silenciada quando eu inclino a panela para deixar outro lote rolar pela calha, o som abafando qualquer chance de conversa enquanto as contas correm sobre o metal e sobre a superfície da mesa.

— Se os Delacroix vierem por aqui, vamos nos livrar deles, — diz papai. — É por isso que tenho uma arma aqui.

Ele dá um tapinha na Glock na mesa ao lado dele e depois volta a embalar as caixas.

Os olhos de Harper se arregalam e ela aumenta o ritmo, passando rapidamente três linhas de fita adesiva nas caixas antes de empurrá-las contra a parede. — Você vai matá-los? — ela pergunta.

— O sangue estará em suas mãos, — diz ele. — Você os trouxe aqui.

— Eles não vão descer aqui, — eu garanto a Harper, vendo o olhar afilto em seu rosto.

— Se eu não voltar, eles voltarão.

— Vou mandar uma mensagem para eles, — eu digo, pegando meu telefone.

Seus olhos se estreitam. — Você tem o seu telefone?

— Sim, — eu digo. — Por que eu não iria?

Ela fecha os olhos por um segundo. — Claro que ele estava mentindo.

O telefone do papai toca, ele olha para ele e acena para mim. — Colin está aqui. Vá abrir a porta para ele.

Eu olho dele para Harper.

— Vá, — papai late.

— Vou levá-la comigo, — digo, agarrando o braço de Harper.

Papai pega sua arma. — Ela não vai a lugar nenhum. Você vai deixá-la ir.

— Eu não vou, — eu digo, olhando para ele.

Ele abaixa a arma em direção às pernas dela. — Vou tirar a rótula dela para ter certeza de que ela não pode correr. Então você pode levá-la com você.

— Porra, não aponte uma arma para ela, — eu resmungo. Saio da sala e atravesso a sala de jantar, esperando o som de um tiro. Não vem. Ele sabe que isso acabaria com o salvamento de sua operação e é ganancioso demais para arriscar.

Abro as portas externas do shopping, mantendo-as abertas contra as rajadas de vento enquanto seis homens entram em fila. Eu os conduzo até a praça de alimentação e digo para esperarem. Quando volto para a cozinha, Harper está exatamente onde a deixei, e papai ainda está segurando a arma. O bastardo está com muito medo de largar quando ela está na sala com ele.

Não posso deixar de ficar impressionado. É preciso muito para intimidar Tony Dolce, e mesmo que ele nunca admitisse, é por isso que ele não está trabalhando agora. Ele sabe que nosso tempo aqui é limitado, e se ele abrir mão

de cinco minutos de dinheiro para vigiá-la, ele está se irritando com medo do que ela fará ou do que eu farei se ele foder com ela novamente.

Quando as caixas embaladas acabam, Colin enfia a cabeça na cozinha. — Tem mais para mim esta noite?

— Espere no estacionamento, — eu rosno.

Seus olhos caem em Harper, e um sorriso predatório se espalha em seu rosto. — Bem, foda-me, — diz ele. — Por que não estou surpreso ao encontrar essa garotinha comandando Alice? Ou você está apenas pegando o suficiente para mantê-la em seu novo time de futebol esta semana?

Ele aponta para a caixa ao lado da mesa de papai, e ela o encara com um olhar fulminante. — Eu não preciso de suas drogas sexuais assustadoras, — diz ela. — Embora você possa querer mergulhar em seu suprimento. Duke diz que eles mantêm você acordado a noite toda. Agora, eu não acredito em milagres, mas eles podem fazer você passar da marca de dois minutos.

— Se dois minutos é tudo o que leva para conseguir o meu, por que perder tempo indo mais longe? — ele pergunta.

Eu me viro e acerto o idiota bem na cara. Ele tropeça para trás, agarrando o nariz antes que a porta se feche na sua cara.

— Royal, — papai late. — Essa é a nossa conexão.

— Eu disse a ele para esperar no estacionamento, — digo, indo em direção à minha mesa.

A porta se abre e eu me viro, pronto para continuar a dancinha que Colin e eu fazemos há anos. O bastardo é o único homem em Faulkner que gosta de lutar mais do que eu.

Mas é King quem entra pela porta. Atrás dele, há todo um exército de rostos aleatórios. Eu não tenho tempo para colocá-los todos. Eu mergulho para pegar a Glock na mesa ao lado do meu pai.

Ele a agarra no mesmo momento. Ele está mais perto, e seus dedos se fecham antes dos meus. Minha mão pousa em cima da dele e agarro seu pulso.

Nós olhamos um para o outro por um segundo, e então eu bato meu outro punho na mão dele o mais forte que posso.

Papai uiva de dor.

Ossos se quebram sob meus dedos enquanto eu esmago sua mão entre meu punho e a mesa de metal. Seu aperto afrouxa instintivamente, e eu arranco a arma e a derrubo na parte de trás de sua cabeça.

Ele cai de cara na mesa.

Eu agarro sua nuca e pressiono a arma em seu crânio.

— Não, — King ordena, sua voz afiada e final.

Eu afrouxo meu aperto.

— O que está acontecendo? — ele pergunta.

— Exatamente o que parece, — eu digo. — Vou me livrar dele, como já disse.

— Você não precisa disso em você, — diz ele. — Me deixe fazê-lo.

— Você vai matá-lo? — Crystal pergunta.

Sempre a garotinha do papai.

— Ele é a razão pela qual deixamos Faulkner, — diz Devlin.

— Ele é a razão de tudo isso, — diz Harper. — A razão pela qual seus irmãos estão todos fodidos além do reparo, e as ruas estão ficando azuis com essa porra de Alice no País das Maravilhas.

— Ele pagaria a qualquer um que tentasse ajudar a encontrar você, — diz Colt. — Nossa família os pagou para que parassem de procurar, porque esperávamos que você estivesse viva e vivesse em paz se eles parassem de tentar encontrá-la. Sabíamos que ele mataria vocês dois se os encontrasse.

— Você sabia que estávamos vivos? — Crystal pergunta.

— Não, — admite Colt. — Preston nunca desistiu, mas imaginei que você teria voltado se estivesse viva. Mas isso não muda o que seu pai fez. Nossa família está em ruínas, e por quê? Por que nossos pais jogaram o seu fora de uma festa há vinte e cinco anos atrás?

— Ou porque Crystal e Devlin foram embora, — Harper diz calmamente. — Talvez ele também não quisesse que você fosse encontrada.

Eu a encaro, odiando-a por expressar o pensamento que manteve afastada desde que Crystal saiu do carro. Tudo o que fizemos... Fiz tudo por ela.

Mas se ela está viva, não destruímos os Darlings porque eles levaram nossa irmã. É tudo para o papai, para impedir que os Darling reivindiquem uma parte de seus negócios. Ele sabe que eles têm uma reivindicação legítima, e quanto mais lucrativa a Dolce Sweets se torna, maior a probabilidade de eles cobrarem. Afinal, eles criaram a primeira receita.

Claro que era sobre isso. É sempre o negócio em primeiro lugar.

Os Darlings não mataram minha irmã nem a sequestraram. Papai é quem a teria sacrificado naquela noite, incriminando os Darlings por sequestrá-la. Se eu não tivesse interferido, ela é quem teria sofrido o que eu fiz. Eu nunca iria deixá-lo arriscar ela, então eu o ajudei a armar. Paguei o preço, mas ele não se importou. Não fazia diferença para ele qual de seus filhos arriscaria, desde que fizéssemos o trabalho.

Quando tudo deu errado e eles me encontraram antes da polícia, ele me ajudou a me vingar. Mas ele nunca me deu o que eu precisava.

Harper deu. Foi ela quem encontrou minha irmã, quem a trouxe de volta para mim.

E Crystal, ela está felizmente casada com a porra de Devlin Darling, revelando abominações que misturam nosso sangue com o deles. Ela parece perfeitamente feliz com isso também.

Eles nunca a machucaram.

Nós fizemos.

E nós os machucamos, a família que não fez mais do que revidar quando pisamos em seu território. Nós os aniquilamos — matamos, mutilamos e os levamos a suicídios e manicômios.

Não foi por causa do que seu avô fez, apesar do que papai pensa. Eu poderia ter sobrevivido ao que eles fizeram comigo. Eu não poderia sobreviver perdendo Crystal também. Isso é o que me quebrou. Papai sabia disso o tempo todo, sabia como nos usar a seu favor, nos distorcer para atender às suas ambições doentias, para manter seu império funcionando.

Tudo o que Devlin fez foi fazer minha irmã se apaixonar por ele. Ele não a usou e a jogou do jeito que eu pensei que ele faria. Achei que ele a estava usando para chegar até nós. Mas quando éramos um perigo para ela, ele a tirou do perigo. Ele a manteve segura - segura de nós.

Os Darlings não são nossos inimigos. Eles nunca foram.

Papai é.

— O que você vai fazer com ele? — Duke pergunta da pequena multidão. Todos do estacionamento estão aqui, junto com DeShaun e Cotton, que devem ter se juntado após a expedição ao pântano. Eles ficam boquiabertos com a operação impressionante - bacias e panelas, chaleiras de pipoca que devem ser do cinema do outro lado do corredor, as longas mesas de aço inoxidável, panelas de bufê e outros utensílios de cozinha industrial, todos bem aproveitados para fazer drogas.

— Vamos decidir juntos, — diz King. — Todos nós.

— Nós já decidimos, — Royal diz calmamente. Ele ainda está parado atrás do pai, mas baixou a arma.

— Nem todo mundo estava lá, — diz King.

— Isso não é sobre todo mundo, — diz Royal. — Ele tocou na porra da minha garota.

— Acho que Duke precisa estar desse lado da mesa com ele, — eu digo. — Ele obviamente está do lado do seu pai.

— O que? — Duke protesta. — O que eu fiz?

— Hum, você acabou de tentar me matar?

— O que? — Royal Rosna.

— Eu não, — diz Duke, passando por Gloria e Colt.

— Você disse que esta noite era um bom momento para se livrar de mim como...

Eu paro, meu olhar se movendo de sua mandíbula sem marcas para seu moletom, que ele está usando, para sua perna, que não tem sangue nela.

— Ohhh, — diz ele lentamente, balançando a cabeça.

— Baron, — diz Crystal, olhando ao redor.

— Certo, — eu digo, sentindo-me estúpida. Quase esqueço que são idênticos porque os conheço tão bem que é fácil diferenciá-los. Eu deveria ter

conhecido. A partir do momento em que ele me agarrou, quando não cheirava a cerveja e maconha, algo disparou em meu cérebro, mas eu estava ocupada demais lutando pela minha vida para registrá-lo. Deveria ter sido preciso mais do que uma troca de roupa e perder os óculos para ele me enganar.

Acho que eu sou a otária.

— Onde ele está, afinal? — Duke pergunta.

— Eu o nocauteei no corredor, — eu digo.

— Bem, ele não está lá agora, — diz Delacroix.

— Então provavelmente precisamos sair daqui, — eu digo. — Esta é a operação dele. Ele vai ficar chateado porque todos nós invadimos isso.

— Se ele ainda não notificou a polícia, — diz Colt. — Para dizer a eles que os Delacroix estão cozinhando com a Pearl Lady aqui embaixo.

— Mas não fomos nós, — diz Gideon.

— Está em nossa propriedade, — diz Delacroix. — Se for a nossa palavra contra os Dolces, você sabe o que o juiz decidirá.

— Porque os juízes estão todos subornados, — eu digo, balançando a cabeça.

— Devemos sair daqui, — diz Delacroix.

— E quanto a tudo isso? — King pergunta, apontando para as drogas na mesa. — Quer uma fatia?

— Não, — diz o Sr. Delacroix. — Isso é dinheiro sujo.

Lembro-me de Preston chamando isso de dinheiro de sangue. Acho que ele herdou seus princípios do lado Delacroix da família.

— Os policiais vão confiscar, — diz Duke, cruzando os braços e examinando a sala. — Todo o trabalho duro do Baron.

— Ele tem os planos para o projeto, — diz Royal. — E a receita. Está em uma maleta na praça de alimentação.

— Vou pegá-lo na saída, — diz Duke.

— Ou, — eu digo. — Podemos queimar tudo antes que a polícia chegue

aqui.

Eles me encaram por um segundo.

— Você sabe quanto dinheiro tem nesta sala? — Duke pergunta.

— Não me importo, — eu digo. Uma vez pensei que dinheiro era tudo, mas agora sei melhor. Prefiro não ter nenhum do que usar o dinheiro sujo dos Dolce. Eu já me beneficieei o suficiente com isso. Não é apenas dinheiro de sangue. É toda uma porra de operação, uma cozinha enorme cheia de equipamentos para misturar e cozinhar a merda. É todo um império de sangue que começou com o experimento de Baron para encontrar uma droga que ajudaria Duke a mantê-lo funcionando enquanto estava bêbado, para que ele e Baron pudessem formar duplas com garotas. Agora, são caixas de bombons com sacos de drogas aninhados embaixo, despachando para todo o país.

Eu vi o que essa merda fez com a minha mãe. Penso em todos os outros pais e filhos que ficarão perdidos e não tenho interesse em contribuir para o fim deles.

— Alguém vai controlar a cena das drogas, — diz Duke. — Pode muito bem ganhar algum dinheiro.

— Você fala exatamente como ele, — eu digo, acenando para o pai deles.

— Ela está certa, — diz Royal. — Vamos nos livrar de tudo isso.

— Vai explodir como um laboratório de metanfetamina quando o calor atingir os tanques, — diz Duke, seus olhos vidrados com um olhar que só pode ser descrito como pura luxúria.

— Então vamos sair daqui antes que isso aconteça, — eu digo.

— Vou acender o fósforo, — diz Duke, dirigindo-se para um tambor de aço inoxidável no outro extremo da sala.

— E ele? — Eu pergunto, acenando para o Sr. Dolce.

Nossa atenção se volta para seu corpo flácido por um minuto, um silêncio no qual todos nós tiramos nossas próprias conclusões.

Então Duke acende o fósforo. Ele o segura, balançando ligeiramente em seus pés enquanto olha para ele. Em seguida, ele o joga na bacia.

Engulo em seco quando um clarão de chamas dispara. Duke fica parado ali,

paralisado enquanto olha para as chamas dançantes. Quando entrei na cozinha, o cheiro era como o gosto de cocaína – amargo, químico e áspero. Agora, o cheiro de queimado é ainda pior. Cubro a boca e o nariz com a manga.

— Duke, — King late. — Vamos.

— Huh? — Duke diz, desviando os olhos.

Royal se aproxima e o agarra, arrastando-o até nós e nos levando em direção à porta. — Vamos.

— Seu pai? — Eu o lembro.

Ele olha para trás, então balança a cabeça, os lábios apertados. — Deixe-o.

Abro a boca para protestar, para dizer a eles que temos todas essas evidências, que podemos colocá-lo na prisão perpétua. Mas não sou ingênua o suficiente para acreditar nisso. Ele pagou a todos e tem dinheiro suficiente para sair dessa. Não há outra maneira de se livrar dele permanentemente e garantir que ele nunca mais volte.

Uma bola de demolição não é a única maneira de destruir uma casa, mas às vezes é a melhor maneira.

Todos param por um segundo, a sala silenciosa, exceto por um trovão lá fora e o crepitar das chamas.

Então, um por um, saímos da cozinha.

Crystal hesita na porta, a última pessoa a sair. Ela olha para trás por mais um longo momento e então se vira, deixando a porta se fechar atrás dela. Nós nos encaramos por um segundo, e acho que talvez ela não seja tão ruim assim. Pelo menos, vou dar a ela uma chance de provar a si mesma.

Royal passa o braço em volta dos meus ombros enquanto saímos do restaurante e depois do shopping para a noite fria. A névoa de toda a nossa respiração sobe, desaparecendo na escuridão acima. Pingos de chuva minúsculos e pontiagudos batem em nossos ombros, mas, apesar do clima ruim, uma sensação de paz toma conta de mim.

— Quem são todas essas pessoas? — Royal pergunta, acenando para a pequena multidão.

— Eles são... Meus amigos, — eu digo. — Estávamos todos procurando por você. Estávamos com medo de que você se machucasse ou que seu pai te

machucasse.

Royal franze a testa para mim. — Por quê?

— Porque eles são seus amigos também, — eu digo.

— Eu não conheço nem metade dessas pessoas, — diz ele. — E as que eu conheço...

— Você estava machucado, — eu termino. — Quando você estava trabalhando para o seu pai.

— Não apenas então, — diz ele em voz baixa.

— Bem, acho que eles entendem, — eu digo. — Ou pelo menos eles estão dispostos a lhe dar outra chance.

Entramos no meu carro e sentamos lá enquanto os outros entram nos deles. Não sei para onde o Baron foi, mas deve estar a pé ou ainda no shopping. Eu decido que estou bem com isso. Se ele explodir, ele merece.

— Eu não queria que você se envolvesse nisso, — diz ele calmamente. — Esta parte da minha vida não é bonita, Harper.

— Por mais chocante que seja, não espero que tudo na vida seja bonito, — eu digo com um pequeno sorriso.

— Você está bem com o que acabamos de fazer?

Concordo com a cabeça e ficamos sentados em silêncio por um minuto. Estou zero por cento interessada em ser uma assassina, mas algumas pessoas não merecem perdão.

— O que ele tinha contra você? — Eu pergunto finalmente. — Por que você ainda estava ajudando seu pai depois de tudo que ele fez com você, seus irmãos e sua irmã?

— Você trouxe minha irmã de volta, — diz ele, olhando para o shopping enquanto os Delacroix se afastam em seu carro. Royal puxa meu carro, mas ele não segue os outros do estacionamento. Ele para em frente ao restaurante e olha pelo para-brisa, onde flocos de gelo estão derretendo no vidro.

— Você está louco? — Eu pergunto.

— Não.

Sentamo-nos em silêncio, o rugido do aquecedor é o único som na noite.

— Quer que eu faça o mesmo? — ele pergunta.

— Eu tenho uma irmã?

— Sim, — diz ele. — Uma meia-irmã, de qualquer maneira. Eu só a encontrei até agora. E seu pai. Você tem um pai.

Será que ele está arrependido de termos deixado o pai dele lá dentro? Ele não terá mais um pai depois desta noite.

— Não, — eu digo finalmente. — Ele não quiz me conhecer, e eu não quero conhecê-lo. O que quer que eu seja, não tem nada a ver com ele. Ele não pode assumir o crédito ou a culpa. Assim como eu não queria saber se eu era uma Darling. Eu só fiz isso por Preston. Eu não queria o dinheiro deles nem nada deles se eles não se importaram comigo durante toda a minha vida.

— Você nem quer conhecê-lo?

— Não, — eu digo. — Se eu mudar de ideia, sei onde encontrá-lo. Na prisão.

— Ok.

Ficamos ali sentados por mais alguns minutos, até que soa a primeira explosão dentro do restaurante. É abafado e inexpressivo. Eu olho para Royal, mas ele está olhando para frente, inexpressivo.

— Você tem medo de que seu irmão esteja aí dentro? — Eu pergunto, colocando uma mão em seu joelho.

— Não, — diz ele, colocando a mão sobre a minha. — Ele se foi há muito tempo.

— Você está chateado com isso? — Eu pergunto com cuidado.

— Sinto muito por não ter protegido você dele, — diz ele, virando minha mão e entrelaçando nossos dedos. — Eu deveria ter feito algo sobre ele antes. Perdi minha irmã e não queria perder um irmão também. Mas a verdade é que o perdi há muito tempo.

— Ele disse que foi ele quem explodiu seu carro.

— Eu sei, — admite Royal. — Eu suspeitei disso quando o relatório voltou. Foi um explosivo de que ele e Duke gostam particularmente. Eu não

sabia por que, no entanto. Eu disse a mim mesmo que era uma coincidência que Preston estava usando também. Mas quando ele disse que não fez isso...

— Baron estava tentando se livrar de mim. Acho que ele se cansou de esperar que você me largasse e estava tentando agitar as coisas para que você se lembrasse de que eu era uma Darling.

Royal segura o volante com uma das mãos, o maxilar tenso. — Quando você disse que ele tentou te matar esta noite... — Ele balança a cabeça. — Se eu o visse agora, o colocaria lá de volta ao lado do papai.

Há um minuto de silêncio e, em seguida, uma série de explosões que se tornam progressivamente mais violentas, primeiro fazendo o chão tremer e depois balançando o carro enquanto o vidro das janelas da frente do restaurante é estilhaçado e as telhas caem do telhado.

Quando acaba, meu coração está martelando, mas não alto o suficiente para abafar o som do fogo consumindo a frente do prédio. Por fim, Royal se afasta do restaurante e contornamos o shopping na outra direção, deixando o incêndio para trás.

— Você nunca respondeu à minha pergunta, — eu digo quando estamos na estrada.

— Que pergunta?

Eu sorrio para a cidade deslizando pela janela do Escalade. Não me lembro da última vez que ele me disse que eu não podia fazer perguntas. Estou na vida dele agora, e não apenas nela, mas parte dela. Eu influencio a vida dele. Conheço todos os seus segredos e ele conhece os meus.

— Por que você estava ajudando seu pai?

— Pelo mesmo motivo que sempre faço.

— Você foi confrontá-lo sobre Crystal, — eu digo. — E ele ameaçou ir atrás dela?

Ele ajusta sua pegada no volante. — Eu disse a ele que ela estava de volta, e ele foi a razão pela qual ela saiu. Ele disse que me ajudaria a me livrar de Devlin.

— E você disse não a isso?

— É o que venho fazendo há anos, — diz ele. — Me vingando. Mas se ela voltou... Não há motivo. Parte de mim se pergunta...

Agarro sua mão com mais força. — O que?

— Se ele parasse de procurar e fizesse um funeral para ela, então continuaríamos fazendo suas ordens. Ele nos disse que ela não voltaria e que não poderíamos fazer nada a respeito, então deveríamos nos concentrar no que poderíamos fazer.

— Que foi destruir os Darlings.

— Sim.

— Então por que você ainda estava ajudando ele esta noite?

Ele olha para mim. — Ele ameaçou outra pessoa.

— Eu? — Eu pergunto.

Ele não diz nada.

— Aww, mas eu pensei que você me odiava.

— Eu odeio, — diz ele, puxando a mão e me dando um olhar azedo.

— Eu também te odeio, — digo, inclinando-me e beijando sua bochecha.

— Eu vou te odiar para sempre, até o dia que eu morrer, Royal Dolce.

Uma cidade está esperando por seu rei. Eles nunca adoraram como vão me adorar. Seu povo ainda não sabe, mas suas vidas estão prestes a mudar para sempre.

Eu não posso simplesmente entrar e exigir sua obediência, no entanto. Aprendi com nossos erros em Faulkner. Eu vou merecer.

Eu olho para as caixas no banco de trás. Aninhado sob os Dolce Crystals, cinco mil noites com Lady Alice esperam em cada uma, uma moeda preciosa para começar uma nova vida.

Vão pensar que sou generoso quando aparecer me divertindo, de graça. Eles nunca tiveram nada assim, nunca estiveram no País das Maravilhas.

Uma pílula o torna maior.

Os indivíduos farão fila para mais. O coletivo ficará impressionado com a forma como sua economia floresce à medida que o dinheiro entra. No momento em que perceberem que precisam dele, precisam de mim, eles estarão totalmente dependentes do que eu forneço.

Dinheiro. Inteligência. Drogas.

Eles não serão nada sem mim.

Sem o tornam pequeno.

Dou um tapinha na pasta no banco do passageiro. Tudo que eu preciso está aqui. Mesmo que eu não tivesse pegado uma única pérola, estaria bem. Mas tenho o suficiente para começar e me manter em movimento enquanto consigo o equipamento para iniciar uma nova operação. O primeiro foi apenas um experimento. Eu aprendi com isso também.

Os últimos três anos não foram nada além de prática para isso. As pessoas dizem que o ensino médio é uma piada, mas não estão prestando atenção nas coisas certas. Eu sou esperto. Eu poderia dizer a mesma coisa. Não aprendi nada em minhas aulas que não pudesse aprender sozinho, que usarei em qualquer carreira. Mas eu aprendi.

Tudo o que acontece em uma escola é apenas prática. A forma como as pessoas te tratam dentro e fora daquela escola, a dinâmica de poder de

professores e alunos, outros alunos, pais, treinadores. Você aprende como as pessoas veem as pessoas em cada uma dessas categorias, como tratam os outros, o que esperam e como reagem quando as expectativas são ou não atendidas. Depois de dominar a arte da observação, você saberá como conseguir o que deseja. O que você pode fazer. Quão longe você pode ir.

Há tanto para aprender.

Eu estive assistindo, no entanto. Estou preparado para o mundo real, para o resto da minha vida.

Meu único arrependimento é Harper.

Eu a subestimei. Ela deveria ser um alvo fácil. Uma Darling indesejada, uma que poderíamos levar até o fim. Mabel tinha muito poder, mesmo quando ela era impotente. Ela tinha um nome, uma reputação entre as famílias, na escola.

Harper não tinha nada. Ela era a única.

Assim que a vi chupando aquele professor, soube que seria ela quem finalmente poderíamos acabar. Não apenas deixá-los sofrer, como o gosta de Royal.

Não foi o suficiente.

Não por causa de qualquer coisa que ela fez, mas por causa do que eu não fiz.

Lembro-me da primeira vez que vi um homem morrer. Lembro-me de meu tio segurando-o na água. Eu me perguntei o que ele sentiu naquele momento - não o moribundo, mas meu tio. Enquanto ele observava a vida se esvaír dos olhos do homem, a percepção afundando no homem de que sua vida havia acabado, o que ele sentiu?

Ele deve ter se sentido como um deus.

Isso é o que eu queria. Uma vez, quando eu estava transando com Mabel, eu a sufoquei até ela desmaiar. Não sou um canalha que gosta de mulheres inconscientes, como Cotton. Mas por um minuto, pensei que ela estava morta. Eu nunca gozei com mais força na minha vida.

Eu não ousei matá-la, no entanto. eu não queria.

Harper foi um novo começo. Ela não era ninguém. Alguém que poderia desaparecer sem que ninguém fizesse barulho. Ela era o alvo perfeito.

A vítima perfeita.

Achei que seria inofensivo me divertir um pouco com ela primeiro. Eu não esperava que Royal se apaixonasse por ela.

É aí que tudo pode dar errado, a única variável que não pode ser controlada, não importa o quanto você tenha estudado, quantas fitas de jogos você assistiu, como as pessoas geralmente são previsíveis. De vez em quando, eles pegam sentimentos e tudo desmorona. O caos se instala.

A merda que ela fez este ano não foi nada. Eu poderia ter lidado com isso se ela não tivesse a proteção de Royal. Claro que ela não poderia derrubar nosso império em Willow Heights. Jogávamos futebol, e o futebol é um deus em Faulkner, então éramos deuses. Mas eu quero ser um deus de uma maneira diferente. Eu quero ter vidas em minhas mãos.

Deveria ser a vida dela. Não deveria ter acontecido do jeito que aconteceu. Continuei tentando encontrar maneiras de trazê-lo de volta sob controle - explodindo o motor de Royal para que ele se lembrasse que odiava todos os Darlings, revelando as mensagens que ela me enviou como Sr. D. Mas não importa o que eu fiz, ele continuou sendo puxado de volta para sua órbita como se magnetizado por sua gravidade.

Eu deveria tê-la matado no pântano. Eu não queria fazer isso na frente dos outros, no entanto. Eles podiam ter interferido. E era de alguma forma privado, algo que eu queria manter só para mim. Ela foi meu achado. Minha morte.

Ela nunca deveria ser de Royal.

Ele não deveria desejá-la, reivindicá-la.

Não porque estou com ciúmes, mas porque algumas coisas são só para mim. Eu sou um bastardo egoísta assim.

Não era *ela* que eu queria manter.

Foi a morte dela.

Nem mesmo Duke poderia compartilhar isso. Eu não queria que ele questionasse meus métodos. Eu não queria que ele ou Dawson olhassem para mim de forma diferente. Não queria nenhuma testemunha, nem mesmo meu irmão. Ninguém poderia saber o que eu tinha feito, então deixei que pensassem que eu a havia poupado.

Mas voltei por ela.

Royal acha que é o único que voltou, mas eu também voltei.

Ele não conseguiu encontrá-la. Ele estava muito fora de si para prestar atenção para onde estávamos indo naquela noite, mas eu estava mais afiado do que nunca, mais vivo.

Eu sabia exatamente onde a deixamos. Tínhamos encontrado nosso caminho de volta no escuro com Dawson. Era fácil à luz do dia.

Imaginei o que faria enquanto caminhava até a árvore. Eu não queria fazer isso muito rapidamente. Eu precisava identificar o momento em que a vida acabou. O estrangulamento parecia a melhor opção. Assim, eu teria tempo suficiente para sentir a luta, para senti-la lutando e para ganhar a vitória, quando minha vida triunfasse sobre a dela. Eu queria sentir isso acabar, sentir o poder de um deus em minhas mãos enquanto tirava a vida de seu corpo. Eu queria ver a vida se transformar em morte, de perto e pessoalmente, como meu tio tinha feito. Ela seria minha primeira morte.

E eu me tornaria um deus.

Mas ela se foi.

Eu não poderia ter previsto isso. Afinal, pensei que eu, como Sr. D, fosse seu único amigo e confidente.

Confie em um Darling para vir e foder tudo. Eles sempre foram a força destrutiva, semeando o caos por onde passam. Como papai tinha nossa idade, esse é o propósito deles. Os mestres do caos, os ceifeiros da loucura.

Devlin roubou Crystal.

Mabel roubou Duke.

E Preston roubou Harper.

Mas terei mais chances. Nunca foi pessoal com Harper. Ela poderia ser qualquer pessoa. Há um mundo inteiro cheio de gente, e vou usar a sobrevivência dela como lição. Vou aprender com esses erros como aprendo com todos eles.

Não brinque com alguém depois de amado. Mesmo depois do que ela fez, não consegui virar o jogo. Royal pegou sentimentos, e eles não foram embora, não importa o que ela ou eu fizéssemos. Então eu a devolvi, trouxe-o para ela naquela festa. Esse foi o meu pedido de desculpas a ele.

Não devo desculpas a ela. Mas talvez eu tenha uma dívida de gratidão com ela por tudo que ela me ensinou.

Da próxima vez, vou garantir que seja alguém que não fará falta, alguém que ninguém ama. Uma pária, uma solitária, alguém sem amigos ou família que se preocupem. E não vou envolver ninguém que possa mudar isso.

Vou tirá-la do meu sistema, só para ver como é, e depois encontrarei Mabel. Eu não vou matá-la. Eu não vou deixá-la morrer. Como Royal, vou tirá-la do rio e forçá-la a viver, a resistir. Ela é minha, assim como Harper é dele. Se ele conseguir ficar com uma, eu posso ficar com uma também. Se Harper não é uma Darling, não faz diferença. Não mais. Crystal conseguiu manter um Darling e todos a perdoaram.

Então, vou encontrar Mabel e vou ficar com ela para sempre também.

Gotas esparsas e gordas de chuva espirram no para-brisa quando viro uma esquina, os faróis do Tesla cortando a noite. E lá, como uma resposta a uma oração não dita, está um caroneiro.

Ela está andando na beira da estrada, mochila nas costas, gorro puxado sobre os cabelos, apenas uma jaqueta jeans para proteger do frio.

Eu ligo meus faróis e então paro na frente dela. Eu a observo com o brilho vermelho das lanternas traseiras. Ela é jovem, mais ou menos da minha idade. Uma fugitiva, pelo que parece. Meu batimento cardíaco acelera enquanto a excitação agita minha barriga. É mais perto de casa do que eu gostaria, mas não preciso fazer isso aqui. Posso esperar algumas horas, talvez até cruzar a fronteira do estado primeiro.

Aperto o botão e a janela desliza para baixo quando ela chega ao carro. Ela se abaixa e olha para dentro, as pontas de seu cabelo azul na altura dos ombros refletindo a luz. Ela parece familiar, embora eu não consiga lembrar imediatamente.

— Eu não esperava que um carro tão bom parasse, — ela diz, parecendo nervosa.

— Você pode esperar por um velho caminhoneiro assustador se estiver com medo de entrar em um carro com um cara como eu, — eu digo, dando-lhe um sorriso.

Suas bochechas ficam rosadas, e eu sei que ela não vai desistir desse passeio de jeito nenhum. Garotas como ela não recusam caras ricos gostosos.

Pego a maleta e a coloco no espaço atrás de seu assento. — Agora ou nunca, querida, — eu digo. — Você está molhando meu couro.

— Tudo bem, — diz ela, abrindo a porta e deslizando para dentro. Ela coloca a bolsa entre os pés e fecha a porta, e minha excitação aperta como um nó dentro de mim.

Abro a janela e piso no acelerador, e os pneus ronronam enquanto deslizamos de volta para a estrada. — Você é daqui? — Eu pergunto, observando-a com o canto do olho. Ela cheira a cigarro e sexo.

— Faulkner.

— Que parte?

— Mill Street, — diz ela, olhando para mim. — Você é de lá?

Eu sabia que ela parecia familiar, mas foi quando percebi onde a vi. Ela é vizinha de Harper.

— Só de passagem, — eu digo.

— Isso é muito legal, — ela diz, tocando o assento de couro como ela nunca tinha visto antes. — Obrigada.

— Eu poderia usar a companhia, — eu digo. — Onde é que está indo?

Ela dá de ombros. — Longe. Oeste. Onde você está indo?

— Fora, — eu digo, sorrindo para ela.

— O que há nas caixas? — ela pergunta, olhando para o banco de trás.

— Doce, — eu digo. — Estou fazendo uma entrega.

Ela parece tão duvidosa quanto deveria, mas não faz perguntas. Garota esperta.

— Você tem um telefone? — Eu pergunto.

— Sim.

— Coloque aqui, — eu digo, dando um tapinha no porta-copos. — Você vai me entreter. Nada de ficar sentada no telefone enquanto eu faço todo o trabalho.

Ela morde o canto do lábio. — Eu não vou pegar meu telefone.

Eu levanto uma sobrancelha e bato no porta-copos com um dedo, mantendo meus olhos nela em vez da estrada até que ela obedece lentamente, colocando seu telefone no suporte.

— Boa escolha, — eu digo, pegando-o. Aperto o botão para abaixar minha janela e lanço o mais longe possível.

— O que você está fazendo? — ela grita, seus olhos se arregalando com o choque. — Esse é o meu telefone!

Eu sorrio para ela e abro a janela. — Você ia pedir ajuda?

Ela engole em seco e me encara como se tivesse acabado de perceber que sua vida está em minhas mãos. Meu pau se contrai em meu jeans com o pensamento.

— Você não me engana, querida, — eu digo. — Se você tivesse alguém, não estaria pedindo carona na chuva em novembro. Você também pode aceitar a verdade agora. Não há como ajudar nenhum de nós.

— Está feito, — eu digo, sentando-me no meu lugar habitual na sala de estar. Acabei de me despedir de Harper, disse a ela que tenho problemas familiares para lidar esta noite e a mandei para casa. Ainda não tenho certeza se estou chateado com ela pelo que ela fez, mas vou lidar com isso mais tarde. — Todo o lugar subiu. Agora só temos que fazer o controle de danos.

— Foi um acidente, — diz King, sem perder o ritmo. — Ele deve ter caído e batido a cabeça enquanto guardava os comprimidos. O lugar foi destruído com ele ainda dentro.

Ele fala com tanta certeza que quase acredito. Não é à toa que conseguiram nos convencer de que Crystal estava morta.

— Harper quebrou o vidro da porta da praça de alimentação, — digo.

— Adolescentes invadindo para causar danos, — diz Devlin. — Nenhuma evidência de que esteja relacionado ou que tenha acontecido na mesma noite.

Olho para ele através da mesa de centro quadrada no centro da sala. Claro que ele tem uma história para encobrir isso. Ele é um mentiroso profissional.

Por alguma razão, esse idiota está sentado em nossa reunião como se fosse um membro da família, embora Eliza não esteja aqui. Ela foi substituir a babá e Crystal foi verificar os filhos.

Minha mente se atrapalha com o pensamento. *Três filhos.*

A última vez que vi minha irmã, *ela* era a porra de uma adolescente.

Eles fizeram três seres humanos completos desde que os vi.

— Por que você está aqui? — Eu pergunto, olhando para ele com uma mistura de raiva e arrependimento que me deixa ainda mais fodido do que o normal.

— Eu disse a ele para se juntar a nós, — diz King, nivelando-me com um olhar frio.

Devlin também está me observando. Ele está calmo por fora, mas sua postura é rígida, seus ombros retos enquanto ele encontra meu olhar sem vacilar. — Se não somos bem-vindos nesta família, vamos embora.

Ninguém se move enquanto nos sentamos olhando um para o outro, suas palavras se acomodando nos espaços vazios, lugares onde Baron, meu pai e minha irmã deveriam estar.

Eles poderiam ir embora novamente. Ele tem dinheiro para desaparecer como fizeram antes, e sem Baron, não os encontraremos. Nem mesmo os encontramos quando tínhamos Baron.

Perdi mais esta noite do que ganhei.

Adicione uma irmã, subtraia um irmão e um pai.

Só que eu tenho mais do que uma irmã. Se eu quiser, posso ter dois sobrinhos e uma sobrinha. Eu poderia até ter um cunhado.

Se eu não quiser isso, ninguém vai me forçar a aceitá-los. Eles estavam felizes vivendo na Califórnia, aparentemente, sem nenhum de nós. Eles não precisam de nós. A questão é: precisamos deles?

— Você vai pegar minha irmã e correr como um maricas de novo? — Eu pergunto.

— Isso depende, — diz Devlin. — Seu pai se foi, e de acordo com Preston, nosso avô e a maioria dos meus tios estão... diminuídos.

Isso é colocar literalmente, mas não digo muito. Não sei o que aquele idiota disse a Devlin, e não vou dar a ele mais informações do que ele já deu.

— Cabe a nós agora, — diz Devlin. — Nossa geração é a que tem que continuar a partir daqui.

— Você está deixando isso para mim? — Eu esclareço.

Devlin dá um leve aceno de cabeça. — Minha esposa ama você, — diz ele. — Mas você a machucou antes. Não vai acontecer de novo. Se isso significa deixar esta cidade, é o que faremos.

— Não precisa ser tão extremo, — eu digo a contragosto. — Eu não vou te matar.

— E Crystal?

— Ela é a porra da minha gêmea, — eu retruco. — Sou eu quem deveria se preocupar se alguém vai machucá-la.

— Você desistiu desse privilégio quando a deserdou, — diz ele

categoricamente. — É meu trabalho me preocupar se ficar nesta casa vai deixá-la com três filhos para criar sozinha, e esses filhos sem pai.

— Eu disse que não vou te matar, — eu rosno, embora eu esteja tentado quando ele me lembra do que eu desisti, o que eu fiz. A raiva se agita dentro de mim e o monstro ganha vida, oferecendo-me alívio. Mas não vou me esconder disso, dos meus erros, nem mesmo quando ele se oferece para assumir o fardo. Eu disse a ela que ela estava morta, e tenho que assumir a responsabilidade e viver com as consequências, assim como tenho que viver com o que fiz com os Darlings quando pensei que eles a mataram. Eu estava errado sobre isso, o que significa que tudo o que fiz para vingá-la foi errado.

Mas eles também estão longe de serem inocentes.

— Estou feliz que você ainda se preocupa com ela, — diz Devlin. — E que você não está mais atrás de mim. Mas se for demais para você vê-la comigo, há outra família nesta cidade à qual pertencemos. Se não somos bem-vindos aqui, há um lugar para nós.

Eu olho para o canalha em descrença.

Porra. Ele tem razão.

Os Darlings são uma família.

O que significa *que somos uma* família.

Ele faz parte da nossa família e ela faz parte da dele.

Um Darling, um membro da família que passei os últimos três anos destruindo, está sentado em uma reunião da família Dolce. E se eu o expulsar, tenho que expulsá-la também.

Porque ela não é apenas uma Dolce. Ela é uma Darling agora também.

Enquanto Devlin e eu esperamos que o outro faça um movimento, eu repasso na minha cabeça. O quanto me mataria vê-la por aqui, com seus bebês Darling-Dolce me lembrando todos os dias que eles se juntaram a essas duas famílias que não podem ser reconciliadas. Eles têm o sangue de nossas famílias correndo em suas veias.

É tarde demais para pará-lo. Nossas famílias já foram unidas.

Eles sempre foram, nos últimos três anos, mesmo quando eu não sabia. A família que matou o pequeno Royal agora faz parte da minha própria família.

Minha irmã gêmea se casou com alguém de uma família que destruiu a nossa tanto quanto destruimos a deles.

Se eu expulsar Devlin agora, ele a levará com ele. Eu peso se essa é a melhor opção. Eu poderia continuar no caminho que trilhei por três anos, manter o ódio vivo mesmo depois que nosso pai morreu, seu desejo de vingança morrendo com ele. Ele viveria através de mim. Eu destruiria a família deles assim como eles destruíram a nossa. Eu proibiria Duke de procurar Mabel quando ele se formasse. Isso nunca iria acabar.

Eu poderia repudiar todos os seus filhos porque eles carregam um nome Darling. Devlin pode ser um estranho que vejo na academia e aceno enquanto passo. Crystal poderia ser outra mulher esperando na fila por concessões com seus filhos nos jogos de futebol, mesmo que ela não carregue o sangue deles. Ela carrega o nome.

Mas ela não é a pessoa que mais se machucaria com isso. Ela já provou que pode viver sem nós, que está bem sozinha. Ela floresceu.

Nós é que desmoronamos sem ela.

Eu olho para King.

Ele aponta o queixo para mim em um leve aceno de cabeça, seus olhos semicerrados enquanto me observa. — É sua família agora, Royal, — diz ele calmamente. — Eu não moro aqui.

Eu sento com isso por um minuto, o peso e a responsabilidade caindo oficialmente sobre meus ombros. Ele me disse para tomar cuidado com os gêmeos quando partiu para Nova York, dois anos e meio atrás, e tenho aprendido o negócio com papai desde que fiz dezoito anos. Mas esta é a primeira vez que é só meu.

Papai está morto.

Esta é minha família agora, meu negócio, meu império.

É minha escolha aceitá-los ou não. Meu irmão está me mostrando o maior respeito, um presente de valor além da compreensão, ao se submeter a mim. Ele está me deixando fazer uma escolha que afeta toda a família, mostrando que confia em mim a responsabilidade de fazer o que é certo mesmo depois de todos os erros que cometi. Ele também está me dizendo que é meu irmão em primeiro lugar e vai me apoiar, não importa o que eu decida.

E, em troca, sei que devo dar a ele o que ele precisa também - o que todo

mundo precisa. Por três anos, essa cunha de culpa nos separou. Não vou acrescentar mais nada a isso, aumentando a distância entre nós exatamente quando progredimos, demos passos através do abismo entre nós, movendo-nos lentamente de volta um para o outro.

Por fim, dou ao meu irmão um aceno solene, sabendo o peso das minhas próximas palavras.

Então me viro para Devlin Darling, o homem que tirou minha irmã gêmea de mim.

— Você pode ficar.

Seus lábios se contraem e ele dá um aceno rápido para mostrar que entende e aceita. — Então é hora de começar a falar sobre como consertar esta cidade.

— Não estou interessado em consertar esta cidade, — eu digo. — Vou embora quando Harper se formar. Tenho um negócio para administrar e uma escola melhor esperando. Duke está se formando e indo embora também. Crystal será a única Dolce restante em Faulkner no verão.

— E quanto a esta cidade? — Devlin pergunta.

— É sua, — eu digo. — Pegue.

— Qual é a sensação de ter sua irmã em casa? — pergunto, pulando ao lado de Royal na traseira aberta do Rover.

Faz apenas um dia, mas ele parece ter se acalmado pelo menos o suficiente para querer ir para o rio e foder. Embaçamos os vidros lá dentro e agora deixamos o carro arejar e vamos fumar na fria umidade da tarde de inverno.

— Está... tudo bem, — diz ele. — Diferente.

— Você está bem? — Eu pergunto, aceitando o baseado que ele me entrega.

— Não é como tê-la de volta, — ele diz. — Ela não é a mesma pessoa.

— Ela provavelmente está pensando o mesmo sobre você, — eu digo, pegando sua mão e entrelaçando meus dedos com os dele.

— Sim, — diz ele, recuperando o baseado com a mão livre. — Eu acho. Já se passaram quase três anos. Ela não é mais uma adolescente, a inocente irmãzinha que tenho que proteger. Ela é uma esposa agora, uma mãe do caralho.

— Talvez fosse Crystal Dolce, — eu digo. — E esta é Crystal Darling.

— E você? — ele pergunta, virando-se para estudar meu rosto. — Você vai deixar de ser uma Apple ruim um dia e ser uma garota Dolce para sempre?

— Eu não sei, — eu digo levemente. — Talvez eu mantenha meu nome. Eu meio que gosto disso.

— O inferno que você vai, — diz ele, seu aperto na minha mão apertando possessivamente. — Eu quero que o mundo saiba que você é minha. Se eu tiver que esculpir meu nome em cada centímetro de sua pele, eu o farei.

— Tudo bem, vou ficar com o nome, — eu digo, rindo. — Eu só estava fodendo com você de qualquer maneira. Embora se eu tenho o seu nome, o que você tem para provar que é o meu?

— Isso é o suficiente? — ele pergunta, lentamente desabotoando sua camisa com uma mão, para que ele possa continuar segurando a minha com a outra. Eu sei o que está lá, mas toda vez, isso faz meu coração disparar novamente. Eu espero, meu coração batendo forte enquanto ele desfaz cada

botão com uma lentidão agonizante até chegar ao fundo. Ele abre a camisa e eu olho para a tinta dele, com o coração na garganta.

— Ainda não consigo acreditar que você fez isso, — eu digo, estendendo a mão para correr meus dedos sobre seu peito.

— E você tem um girassol, — diz ele. — Sobre o que é isso?

— Hum, — eu digo, pegando o baseado e dando uma boa tragada para criar minha coragem. — Então, Preston me disse que os girassóis sempre seguem o sol. E eu devo seguir o meu.

— E eu sou o seu sol? — ele pergunta com um sorrisinho arrogante.

— Achei que você ficaria bravo, — eu digo, afundando de alívio.

— Por quê? — ele pergunta. — Ainda acho que você é mais uma cereja preta, mas você também é um lindo girassol. Se isso significa que você está me perseguindo, parece apropriado.

— Ei, — eu protesto. — Você é o único que me perseguiu até que eu cedi.

— Continue dizendo isso a si mesma, Stalker Girl, — diz ele. — Você me perseguiu como uma cadela no cio durante metade do ano passado. Não que eu a culpe.

— Ugh, você é irritante, — eu digo.

— Além disso, por que me importo com o que ele disse? Fui eu quem esculpiu minhas iniciais em sua bunda, — ele diz, passando o braço em volta de mim e me puxando para que ele possa colocar minha nádega esquerda em sua mão enorme.

Ele dá uma longa tragada, então envolve seus dedos em volta do meu queixo, puxando-o para cima para plantar sua boca na minha. Abro meus lábios, deixando-o encher meus pulmões com sua respiração e a fumaça. Passamos de um lado para o outro algumas vezes antes de me afastar e soprá-lo para a tarde fria. Os últimos raios de sol refletem na superfície molhada da estrada que leva de volta à cidade.

— Alguma notícia do Baron? — Eu pergunto.

— Não, — diz ele. — Ele fodeu tudo e sabe disso. Não sei se ele vai voltar.

— Você não parece preocupado.

— Ele está vivo, — diz ele com um encolher de ombros. — Ele provavelmente vai procurar Mabel. Duke irá rastreá-los quando se formar.

— O Baron não vai se formar?

— Ele tem todos os créditos para se formar mais cedo, — diz Royal. — Ele só ficou por Duke.

— Isso é meio doce.

Bufo Royal. — Acho que você não tem permissão para usar essa palavra para descrever o Baron.

— Ok, verdade, — eu digo, pegando o resto do baseado dele. — De qualquer forma, eu não sabia que você estaria trocando um irmão por outro. Mas estou feliz que você não esteja muito chateado com Baron.

— Sim, — diz ele, me apertando contra ele.

Ficamos sentados em silêncio por um minuto. Eu me enrolo ao seu lado, buscando seu calor, e ele me segura firme ao seu lado. Ele termina o baseado e joga a bituca na grama morta, então se vira e puxa meu queixo para cima. Ele pressiona seus lábios suavemente nos meus antes de se afastar. — Obrigado.

Não preciso perguntar pelo que ele está me agradecendo. Meu peito incha e eu envolvo meus braços em volta de seu pescoço e o beijo com força. — Espero que seja o que você precisava, — eu digo. — Espero que te faça feliz.

— Você me faz feliz, Harper Apple, — diz ele, deslizando os braços em volta de mim e me girando no porta-malas. Ele empurra o assento e desliza para cima, mantendo-me presa a ele. Colocando-se entre minhas pernas, ele me beija novamente, os beijos profundos e famintos que fazem minha cabeça girar e redemoinhos de excitação lambem cada centímetro da minha pele. Eu envolvo minhas pernas em torno dele, apertando-o com meus joelhos.

Royal descansa em seu cotovelo e levanta apenas o suficiente para chegar entre nós e empurrar meu jeans para baixo. Ele puxa seu pau para fora de suas calças e empurra para dentro de mim lenta e profundamente. Um som mudo de prazer me escapa com a sensação de seu pau grosso me abrindo novamente enquanto ainda estou molhada com seu esperma da última vez. Eu aperto minhas paredes em torno dele, segurando seu eixo dentro de mim e travando meu olhar com seu escuro, ardente. Ele rosna e se inclina para baixo, pressionando seus lábios nos meus enquanto ele bombeia para dentro de mim em um ritmo lento e constante que me faz subir no assento alguns centímetros a cada passagem. Deixo minha cabeça cair para trás, cravando minhas unhas em

suas costas enquanto seus lábios arrebatam meu pescoço, minhas clavículas.

— Royal, — eu suspiro, me sentindo tão bem que não sei como é possível, como posso conter tanto sentimento de uma vez, o prazer, a dor e o amor que espiralam dentro de mim até que acho que vou entrar em erupção.

— Eu sei, *cuore mio*, — ele diz, me penetrando com golpes fortes e dominadores. Ele segura meu queixo em sua mão, forçando meu olhar para ele. — Eu sei. Fique comigo.

Ele não solta até eu gozar. Então ele se inclina e me beija, e o calor de sua própria liberação dentro de mim me faz estremecer de prazer novamente. Ele suspira, e eu posso sentir seu sêmen vazando de mim enquanto ele se abaixa sobre mim, descansando seu peso em seus cotovelos e deitando sua cabeça em meu peito.

— Harper, — diz ele, me apertando.

— Eu sei, — eu digo, enfiando meus dedos em seu cabelo grosso.

Ficamos deitados ali por um bom tempo antes que ele saia de cima de mim e puxe a calça jeans para cima. Eu deito lá em uma poça de esperma e felicidade, nem mesmo tentando me mover. Ele ri e puxa minha calça jeans para cima, abotoando e fechando o zíper. — Preciso carregá-la para o banco da frente? — Ele pergunta, sorrindo para mim.

— Talvez, — eu digo.

Ele arqueia uma sobrancelha.

Eu alcanço e coloco minhas mãos atrás de seu pescoço, sorrindo para ele. — Sim por favor.

Ele me pega e me carrega para o banco da frente e me coloca o cinto. — Você é ridícula, sabia?

— Você deveria considerar isso um elogio, — eu digo, agarrando a frente de sua camisa e puxando-o para um beijo.

— É melhor você parar, ou eu vou ter que te foder de novo.

Aperto meu aperto em sua camisa e o beijo com mais força.

— Você está realmente pedindo por isso hoje, — diz ele, sorrindo durante o nosso beijo. — Tem certeza que pode tomar três vezes em um dia?

Eu me afasto e sorrio para ele através dos meus cílios. — Talvez... Você poderia colocá-lo em outro lugar desta vez?

Ele geme e passa a mão na minha nuca, enterrando a mão no meu cabelo e pressionando meu rosto em seu peito. — O que deu em você? Você nunca pede anal.

— Estou simplesmente feliz, — eu digo, envolvendo meus braços ao redor dele e apertando-o contra mim. — E estou feliz por poder fazer você feliz também.

Quando deixamos o rio, a noite já caiu. Minha bunda, garganta e colo do útero levaram uma surra, mas é um bom tipo de ferida. Royal acende os faróis e atravessa a ponte, o Rover arrastando-se pesadamente ao longo das ripas de madeira até chegarmos ao outro lado, onde ele pode virar.

— Você acha que vai continuar vindo aqui? — Eu pergunto quando estamos de volta na estrada. — Quero dizer, é aqui que você veio por causa dela, e agora que ela está em casa...

— Agora é onde eu venho com você, — diz ele, estendendo a mão e colocando uma mão possessiva na minha coxa. — Não é o lugar dela. É o *nosso* lugar.

— Você está com raiva dela? — Eu pergunto com cuidado.

Ele olha para mim e depois de volta para a estrada. — Claro que estou louco pra caralho, — diz ele. — Ela estava viva o tempo todo. Ela nos deixou acreditar que ela estava morta por três malditos anos.

— Mas você não está chateado comigo por encontrá-la?

— Eu disse a você que não estava, — diz ele, apertando meu joelho. — Estou feliz que ela está de volta, mesmo que eu esteja chateado. Estamos... Trabalhando nisso. Ela ainda é minha irmã, mesmo que eu esteja chateado com ela. Eu não a odeio.

— Isso faz sentido.

— Como você a encontrou, afinal? — ele pergunta. — Se Baron não pudesse, não sei como alguém poderia.

— Foi surpreendentemente fácil, — eu digo. — Considerando que Preston sabia onde Devlin trabalhava. Se você tivesse parado de brigar com os Darlings, eles provavelmente teriam contado a você.

Ele me dá um olhar fulminante, e eu me encolho.

— Desculpe, isso foi mal-intencionado. Mas, basicamente, Dolly Beckett disse a ele um tempo atrás, como um ano ou dois. Mas como você foi um idiota com os dois, ele a convenceu a não contar a vocês por que queria que vocês os deixassem em paz para viver suas melhores vidas ou algo nesse sentido.

— Eu realmente não posso culpá-la, — Royal murmura.

— Dolly?

— Minha irmã, — diz ele. — Por querer deixar essa merda para trás. Eu a odeio por isso, mas eu respeito isso também. Ela é corajosa. Poucas pessoas têm coragem de dizer foda-se a todo mundo, deixar toda a sua vida e todos nela, e fazer o que quiserem. Eu não.

— Você estava protegendo seus irmãos, — eu digo, estendendo a mão e deslizando minha mão atrás de seu pescoço, massageando-o com meu polegar enquanto ele dirige. — Você fez a coisa certa. Você está certo em estar chateado com ela. Estou chateada com ela e nem a conheço. O que eles fizeram pode ser corajoso, mas também é egoísta.

Nós dirigimos em silêncio por um minuto. — Você acha que teria feito isso? — ele pergunta. — Se você tivesse engravidado e tivesse dinheiro...

— O quê, fugir? — Quero dizer que nunca faria isso, mas, para ser sincera, tenho que pensar nisso. — Eu não sei, — eu admito finalmente. — Provavelmente. Eu queria sair desta cidade, e você era assustador pra caralho.

— Ainda é isso que você quer? — ele pergunta.

— Sim, por um tempo, — eu digo. — Mas acho que vou sentir falta deste lugar. Acho que nunca realmente odiei Faulkner. Eu odiava ficar presa. Provavelmente por isso também não quero ter filhos.

— Você não quer? — Ele pergunta, levantando as sobrancelhas quando ele se vira para olhar para mim.

— Você quer?

Ele se vira para a estrada por um minuto e depois balança a cabeça. — Não. Eu foderia com todos eles.

— E ei, — eu digo. — Se mudarmos de ideia no futuro, pelo menos sabemos que não podemos ser piores que nossos pais.

— E a outra coisa que você disse? — ele pergunta. — Você ainda acha que eu sou assustador?

— Às vezes, — eu digo. — Mas não para mim.

Ele está quieto quando entramos na estrada que leva ao seu bairro, o asfalto silencioso de duas pistas que serpenteia por uma área de árvores esqueléticas de inverno. A estrada ainda está molhada da chuva da noite anterior, e as linhas amarelas no centro brilham no escuro. Tenho certeza de que ambos estamos pensando a mesma coisa, sobre como explodimos o pai dele ontem à noite. Não quero saber quantas pessoas ele matou antes disso, mas não sou estúpida o suficiente para pensar que ele é inofensivo. Estou segura o suficiente para saber que ele não permitirá que nenhum mal me aconteça.

A casa está envolta em escuridão, como estava depois da morte de Crystal. Fantasmas flutuam pelos corredores. Ninguém pode vê-los além de mim. Ninguém pode ver a sombra sobre nós também. Eles têm sorte.

Eu caio de volta na minha cama e rolo meu telefone, ignorando a presença pairando sobre mim, como quando você anda por uma teia de aranha invisível, e ela gruda no seu rosto.

Pego o controle remoto e ligo a TV, rolando até *Notícias locais com Jackie*. Eu transaria com aquela MILF num piscar de olhos, mas aparentemente ela não gosta de caras mais jovens. Seu marido é idoso.

Ela está parada na frente do shopping, seu cabelo escuro soprando em seu rosto e o vento tentando roubar sua voz do microfone. — Na última revelação da explosão que aconteceu ontem à noite no recém-fechado Faulkner Mall, um corpo foi recuperado no local, — diz ela, segurando seu casaco cáqui ao redor dela. — A polícia ainda não divulgou a identidade da vítima, pois esta é uma investigação em andamento.

Eu mudo para um navegador de internet e puxo algo melhor - ação de garota contra garota. Pego a loção e uma caixa de lenços de papel e começo a trabalhar, jogando um braço sobre o rosto no último minuto para bloquear os olhos invisíveis.

Não é meu irmão. Ele está vivo.

Ele pegou o Tesla e deu o fora.

Eu sei que ele está bem. Eu sentiria se ele não estivesse.

Ou talvez não. Royal pensou que Crystal estava morta o tempo todo, e ele é gêmeo dela. Ele disse que não podia sentir que ela estava viva, o que significa que não posso sentir que Baron está.

Mas eu sei disso, de qualquer maneira. Ele é esperto demais para morrer.

É o corpo do papai. Ele é o fantasma que assombra os corredores da nossa casa, de volta para se vingar. Papai não perdoa. É por isso que estamos nesta cidade.

Levanto-me, jogo fora os lenços e lavo as mãos. Então desligo a TV e abro

a geladeira. A empregada inútil não reabasteceu minha cerveja. Novamente.

Eu desço as escadas, o vazio pairando ao meu redor como outro fantasma. Esse não é o papai. É a ausência do Baron.

Pego um pacote de seis e saio para escapar do vazio lá dentro. Papai não está aqui, mas não passamos nenhum tempo juntos. É o espaço vazio de saber que ele nunca mais estará em casa que me enche de peso. Baron se foi, mas voltará. Royal se foi, em algum lugar com Harper. Até ela é uma companhia melhor do que os fantasmas.

Eu poderia ligar para uma garota da escola, mas tudo ficou monótono em algum momento. Mesmo com Baron por perto para tornar as coisas interessantes, fazendo-as fazer alguma merda doentia e distorcida, chegou um ponto em que não havia nada de novo. Uma boceta era igual à outra, e não havia mais coisas para tentar que não fossem tão extremas que nem mesmo eu cruzaria essa linha.

Além disso, metade das meninas da escola não voltará rastejando quando eu ligar, graças a Harper e Dixie. Não que tenha sido uma grande perda - de qualquer maneira, já havíamos atropelado a maioria daquelas garotas. Nós nem queríamos aquelas cadelas, então não é como se nós nos importássemos se elas nos bloqueassem. Há muitas outras garotas para foder, mas eu prefiro me masturbar de novo do que ter uma delas aqui perguntando onde Baron está e fingindo simpatia na esperança de se apegar a mim do jeito que Harper se apegou a Royal.

Quando saio, há uma criança sentada nos degraus que contornam um dos lados da casa, o lado onde sempre me sento. Eu me sento lá de qualquer maneira. Há muitas crianças para acompanhar mais.

— Quem é você? — Eu pergunto, abrindo uma cerveja.

— Olive, — diz ela. — Quem é você?

— Duke.

— Esse é o seu nome?

— Não mais estranho que o seu.

— Você sabia que um duque é a mesma coisa que um príncipe?

— Eu não sabia disso, — admito. — Tem certeza?

— Sim, — diz ela.

— O que você está fazendo aqui, Olive? — Eu pergunto.

— Esperando minha irmã voltar.

Tomo um gole e limpo a boca com as costas da mão. — Mesmo.

— Você está esperando por sua irmã?

— Não mais, — eu digo. — Agora estou esperando meu irmão.

— Oh.

Nós sentamos lá por um tempo. Não sei o que fazer com uma garota do tamanho dela. Ela é muito velha para pular no meu joelho como um bebê, e muito jovem para foder. Eu não entendo o ponto de crianças. Elas não têm propósito.

Termino minha cerveja e abro uma nova. — Quer uma? — Eu ofereço.

— Claro, — diz ela.

— Você já bebeu uma?

— Sim, — diz ela. — E eu fumei um cigarro.

— Hm, — eu digo, entregando-lhe a cerveja. — Então, quando sua irmã vem buscar você?

— Eu não sei, — diz ela. — Passei a noite com um amigo ontem à noite, e Blue disse para sair do ônibus e ir para a casa de Harper e não ir para casa até que ela venha me buscar.

— Oh, — eu digo, relaxando contra a grade e abrindo minha própria cerveja. — Então, você é problema de Harper. Ela ainda não está em casa. Mas posso levar você para ver meus vizinhos se não quiser sair comigo.

Ela toma um gole de cerveja e faz uma careta, depois tenta esconder quando me vê olhando. — Por que eu não iria querer sair com você? Você é um esquisito?

— Eu não sei, — eu digo. — Pode ser. Provavelmente.

— Oh, — diz ela, inclinando-se para trás em sua mochila contra a grade distante. — Você não parece tão estranho para mim.

— Talvez isso signifique que você é uma esquisita também, — eu digo, sorrindo e batendo na cerveja dela com a minha.

— Eu não sou esquisita, — ela protesta.

— Como você sabe?

— Porque eu me conheço, — diz ela. — E eu não sou uma esquisita.

— Talvez possamos descobrir se eu sou um esquisito, — eu digo. — Como você poderia dizer?

— Se você me pedisse para sentar no seu colo, — ela diz prontamente.

— Boa decisão, — eu digo. — Mas, tipo, se você quer sair com uma garota, tem uma na rua que pode saber o que fazer com você. Ela é muito legal. Ela é uma líder de torcida. Quer conhecê-la?

Olive franze o nariz. — Minha irmã diz que líderes de torcida são vadias traidoras.

Eu concordo. — Isso é justo. Então, para que servem as crianças, afinal?

— O que você quer dizer?

— Tipo, qual é o sentido de você existir?

— Oh, — diz ela, iluminando. — Bem, eu gosto de dançar, andar de bicicleta, bambolê e experimentar as roupas da minha irmã quando ela não está em casa. Mas principalmente, eu gosto de carros. Vou ser mecânica um dia e vou dirigir um Bugatti.

Isso me quebra. — Você pode querer procurar o salário desse trabalho antes de fazer um empréstimo.

— Qual é o salário?

— Eu não sei, — eu admito. — Mas nos filmes, a mecânica é sempre ruim.

— Bem, meu plano B é a NASCAR.

— Você realmente gostaria da minha amiga líder de torcida, — eu digo. — Ela pilota carros e sabe como consertá-los.

— Sério? — Olive pergunta, seus olhos se arregalando. — Ela é pobre?

— Ela mora no meu bairro, se você quiser andar na rua e ver.

— Ok, — diz ela, pulando. Ela cambaleia um pouco, e eu não posso deixar de rir. Meia cerveja e ela já está tropeçando.

— Você está bem aí? — Eu pergunto, estendendo a mão para firmá-la.

Ela arrota e depois ri. — Eu não me sinto tão bem.

— Uma caminhada vai ajudar, — asseguro a ela. — Vamos.

— Esta é a sua casa? — ela pergunta, virando-se para olhar enquanto começamos a descer a passarela. Ela ainda está segurando a garrafa meio vazia, e eu tenho uma nova para o passeio.

— Sim.

— Você é, tipo, rico, — ela diz. — O que você dirige?

— Um Hummer.

— Posso ver?

— Talvez quando voltarmos.

— Tudo bem, — diz ela, tomando outro gole e limpando a boca com as costas da mão, como me viu fazer. — Então, quão rico você é?

— Médio-rico.

— Quão rico é isso?

— Rico em escola particular, mas não rico em jatinho particular.

— Vou ficar super rica.

— Ok, mas só avisando, não é tão divertido. Eu tinha amigos super-ricos em Nova York e era muito melhor. Consigo tudo o que quero e posso fazer o que quiser, mas não preciso ter um guarda-costas me seguindo.

— Eu quero um guarda-costas, — diz ela, saltitando pela calçada, o cabelo despenteado, os tornozelos magros nus sob jeans muito curtos.

— Que tal eu ser seu guarda-costas? — Eu ofereço.

— Sério? — ela pergunta, olhando para mim com desconfiança.

— Claro, — eu digo, então dou uma piscadela para ela. — Mas só por hoje. Sou rico demais para ser guarda-costas em tempo integral.

— Como você ficou tão rico, afinal? — ela pergunta, pulando outra rachadura na calçada.

— Meu pai é o CEO e fundador da Dolce Sweets. É um negócio de doces.

— Você tem uma empresa de doces?

— Bastante.

— Então, você é basicamente como Willy Wonka.

— Claro, — eu digo, rindo. — Ou o Candyman.

— Uau. — Ela desliza sua mãozinha na minha e se agarra enquanto pula outra linha na calçada. Seus dedos estão gelados, e mesmo que quase todo mundo pense que eu sou uma merda, eu juro que uma parte de mim morre que essa garotinha desalinhada sem jaqueta pensa que eu sou tão legal.

Na verdade, fico desapontado quando chegamos à casa de Gloria. Não tenho certeza se já me diverti saindo com alguém que não podia foder antes. Tenho certeza de que diz algo sobre mim, provavelmente que sou um maldito esquisito, mesmo sabendo que não devo pedir a uma criança que se sente no meu colo.

Gloria parece tão apaixonada por Olive quanto eu, e ela a leva até a garagem para bisbilhotar. Fico ali por um minuto terminando minha cerveja, ressentido com Gloria e irritado com Olive por estar mais interessada em mostrar que já pode verificar o óleo do motor do que voltar para casa para ver meu Hummer.

Mas então penso na porra do mal que infecta todos na minha casa e decido que seria uma merda levá-la de volta para lá e deixá-la se infectar também. Já está em mim. O que quer que esteja errado comigo criou raízes e não vai embora. Mas não é tarde demais para ela. Então, mando uma mensagem para Harper e digo a ela onde encontrar Olive, depois a deixo sob o capô do Mustang com Gloria e vou para casa sozinho.

Estou sentado na varanda do meu quarto quando a janela se abre atrás de mim. Eu não me viro. Já se passaram dez dias, mas ainda não estou pronto para a conversa que sei que está por vir. Todos os dias nos evitamos, encontrando motivos para ficar ocupados e adiar. Neste momento, a casa está muito cheia de barulho e caos e pessoas para uma conversa privada, como se seus dias de luto tivessem acabado e fosse hora de comemorar. Engraçado, já que estão todos aqui para o funeral.

— Ajude uma senhora idosa, sim? — exige uma voz mal-humorada do meu quarto.

— Nonna, — eu digo, levantando-me de um pulo. Estendo a mão pela janela e a levanto para fora, apertando minha pequena avó até que ela solte alguns palavrões em italiano. Eu rio e a coloco no chão.

— Bem, olhe para você, — diz ela, acariciando minha bochecha, um sorriso travesso fazendo os cantos de seus olhos enrugarem. — Ouvi dizer que você está apaixonado. Ela pode cozinhar?

— Quem diabos disse isso? — Eu pergunto. — Não sei o que essa palavra significa.

Ela ri e se joga em uma das minhas espreguiçadeiras, uma espreguiçadeira com vista para os escombros queimados da antiga casa de Devlin. — Certifique-se de que ela pode fazer a lasanha que você gosta. Posso dar a ela a receita do seu nonno. Eu passo isso para todos os meus netos quando eles se casam.

— Você deu para Crystal? — Eu pergunto amargamente, sentando-me na chaise ao lado dela.

— Claro que sim, — diz ela. — Eu tenho que ter certeza de que é o favorito dos filhos dela também.

— Harper não é realmente do tipo que cozinha, — murmuro. — E nós não vamos nos casar.

Ela verifica as janelas atrás de nós antes de tirar o maço de cigarros. — Dê-me um isqueiro, sim?

— Se você está fumando, eu estou fumando, — digo, puxando a caixa onde guardo meus baseados. Pego um, acendo e passo o isqueiro para minha avó.

Ela acende um de seus minúsculos Virginia Slims e se deita, fechando os olhos enquanto inspira profundamente e depois expira. — Sabe, sua cunhada Eliza me contou uma coisa que a avó dela contou, — diz ela com um suspiro de satisfação. — Uma mulher só pode ser boa em um cômodo da casa. Você escolhe o quarto.

— Nonna, — eu digo lentamente, arrastando o baseado. — Você sabe o que significa TMI14?

Ela ri. — Seu primo me disse isso no ano passado. Aparentemente, os jovens não apreciam a sabedoria dos mais velhos como antigamente.

— Eu realmente não sei.

— Bem, você sabe como seu avô é um bom cozinheiro, — ela diz, fumando seu cigarro antes de me dar uma piscadela. — Isso não é à toa, então acho que Eliza está certa.

— Nonna, — eu gemo. — Eu não senti sua falta.

— Isso é muito ruim, — diz ela. — Pensamos que poderíamos ficar durante o feriado, já que está tão perto e já estamos aqui.

— Você também? — Eu pergunto. — King e Eliza já vão ficar um mês inteiro.

— Você deveria ser grato, — diz ela. — Seu irmão sabe o que essa palavra significa, mas você não. Ele pode estar desistindo de uma grande oportunidade em casa. Um homem em sua posição, você nunca sabe o que pode acontecer enquanto estiver fora por um mês.

Eu resmungo em resposta a isso.

— Não é só para você, — diz ela. — Sua irmã precisa de ajuda com todos esses bebês. Uma ninhada inteira deles já.

— Percebi.

Ouçoo passos na sacada e sei que ela também está aqui. Eu posso senti-la, a maneira como nosso sangue está ligado.

Há uma pausa, e então ela caminha em nossa direção com os pés descalços. Ela está usando um modesto vestido preto que eu lembro de antes, mesmo que caiba nela de forma diferente. A primeira coisa que ela me disse foi que eu estava enorme. Ela não é enorme, mas é maior, todas as suas curvas amplificadas e

suavizadas pela maternidade. Ela parece deslocada no vestido de grife, como se não se encaixasse mais nas roupas de garota rica depois de viver na obscuridade por três anos.

— Posso me juntar? — ela pergunta, seus olhos cautelosos enquanto ela olha de mim para nossa nonna.

— Na verdade, estou apenas entrando, — diz Nonna. — Vou deixar vocês dois com isso.

— Você pode ficar, — eu digo. — Eu vou entrar.

Ela luta para se sentar na chaise longue, mas quando estendo a mão para ajudá-la, ela dá um tapa na minha mão. — Eu nem fiquei grisalha ainda, — ela repreende, levantando-se. — Sou certamente capaz de me levantar de uma cadeira.

Eu levanto as duas mãos em sinal de rendição, e ela me dá um olhar final e mordaz antes de subir pela minha janela e desaparecer dentro de casa.

Dou uma tragada no baseado e encaro Crystal.

— Você fuma maconha?

— Sim, — eu digo. — E você procria como a porra de um coelho. Somos adultos agora. E quanto a isso?

— Nada, — diz ela, alisando a saia sob o corpo enquanto se senta, aquele gesto elegante que provavelmente recebeu de mamãe. É engraçado como pequenas coisas assim permanecem, mesmo quando ela está tão mudada.

— Eu queria falar com você, — diz ela, acomodando-se na beirada do assento, de frente para mim.

Eu me recosto na cadeira e cruzo os tornozelos. — Sobre o que?

Fui um idiota por tanto tempo que não me lembro como parar. É quem eu sou agora. Talvez sempre tenha sido.

Ela se senta ereta e passa as mãos na parte superior das coxas. — Sobre a mudança.

— O que? — Eu pergunto, me endireitando.

— Eu tenho uma família, — diz ela. — Queremos uma casa de família. Eu tenho três filhos. Diamond grita como uma banshee na metade do tempo.

— Isso não me incomoda, — eu resmungo.

Ela encolhe os ombros, olhando para os joelhos. — Esta é a sua casa. Devlin diz que vocês dois fizeram as pazes, mas sei que você também sente essa tensão.

— Não porque eu não quero você aqui, — eu digo baixinho. — Esta é a sua casa também.

— Então por que você nem fala comigo? — ela pergunta, levantando seu olhar escuro para o meu. Seus cílios são escuros e grossos mesmo sem maquiagem, seus olhos são como se estivessemos olhando para um espelho. Isso é o que éramos, imagens opostas um do outro. Ela era a boa e, de alguma forma, ela me manteve bem.

Até que ela se foi.

— Tem muita coisa acontecendo, — eu digo rigidamente. — O planejamento do funeral, a chegada dos parentes...

Tem havido muito mais do que isso também. Conversando com policiais. Conversando com a diretoria da Dolce Sweets. Conversando com advogados e planejadores imobiliários. Conversando com Colin Finnegan, que admitiu que Baron os convenceu a levá-lo de volta aqui para pegar seu carro naquela noite, pegou as seis caixas de Lady Alice que havíamos puxado para o veículo de Colin e saiu noite adentro. Considerando a genialidade de Baron, ele pode garantir que nunca mais o veremos se quiser, mas pelo menos não nos fez pensar que ele morreu.

E tenho a sensação de que ele voltará, pelo menos para Duke. Não apenas isso, mas tenho uma boa ideia de que ele não irá muito além do rio Mississippi a leste.

— Os parentes começaram a chegar ontem, — ressalta Crystal.

— King está aqui desde o Dia de Ação de Graças.

— Ele não é um parente, — diz ela, nivelando-me com um olhar. — Ele é nosso irmão.

— Sim, — eu digo, me ocupando em guardar minha parafernália.

— O que aconteceu entre vocês? — ela pergunta.

— Ele nos convenceu a seguir em frente, — eu digo. — Ele e papai. Ele

disse que você estava morta, que nunca mais voltaria. Eu teria continuado procurando para sempre se não fosse por ele.

— Ele pensou que eu estava, — diz ela, engolindo em seco. — Ele estava tentando te ajudar. Todos vocês. Não é como se ele estivesse enganando você.

— Você falou com ele sobre isso?

— Sim, — diz ela. — Falei com ele e com Duke. Eu gostaria de ter falado com o papai...

— Bem, ele está morto, — eu digo. — Foi ele ou Devlin. Ele não o teria deixado ficar em sua casa como eu.

— Veja? — ela diz, com a voz embargada. — Você é quem não vai me perdoar.

— Perdoar você? — Eu pergunto, então balanço minha cabeça. — Você nos deixou pensar que estava morta, Crystal. Você não entende o que isso fez conosco? Nós procuramos por você por semanas. Desistimos, aceitamos que você estava morta e fizemos uma porra de um funeral para você. Nós nos *entristecemos por* você. Você sabe como é pensar que seu irmão, seu irmão gêmeo, está morto?

— Eu sei o que é sofrer por um irmão gêmeo que você perdeu, — ela diz. — Para toda uma família. Você acha que eu também não senti sua falta?

— Sentiu nossa falta? — Eu pergunto incrédulo. — Você acha que foi só isso? Nós vingamos você, Crystal. Queimamos esta cidade por você.

— E você acha que eu não chorei pelo que perdi? — ela pergunta, limpando com raiva uma lágrima em sua bochecha. — Você acha que não me matou também?

— Eu acho que foi você quem fez essa escolha, — eu digo categoricamente. — Não nos.

— Eu também não tive escolha, — ela chora, as lágrimas marcando seu rosto agora. — Você, King e papai disseram que você mataria Devlin.

— Nós nunca teríamos machucado *você*.

Ela enxuga as duas bochechas de uma vez, com a respiração acelerada. — Matar Devlin teria me machucado. Teria me matado.

— Então qual é a diferença?

— Se você soubesse que alguém nesta cidade iria matar Harper, você daria de ombros e deixaria acontecer porque ela não faz parte da nossa família? — ela pergunta. — Ou você a levaria pelo mundo para protegê-la se fosse necessário?

Eu apenas a encaro.

Harper. Claro que é assim para Crystal. Harper não é só minha para possuir. Ela é uma parte de mim, a substituta da minha alma que foi destruída há muito tempo. Ela pode não saber, mas ela já me possuiu, possui cada respiração que eu respiro e cada maldita intenção assassina que surge quando penso em alguém tocando nela. Eu não iria simplesmente levá-la para o outro lado do mundo. Eu colocaria o mundo a seus pés, traria a porra das estrelas uma por uma.

— Eu os mataria, — digo baixinho, lembrando-me do corpo balançando no fundo da corda sobre o rio e daquele que larguei mais tarde, na noite em que aquele caipira babaca bateu na porta dela, pensando que a levaria como pagamento pelo vício de sua mãe.

— Então como você pode não entender? — ela pergunta. — Sinto muito, Royal. Não é que eu não tenha pensado em você. Eu simplesmente não conseguia me permitir imaginar o que você estava passando. Isso realmente teria me matado. Então tive que pensar no que você disse por último, que eu não fazia parte da família. Eu não era mais uma Dolce. E então nós mudamos nossos nomes, e eu disse a mim mesma que eu era a família de Devlin agora, porque se eu não fosse sua, eu não teria que me lembrar do que perdi. Mas nunca deixei de ser sua irmã, nem por um minuto. Então, por que você está agindo como se eu fosse uma estranha?

— Eu não sei, — eu admito. — Talvez nós dois sejamos estranhos.

— Não diga isso, — ela grita, balançando a cabeça. — Sinto muito pelo que fiz, mas tive que fazer uma escolha impossível. Não havia resposta certa. Ambos estavam errados. Eu poderia deixar você pensar que eu estava morta, ou eu poderia deixar Devlin realmente morto. Como eu poderia escolher isso?

— Você não poderia, — eu digo. — E eu sinto muito, também. Me desculpe por ter dito isso para você.

Ela funga e acena com a cabeça, enxugando as últimas lágrimas. — Não posso mudar o que fiz, mas espero que você possa entender como é amar tanto alguém que morreria para estar com essa pessoa.

— Eu entendo.

Nós nos encaramos por um longo momento. — Você a ama, não é? — ela pergunta.

Eu não sei como responder a isso. O que sinto por Harper é muito mais do que isso, mais complexo, profundo e menos banal. Ela me conhece e ainda fica, mesmo depois que eu a destruí. Eu não acreditava que alguém pudesse se importar, pudesse aceitar até mesmo o monstro, mas ela provou que eu estava errado até que eu não tivesse escolha a não ser acreditar. Ela domou até o monstro dentro de mim, então ele não precisa mais arcar com os fardos que eu não poderia carregar sozinho. Ela me ajuda a carregá-los agora.

E eu a ajudo a carregar o dela. De alguma forma, eles são mais fáceis de suportar do que os meus. Eu a conheço também, sei como fazê-la perder o controle quando ela precisa, mesmo quando isso a apavora. Aceito tudo dela, até as partes feias e coniventes. Eu sei quem ela é, e não separo as partes que não me servem. Juntos, estamos nos curando, costurando nossas feridas até que as cicatrizes cubram as velhas feridas, selando-nos como um só. Não sei como descrever isso para minha irmã, uma menina que conhece o amor de forma tão pura e descomplicada. Não há uma simples palavra de quatro letras que possa começar a abranger tudo o que Harper e eu compartilhamos.

— Eu tentei matá-la, — digo finalmente. — E ela ainda trouxe você de volta. Para mim.

Ela acena com a cabeça. — Ela me odeia, você sabe.

— Ela odeia o que você fez com esta cidade, — eu digo. — Ela vai mudar quando você começar a fazer as coisas por aqui.

— Ela vai? — Crystal pergunta, uma risada trêmula escapando.

Eu dou de ombros. — Ela não teria encontrado você se não a quisesse em minha vida.

Ela balança a cabeça, levantando o rosto manchado de lágrimas para encontrar meu olhar, seus olhos suplicantes. — Você poderia?

— Eventualmente. — Olho para os arbustos de lilás esqueléticos entre nosso gramado e o seguinte.

— Por favor? — ela diz. — Só me dê uma chance. Você queria que eu estivesse viva, não é? E eu estou. Estou aqui e não estou morta. Não aja como se eu estivesse.

— Você nunca esteve morta para mim, Crystal, — eu digo. — Mesmo

quando eu acreditava que você estava morta.

— Então podemos começar de novo? — ela pergunta, seus olhos escuros injetados, mas tão cheios de esperança que me mata olhar para ela.

Eu tenho que desviar o olhar. — Acho que não, — eu digo. — Não funciona assim. Mas talvez possamos começar daqui.

Ela balança a cabeça, escorregando da beirada da cadeira para a minha. — Obrigada.

Ela deita a cabeça no meu peito e envolve os braços em volta de mim, sentando-se ao meu lado na cadeira. Por um segundo, fico tenso. Mas então sinto a forma esquecida dela contra mim, sinto o cheiro do mesmo xampu, e é tão familiar que dói até a medula dos meus ossos. Suas lágrimas começam de novo, pingando na minha camisa e encharcando minha pele. Elas queimam em mim como ácido, como vergonha e tristeza, arrependimento e alívio.

Harper uma vez disse que o perdão era um processo, e eu concordei com o que ela disse porque era mais do que eu merecia, mas realmente não entendi. Achei que você poderia escolher perdoar ou não. Mas não é tão simples. Leva tempo, tempo para encontrar os pedaços quebrados e remontá-los, não no que era, mas no que é agora.

Embora Crystal e eu tenhamos um longo caminho a percorrer para curar tudo o que está quebrado entre nós, não acrescento outra fratura à nossa família despedaçada. Já estamos abrindo caminho cuidadosamente sobre os destroços apenas para alcançar um ao outro. Então eu coloco um braço em volta dela e a deixo ficar. Pressionando a mão em suas costas, saboreio a solidez de seu corpo, tão pesado, mas muito mais leve que seu fantasma. Fecho os olhos, respiro fundo e sinto o coração dela batendo na palma da minha mão.

— Droga, — eu digo, deslizando minha mão na de Royal. — A cidade inteira está aqui?

— Parece que sim, — diz ele, com os lábios apertados. Ele não puxa a mão como costumava fazer, no entanto. Seus dedos agarram os meus em um aperto firme e possessivo, e ele me puxa para o seu lado enquanto caminhamos pela grama marrom e molhada de seu enorme gramado nos fundos. Eles alugaram duzentas cadeiras, mas há pelo menos o dobro de pessoas em pé nas bordas da área de estar, onde todas as cadeiras estão ocupadas.

Fico feliz pelo aperto firme do braço de Royal enquanto ele me leva para o meu lugar. Não é minha imaginação pensar que todo mundo está assistindo. Eles sempre fazem quando Royal Dolce aparece. E agora que estou de braço dado com ele, estou no centro das atenções também. Não apenas isso, mas sei que estou sendo julgada — por sua família, seus amigos, esta cidade. Eles estão todos avaliando minha aparência, minhas roupas, minha expressão e decidindo por si mesmos se sou boa o suficiente para agradecer seu braço. E provavelmente estão se perguntando se estou aqui pelo dinheiro.

Eu não os culpo. Eu estaria fazendo a mesma coisa.

Afinal, sou uma garota como eu, uma garota de um parque de trailers, que conseguiu um cara que acabou de se tornar o herdeiro de um império de doces e drogas. Aparentemente, Alice não foi a primeira substância ilegal a passar pelo império Dolce Sweets. Ainda estou aceitando o quão confortável Royal está com isso, com assassinato, com todas as coisas que vêm com o território para ele e seu mundo. Nem tudo são fontes de champanhe e almofadas feitas de dinheiro.

Nós nos dirigimos para o nosso lugar na primeira fila, com sua família. Um padre está de pé na grama em frente ao pequeno altar que eles montaram, parecendo sombrio e digno e muito gostoso para um homem do clero. Royal se aproxima e estende a mão.

— Padre, — diz ele, acenando para o homem. — Obrigado por estar aqui.

— Claro, — diz o padre. — Se houver mais alguma coisa que eu possa fazer...

Ele puxa Royal para um abraço de um braço enquanto aperta a outra mão em um aperto de mão.

— Se você precisar se confessar, — ele murmura para Royal, e eu me pergunto o quanto esse cara sabe sobre os negócios dos Dolce. Ele sabe que foi um assassinato, apesar da polícia declarar que foi um acidente?

Royal se afasta e me abraça. — Harper, este é o padre Dante, de Thorncrown. Padre, esta é minha garota, Harper Apple.

Eu sei que estamos em um velório, mas eu tenho que lutar contra o desejo de sorrir como uma idiota ou começar minha dança de eu-acabei-de-ganhar-ingressos-no-rádio. De alguma forma, ser apresentada a seu padre parece mais importante do que ser apresentada a seu pai real. Então eu escondo meu rosto em algo digno de uma morte na família, e aperto a mão do padre antes de seguir Royal para nossos assentos.

Eliza dá um tapinha no meu joelho e sorri. — Você fica ótima nisso, — ela diz, apontando para um vestido preto que ela me ajudou a escolher em Nova York.

— Você está quente o suficiente? — Royal pergunta, colocando um braço em volta de mim. — Isso vai demorar um pouco.

— Estou quente, — eu digo, mas me encolho ao seu lado de qualquer maneira.

O padre começa a falar sobre Tony Dolce. Eu observo Royal, que está olhando para frente com aquele olhar vazio. Mas agora sei o que significa, então não me preocupo. Ele não está vazio. Seu monstro não é o inimigo. Ele está apenas se protegendo de qualquer dor que sinta, e o monstro ajuda. Se me sinto culpada por minha participação na morte de seu pai, sei que é muito pior para seus próprios filhos.

Uma hora depois, entendo o que Royal quis dizer. Já fui a funerais, mas nunca a um católico. Há orações de pé e de joelhos pela família, seus pais, seus filhos e a comunidade. Então as pessoas se levantam para subir ao altar e dizer coisas boas sobre Tony Dolce sobre seu caixão, que felizmente está fechado, já que ele foi basicamente incinerado. Eles o estão levando de volta a Nova York para o enterro, mas todos na cidade querem se despedir primeiro.

Parece uma farsa, já que todos sabemos que ele era um canalha desprezível. Ele está morto agora, então você pensaria que eles desistiriam da farsa, mas então, é o sul. Alguém está sempre observando. Julgando. O espetáculo deve continuar.

Quando finalmente acaba, ainda faltam as visitas, e todos querem passar por aqui e dar as condolências a todos os membros da família Dolce. O velório é

basicamente um evento de dia inteiro. Os Dolces serviram, há comida e todo mundo fica conversando. Vejo as Roses e aceno para DeShaun. Ele sacode o queixo em um pequeno aceno.

Royal está fazendo sua rotina de zumbi, cumprimentando a todos e apertando suas mãos e aceitando sua simpatia com toda a emoção de um robô. Eu sei o quanto ele acha cansativo se apresentar, mas também sei que ele é tradicional de certa forma e nunca perderia a cerimônia. É o dever dele, e ele vai aguentar até o amargo fim.

Eu paro durante uma calmaria e vou buscar comida para nós. Colt e Gloria estão parados com os pratos perto do fim da fila, então vou atrás deles.

— Estou surpresa que você rastejou para fora de seu buraco por tempo suficiente para chegar a isso, — Gloria diz a ele, jogando o cabelo para trás.

— Eu faria uma piada sobre o seu buraco, mas vendo como você acabou de perder seu sugar daddy, eu vou ser legal hoje, — Colt diz a ela antes de se virar para me olhar de cima a baixo. — Droga, Teeny.

— Sim, por que você *está* aqui? — Eu pergunto, olhando ao redor. — Suas famílias são inimigas.

Ele joga um braço em volta dos meus ombros. — Não, veja, por que não, agora que Devlin e Crystal voltaram e eles estão *casados* e têm filhos e essa merda, os Dolce são parte da família. Como se metade dos Darlings estivessem aqui, fingindo que Royal e os gêmeos demônios não arruinaram nossas vidas. É nauseante, realmente.

Apesar de suas palavras, ele parece alegre e está sorrindo daquele jeito preguiçoso que faz parecer que ele é apenas um golden retriever burro e não alguém que presta tanta atenção ao seu redor quanto Baron ou Royal.

— Dixie está aqui? — Eu pergunto, olhando ao redor. Eu não a vejo, mas vejo Magnolia e Gideon perto de Cotton, Rylan e Amber.

— Ela não veio, — diz Colt. — Mas ei, eu pensei que Lo era mais o seu tipo. Você sabe, se você precisar de um pouco de carne naquele sanduíche...

— Estamos em um funeral, — eu indico, olhando para ele.

— Verdade, — diz ele. — Mas você disse que eu poderia trazer à tona as coisas de garota com garota quando Lo não estivesse gritando sobre seu status de vadia.

— Sim, não é mais apropriado agora do que era então.

— Que pena, — diz ele, avançando na fila. — Mas não, Dixie não está aqui. Nem mesmo para dar uma olhada no caixão e ter certeza de que o vampiro está realmente morto.

— Não vejo por que você está mesmo com ela, — diz Gloria. — Ela quase matou sua prima, e é óbvio para todos que você está se acomodando.

Colt ri e balança a cabeça. — Devo procurar uma garota melhor... Talvez você?

— Você gostaria, — Gloria bufa, dando um passo à frente para pegar comida.

— Oh, certo, — Colt fala lentamente. — Você não está mais no esquadrão de elite, o que significa que não é melhor do que eu. Você foi expulsa do esquadrão de garotas Dolce por ser uma vagabunda, certo? Muitos entalhes na velha cabeceira da cama, hein?

— Você é o único a falar, — ela estala. — Você acha que é tão virtuoso porque só ficou com uma garota nos últimos três anos, mas todo mundo sabe que é porque é tudo que você consegue. Ela é a única garota que os garotos Dolce não querem, então eles deixam você ficar com ela. Muito patético?

— Agora que você está na minha liga, tenho mais opções, — diz ele. — E ei, no próximo semestre, você pode ser a escória enquanto eu sou o rei. Afinal, há apenas um D-bag em nossa escola agora, e se estivermos bem com os Dolces, Magnolia e Sullivan podem voltar para a escola. O que significa que o equilíbrio será finalmente restaurado - os Darlings estarão no topo novamente.

— Como se Willow Heights deixasse um troll sentar em seu trono, — diz Gloria. — Você tem que ser gostoso e jogar futebol para ser rei.

— Eu não sei, — diz Colt. — Minha garota já é a rainha rebelde. Talvez os rebeldes derrubem toda a monarquia e eu seja o rei deles. Mas não se preocupe, querida. Eu faria isso com você algumas vezes.

— Nojento, — diz Gloria, enrugando seu narizinho fofo e olhando-o de cima a baixo. — Eu nunca desceria tão baixo.

— Quando você mudar de ideia, — ele fala lentamente. — Eu vou te dar uma foda de pena se você rastejar para mim do jeito que você fez para os meninos Dolce, talvez coma Harper enquanto eu bato nas costas.

— Você é intolerável, — Gloria bufa.

Eles continuam brigando, mas eu paro de ouvir e observo a multidão. Colt está certo. Os Darlings estão aqui. E também o resto das famílias fundadoras, o prefeito e um juiz de que me lembro de algumas placas pela cidade quando ele concorreu alguns anos atrás. Vejo o pai de Colt conversando com o Sr. Rose, e essa sensação de estar desequilibrada se instala em mim, como se tudo estivesse um pouco torto.

Acho que conseguimos. Nós realmente terminamos a rivalidade.

Dolce se foi, e os Darlings agora estão ligados ao resto dos Dolces através do casamento de Crystal e Devlin. Talvez Royal nunca perdoe os Darlings, mas ele perdoará sua irmã. Ele vai seguir em frente, e isso é tudo que posso pedir.

Enquanto como, peço meu telefone e mando uma mensagem.

Bad Apple: No funeral do Sr. Dolce. Acho que podemos ter consertado Faulkner.

SilverSwan: Bom trabalho, senhorita A.

BadApple: você vem para casa? É seguro.

SilverSwan: em breve

Estou ocupada pensando sobre o que conseguimos quando meus olhos detectam movimento no pátio lateral. Olive está de pé ao lado dos lilases, quebrando galhos dos arbustos nus. Preston está fresco em minha mente, e suas palavras voltam para mim.

— *Se eu vejo uma maneira de ajudar pelo menos uma pessoa, não é meu trabalho pelo menos tentar?*

Ele me ajudou, e é hora de passar adiante. Meu peito aperta enquanto observo a figura diminuta - tão sozinha e deslocada, pequena e insignificante. Lembro-me de pensar que não tinha espaço em meu coração para uma Olive. Isso foi apenas alguns meses atrás, mas muita coisa mudou. Agora, eu tenho uma Olive. Eu tenho que abrir espaço para ela na minha vida, esteja eu pronta ou não, porque eu sou tudo o que ela tem. Não vou decepcioná-la e não vou decepcionar Blue depois de tudo que ela fez por mim.

Sem que eu percebesse, Blue me salvou de várias maneiras. Ela não me deu apenas cigarros. Ela me deu uma conexão, companheirismo, um lembrete de minhas raízes. Ela me deixou ser quem eu sou, mesmo quando não contei a ela. Ela era um espaço seguro para mim quando eu não podia contar a mais ninguém

o que havia acontecido. Ela me arrastou para fora da cama e disse que eu era muito inteligente para abandonar a escola. Quando duvidei de mim mesma, ela me lembrou que mereço uma vida melhor, sair desta cidade, aceitar Syracuse.

Só agora estou aceitando o fato de que é real - estou realmente saindo daqui. Eu estou fazendo isso. Eu estarei indo para Syracuse no próximo ano. É assustador, mas também uma sensação de tranquilidade e alívio veio com a decisão agora que está resolvida, da mesma forma que senti quando aceitei que pertencço à Royal. Eu sei que sempre o terei, não importa aonde formos. Também terei raízes aqui.

Se isso é tudo que Blue quer em troca de me ajudar a perceber isso, não estamos nem de perto.

Eu me levanto da cadeira que peguei e atravesso a grama até a irmã dela.

— Ei, — eu digo. — Quer um pouco de comida?

— Não é só para os ricos? — Olive pergunta.

— Não, — eu digo, segurando meu prato. — Garotas como nós também precisam comer.

Ela sacode o cabelo despenteado para trás e aponta para algo no meu prato. — O que é isso?

— Sabe, não faço ideia, — admito. — Os ricos comem coisas estranhas.

Ela franze o nariz. — O sabor é bom?

— Tão bom, — eu digo, colocando a pequena massa em minha boca.

Ela pega um e mordisca a ponta. — Vamos, — eu digo. — Vamos pegar um prato para você. Tenho pensado em reunir você e Eliza para irem às compras também. Só nós três. Que tal isso?

Olive parece duvidosa. — E quanto a Crystal?

— Claro, — eu digo. — Ela pode vir também.

— E os bebês?

— Eles provavelmente deveriam ficar com a babá.

Ela me segue de volta para a fila de comida. — O shopping está fechado, — ressalta. — E eu não acho que essas pessoas gostariam de Goodwill.

— Vamos para Little Rock. Eu disse que levaria você para um passeio no Escalade, de qualquer maneira, — eu a lembro. — Podemos até levar as meninas para comprar hambúrgueres e comer na pedreira. Aposto que nunca foram.

Ela está quieta, e eu sei exatamente o que ela está pensando, porque não importa o quão boas as coisas estejam entre as famílias fundadoras, ainda há o resto de nós. Nada mudou do nosso lado da cidade. Eu poderia ter deixado o estacionamento de trailers, a Mill Street e a vida de pobreza que me prendeu aqui. Royal até me deu um cartão de crédito e, embora eu saiba que vai demorar muito até eu parar de me sentir estranha em usá-lo, ele prometeu que nem o monitoraria. É meu.

Mas todo mundo ainda está aqui.

Jolene ainda está no estacionamento de trailers. Zephyr ainda está na Mill Street com seu pai alcoólatra e seu carro estacionado em quarteirões no jardim da frente. Maverick ainda está correndo com os Crosses porque essa é sua única opção. Blue está... não sei onde ela está. Olive veio até mim com instruções que fazem parecer que ela tinha um plano e não foi assassinada ou levada da rua quando voltava da escola para casa. Ela está indo para Oregon para encontrar sua tia, e então ela estará de volta para sua irmã. Se manter Olive segura é a única coisa que posso fazer por esse lado de Faulkner, vou fazer o melhor trabalho de babá que o mundo já conheceu.

Porque Blue pode ter ido embora, mas Olive ainda está aqui, me lembrando de onde eu vim, que ainda existem garotas como eu. Que ainda sou uma garota como eu.

Então eu faço o que garotas como nós fazem, e dou dignidade a ela, mesmo que o preço seja uma mentirinha inocente. É o que a irmã dela e eu sempre fizemos, ignorando os hematomas uma da outra e nunca nos intrometendo. Posso honrar a irmã dela dessa maneira até que ela volte para casa. Eu sei que ela não teria me pedido para cuidar de Olive se ela tivesse mais alguém, se ela não estivesse desesperada. Ela nunca deixaria Olive se tivesse escolha.

— Sua irmã me deixou algum dinheiro, — eu digo enquanto nos sentamos em dois assentos na parte de trás do mar de cadeiras. — Para que possamos comprar roupas novas e outras coisas para a escola, se você precisar.

— Quanto? — Olive pergunta, olhando para mim com desconfiança.

— Cem dólares.

— Sério? — Olive pergunta, seus olhos se arregalando.

— Sim, — eu digo, meu peito apertando.

— E ela disse que enviaria mais quando pudesse.

— Quando ela disse isso?

— Ela mandou uma mensagem há um tempo atrás, — eu digo.

— Onde ela está?

— Ela não disse, — eu digo a ela. — Mas ela disse que ama você e vai voltar assim que puder.

— Eu sei, — diz Olive, mordendo um camarão e balançando as pernas para frente e para trás sob a cadeira.

— Bom, — eu digo. — Então vamos fazer compras no Natal e você pode voltar para a escola com roupas novas.

— Há o suficiente para sapatos também?

— Definitivamente, — eu digo, sorrindo de lado para ela e cutucando seu ombro. — E se não houver, sempre podemos roubar um pouco desses ricos.

Ela sorri mais do que eu já vi desde que a encontrei na casa de Gloria. — Eu não vou contar, — ela sussurra.

Passo o resto do dia tentando ficar fora do caminho dos enlutados, cuidar de Olive e estar ao lado de Royal quando acho que ele precisa. Não é exatamente uma família grande e feliz que imaginei, mas os parentes de Royal parecem bem para mim, e estou até começando a gostar um pouco da irmã dele. É melhor do que sentar em uma mesa de jantar com o Sr. Dolce, minha mãe e Baron, com certeza. Talvez a coisa da família feliz leve tempo e pareça diferente do que qualquer um de nós esperava, mas sei que acontecerá quando for a hora certa. E se não, ainda tenho a família que fiz - meus amigos, eu e Royal.

É noite antes que todos saiam e, a essa altura, estou pronta para ficar fora dos holofotes. Mesmo quando não estou ao lado de Royal, percebo a atenção que recebo em todos os lugares que vou. Acho que esse é o preço para conquistar o homem mais cobiçado da cidade.

Quando o lugar está quase vazio, começo a pegar os pratos. Mal comecei quando um braço me envolve por trás. — O que você está fazendo? — Royal pergunta, esfregando o queixo contra o topo da minha cabeça.

— A festa acabou, — eu digo.

— Você não precisa arrumar.

— São apenas alguns pratos.

Ele pega minha mão e a levanta sobre minha cabeça, virando-me para encará-lo e puxando meu braço em volta de seu pescoço. Sua outra mão descansa nas minhas costas, puxando meu corpo contra o dele. — Eles podem cuidar disso, — diz ele, inclinando-se para descansar a testa na minha. — Seu trabalho é cuidar de mim.

— Isso está certo? — Eu pergunto, sorrindo para ele.

— Certo, — diz ele. — Agora, Cherry Pie, você quer me mostrar o quão bem você me serve?

— Agora mesmo? — Eu pergunto, passando meu dedo pela linha central entre os cumes de seu abdômen e enganchando-o em seu cinto.

— Agora mesmo, — diz ele.

Começo a afundar no chão, mas ele me agarra pelos braços e me puxa para cima.

— Você disse agora, — eu digo, batendo meus cílios para ele.

Ele rosna e agarra minha mão, arrastando-me pela grama até a porta dos fundos. Ele não nos solta quando passamos pelo escritório de seu pai, que agora é seu escritório, e subimos as escadas correndo. Dentro de seu quarto, ele fecha a porta com um chute e gira, me prendendo contra a parede. O quarto está escuro, e eu só posso ver a forma dele enquanto ele empurra a coxa entre as minhas pernas, me segurando no lugar. Ele cospe na palma da mão antes de enfiar a mão no meu vestido.

Seus dedos estão gelados, mas escorregadios, quando ele puxa minha calcinha de lado e a desliza entre meus lábios.

— Foda-se, — ele geme. — Você é muito gostosa.

— Você está congelando pra caralho, — eu digo, meus joelhos se apertando juntos.

— Cale a boca e abra para mim, — ele rosna, agarrando minha calcinha e arrancando-a do meu corpo. Ele os joga e desliza a mão entre minhas coxas

novamente, seus dedos longos e úmidos encontrando minha entrada e afundando em mim. Eu engasgo com o choque do frio, e ele agarra meu cabelo e puxa minha cabeça para trás. — Sua boca também.

— Foda-se, eu odeio quando você faz isso, — eu protesto.

— Abra a porra da boca, minha putinha, — diz ele, bombeando seus dedos gelados em meu núcleo quente até que eu esteja tremendo toda. — Ou eu abro para você.

Eu forço meus lábios abertos, esperando com uma mistura de repulsa e antecipação enquanto ele move sua mandíbula para frente e para trás, cuspidando o suficiente para se inclinar para frente e deixá-lo cair em minha boca em uma bolha molhada. Eu quase engasgo, mas ele geme e me recompensa diminuindo seu ritmo, seu polegar acariciando habilmente meu clitóris enquanto seus dedos se movem em círculos lentos dentro de mim, batendo em todas as paredes e fazendo minhas coxas tremerem impotentes.

— Minha putinha, — ele ronrona contra meus lábios. — Você ficou tão molhada quando eu fiz isso, parece que cuspi na sua boceta em vez de na sua boca.

— Eu ainda odeio isso, — eu falo.

— Mas sua boceta adora, — diz ele, deslizando os dedos para fora e empurrando-os contra a minha boca. Eles estão molhados e cheiram como eu, e uma onda de calor vai direto para o meu núcleo. — Experimente isso.

Eu aperto meus lábios fechados, e ele ri e desliza os dedos para frente e para trás, cobrindo meus lábios com minha própria umidade. Ele puxa minha cabeça para trás e eu grito em estado de choque, meu corpo contra o dele. Ele desliza os dedos em minha boca antes que eu possa fechá-la, empurrando-os para trás tão longe que eu engasgo, lágrimas borrando meus olhos por causa disso e o ardor no meu couro cabeludo.

— Chupe-os, — ele exige.

Estou engasgando muito para responder, e ele os puxa para trás o suficiente para me deixar respirar algumas vezes, pressionando seus dedos na minha língua. Eu prendo a respiração e então fecho meus lábios, chupando seus dedos com lágrimas escorrendo dos cantos dos meus olhos.

Ele se inclina para passar a língua pela minha têmpora, onde minhas lágrimas estão pingando, já que minha cabeça ainda está puxada para trás. Então ele se endireita e sorri para mim, deslizando os dedos para fora. — Isso não foi

tão difícil, foi?

— Eu te odeio pra caralho, — eu estalo.

— Sua boceta diz o contrário, — ele provoca, estendendo a mão para desafivelar o cinto. — Mas já que sua cabeça precisa de um lembrete do quanto você me ama...

Ele me pega e me joga em cima dele. Seu pau nu entra até o fim dentro da minha boceta escorregadia, enchendo-me tão profundamente que acho que vou desmaiar de dor. O choque me tira o fôlego, e eu não posso nem protestar quando ele me levanta e traz meus quadris para baixo nos dele novamente, me empalando com cada centímetro de seu comprimento brutal.

— Diga-me como você realmente se sente, Cherry Pie, — ele rosna.

— Eu te odeio pra caralho, e vou te odiar para sempre, — eu rosno de volta, finalmente encontrando minha voz além da dor de sua aspereza. — Até o dia em que você morrer.

— Você é uma mentirosa do caralho.

— O que você vai fazer sobre isso?

— Vou te dizer o que vou fazer, — diz ele, virando-se e caminhando para a cama, ainda enterrado dolorosamente dentro de mim. Ele me deixa cair de costas e, em seguida, se joga em cima de mim, me prendendo e enfiando seu pau liso profundamente dentro de mim novamente, forçando minhas paredes cerradas a se esticar em torno dele. — Vou foder você com tanta força que sua alma deixará seu corpo, e então vou enchê-la com meu esperma. Então eu vou perguntar de novo, e você não vai conseguir se lembrar do seu próprio nome, muito menos que você me odeia.

— Ah, vou me lembrar.

— Desafio aceito, — diz ele, entrando em mim com tanta força que os cobertores deslizam para cima da cama comigo. — Agora me diga quem está mentindo, sua boca ou sua boceta, ou vou dar a ambos um motivo para me odiar.

— Nenhum das duas está mentindo, — eu digo, envolvendo minhas pernas ao redor dele e deixando minha cabeça cair para trás, deixando-o me dar prazer e me punir ao mesmo tempo, sabendo que é disso que ele precisa, e mais do que isso, o que eu preciso. Não preciso mais me cortar para sentir. Se eu preciso de dor, Royal me dá, e mais do que isso. Ele me enche com sua escuridão, e eu não

tento torná-la mais clara do que tento torná-lo gentil. Eu o amo, tudo dele. O monstro e o homem, a escuridão que dança com a minha, o quebrantamento que embala a minha com perfeita aceitação.

— Pegue tudo, minha linda putinha, — ele canta, segurando meu queixo e bombeando em mim tão profundamente que não posso evitar os gritos que saem dos meus lábios. Quando as lágrimas brotam dos meus olhos, ele não diminui a velocidade. Ele bate em mim ainda mais forte, fodendo-me com tanta força que acho que vou chorar por misericórdia se ele não parar, e vou gritar de fúria se ele parar. Por fim, ele empurra as mãos para cima e me penetra tão profundamente que novas lágrimas escorrem de meus olhos e minhas paredes se fecham em torno dele em agonia. Ele xinga e se abaixa, beliscando meu clitóris e me fazendo gritar.

— Goze no meu pau como meu brinquedo sujo, — ele comanda, rolando meu clitóris entre o polegar e o indicador.

Eu não posso segurar. Minha boceta agarra seu eixo dentro de mim, ondas rítmicas de prazer caindo sobre mim enquanto eu gozo, ofegando seu nome impotente. Seu pau lateja dentro de mim, e então sua própria liberação se derrama em mim, me enchendo de calor e felicidade até que nada mais exista além de nós, e isso, e a saciedade momentânea da necessidade que só nós podemos preencher um ao outro.

Depois, ele se abaixa sobre mim, e eu o seguro, nossos corações batendo juntos, nosso suor se misturando em nossa pele úmida. Tudo o que posso pensar é que isso é tudo para mim, ele é isso. Ele é meu sol, meu salvador, minha destruição. E eu sou dele.

Ele se inclina para baixo, seus lábios roçando suavemente sobre os meus. — Eu também te odeio, Harper Apple, — ele sussurra, acariciando meu cabelo para trás e beijando cada uma das minhas pálpebras com uma ternura agonizante após a surra brutal que ele acabou de dar. — Para todo sempre.

FIM

Os laços que unem

amor de um pai

Caiu como pão ralado

Um para cada vez, que você obedece

Nunca o suficiente para preencher a fome

Mas o suficiente para mantê-lo seguindo a trilha.

amor de mãe

Distribuído com colheres de chá

Um para cada resposta correta

Mas retraiu no primeiro erro,

A primeira ligeira percebida.

amor de um irmão

Disposto antes de você gostar de uma refeição

Que você não percebe é uma ilusão

Até que eles riam enquanto seus dedos passavam

E você fica de mãos vazias.

amor de uma irmã

Pendurado antes de você gostar da sobremesa mais doce

Mas depois de uma única mordida

Você percebe as cordas

Isso tira tudo.

amor de um amante

Quando finalmente aparece

É muito perigoso para ser confiável,

Tão estrangeiro quanto uma festa

Onde todo sabor é tóxico.

E se for real

Como você pode ser digno de tanto

Quando você viveu em fome por tanto tempo

E foi dito que você tem tudo?

Epílogo bônus

Preston Darling

Enquanto me sento em um engarrafamento de trânsito, minha impaciência aumenta. Já perdi tanto tempo. Eu a deixei ir dois anos e meio atrás, e mais uma vez depois disso. Desta vez, minha determinação é forte. Eu não vou deixá-la ir.

Não importa o que ela quer. Ela verá que é a coisa certa assim que for feito.

Eu percebi muito desde que ela voltou para casa no Natal, desde que ela queria sair como se estivéssemos juntos e depois desaparecer como se nunca tivesse acontecido, como se eu pudesse seguir em frente.

Aprendi a identificar a diferença entre amar e fazer o que ela diz e tentar seguir em frente. Aprendi como pegar a garota, o que você vai fazer se realmente a ama, e não é deixá-la ir.

Harper me lembrou o que é o amor - e o que não é.

Não importa quantas coisas eu tentei, não importa o que eu fiz para tentar esquecer Dolly, para transformar Harper em alguém que eu pudesse amar, nunca foi o suficiente. Mesmo quando eu transei com ela sem camisinha para tentar forçar a intimidade, mesmo que eu me importasse com ela de qualquer maneira fodida que eu pudesse, ela nunca poderia ser Dolly.

O máximo que ela podia ser era Crystal por alguns minutos enquanto eu gozava dentro dela. E mesmo isso passou quando eu a conheci melhor do que jamais conheci Crystal. Crystal era uma fantasia, um arrependimento. Harper é real.

Real o suficiente para me ensinar o que é preciso para vencer neste jogo. O que o amor pode superar. O que vale.

Não porque ela me amava, mas porque amava Royal. E inferno, mesmo aquele idiota me ensinou uma coisa ou duas. Ela me contou no caminho para a Califórnia tudo o que ele fez para recuperá-la. Eu ainda acho que ela está louca por perdô-lo, mas não posso deixar de ter um respeito relutante por ele agora que sei até onde ele foi por ela.

Eu deveria ter feito o mesmo por Dolly o tempo todo. Eu não deveria ter acreditado nela, não deveria ter acreditado naquela besteira sobre amar alguém o suficiente para deixá-lo ir.

Foda-se isso.

Royal não deixou Harper ir, e ela nunca o deixou ir. Eles lutaram um pelo outro.

Vou lutar por Dolly com a mesma força e ainda mais. Eu vou lutar contra todos, incluindo ela, até que ela admita que sou o certo para ela. Estou no fim do jogo. Eu não me importo se a fera deve se esconder em seu castelo esperando que sua beleza entre tropeçando. Esta não é aquela história, e esta fera não está sentada esperando. Esta fera está vindo por sua beleza.

Agora que sei o que é preciso, percebo o erro que cometi. Não é tarde demais, mesmo que *Your Celebrity Eyes* e o outro conteúdo de tabloide de merda digam que ela foi vista com qualquer pessoa famosa. Ela não é casada.

Mas ela será. Assim que eu a pegar, não vou largar.

Revejo a conversa que tive com Devlin antes de eles partirem, quando conversamos sobre o desaparecimento dele. Deixamos as meninas e levamos os meninos para passear na praia.

— Você sabia que eu estava vivo o tempo todo? — ele perguntou enquanto caminhávamos ao longo da costa.

— Não a princípio, — eu admiti. — Você disse adeus para nós, no entanto. Achei que você tinha algo planejado. E Crystal enviou aquela carta, que saiu logo depois que você partiu. Quando acharam seu carro... — Troquei o bebê para o outro braço. — No começo, pensei que talvez fosse suicídio.

— Você deveria saber melhor do que isso, — ele disse, colocando Knight no chão. Foi engraçado, a maneira como eles batizaram seus filhos como os Dolces, mas também que ele batizou seu primeiro filho com o nome do mascote da escola. Eu me perguntei de quem foi a ideia.

— Não parecia certo, — eu disse. — Mas você perdeu a cabeça por causa de Crystal. Eu não tinha certeza do que você faria. Mas então, quando descobrimos que você tirou dinheiro de sua conta...

— Como você impediu os Dolces de virem atrás de nós? — ele perguntou.

Dei de ombros. — Apenas paguei qualquer um que estava reclamando sobre você estar vivo.

— Você não estava chateado? — ele perguntou, apertando os olhos para o sol refletido na água para manter seu filho em sua mira.

— Às vezes, — eu admito. — Mas nunca chateado o suficiente para

colocá-lo em perigo entrando em contato com você. Esses bastardos são completamente insanos. Você nunca sabe o que eles estão rastreando quando estão ouvindo.

Era difícil explicar para alguém que não estava lá. Eu devo ter soado como o louco para ele. Mas ele não tinha experimentado isso, e eu não sentia muito por isso.

— Eu teria ficado puto, — disse ele, observando Knight parado na beira da água, procurando uma onda. — Se você fosse a razão pela qual eles estavam vindo atrás de nossa família, eu teria ficado chateado com você.

— Havia pessoas mais fáceis de culpar, — eu disse. — Fiquei feliz que pelo menos um Darling saiu ileso.

— Eu não teria simplesmente deixado você para lutar contra eles sozinho se não fosse pelo bebê, — ele disse. — Mas tudo o que eu teria se tivesse ficado seria eu morto. Isso não teria ajudado ninguém.

— Não, — eu concordo. — Você saiu quando pôde. Você tinha outra família para pensar... sua própria família.

— Sim, — disse ele, observando como Knight corre de uma onda daquele jeito bamboleante que as crianças fazem, com suas perninhas curtas bombeando enquanto cruzava a areia.

Imaginei como seria ter uma criança contando comigo, um bebê indefeso para proteger, assim como a mulher que eu amava. Eu me imaginei no lugar dele mil vezes - fora de Faulkner, começando uma nova vida onde ninguém me conhecia, com Crystal Dolce de joelhos para mim todas as noites. Mas agora, não é Crystal em minha mente, seu corpo colocado diante de mim como um bufê, seus seios gloriosos meus para serem tomados.

É Dolly.

Se eu a tivesse engravidado, nossas famílias teriam enlouquecido. E eu teria feito o mesmo que Devlin em um piscar de olhos. Eu não poderia ficar bravo com isso agora.

— Você acha que teria sido diferente? — Eu pergunto. — Se você não a tivesse engravidado?

— Provavelmente, — ele admitiu, pegando Prince de mim quando ele começa a reclamar. — Tudo mudou no momento em que ela teve meu filho dentro dela. Isso era o que importava, aquele bebê, e ainda mais que ele, a

mulher que o carregava. Não sei explicar, cara. Isso faz algo com você. Você vai ver quando isso acontecer com você.

Devlin apoia Prince em seu ombro, tão natural com o garoto como se ele tivesse feito isso toda a sua vida. Dois anos e meio sendo pai, e ele é um profissional. Ele não é apenas mais velho do que eu, ele é a porra de um adulto. Casado com três filhos, um emprego, uma esposa. Ele havia desistido de Dolly por isso. Ele havia desistido de Faulkner também, e de todos os outros Darlings, de toda a nossa família.

Mas Crystal também desistiu. Se ela não tivesse um bebê para pensar, talvez sua família psicótica a tivesse convencido a deixar Devlin em paz. Se eles não pudessem convencê-la, eles o teriam convencido. Eles teriam dito a ele que a machucariam, ou mesmo a um de nós, e ele a teria deixado sozinha. Quando um bebê estava na foto, no entanto...

Como ele disse, um bebê mudou tudo.

Na cabeça dele e na dela. Ela também havia deixado toda a sua vida por ele. Ela não se preocupou em perseguir seus sonhos ou o que ela queria antes. Tudo mudou.

Tudo mudou para mim também.

E agora, vai mudar para Dolly.

Ela só não sabe disso ainda.

E quando ela o fizer, será tarde demais para ela ir embora novamente.

Notas

[←1]

Ginger Snaps (Possuída) é um [filme de terror canadense](#) sobre [lobisomens](#) dirigido por [John Fawcett](#). O filme centra-se em Ginger e Brigitte Fitzgerald ([Katharine Isabelle](#) e [Emily Perkins](#)), duas irmãs adolescentes mórbidas cujo relacionamento é testado quando Ginger se transforma em um licanthropo (lobisomem) depois que ela começa a menstruar. Apesar das modestas receitas de bilheteria, o filme foi um sucesso de crítica. Desde então, acumulou um [culto de seguidores](#) e foi reexaminado por seus temas feministas.

Touchdown é uma pontuação do futebol americano e do futebol canadense. Ela vale 6 pontos e é conseguido com a bola cruzando a linha de gol estando em posse de um jogador do time do ataque.

Relacionamento sugar refere-se a relacionamentos românticos entre duas pessoas de idades distintas, nas quais uma das partes é sustentada por dinheiro, presentes ou outros benefícios em troca da relação amorosa

Geocaching é um passatempo e desporto de ar livre no qual se utiliza um receptor de navegação por satélite, como o GPS, para encontrar uma "geocache" colocada em qualquer local do mundo.

Twerk é um estilo de dança em que grande parte dos movimentos se concentram nos quadris e em agachamentos.

Dirigir sobre influência de álcool.

Syracuse, também chamada por vezes de Siracusa, é uma cidade do estado americano de Nova Iorque, no Condado de Onondaga. Localiza-se no centro do estado, às margens do Lago Onondaga

Glock é uma série de pistolas semiautomáticas com armação de polímero, com sistema de funcionamento por curto recuo basculante do cano, com culatra no sistema Delayed Blowback.

Wisteria sinensis é uma trepadeira volúvel, pertence à família Fabaceae, nativa da China, lenhosa, caduca, vigorosa, de crescimento rápido, muito ramificada, com altura de até 15 metros.

Banshee é um ente fantástico da mitologia celta que é conhecida como Bean Nighe na mitologia. Fala-se que a Banshee seria um ser maligno.

Pessoa velha e rabugenta

Matar, [assassinar](#), destruir, assassinar. Um assassinato real (não [encenado](#)) filmado; geralmente de estuprar e matar uma mulher. Em alguns casos, é visto para [excitação sexual](#).

Um soco onde um lutador surge sob a mandíbula para acertar seu oponente.

Informações demais - muito mais do que você precisa /deseja saber sobre alguém